

Homicídios na periferia de Santo Amaro
Um estudo sobre a sociabilidade e os arranjos de vida
num cenário de exclusão

Maria Inês Caetano Ferreira

Dissertação de mestrado

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Sociologia

1998

Orientadora: Profa.Dra. Vera da Silva Telles

Aos meus pais,
por tudo.

A todos os moradores da periferia de Santo Amaro
por me ensinarem a enxergar, através de suas histórias de morte, a vida!

Sumário

Apresentação.....	1
Procedimentos técnicos.....	5
Cenário.....	16

Parte 1 - A importância dos arranjos comunitários num cenário de exclusão

Família providência.....	40
Motivos fúteis.....	68

Parte 2 - A disseminação dos valores do mercado. Quando se rompe com os arranjos comunitários

Justiceiros e matadores.....	109
Bandidos versus bandidos.....	139
O mundo dos jovens.....	154
Conclusão.....	192
Referências bibliográficas.....	203

Agradecimentos

A pesquisadora realizou o seu trabalho com muita facilidade e apoio de diversas pessoas, por isso, esta pesquisa deve muitos agradecimentos.

Em primeiro lugar, devo agradecer a minha orientadora, profa.dra. Vera Telles, sem a qual esta dissertação seria impossível. Além do fato de ser uma professora e orientadora brilhante, sensível e criativa; agradeço a minha orientadora por confiar e me fazer confiar na minha capacidade como pesquisadora. Um dos principais fatores que tornou esta orientação um privilégio foi a orientadora possibilitar à orientanda fazer pesquisa em ciências humanas observando todos os rigores do método, sem jamais esquecer a razão primeira da pesquisa: a paixão. O afeto do pesquisador com o seu objeto de estudo desperta mais do que o envolvimento, desperta a cumplicidade e contribui para a originalidade do trabalho. Por tudo isso, eu agradeço a minha orientadora.

Agradeço ao professor Francisco de Oliveira por ter participado: na avaliação do meu exame de ingresso na pós-graduação, no meu segundo seminário de projetos e no meu exame de qualificação. Agradeço as suas brilhantes e fundamentais sugestões para o meu trabalho, o fato de ter confiado em mim e por ter me ensinado os caminhos da sociologia.

Agradeço a professora Maria Lúcia Montes por ter participado do meu exame de qualificação e cujas contribuições foram fundamentais para a finalização desta pesquisa. As suas observações indicaram a necessidade da observação apurada e criativa para se compreender a realidade social pesquisada.

Agradeço ao CNPq a bolsa de mestrado por dois anos, que auxiliou nos trabalhos de pesquisa.

Os agradecimentos ao juiz-titular do Terceiro Tribunal do Júri, dr. Luiz Toloza Neto, que permitiu a minha presença no fórum de Santo Amaro e a consulta aos processos, além das esclarecedoras conversas que muito auxiliaram na pesquisa. Agradecimentos especiais a todos os promotores de justiça do Júri de Santo

Amaro, por permitirem consultar as cópias dos processos, fator fundamental que contribuiu para riqueza do material pesquisado. Além da consulta às cópias, os promotores foram generosos ao permitir a presença da pesquisadora por vários meses na sala dos funcionários do Ministério Público. Agradecimentos aos funcionários do Ministério Público: Regina, Solange, Fábio, Júnior e Luiz e a estagiária Maria Emília, por estarem sempre prontos a ajudar a pesquisadora, em sua busca de informações. E, principalmente, pela relação de coleguismo que transformou o período da pesquisa neste fórum um grande prazer. Agradecimentos aos promotores criminais do mesmo fórum, Sílvia Reiko Kawamoto e Márcio Fernando Elias Rosso, que permitiram acompanhar audiências do Juizado Especial de Causas Criminais e cujas conversas agradáveis ensinaram muito a esta pesquisadora.

Agradeço ao advogado Vítor Guimarães, do Centro de Direitos Humanos e Educação Popular do Campo Limpo, com quem aprendi muito sobre direito, justiça e a vida na periferia. Além de me apresentar moradores da área, como a irmã Terezinha, do Parque Santo Antônio, e Hélder, do Movimento de Moradia, que me ensinaram muito sobre a região e seus moradores. Agradeço a Guaraci Minguardi, que prontamente me emprestou textos que muito me auxiliaram.

Agradeço a minha prima, Ana Maria B. Hummel. de Aquino, da Delegacia de Ensino da região do Capão Redondo, que me levou para algumas visitas a colégios da região e me permitiu conhecer melhor a área.

Agradeço à dra. Raquel Zaicaner e os funcionários Maria Elita Costa Cavalcante e Sidinaldo Pereira Matos, da Unidade Básica de Saúde do Jardim Jacira, Itapeverica da Serra. Estas pessoas foram incríveis e ajudaram muito nesta pesquisa, principalmente na compreensão dos dilemas da juventude na periferia.

Agradeço as amigas Beatriz Kushnir e Cármen Sílvia Fullin que deram uma força neste tempo difícil e solitário de produção acadêmica.

Agradeço a minha família e os meus amigos por sempre acreditarem em mim.

Agradeço principalmente os entrevistados que me despertaram a cumplicidade com o meu objeto de estudo.

Saudações especiais para Donata (Jardim Comercial), Dona Maria (Jardim Jacira/Itapecerica da Serra), Raquel (Jardim Boa Vista/ Osasco), Karina (Jardim Míriam), Ariana (Jardim Jurema/ Guarulhos), Carolina (Aldeia/ Carapicuíba). Mulheres que são, mais do que o orgulho do gênero, o orgulho da espécie.

Apresentação

O tema desta pesquisa é a violência urbana. A violência é um assunto abordado pelos meios de comunicação e pelas conversas entre as pessoas no dia-a-dia. A discussão pública sobre a violência sinaliza para um cenário em que se tem a impressão de que a quantidade e a “qualidade” dos atos de violência ultrapassaram o limite do razoável para as pessoas, de modo geral. A opinião pública discute a situação alarmante da sociedade brasileira em relação à violência, onde, a cada dia que passa, qualquer um pode se tornar uma vítima. Atualmente são organizados seminários, fóruns de debates, encontros, para se discutir o elevado grau de violência da sociedade brasileira.

Argumenta-se que a nossa sociedade sempre foi marcada pela violência. Inúmeros estudos historiográficos revelam a violência ao longo do tempo: no modo como o país foi colonizado, no sistema escravocrata, na repressão às reivindicações e lutas populares, seja nas cidades ou no campo. Há ainda a violência cotidiana entre as pessoas nas inter-relações sociais. Além, é claro, da clássica violência dos aparelhos repressivos do Estado, neste caso a ditadura militar dos anos 60/70 e da era Vargas são apenas alguns exemplos.

A verdade é que não parece possível estabelecer relações diretas entre os vários tipos de violência, as questões que envolvem cada tema são muito particulares. Entretanto, parece haver a tendência a se generalizar o fenômeno violência. A opinião pública, por exemplo, utiliza as estatísticas da criminalidade

como um dos parâmetros que orienta a discussão. As estatísticas são produzidas a partir dos números da polícia, através dos registros e boletins de ocorrência. Os números registram crimes contra a vida, o patrimônio e os costumes e são apresentados para a sociedade como números absolutos, como se a quantificação de um determinado tipo de crime falasse por si própria. Um exemplo deste fato é o número de homicídios. Uma reportagem no jornal Folha de S.Paulo (03.03.96) informou que, segundo dados do Pro-Aim, houve 4.997 homicídios na capital em 1995. Um número considerado elevado em comparação a outras cidades e países. Entretanto, este número elevado não traz em si mesmo a discussão sobre a violência na cidade. É preciso considerar o modo como as mortes ocorreram: por tráfico de drogas, roubos, seqüestros, discussões etc. e principalmente onde aconteceram as mortes, quem morreu e quem matou. Os diversos grupos sociais interpretam os índices de criminalidade de modos diferentes. A morte causada por policiais em uma determinada situação é interpretada diferentemente da morte efetuada por um ladrão de banco, por exemplo. As diferentes interpretações permitem compreender determinado fato como sendo violento ou não, apesar de engrossar as estatísticas do crime da mesma maneira. O modo como os grupos sociais interpretam a violência está relacionado com a posição deste grupo dentro da sociedade, como são as condições e a qualidade de vida (incluindo a distribuição e tipo de criminalidade que o grupo experimenta).

Thompson chama a atenção para determinados cuidados que o pesquisador deve considerar ao estudar a violência. O autor destaca a necessidade de se buscar compreender a “importância simbólica da violência”, o contexto onde ocorreu e os valores ligados a ela ¹.

Com o objetivo de compreender a violência (a sua importância simbólica) e a realidade social que ela pode informar, esta pesquisa investigou os homicídios na

¹ “(...) For the symbolic importance of violence - whether the violence of the state and the law of the violence of protest - may have no direct correlation with quantities. (...) Neither terror nor count-terror can disclose their meaning under purely quantitative examination, for the quantities must be seen within a total context, and this includes a symbolic context which assigns different values to different kinds of violence. “(Thompson, E.P., 1992; 209)

periferia de Santo Amaro. A partir das estatísticas oficiais, a região da periferia de Santo Amaro é uma das líderes no índice de criminalidade na capital. Bairros como Grajaú, Parque Santo Antônio, Parelheiros, Jardim São Luís, Capão Redondo e outros apresentam altas taxas de homicídio. O Jardim Ângela, por exemplo, era o distrito da cidade onde ocorria mais homicídios em 1995, 1,7/dia (F.S.P./idem). A principal causa de morte no bairro é o homicídio. A opinião pública apresenta os elevados índices de mortes violentas da periferia de Santo Amaro (assim como de outras localidades) como uma variável na discussão sobre a violência urbana.

Esta pesquisa investigou as histórias de homicídio da região, através do estudo de processos de homicídios dolosos no fórum de Santo Amaro e de entrevistas com moradores da região. O objetivo foi compreender como as pessoas experimentam e interpretam a violência da região através das histórias de homicídio, o “valor simbólico” que elas atribuem aos homicídios e à violência que as cerca.

A importância em estudar a violência se explica pelo fato deste ser um tema que oferece informações do modo de vida de determinado grupo social. Sobre o assunto, Montes reflete:

“(…) tanto quanto a norma, a violência, como forma ou resultado da sua transgressão, constitui também ela uma linguagem através do qual uma sociedade nos fala do seu modo de organização, dos valores que reputa fundamentais, da sua concepção sobre o mundo, a natureza e o sobrenatural, e do lugar que nela ocupa a vida humana, como princípios ordenadores da vida associada.”(1996;225)

Procurando seguir a lição da autora citada acima, esta pesquisa se utilizou do estudo da violência na periferia como uma maneira de aprender esta linguagem. A linguagem que comunica as formas de sociabilidade, os arranjos da vida, as redes de relações, as estratégias de sobrevivência, o lugar que estas pessoas ocupam no mundo. Enfim, a estrutura social. Buscando conhecer a realidade micro destes grupos sociais e as relações com a realidade macro, da sociedade mais ampla.

Em primeiro lugar, buscou-se apresentar uma descrição da paisagem em que os moradores da periferia habitam. Alguns detalhes que mostraram as condições de moradia, de trabalho, de educação e as cenas de violência. A

pesquisa foi dividida em duas partes. A primeira abordou a vida na comunidade e o modo como os valores comunitários permitem estratégias de sobrevivência para aqueles que são excluídos. Nesta parte foram estudadas as histórias que envolveram a família e o grupo de vizinhos e amigos.

Na segunda parte foram apresentadas situações em que houve um rompimento com os valores comunitários, a favor da disseminação dos valores individuais do mercado. Através de histórias de justiceiros, bandidos e de tráfico de drogas, buscou-se refletir sobre os dilemas representados pelo questionamento dos valores comunitários. Investigou-se as relações e a sociabilidade numa realidade de exclusão social, em que a universalização dos valores de mercado parece sempre adiada, para os membros das classes trabalhadoras.

Procedimentos Técnicos

A pesquisa foi realizada a partir do estudo de 71 processos de homicídio doloso do Terceiro Tribunal do Júri, em Santo Amaro. Durante dois meses, a pesquisadora também acompanhou algumas audiências no Juizado Especial de Causas Criminais, no mesmo fórum. Em que réus e vítimas apresentavam as suas versões sobre os fatos e discutiam entre si. Foram realizados contatos, visitas e algumas entrevistas com moradores dos bairros pesquisados. Também foi muito importante, como fonte de informação, a possibilidade de efetuar entrevistas para uma pesquisa do Núcleo de Estudos da Violência/USP, denominada “Continuidade Autoritária e Consolidação Democrática”. As entrevistas realizadas para o NEV permitiram conhecer os extremos da periferia da Capital, em diversas zonas da cidade. Além da riqueza de informações oferecidas pelos moradores, foi possível relacionar os problemas da zona Sul com os da zona Leste, Norte, Oeste e municípios da Grande São Paulo.

De qualquer modo, a base de investigação da pesquisa foram os 71 processos de homicídio. Desde o início, a intenção da pesquisa foi compreender a realidade da vida dos moradores da periferia. Através das histórias de morte, pretendeu-se levantar os depoimentos das testemunhas de acusação e defesa a fim de observar os argumentos utilizados na reconstrução do crime. No primeiro contato no fórum, a pesquisadora tinha a intenção de levantar um número determinado de processos relativo a cada tipologia. Neste caso seria estudado um número igual de mortes em família, por motivo fútil, casos de justiceiros, mortes em presídios etc. A investigação das várias tipologias permitiria o acesso às diversas facetas das vidas destas pessoas, percebendo-se as possíveis relações entre os casos.

Entretanto, desde o início da pesquisa, a pesquisadora teve a oportunidade de consultar os processos na promotoria do júri e não no cartório. A pesquisadora pode consultar as cópias dos processos em fase de julgamento, utilizadas pelos promotores. A pesquisadora teve total liberdade de consultar as cópias pelo período desejado. Durante oito meses, a pesquisadora freqüentou a promotoria quase

diariamente e pode ler todas as cópias dos processos de seu interesse. Eventualmente a pesquisadora assistiu alguns júris referentes aos processos estudados, mas o ritual do júri logo revelou não contribuir muito para a compreensão da realidade da vida dos moradores da periferia.

O fato de a pesquisadora ter tido a oportunidade de consultar os processos que lhe interessavam, e mesmo a quantidade desejada das diversas tipologias, permitiu que o conteúdo dos discursos das testemunhas se desprendesse da tipologia dos crimes. Os discursos passaram a informar muito mais sobre a realidade da vida na periferia do que propriamente sobre aquele determinado crime. Assim, os testemunhos de um crime puderam ilustrar as diversas facetas da vida das pessoas. O depoimento de um justiceiro, por exemplo, informou sobre o modo de relacionamento dos casais, além de esclarecer sobre o tema justiceiros. Este fato possibilitou perceber o justiceiro como uma pessoa integrada à comunidade, compartilhando com o grupo os valores que orientam a relação homem-mulher.

A escolha dos processos estudados se orientou pela quantidade e qualidade dos depoimentos das testemunhas sobre a estrutura social experimentada na periferia. Isto foi um privilégio desta pesquisa. Porque se a pesquisadora tivesse de solicitar ao cartório uma quantidade determinada de processos sobre maridos que mataram suas esposas, por exemplo, a maior parte dos casos estudados estaria fora do material pesquisado. Porque o que se constatou nesta pesquisa é que, na periferia, o homem dificilmente mata a esposa. Ele mata preferencialmente outros homens envolvidos no conflito (cunhados, irmãos, primos, vizinhos, colegas, pais). A mulher é vítima de agressão pelos homens sim. Mas as vítimas preferenciais de morte, nos conflitos envolvendo marido e esposa, são outros homens que normalmente participam da vida do casal. E este fato se tornou plausível quando a pesquisadora compreendeu a estrutura de rede das relações familiares na periferia. Na situação inversa, houve um processo em que o rapaz matou sua companheira. A princípio esperava-se que este processo fornecesse dados sobre os valores que orientam as relações entre casais. Entretanto, os dados a este respeito foram os menos importantes para a pesquisa. As principais informações foram sobre a vida

deste rapaz quando adolescente, suas passagens pela Febem, sua história escolar, os argumentos de pais de filhos infratores etc. Por outro lado, um processo sobre a morte de um rapaz, apontado como bandido pelos vizinhos, por um grupo, também percebido como de bandidos, informou sobre valores que orientam a relação entre os casais. Isto por causa do depoimento do cunhado da vítima, que fora apontado como possível autor da morte. Uma vez que a vítima e o cunhado haviam discutido antes, por causa do modo como o cunhado tratava a sua companheira, irmã da vítima. Um outro exemplo sobre como o estudo dos processos escapou à tipologia foi no caso de um garoto morto por uma pessoa apontada, por uns, como bandido. As causas do conflito e a morte do garoto não forneceram dados relevantes, até porque os motivos que levaram o réu a matar o garoto nunca foram descobertos. A informação mais importante deste processo foi a atuação de um policial, parente da esposa do réu, em que foi possível perceber as relações de policiais que residem nestes locais com a população, o seu modo de agir etc.

Para análise das histórias se reconstruiu parcialmente a tipologia dos crimes. A pesquisa foi dividida em temas: crimes em família, crimes por motivo fútil, justiceiros, crime entre bandidos e o tráfico de drogas e os jovens. O material de alguns processos foi utilizado em mais de um tema. Às vezes, a tipologia apresentada na denúncia do Ministério Público, em um processo, não coincidiu com o tema em que este mesmo processo se encaixou na pesquisa..

A apresentação do material se deu através da reflexão sobre os aspectos do modo de vida na periferia, que brotaram a partir das leituras dos processos e do contato direto com a população. As falas das testemunhas nos processos e as entrevistas foram apresentadas a fim de revelar e orientar as discussões que resultaram desta pesquisa.

É necessário enfatizar que os nomes de todas as personagens estudadas nos processos de homicídio foram trocados. Os nomes apresentados na pesquisa foram determinados pela pesquisadora. A fim de evitar qualquer tipo de constrangimento para os atores envolvidos nas histórias.

Pesquisar os discursos populares registrados em documentos do sistema da justiça exige a máxima atenção, a fim de não cair na armadilha do próprio discurso jurídico. É necessário considerar que o discurso jurídico tem uma função, que é julgar e condenar o comportamento dos atores envolvidos no processo. A repressão é uma das características do sistema de justiça, principalmente a justiça penal. Em um processo penal, o promotor busca condenar o réu através da recriminação de seu comportamento. Por outro lado, o advogado de defesa se utiliza da recriminação do comportamento da vítima, a fim de conquistar a liberdade de seu cliente. A dinâmica da justiça penal se prende mais em determinar um culpado pela história (seja réu ou vítima) do que propriamente atingir um final em que ambas as partes possam ser apontadas como inocentes. Deve-se considerar também que o discurso jurídico, destaque especial para a justiça penal, é extremamente conservador e moralista. Uma das razões se deve ao caráter repressor da instituição.

Quando o objeto de estudo é a realidade e o modo de vida da periferia, através da análise dos testemunhos de moradores, o cuidado deve ser redobrado. Isto porque os valores que orientam a estrutura jurídica são os do liberalismo. Já, entre os moradores de periferia, não se pode afirmar o privilégio dos valores do liberalismo na orientação de suas condutas. Um exemplo desta situação foi em uma audiência do Juizado Especial de Causas Criminais sobre um casal em briga. A mulher reclamou das agressões verbais e corporais do ex-marido e do fato dele ter dado todas as roupas dela para os outros. Este casal havia comprado um apartamento em financiamento, que não fora registrado. Tratava-se de um contrato de “gaveta”. Durante o período em que viveram juntos, a mulher ajudou o ex-marido a pagar as prestações do apartamento. O promotor sugeriu que ela reivindicasse os seus direitos no civil. Porque, segundo os valores do liberalismo e da justiça, orientada pelo liberalismo, o dinheiro é um meio de ressarcir danos. Mas a esposa não aceitava o conselho, porque para ela a questão principal não era o dinheiro. O pior nesta história era o “desaforo” do ex-marido em dar as roupas dela para os outros e ainda se considerar o único dono do apartamento. Para ela, a atitude do ex-

marido rompeu com toda a lembrança da reciprocidade que houve entre eles, quando formavam um casal.

As audiências do Juizado Especial de Causas Criminais revelaram claramente esta distinção entre os valores da justiça e os dos moradores da periferia. Mesmo sendo vítimas de agressão física, e por este motivo as pessoas estavam nestas audiências; a principal reclamação das vítimas não se relacionava à agressão física. O fato mais grave eram as agressões verbais diante da família e dos vizinhos. As mulheres sempre reclamavam dos homens que as humilhavam na frente da comunidade, arriscando a imagem moral junto ao grupo. O promotor explicava que o direito criminal apenas poderia auxiliá-las em relação à agressão física. Quanto aos xingamentos e escândalos, talvez as vítimas pudessem processar os homens por calúnia e difamação. Para isso, seria necessário procurar um advogado, porque o promotor nada poderia fazer. As vítimas não conseguiam compreender esta mensagem. Na cabeça delas, o promotor estava ali para protegê-las, por que elas haveriam de procurar um advogado? Que tipo de proteção a seus direitos estes promotores poderiam oferecer? Uma vez que a agressão física não era o principal problema e o promotor insistia naquilo que para elas não era importante. Procurar um advogado? Mas de repente havia uma personalidade da justiça que parecia estar ali para ajudar: o promotor. E como elas iriam procurar um advogado? Sem dinheiro, sem conhecimento, inseguras. Não, este discurso parecia incompreensível.

Devido às dissonâncias de discursos e valores, a análise das falas registradas nos processos tem que ser cuidadosa. Afinal, cada palavra tem um sentido que deve ser considerado. Durante os depoimentos, é comum os operadores da justiça questionar se o depoente, a vítima ou o réu trabalha, que tipo de trabalho e em que lugar. Também pergunta-se sobre a vida familiar, se é viciado em bebidas alcoólicas ou drogas. Obviamente estas questões apontam para o aspecto moral da classe média sobre a figura de um homem reto: trabalhador, pai de família, sem vícios.

A tarefa da pesquisadora foi refinar a leitura dos discursos, a fim de conseguir ler nas falas dos processos informações que estavam além daquilo que os processos pretendiam registrar. Os fatos que despontavam dos processos, apesar deles mesmos. Não é objetivo dos processos penais registrar a estrutura social da periferia da cidade, as condições de vida, as condições de classe social, as contradições de classe, os valores culturais que norteiam as ações dos moradores da periferia etc. Mas apesar de o objetivo da justiça não ser este, talvez até muito pelo contrário, é possível desvendar o modo de vida da periferia no discurso legal.

Uma das estratégias foi priorizar as falas dos réus, das testemunhas de acusação e defesa e das vítimas (quando sobreviviam) em relação ao discurso dos operadores da justiça. Considerou-se de modo diferente as falas dos juízes, promotores, delegados e advogados. O discurso oficial foi importante principalmente na tentativa de reconstruir as dissonâncias dos discursos. Para que, no momento de análise do discurso dos populares, pudesse se identificar valores relacionados com o grupo social e aqueles valores mais próximos da imagem que as classes média e alta projetam nos populares. A questão do trabalho é um exemplo. O trabalho é fundamental para a construção da imagem do homem da classe trabalhadora junto a seu grupo social. Mas, deve-se considerar que as classes média e alta também projetam a necessidade do exercício do papel de trabalhador, a fim de reconhecer positivamente aquele determinado homem da classe popular. Portanto, no discurso das testemunhas, quando foi abordado o tema trabalho, teve-se que atentar para o modo como o tema foi discutido. Se informou sobre a importância do trabalho no papel do homem junto a seu grupo ou se procurou corresponder ao papel projetado pela classe média, representada pela figura do juiz e do promotor.

Apesar das inúmeras armadilhas, os testemunhos dos processos são excelentes fontes para se conhecer a vida das classes populares. Houve um processo bastante ilustrativo sobre o assunto. Na favela do Jardim Colombo, um homem foi assassinado por umas pessoas conhecidas. O crime foi bastante cruel. Entre os assassinos, havia um açougueiro, que cortou a cabeça da vítima com um

facção, de modo muito profissional. A cabeça foi encontrada numa quebrada, próximo ao cemitério Gethesemane, junto a duas velas, uma preta e outra vermelha, além das figuras de São Cosme e São Damião. A mulher da vítima depôs na polícia:

A declarante vivia amasiada com a vítima destes autos já há cinco anos, sendo que da união tem uma filha. A declarante trabalha no Hospital das Clínicas/ função de faxineira no hospital de Psiquiatria/ não tinha qualquer envolvimento com seitas místicas/ quinze dias antes de sua morte, a vítima deitou-se na cama e começou a sentir certos 'espasmos'/ pronunciou frases que davam a entender que era o pai da mesma, já morto, que havia incorporado na vítima/ 'quero que acendam três velas brancas, uma para a minha alma, uma para Cosme e outra para Damião. Quero uma calça e um boné branco. Logo, logo, meu filho vai morrer'/ durante conversa com a vítima, esta lhe teria contado que seu pai era devoto de Cosme e Damião, sendo que costumava fazer as tradicionais festas em homenagem a estes santos/ tinha muita amizade com um indivíduo conhecido por Dedinho, tempos atrás sofreu tentativa de homicídio/”

Na realidade, a causa da morte da vítima foi o fato dela ter-se envolvido com um grupo ligado à criminalidade, na favela. O chefe do grupo desconfiava que a vítima passava informações dos seus planos para outro grupo rival. Nunca foi explicada a presença de São Cosme e Damião nesta história. O próprio réu afirmou que não fora ele quem colocou a figura dos dois santos ao lado da cabeça. Alguém, não ligado aos assassinos, passou ao lado da cabeça e resolveu colocar as imagens ali. Nunca se soube quem. O depoimento da mulher foi fantástico, porque ela buscou construir um sentido para a morte do companheiro, pai de sua filha. Os motivos da morte podiam não se ligar realmente à explicação da mulher. Mas a explicação revelou a maneira como ela tentou dar significado para a morte do marido. Buscando explicações espirituais, enfatizando o lado familiar. O pai veio buscar o filho. A morte do filho rememorou o pai. O filho não foi simplesmente mais uma vítima da violência, apesar de a violência ser, provavelmente, uma das principais causas de morte para os homens naquela favela. Mas a morte do filho foi anunciada pelo pai e as figuras de São Cosme e Damião os aproximou ainda mais. Após este riquíssimo discurso da mulher, repleto de informações, o relatório do delegado foi o seguinte: “A amásia da vítima, Geralda, foi ouvida e nos disse que um desconhecido

comentou a uma vizinha sua, 'Zélia', que três homens saíram com a vítima momentos antes do crime, ou seja, antes de tudo acontecer. Não nos soube informar quem seriam tais pessoas. De resto, nada de útil nos informou”.

“Nada de útil”?! Este fato é a prova de que os processos penais registram muito mais do que se supõe. A fala da mulher é de uma utilidade indiscutível para um sociólogo. Apesar de não revelar nada de interessante para a polícia. O depoimento do réu também foi bastante revelador:

“Alega que tomou conhecimento que Edmar estava ‘arrumando gente do Lagartixa para me matar/ Lagartixa, que era proprietário de um bar no Jardim Colombo achava que o interrogando tinha se envolvido em uma briga que acontecera em seu bar/ Edmar estava em contato com Lagartixa para que o interrogando fosse morto/ quando procurou a mãe de santo, tomou conhecimento que o indivíduo conhecido como Boy havia feito ‘um trabalho para prejudicar’ o interrogando, consistindo esse trabalho no fato dele ter desenterrado um cadáver e cortado a cabeça e que por este motivo o interrogando deveria anular tal trabalho. A tal mãe de santo disse que o interrogando deveria ir até o cemitério, desenterrar outro cadáver, cortar-lhe a cabeça, deixando-a numa encruzilhada, sendo que também poderia cortar a cabeça de uma pessoa viva. Alega o interrogando que não foi ao cemitério porque ‘tinha medo de desenterrar um defunto’. Daí surgiu a idéia de cortar a cabeça de uma pessoa ainda viva, resolvendo então o interrogando a converter tal ato contra Edmar, pois como disse, estava sendo delatado pelo mesmo e sua vida corria perigo. Assim é que fez contato com os seus amigos Zó e Zé/ junto ao mato local/ tirou a cabeça do saco plástico, acendendo ao lado duas velas, uma preta e outra vermelha, conforme orientação da mãe de santo, tendo deixado o local/ Alega que não deixou junto àquela cruz uma estatueta de São Cosme e São Damião e nem mesmo acedeu vela junto a cruz”

Na verdade Edmar e o réu eram chefes de grupos rivais, ligados à criminalidade. Os interesses monetários e de poder parece que influenciaram a morte da vítima. E este fato é importante para a compreensão da violência nas periferias, sem dúvida. Mas não se pode, de modo algum, menosprezar a informação que o réu ofereceu para explicar o crime. Apesar da disputa entre grupos, que envolveu dinheiro. Houve também uma explicação espiritual. O réu preferiu matar uma pessoa, arrancando a sua cabeça, à invadir um cemitério e arrancar a cabeça de um morto. Junto com os interesses de negócio, esta história revelou o profundo respeito ao mundo dos

mortos. Revelou a fé na magia e a certeza de que se os negócios movem estes homens, o sobrenatural também, e talvez até mais fortemente. Assim como a esposa, o réu também construiu um significado para a sua ação. E todas estas leituras foram possíveis a partir de testemunhos de processos penais.

A principal técnica de pesquisa foi refinar a análise do discurso, de modo a permitir que os atores dos processos falassem por eles mesmos. O principal objetivo da pesquisa era conseguir ouvir o discurso dos atores. Aquilo que os atores informavam sobre suas próprias vidas. O objetivo era ouvir os atores com o mínimo de preconceito da pesquisadora, para que os discursos informassem sobre a vida dos pesquisados e não sobre aquilo que a pesquisadora supunha ser a vida dos atores pesquisados. Lefèbvre ensina sobre os problemas que podem advir de uma pesquisa que se prende a classificações externas de quem realiza a pesquisa, sem considerar as interpretações daqueles que experimentam determinada realidade.

“(…) Puedo contar los agonizantes, puedo cronometrar la agonía, y no sé lo que es el sufrimiento, lo que es nada. (...) Porque todo está contado: dinero, minutos. Todo está numerado en metros, kilogramas, calorías. No sólo los objetos, sino también los vivos y pensantes. Hay una demografía de las cosas (que mide su número y la duración de su existencia) del mismo modo que hay una demografía de los animales y de las personas. Y, sin embargo, esas gentes nacen, viven y muere. Viven bien o mal. En lo cotidiano ganan o no ganan su vida, en un doble sentido: no sobrevivir o sobrevivir tan sólo o vivir plenamente. Donde se goza o se sufre es en lo cotidiano. Aquí. Y ahora.”(1972;32)

A chave para escapar dos preconceitos do pesquisador, na tentativa de mergulhar no próprio universo de seu objeto de estudo, é a investigação incessante dos detalhes e das regularidades do cotidiano, dos arranjos das pessoas para a organização das suas relações e dos meios para a sobrevivência.

“(…) Tratándose de lo cotidiano, se trata, pues, de caracterizar a la sociedad en la que vivimos, que engendra la cotidianidad (y la modernidad). Se trata de definirla; de definir sus cambios y sus perspectivas, conservando de los hechos aparentemente insignificantes algo esencial, ordenando los hechos. La cotidianidad no solamente es un concepto, sino que puede tomarse tal concepto como hilo conductor para conocer “la sociedad”. Y esto, situando lo cotidiano en lo global: el Estado, la técnica y la tecnicidad, la cultura (o la descomposición de

la cultura), etc. Esta es, en nuestra opinión, la mejor forma de abordar la cuestión, el camino más racional para aprehender nuestra sociedad y definirla penetrándola. (...)”(idem;41)

E foi através da investigação do cotidiano dos atores dos processos, da maneira como reproduzem suas vidas, suas relações, seus sentimentos e como aprendem a interpretar o mundo, em um contexto bastante violento, que os discursos dos autos puderam falar por eles mesmos.

As atividades de pesquisa que realmente possibilitaram permitir ouvir os atores pelas suas próprias vozes foram: assistir as audiências do Juizado Especial de Causas Criminais e, principalmente, o contato direto e as entrevistas com os moradores em seus próprio bairros. O contato direto com os atores pesquisados, em sua própria área, concretizou o caráter etnográfico da pesquisa. A pesquisa empírica permitiu ler os discursos dos processos a partir de um outro registro, diferente do viés jurídico. E por isso foi possível levantar informações, dentro dos processos, que escapavam ao interesse do discurso jurídico.

A análise concomitante dos discursos dos processos e da experiência cotidiana dos populares nos seus bairros possibilitou reconhecer o discurso e a representação dos atores. O modo como este discurso se dá na prática. As negociações efetuadas nos relacionamentos cotidianos, orientadas por estes valores, a maneira como os valores são manipulados.

O discurso dos processos se tornaram repletos de sentido à medida que o contato direto com os atores informou a veracidade dos testemunhos. Daí foi possível certificar-se que aqueles testemunhos não eram histórias que se contavam diante do juiz. Mas tratavam da descrição do modo de vida dos moradores da periferia. O contato com os moradores revelou que os fatos testemunhados eram, na verdade, experiências comuns de uma determinada classe social.

Conquistou-se assim a confiabilidade das fontes e a apuração da sensibilidade para compreender as informações veiculadas pelas fontes. Deste modo, foi possível decodificar o significado da fala dos atores, através do discurso.

Pode-se então recortar, desconstruir os discursos e remontá-los, na investigação das redes de relações, nas formas de sociabilidade.

O trabalho de remontar, reconstruir, recosturar desvendou a sociabilidade, o modo como os moradores da periferia constroem as teias de relacionamentos e reproduzem suas vidas dentro de um conjunto de condições que lhe é designado.

Uma das principais tarefas nesta pesquisa foi estabelecer os vínculos entre as teias de relacionamento, os arranjos de vida da população da periferia com este conjunto de condições designado. Ou seja, estabelecer o vínculo da sociedade comunitária, dos grupos sociais, da área, dos bairros, do pedaço com a sociedade mais ampla. A maneira como se dá este diálogo. As projeções dos valores da sociedade de mercado entre os moradores da periferia. As relações entre os arranjos de vida local com a estrutura mais ampla da sociedade

O cenário

“A cidade cada vez mais recebe, mas não acolhe.”²

Abacaxi Natal/ Abrió Natal/ Figo Natal/ Constelação de Escorpião/ Constelação de Pégaso/ Constelação do Escudo/ Vesperais Sicilianas/ Don Giovanni/ Lenda do Caboclo/ Sinfonia Popular/ Crepúsculo dos Deuses/ Menina Dengosa/ Emily Dickinson/ Sinfonia Italiana/ Irmãos Índios/ Estrela Solitária/ Acalanto da Rosa.

Os nomes acima são de algumas ruas da extensa periferia de Santo Amaro. Nomes bonitos de lugares nem tão bonitos. É comum encontrar ruas com nomes bonitos na periferia. Infelizmente estes nomes não são visíveis a cada esquina, como ocorre nos bairros das classes média e alta, porque a sinalização na periferia é bastante precária. Nos processos pode-se deparar com diversos nomes bonitos. Um homicídio que ocorreu na viela da Paz, o réu que mora na travessa da Saudade, a rua Variações Musicais, onde freqüentemente se encontra corpos.

Os belos nomes se confrontam com o cenário dos bairros, com a condição de vida dos moradores. Um passeio de carro pelas principais avenidas da região (mais próximas a Marginal Pinheiros) pode ocultar muito da carência que os habitantes experimentam. Algumas avenidas largas, iluminação pública e pavimentação, prédios de escolas públicas, grande movimento de ônibus urbano. Entretanto, ao adentrar nas ruelas que cortam as avenidas, percebe-se a quantidade de casas de alvenaria, uma sobre a outra. Um sem-fim de bares (geralmente casas que tiveram uma parte destinada à instalação de um boteco). Ao entrar nas escolas, passa-se por grades, abertas e fechadas conforme a entrada e saída dos alunos (aspecto de prisão). Avista-se os inúmeros escadões e passagens, palco de tantas mortes nos processos. A freqüente falta d'água, que dura semanas às vezes, leva a população a protestar, fechando vias públicas, causando verdadeiros transtornos no trânsito. As lombadas, construídas pelos moradores para evitar as inúmeras mortes por atropelamento, são improvisadas e destroem inclusive os carros da polícia,

impedida de fazer o patrulhamento no local. O domínio de traficantes e bandidos que controlam a entrada e a saída de pessoas, proibindo a presença de uns e cobrando pedágio de outros. Os viciados que caminham drogados pelas ruas. Enfim, o contato mais íntimo e freqüente com a localidade e seus moradores é que permite se aproximar dos dramas cotidianos da região. O mais impressionante é o número de pessoas. Devido à quantidade de gente, por mais ônibus urbano que se coloque para atender aquela região, é pouco. A demanda é bem maior do que a infraestrutura permite para o oferecimento dos serviços.

Muitos destes bairros abrigavam sítios há poucas décadas atrás. Trata-se, em boa parte, de área de manancial. A região de Parelheiros ainda mantém um pouco da característica de zona rural, algumas áreas com muita vegetação. Mas o crescimento tem sido intenso, cada vez mais e mais pessoas se instalam por lá. Na região de Capão Redondo, por exemplo, ainda podem ser vistos alguns resquícios de propriedades que foram sítio, um dia. Um morador, que vive 40 anos na região, contou que o nome do bairro Jardim das Rosas se deve ao fato de que, anos atrás, o local era uma chácara, onde uma senhora cultivava rosas. A paisagem da região começou a mudar com a forte migração do meio rural³ e o fomento na exploração de loteamentos.

Os loteamentos irregulares, nas margens da Billings e da Guarapiranga e no entorno dos rios que deságuam na represa são uma oportunidade de moradia para a população das classes populares e de enriquecimento para os grupos que exploram o negócio. Os municípios limítrofes com esta região (Itapeverica da Serra, Cotia, Embu, Embu-Guaçu, Taboão da Serra e Juquitiba) têm sofrido acelerada transformação em sua geografia, devido os crescentes loteamentos. Em Cotia e Embu, ao se observar alguns morros, dependendo da posição do observador, é

² Martins, J.S..1996; pg.23

³ Durhan explica o fenômeno desta migração: “(...) não se trata simplesmente de um fenômeno de atração das grandes cidades. A industrialização brasileira se dá paralelamente e em grande parte provoca uma crise profunda da sociedade rural. Na medida em que o modo de vida rural se organiza em termos de relações de trabalho tradicionais e se configura como um sistema pré-industrial, a industrialização do país opera no sentido de desagregar a estrutura da sociedade rural, provocando uma crise nos meios de subsistência que efetivamente expulsa o trabalhador do campo para a cidade.”(1973;40)

possível admirar uma típica paisagem de Mata Atlântica, recoberta de mata primária. Ao se atravessar para o outro lado do morro, vê-se um sem-número de barracos de alvenaria, uns sobre os outros, em que resta a indagação, como estas casas permanecem em pé?! Em algumas visitas na região, em que foram tiradas fotografias dos bairros, os moradores questionaram com muita ansiedade a finalidade da sessão de fotos. A preocupação era que se tratasse de algum levantamento da Prefeitura, relacionado com o despejo de moradores em situação ilegal.

Os grupos que enriquecem com os loteamentos ilegais, aproveitam-se da carência de moradias para a população de baixa renda. Uma notícia do jornal Folha de S.Paulo (3.5/01set.97) informou que um promotor da justiça representava políticos responsáveis por loteamentos clandestinos. Segundo a notícia, um ex-administrador regional estimulou a ocupação do loteamento Cantinho do Céu (Grajáu) em troca de propaganda para sua campanha eleitoral. A fim de garantir os votos, o político promoveu investimento na infra-estrutura na região. O depoimento do proprietário de cinco fábricas de blocos de cimento revelou que os loteamentos ilegais são uma oportunidade de enriquecimento para aqueles que exploram o negócio.

Bonduk e Rolnik, no trabalho sobre ocupações em Osasco, argumenta sobre os problemas deste tipo de moradia popular:

“(...) aspecto que merece ser ressaltado é o congestionamento do lote. Seja na construção de casas para alugar, seja no abrigo da família extensa, observa-se uma intensa ocupação do lote realizada sem a menor previsão ou planejamento, pois é a urgência de resolver problemas imediatos que determina novas construções. Este acúmulo caótico de casas e barracos causa problemas de ventilação, insolação e iluminação, congestionamento do uso de ‘equipamentos’ do lote (em geral há só um banheiro e poço para todas as famílias), erosão e desbarracamento do terreno e problemas entre os moradores. (...)” (1979:63)

Grande parte dos pontos de risco de desabamento da Capital se localiza nesta região. Inúmeras favelas ocupam os morros e, com freqüência, em períodos de fortes chuvas, há deslizamentos. Em uma reportagem da Folha de S.Paulo (dez/97),

na favela da Vila Prêu, algumas pessoas apareceram construindo seus barracos em área de risco, “sobre os escombros de outra favela, onde houve deslizamento e mortes”. Um morador deu seu depoimento: “Encontrei fundações das casas e vi que houve um desabamento aqui, mas não tinha como pagar aluguel e mudei”.

Um relatório policial apresenta as características de milhares de casas, nas condições descritas acima: “Flávio pode perceber a presença destes policiais/ fuga pelos fundos daquele casebre no qual estava morando, habitação esta acostada a um pequeno córrego preenchido por uma vegetação densa em sua margem.”

Esta região sul da cidade foi palco de intensas lutas sociais. Isto por ser local de moradia de operários das indústrias da região de São Bernardo, ligados a sindicatos combativos, além da forte atuação das comunidades eclesiais de base. Mas a década de 90 apresenta uma outra realidade, descrita pelas palavras de uma moradora da Cohab Adventista:

“Assim, desenvolveu bastante, e a superpopulação. Aumentou demais, demais, demais. Por mais linha de ônibus que entra não tá dando conta do pessoal que tem. Aumentou muito./ Eu conheci o Jd.Guarujá, Pq.Independência pra lá, era lama, brejo. Hoje/ tudo habitacional. Então mudou muito, cresceu muito a população, né. E eu acho que a infra-estrutura não atendeu o crescimento da população./ Tem crianças aqui que cê vai no barraco, a maioria tem problema. As tábuas tudo furada, cê vê rato passando pra lá e pra cá. Muito horrível./ Aumentou a população sem infra-estrutura, né. O mercado de trabalho é bem restrito. Cê tem o desenvolvimento sem planejamento/ Hoje é perigoso aqui toda rua que você anda, é perigoso./ bairro não tem estrutura não tem um campo de trabalho, não ter um campo de lazer, não ter escola adequada para as crianças/ se tivesse um trabalho digno a pessoa também tinha uma vida digna.”

Um adolescente cita alguns problemas da Cidade Ademar: “Coisas que eu não gosto/ superpopulação, uma casa em cima da outra/ minha rua era sem saída, da parte que era sem saída pra lá, começaram a construir favela, barraco/ abriram a rua,/tá ficando muito agitada/ perigo demais de acidente.”

A superpopulação se reflete na quantidade absurda de pessoas em cada casa de alvenaria. Um dos modos mais comuns de moradia é um quintal cercado de cômodos. Além de morar muitas pessoas em um cômodo, moram muitos vizinhos,

próximos demais, tendo o quintal como área comum. O aglomeramento de habitantes pode ser observado nos seguintes depoimentos:

“Seu irmão residia no mesmo quintal que a depoente/ Domingos residia com a outra irmã/ outro cômodo, no mesmo quintal (...)”

“Seu filho estava morando nos fundos de sua casa (...)”

“(...) encontravam-se no referido quarto, desprovido de porta, mas que tinha em seu lugar uma cortina grossa (...)”

“(...) eu estava com o meu irmão, minha cunhada, eu moro no fundo, na frente a minha tia, o meu irmão, minha cunhada e a minha sobrinha. (...)”

Uma entrevistada contou:

“Na minha casa moram 10 pessoas, será que a minha casa foi planejada para morar 10 pessoas?/ Eu moro emendado com meu irmão/ Só desceu a escada é a casa do meu irmão, é embaixo da minha./uma casa adequada que tivesse pelo menos o seu espaço. Esse aqui é meu quarto, é meu espaço, eu posso organizar o meu espaço que é meu, eu tenho o meu quarto. Quatro, cinco, seis num quarto, só, meninos e meninas”

A perícia policial descreve a residência: “Trata -se de uma casa térrea, construída em alvenaria de tijolos, com cobertura através de telhas francesas apoiadas em estrutura de madeira e piso cimentado. Era composta de 2 quartos, sala, cozinha e banheiro.” Nesta casa residiam um casal, mais três filhos adultos e cinco netos, entre um e sete anos. Em algumas entrevistas em residências com piso de cimento, com o agravante da telha ser de amianto, nos meses de inverno, foi possível sentir o intenso frio que esta população enfrenta. São comuns também a lage como cobertura, fato que pode gerar muitas discussões, quando a garotada resolve ocupar as lages dos vizinhos.

Durante uma audiência do juizado especial de causas criminais, uma mulher grávida reclamava das freqüentes surras efetuadas pelo esposo. Mas ela estava resignada e dizia que, depois do parto, iria deixar os dois filhos com o marido e os pais dele, na casa de quem moravam, e retornar para Bahia. Porque em São Paulo ela não havia conquistado condições suficientes para garantir sua sobrevivência. Diante da firme decisão da vítima, o promotor sugeriu então a permanência por

longo período no quarto, distante do marido e dos sogros. Uma vez que a proximidade ocasionava discussões seguidas de agressões físicas. Foi então que a vítima argumentou que tal estratégia não seria possível, porque na casa só havia um cômodo, portanto todos tinham que permanecer num único lugar. A superpopulação das residências está apontada em Bonduk e Rolnik: “observamos não haver nenhuma relação entre o número de cômodos e o número de membros da família. Isto pode ser atribuído ao sacrifício que significa a ampliação da casa; uma vez resolvido o problema do abrigo, a questão do número de pessoas por cômodo fica em segundo plano, frente a outras necessidades mais urgentes.” (idem)

Vários membros de uma família habitam um mesmo cômodo ou diversos cômodos situados no mesmo terreno, com um quintal comum. Além disto, estes cômodos são também alugados para outras famílias, que passam a conviver proximamente com a família que tem a posse do terreno e das construções:

“Meu marido estava deitado. Luciano passou no quintal (que era o mesmo que o nosso). Meu marido viu ele pela janela/ meu marido saiu no portão e ele já foi puxando a arma e atirando.”

“Várias vezes presenciou Moisés agredi-la no quintal da casa em que moravam (...)”

“tinha somente uma filha, que se chamava Larissa/ saíram para trabalhar, a filha ficava com a dona do prédio, d. Malvina, proprietária do imóvel que alugava para Everaldo, uma vez que residia nos fundos e D.Malvina na frente.”

Sobre a locação de cômodos nas periferias, esclarecem Bonduk e Rolnik: “Para um trabalhador não qualificado, proprietário de um lote, a construção de casas para alugar significa uma das únicas e a mais freqüente forma de investimento possível, dentro de suas possibilidades, que acrescenta uma renda suplementar ao seu salário e que não está sujeito a oscilações existentes devido à instabilidade no emprego(...)” (idem;68). A respeito dos valores populares em relação ao sonho da casa própria, Durhan argumenta:

“A casa própria é um ideal extremamente generalizado e tem, certamente, um valor instrumental. A compra de um terreno e a construção de uma casa, em geral, por partes e vagarosamente, constitui uma das poucas formas de capitalização ao alcance do trabalhador. A casa é sempre um investimento que pode dar lucro, pela venda ou locação. É, por isso, uma

forma de obter uma segurança econômica. Isto é tanto mais verdade porquanto o preço do aluguel ocupa geralmente uma percentagem importante do orçamento doméstico. Para uma população sujeita a períodos de desemprego, a casa própria garante a satisfação permanente da necessidade fundamental de abrigo e alojamento; em caso de necessidade, a alimentação pode ser provida através de biscates ou qualquer ocupação marginal e temporária. A construção de uma casa é também um modo de acumular gradualmente um pequeno capital; a compra de um terreno a prestação e a construção parcelada, que progride conforme as disponibilidades de numerário, constitui um dos únicos meios de investir algum dinheiro evitando a desvalorização decorrente da inflação. Mas, a casa própria é não só um instrumento, mas um fim, uma forma de afirmação de independência. Nas palavras dos informantes, o indivíduo que tem uma casa, 'está no que é seu, faz o que quer'. É nesse sentido, parece-nos, que a casa justifica os sacrifícios que freqüentemente acarreta de gastos maiores com transporte e a inconveniência de morar em bairros afastados, sem melhoramentos públicos, muitas vezes mesmo sem luz." (1973;174)

A dimensão do valor associado à casa própria, cuja realização implica em luta e sacrifícios, é observada na história de morte de Donato por seu primo Raimundo. Os dois adquiriram juntos um terreno, em que a disputa pela posse teve um trágico final. Se para Raimundo, a posse exclusiva do terreno era fonte de **status**, para os familiares do morto, a ganância de Raimundo foi dupla traição. Porque Donato investiu muito na compra do terreno e, além do mais, Raimundo fora acolhido pela família do primo, quando chegou a São Paulo, para tentar nova vida. Os depoimentos ilustram o fato:

(esposa de Donato):" a depoente não tem dúvidas em afirmar que o autor do crime foi Raimundo, visto que entre ambos havia discordância sobre a propriedade da referida construção, que estava em nome de Raimundo, por causa de um acordo feito anteriormente, em razão da impossibilidade, na época, de passar para o nome da vítima/ o primo/ por diversas vezes lhe fez propostas para saírem juntos e que rezava para que seu marido morresse, pois dessa forma lhe daria \$5 mil da parte da casa e deixaria a propriedade para ele."

(amigo da família):" há cerca de 20 anos conhece os familiares da vítima/ Donato juntamente com o primo Raimundo/ a quem o depoente pouco conhece, há algum tempo atrás adquiriram em sociedade um terreno no Pq.S.José, Grajaú, onde construíram cada qual uma casa, que essa casa construída pelo Donato foi por esforço próprio e com a ajuda do pai e até algum tempo atrás Donato residia com a família/ foi para o bairro da Cidade Ademar/ Raimundo,

utilizando-se de um pé-de-cabra, forçou a porta de entrada da casa/ colocou um inquilino, tendo inclusive feito contrato e tudo isso, sem o conhecimento de Donato, que o depoente ignora o porquê desta atitude/ acredita que seja roubo, pois a casa pertencia legalmente a Donato”

(mãe de Donato):“também madrinha de casamento de Raimundo/ saíram abraçados/ se dirigiu à propriedade de seu falecido filho e lá encontrou Raimundo cercando a propriedade e dizendo que o marido da declarante não tinha nada a fazer aqui, pois a propriedade lhe pertencia e que estão sendo vítimas de ameaças verbais de Raimundo, uma vez que a declarante quer reaver a propriedade que foi de seu filho”

(esposa de Donato):” se davam bem, nunca discutiram, nunca brigaram e meu marido era uma pessoa que gostava muito dele e a gente não esperava de fazer uma coisa dessa que fez, que ele morou 7 ou 8 anos na casa de meu sogro.”

Além dos conflitos que podem surgir na disputa pela posse da casa, são freqüentes as discussões devido o número elevado de pessoas morando muito próximas umas das outras. O maior problema é a vigilância e o controle do comportamento alheio e a possibilidade de que uma ação, um comportamento, desviante se torne público. Um jovem entrevistado explicou o incômodo desta situação: :“(...) a pessoa, às vezes, fica te vigiando todo o tempo o que você faz./ fica te observando se você é uma pessoa boa ou má. Depois, se você fizer qualquer coisa assim, ela já vai comentando com outras pessoas/ mas eu aparento, na rua eu aparento uma coisa, depois, quando eu saio, eu sou outra.”

Como afirma Costa, ao comentar o argumento de Arendt ”(...) para aprender que a superpopulação resulta em irritação e agressividade, não temos que fazer experiências em ratos. Basta passar um dia nos cortiços de qualquer grande cidade”. (1986;12). O depoimento de uma mulher que testemunhou a morte da vizinha demonstra como a vida das pessoas pode ser compartilhada em seus mínimos detalhes. Ela descreveu a cena do crime ocorrido na casa ao lado, ambos moradores de uma favela:

“(...) vizinha de parede da residência de Samuel. Nessa parede divisória há um vitrô que dá vistas para a cozinha da residência de Samuel e foi por esse vitrô que a depoente pode presenciar a discussão ocorrida na manhã daquele dia/ passou a agredir Lourdes fisicamente/

conseguiu fugir e esconder-se no quarto de Samuel/ Hélio dizendo que sua mãe passou mal, pediu que saíssem/ regressaram, sendo que naquele instante, Lourdes se encontrava tomando café, sentada a uma mesa, ladeada pela mãe e irmã de Samuel/ assim que entrou na residência, sacou sua arma e efetuou um disparo contra Lourdes/ a mãe de Samuel desmaiou e a irmã de Samuel, com a ajuda dos irmãos, tirou as roupas de Lourdes com o intuito de jogá-las fora e a partir desse momento começaram a pedir que alguém socorresse/ ele batia violentamente com o corpo de Lourdes na divisória das residências, que poderia matá-la.”

Este depoimento descreveu um pouco a condição de moradia das pessoas, em que uma casa está ligada à outra por um vitrô, que permite a participação no cotidiano dos vizinhos. Também nesta história a parede que divide as casas é fina, quando o marido-agressor bate com a mulher na parede, a vizinha se vê transformada em testemunha forçada da agressão.

As precárias condições de moradia, que obriga a aglomeração de pessoas em pequenos espaços, dificulta a permanência dos moradores em suas casas, lançando parte da população para as ruas. As crianças e os jovens não têm espaço para se divertir dentro de casa e procuram na rua a companhia dos colegas. Os homens também vão para as ruas quando não estão trabalhando. O depoimento de um policial militar relatou que surgiu o réu, quando o policial, junto de seu irmão e mais três amigos, jogavam dominó na rua, isto porque dificilmente haveria espaço para que o jogo fosse realizado dentro da casa do policial

O bar foi um dos cenários mais freqüentes nos processos, ele é o espaço que os homens possuem em bairros de periferia. O pequeno espaço das habitações dificulta a permanência nas casas. Os bares surgem como uma das únicas opções. Pois faltam locais para lazer, centro de convivência, espaços públicos de encontro, como praças, campos de futebol ou áreas esportivas em geral. Como diz a canção:

“(...) aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
pra molecada freqüentar
nem um incentivo
o investimento no lazer é escasso
o centro comunitário é um fracasso (...)” (Racionais MC’s **Fim de semana no parque**)

Para além de uma das únicas opções de espaço masculino, os homens revestem de valor o bar, o boteco. Um lugar de homens, que mulher só permanece o curto período para comprar alguma mercadoria. É o que ilustra o depoimento da esposa de um réu: “(...) a declarante freqüentava o bar do Alemão, onde fazia compras para casa, porém ali não permanecia por muito tempo (...)”. Um depoente comentou sobre duas mulheres que freqüentavam bares: “(...)a conduta de Lindaura e Lenira ser condenável, são vulgares, dadas a fazer qualquer coisa por dinheiro, assíduas freqüentadoras do boteco onde o depoente estava e costumeiramente ingerirem bebidas alcoólicas oferecidas, muitas vezes, por estranho. Com estes, às vezes, indo para o mato(...)”

O bar é o lugar onde os homens se encontram, trocam informações, comemoram os bons e os maus momentos de uma vida dura, arrumam emprego, buscam o reconhecimento social entre os seus iguais. O estudo de Machado da Silva aponta a importância deste espaço para a população masculina:

“Para os freqüentadores, o botequim se reveste da maior importância. Primeiro, porque lá podem realizar transações de mercadorias usadas. Móveis, roupas, madeira, relógios, isqueiros etc. são regularmente comerciados.(...)”

Em certos casos - principalmente nas ‘bircas’ de favelas - o próprio dono é também agiota. Em outros, algum freqüentador pode emprestar pequenas quantias, geralmente sem cobrar juros. Ou então algum freguês pede dinheiro a algum agiota conhecido, para um terceiro. Essas práticas são extremamente difundidas entre os **habitués** do botequim porque, sendo uma renda quase sempre baixa, a disponibilidade financeira é reduzida. Para enfrentar momentos de crise ou acontecimentos imprevistos, o único meio é contrair uma dívida, caso a pessoa não consiga nenhum biscate ‘extra’. Como exemplos dessas situações, podem-se citar doenças, nascimentos e mortes, aniversários, reformas na residência, viagens etc.

O botequim funciona também como ‘ponto’ para os biscateiros. Sempre que estes não estão executando algum serviço, permanecem no botequim à espera de que ‘apareça trabalho’, isto é, de que alguém o procure para contratar seus serviços. Existe uma colaboração íntima entre os freqüentadores que se indicam mutuamente para fazer biscates, quando não podem ou não sabem executá-los.”(1978;94-95)

A casa é o espaço das mulheres, responsáveis pela administração dos serviços para a manutenção dos familiares. Esta divisão de espaço se reflete nas outras

esferas da vida destas pessoas. O espaço externo é predominantemente masculino, por isso, nos processos de homicídio os homens se destacam como atores principais. Na grande maioria dos casos, os homens são os réus e as vítimas. Na medida em que a rua aparece como o **locus** masculino, mesmo havendo participação feminina, o privilégio da presença masculina determina o predomínio da ação dos homens em detrimento da mulher. O homem é o responsável pela tomada de decisões e quem efetua as ações. O caráter atribuído ao comportamento masculino no espaço externo se mantém na esfera doméstica, mesmo sendo a mulher responsável pela administração da casa, o seu espaço “natural”. O sustento da casa e as tomadas de decisões sobre os membros da família pertencem ao homem. Esta pode ser uma das explicações para que, mesmo nos crimes relacionados diretamente a questões domésticas, os homens são os principais réus e vítimas. A maioria dos processos sobre o tema revelou que os homens geralmente matam outros homens e não as suas mulheres, mesmo se a mulher for a raiz do conflito. O trabalho de Sarti capta com clareza esta realidade:

“(…) A casa é identificada com a mulher e a família com o homem. Casa é família, como o homem e a mulher, constituem um par complementar, mas hierárquico. A família compreende a casa, a casa está, portanto, contida na família.

(…) O homem corporifica a idéia de autoridade, enquanto mediação da família com o mundo externo. Ele é a autoridade moral, responsável pela respeitabilidade familiar. Sua presença faz da família uma entidade moral positiva, na medida em que ele garante o respeito. Ele portanto responde pela família. Cabe à mulher outra importante dimensão da autoridade, manter a unidade do grupo. (…)” (1994;77-78)

O predomínio da esfera doméstica como **locus** feminino se relaciona com um fenômeno mais amplo das atribuições das tarefas e do lugar social das mulheres nestes grupos. A divisão sexual de papéis é atualizada pelo mercado de trabalho, contribuindo para a legitimação dos arranjos cotidianos do mundo privado, orientados pela diferenciação de responsabilidade nas ações masculina e feminina. É isto o que apontam as ocupações das testemunhas femininas dos processos. As

ocupações “do lar” e “doméstica” representam a grande maioria dos registros ocupacionais.

A distribuição das profissões revela que as mulheres da periferia, quando se lançam ao mundo do trabalho, desempenham tarefas semelhantes àquelas que realizam dentro de seu espaço preferencial, o doméstico. Poucas testemunhas femininas se ocupavam em atividades não-domésticas, mesmo assim, em profissões comumente apontadas como tipicamente femininas, como professora do primeiro ciclo, recepcionista e auxiliar de enfermagem, geralmente de baixa remuneração. Neste sentido Telles comenta: “(...) o mercado constrói as evidências - os salários baixos, o emprego instável, o trabalho desqualificado e desvalorizado - que fundam a lógica de verdade na qual se ancoram as representações do trabalho feminino e infantil como secundário e menos importante em relação ao dos chefes provedores” (1992;199). As referências entre a divisão sexual dos papéis sociais nas relações cotidianas com a estrutura mais ampla do mercado de trabalho e das relações de poder na sociedade também são apresentadas por Scott. Para quem a questão de gênero está tão implicada no conceito de classe que não há como analisar um fora do outro. Não se pode analisar a política separadamente do gênero, da sexualidade e da família⁴.

A mulher conquista prestígio através do exercício da atividade de dona-de-casa e o trabalho da mulher fora da casa pode representar uma ameaça à possibilidade dela conseguir ser bem-sucedida no desempenho doméstico. O sucesso profissional não oferece **status** à mulher dentro do seu grupo social, é o cuidado com a casa, a criação dos filhos e a atenção ao marido as variáveis que constroem a identidade de uma boa mulher. O depoimento da esposa de uma vítima de homicídio revelou a preocupação da mulher ao ser obrigada a trabalhar fora: “Meu marido morreu quatro dias depois (da agressão)/ nós éramos casados há sete anos e dois meses. Tivemos dois filhos. Ele está fazendo falta para mim. Estou me sustentando, pois trabalho como doméstica. Antes eu não trabalhava”. Telles

⁴ “(...) Gender becomes so implicated in concepts of class that there is no way to analyze one without the other. One cannot analyze politics separately from gender, sexuality, the family. (...)” (Scott, J. 1988; 60)

observa: “(...) o trabalho feminino é carregado, sobretudo de uma dimensão de ilegitimidade na medida em que questiona virtualmente suas funções no espaço doméstico (...) o sofrimento moral de mulheres que se percebem ameaçadas na sua dignidade, na medida mesmo das dificuldades de realização de atribuições que a autorepresentação de ‘mães de famílias’ de ‘donas de casa supõe’”. (Telles, idem: 171)

A distribuição das ocupações das vítimas, dos réus e das testemunhas masculinas permite conhecer o perfil das personagens dos processos penais, todass empregadas em funções de baixa qualificação, com remuneração também baixa e disponíveis à oscilação do mercado⁵. É elevado o número de desempregados entre os homens. As mulheres, quando desempregadas, apresentam-se como “do lar”. A fluidez da posição destas pessoas no mercado pode ser percebida pela instabilidade nas ocupações. Uma testemunha, em sua primeira aparição no processo de homicídio era segurança de **shopping**. No próximo depoimento, estava desempregado, reaparecendo, no terceiro depoimento, como pintor de parede. A sua esposa era doméstica, depois vendedora ambulante. Uma vítima fora confeitiro e depois **office boy**. Uma testemunha informou ser, na primeira vez, guincheiro; no segundo depoimento, instrutor de auto-escola. Uma outra era ajudante geral e mais tarde feirante. Um réu se apresentou como vigia, quando questionado sobre o local de trabalho, informou ser em frente ao cemitério Gethsemani, onde cuidava de carros. Outro réu dizia trabalhar com construção civil, ajudando o pai quando aparecia serviço no local onde o pai trabalhava. O testemunho da esposa de um réu apresentou as características do mercado de trabalho destas pessoas: “Tem um moço que chama ele para trabalhar com negócio de empreita, quando tem serviço, ele vai, quando não tem, ele não vai.”. O juiz perguntou para a esposa de um réu para quem o seu esposo fazia trabalho de segurança; ela respondeu: “Para ninguém, ele passou de casa em casa e perguntou

⁵ As ocupações mais freqüentemente registradas são: desempregado, construção civil, comércio, dono de bar, mecânico, eletricitista, jardineiro, feirante, office-boy, ajudante/auxiliar, vigia, segurança, cobrador e motorista de ônibus, policial etc.

se queria guardar a rua”. O dono de uma oficina declarou: “(...)desconhece Edvaldo porque em sua oficina não há registro de funcionários, eles são contratados por empreitada, 50% por serviço de funilaria(...)”. Na tentativa de manter o sustento, não se pode medir a distância entre o trabalho e a casa, é o que revelou a esposa de uma vítima que declarou residir na favela do Jardim Ibirapuera e trabalhar em Perus, outro lado da cidade. Contra a instabilidade e a baixa remuneração do mercado, os moradores se vêem obrigados a criar estratégias para se garantir: “O depoente se encontra desempregado e tem um bar em sua residência para auxiliar o sustento da casa/ seu filho o auxilia quando está desempregado. (...)”. A depoente: “é esposa de Vladimir, proprietário do bar/ aos domingos seu marido costuma fechar o bar por volta das 21hs, pois tem de acordar cedo no dia seguinte para trabalhar, o mesmo exerce os serviços de operador de eletro-erosão”. E o Vladimir disse: “(...) não abre o estabelecimento em dias de semana, somente às sextas, sábados e domingos, dando início às atividades em torno das 12hs, fechando por volta de 23:30hs ou 0:00 (...)”

Há uma história de morte que é um primor na descrição das condições de trabalho da população da periferia. Genésio executou um trabalho e brigou com Edvaldo porque o pagamento não foi efetuado. Nesta briga, Genésio ficou sem o dinheiro e sem a vida e Edvaldo se transformou em réu.

Edvaldo: “Conheceu Genésio há mais ou menos 8 meses, não mantendo muito contato. Há mais ou menos 3 meses, chamou Genésio para trabalhar junto com o interrogando como ajudante em uma obra em Santana. Nesta época Genésio estava desempregado e aceitou. Então ficou combinado que Genésio iria ganhar 6 mil reais/ semana/ na sexta do mês seguinte, Gomes foi hospitalizado e não compareceu para fazer o pagamento/ empregados na residência de Gomes, para que este fizesse um vale, sendo que Genésio recebeu 2 mil reais e ficou faltando 4 mil, que seria pago quando Gomes voltasse ao escritório da firma pagar a fatura/ o interrogando e Genésio pararam de trabalhar, sendo que o interrogando foi para outra obra e Genésio ficou parado. O interrogando não se lembra quantos dias passaram, até que Genésio lhe cobrasse o dinheiro/ o interrogando lhe disse se ele não estava com o telefone de Gomes e Genésio disse que não tinha nada a ver com Gomes e quem deveria pagar o dinheiro era o interrogando que o levou a trabalhar/ Gomes ainda se encontrava doente/”

José: "soube que um rapaz de nome Edvaldo devia para seu irmão a quantia de 6 mil cruzados e seu irmão lhe cobrou e este lhe matou a tiros. Quem trabalha, deve receber, por isso seu irmão cobrou. Seu irmão era um cara trabalhador e nunca foi de se meter em encrenca."

Esta história revelou a instabilidade do trabalho, às vezes tem, às vezes não tem, e mesmo quando tem, não há certeza quanto ao recebimento do dinheiro acertado. A cobrança pelo trabalho efetuado é orientada pelas regras da esfera do mundo privado, assim como a contratação da mão-de-obra. E as soluções para os eventuais conflitos também pertencem à esfera do privado. Aquilo que, a princípio, era um tema da justiça do trabalho, transformou-se em tema da justiça penal. Porque se trata de uma população que não é alcançada pelas regras públicas da justiça do trabalho. Aqui é oportuna a argumentação de Telles sobre a clivagem entre o mercado de trabalho formal e informal e suas terríveis conseqüências nas classes populares:

"(...) Daí Santos dizer que a carteira de trabalho, mais do que uma evidência trabalhística, é uma certidão de nascimento cívico. Fora dessa condição, vigora o estado de natureza no qual são submergidos todos os que têm existência percebida como impermeável à regulamentação estatal e que, por isso mesmo, não existem para efeito legal. Desempregados, desocupados, subempregados, transformados em pré-cidadãos, 'sujeito ao tratamento hobbesiano clássico', ou seja, a repressão pura e simples, tanto privada como estatal."(idem;36-37)

Durhan comenta a inserção desta população no mercado informal:

"(...) na expressão de um informante, 'se a pessoa não quiser escolher emprego, é fácil encontrar colocação: servente de pedreiro, 'chapa' (empregador de carga e descarga de caminhões)'. Mas trata-se de empregos temporários, sem estabilidade ou permanência. O imigrante que se emprega como 'trabalhador não registrado' não conta com nenhuma proteção legal e depende do patrão de uma forma muito completa, recriando uma situação em parte semelhante à de clientela. Nessas condições, e como o trabalhador freqüentemente ignora as condições do mercado de trabalho, o pagamento é sempre muito reduzido, inferior ao salário mínimo e insuficiente, inclusive, para prover a subsistência e reprodução da mão-de-obra. (...)"(idem;150)

Durhan observa também a dificuldade de inserção dos populares no mercado formal, organizado de forma burocrática, porque exige do trabalhador habilidades em manejar regras impessoais, além de uma série de documentos (carteira de identidade, carteira profissional, certificado de reservista, título de eleitor etc.) nem sempre disponíveis por este grupo (pp.149). A falta de habilidade dos populares em manejar as regras impessoais da sociedade mais ampla pode ser observada em diversas passagens dos processos. Em um dos casos, uma mãe só descobriu que sua filha não havia sido legalmente adotada quando a moça morreu. Lourdes foi morta pelo companheiro, Moisés, chamada a depor, a mãe da vítima, Maria, declarou: “(...) é mãe de criação de Lourdes/ assumiu a tutela perante o juízo de infância e da adolescência da Vara de Santo Amaro/ somente agora é que a depoente toma conhecimento pela autoridade policial/ somente tinha tutela da menor/ documento assinado quando ela ainda contava com um ano de idade/ por desconhecer é que não recorreu à adoção”. Esta mesma dona Maria foi informada da morte de Lourdes pelo irmão do assassino. Ele, na tentativa de evitar o envolvimento do responsável pelo crime com a justiça, tratou de manter dona Maria distante da polícia e disse que seu irmão já havia sido preso e assim permaneceria por um mês. Tal informação foi suficiente para dona Maria. Pois não passava pela sua cabeça a necessidade de entrar em contato com o mundo das leis e procurar a polícia a fim de esclarecer a morte da filha. Deve-se considerar que esta não foi a primeira experiência de dona Maria com a justiça penal, pois um de seus filhos já estivera na Casa de Detenção por roubo. O filho mais jovem também tinha passagens pela Febem. Portanto, o mundo da lei, de alguma forma, estava próximo de dona Maria, mas o manejo das regras abstratas e impessoais parecia fugir à sua compreensão.

O modo como muitas vezes os populares manipulam estas regras impessoais, principalmente em seu relacionamento com a polícia, revela a capacidade de reelaboração dos valores abstratos às suas necessidades cotidianas. É o que pode ser observado no depoimento da esposa e do sogro da

vítima (Rogério), morta pelo vizinho. O vizinho foi chamado para apartar uma violenta briga de Rogério contra a esposa. Antes do embate trágico entre vizinhos, a família tentou buscar a conciliação da polícia. Os testemunhos mostram a maneira como a esposa e o pai dela reelaboraram as funções da polícia judiciária:

(esposa da vítima) “Quando chegamos lá, eles perguntaram o que tinha acontecido, eu falei, aí, nisso Rogério teve uma desavença com o carcereiro, perguntaram se ele usava droga, eu falei que não, aí inclusive eu falei assim para não deixar o Rogério preso, que eu só queria que passasse o efeito, eu já tinha visto ele embriagado, mas nunca daquele jeito, ele falou que iam deixar ele lá até passar o efeito e depois soltar.”

(sogro da vítima) O delegado perguntou o que queria que fizesse com ele, eu falei: ‘Não faz nada não, dá uns conselhos para ele’”.

Este mesmo processo informa como as orientações para os negócios podem ser diferentes daquelas normalmente adotadas pelas classes média e alta. O caso em questão diz respeito à locação de imóvel. Comumente as locações são intermediadas por figuras públicas, a fim de garantir o exercício dos direitos de ambas as partes. Entretanto, o mesmo sogro citado acima alugou o cômodo nos fundos de sua residência para o vizinho, aquele mesmo que depois veio ser o responsável pela morte de Rogério. O processo de locação do imóvel seguiu orientações bem mais pessoais do supõe o mercado imobiliário:

(sogro) “(...) proprietário do imóvel em que o declarante residia e sua filha, casada com Rogério. Nos fundos tem um salão também de propriedade do declarante e que estava alugado para pessoa que conhecia pelo prenome Renato, porém tal aluguel foi efetuado verbalmente, sem qualquer tipo de contrato/ residia no local há três meses, sem saber seu nome completo, filiação, nem onde trabalhava.”

Em um outro processo, dona Rosa comprou uma casa, onde, nos fundos, morava uma pessoa de nome Caninha. Ao adquirir o imóvel, dona Rosa também adquiriu o inquilino, que não pagava aluguel, apenas prestava serviços: “Ao adquirir a casa, Caninha já morava lá/ o antigo proprietário o permitia/ nada pagava, pois prestava

pequenos serviços para a declarante, como limpeza de terreno, algumas compras”. Um arranjo pessoal permitiu Caninha ter um lugar para viver.

Na mesma direção, Machado da Silva captou como as orientações pessoais podem nortear a negociação do preço da mão-de-obra e portanto variar nas diferentes situações:

“Interessante também é que, no caso dos biscateiros, nenhuma tarefa tem preço determinado. O serviço é cobrado em função de uma série de ‘imponderáveis’, se a ‘madame é legal’ (se o biscateiro gosta dela) cobra-se menos; se é ‘otário’, (se se deixa enganar facilmente) aumenta-se o preço. Se o indivíduo está sem dinheiro, faz-se ‘um preço camarada’, isto é, mais baixo. Se tem encontrado muitos biscates, cobra-se mais. Podem ocorrer intermináveis discussões entre o eventual empregador e o biscateiro, para ajustar o preço de uma tarefa. Às vezes, só depois de terminado o serviço que o preço é definido.’(idem;100)

É freqüente a procura de estratégias pessoais que reelaboram as regras formais da sociedade mais ampla, às vezes como resistência, às vezes por ser uma das únicas estratégias disponíveis, às vezes por desconhecimento mesmo do modo de funcionamento das regras formais. De qualquer modo, a maneira como o mercado é constituído parece ser um dos principais responsáveis pela pouca familiaridade, desta parcela da população, com as regras formais ou pela necessidade de reelaborá-las. Uma realidade em que o estatuto de cidadão, e todas as implicações positivas que a cidadania pode oferecer, está tão intimamente ligada ao mundo do trabalho. Ao mesmo tempo, a inserção no mundo do trabalho parece uma tarefa árdua demais, difícil de conquistar e mais difícil de se manter. O mundo do trabalho, o mercado e o exercício da cidadania (aqui atrelado ao desempenho do papel de trabalhador) poderiam ser os agentes disseminadores da prática em se manejar regras formais e impessoais. O que também significaria a possibilidade do mundo público nortear os relacionamentos, contra os arranjos pautados pelos valores da esfera privada.

Ser trabalhador e ter a capacidade de sustentar a casa são qualidades fundamentais na construção da identidade de um homem. Portanto, a instabilidade e a precariedade do mercado que se apresenta a estas pessoas são um sério

complicador em suas vidas. Praticamente impossibilitando o cumprimento de suas atribuições. As dificuldades se intensificam na medida em que, em nossa sociedade, aqueles que não participam do universo de trabalhadores, são jogados à sua própria sorte. Obrigados a procurar saídas pessoais e privadas a fim manter sua sobrevivência, por não haver garantias que auxiliem o desempregado a manter uma vida digna. O mais cruel deste processo é que as responsabilidades pelos fracassos são atribuídas aos indivíduos, como resultado de escolhas mal feitas ou falta de dedicação e empenho. Neste sentido Telles argumenta: (...) pobreza um estigma pela evidência do fracasso do indivíduo em lidar com os azares da vida e que transforma a ajuda numa espécie de celebração pública de sua inferioridade (...) é a própria noção de responsabilidade pública que se dissolve e perde suas prerrogativas civilizadoras, como se fora natural os azares do destino que jogam homens, mulheres e crianças para fora da sociedade.”(idem;40)

A história de um entrevistado, de Parelheiros, ilustra como as tragédias da vida se transformam num jogo de sorte e azar:

“Quando vem na João Dias, sentido bairro - cidade, tem aquela entrada que entra na Barão do Rio Branco, pra vir pra Santo Amaro ali, né. Eu tô atravessando direto ali com o farol verde, vem um ônibus clandestino com tudo/ Ele tava bêbado, eu tinha largado o serviço e ia pra casa do meu filho, ver ele. Largou o ônibus e fugiu, foi embora. Eu, já era 3 e meia da tarde, eu acordei 2 hs da madrugada, já tava operado./ Não, pra mim tava bom, até, eu trabalhando, eu saio daqui 20 pras 4 da manhã, chego 10, 11 horas da noite. Eu trabalhando, tava tudo bem. Mas eu me machuquei, agora não tá aguentando trabalhar. Até amanhã ia ver se tem um jeito de arrumar um serviço, porque, em casa já tá faltando de tudo.”

Este homem era açougueiro e depois do acidente não pode mais trabalhar com o corte de carne Pois perdeu a capacidade de movimentar a parte do braço necessária para manejar o facão. Fora do mercado formal, depois do acidente, a sua sobrevivência passou a ser de sua própria responsabilidade, pois está fora do universo dos homens assistidos pela previdência. E porque mora na periferia, ao atravessar a rua foi atropelado por um ônibus de empresa clandestina. Estas empresas atendem primordialmente aqueles bairros que não são atendidos pelos

serviços de empresas reconhecidas pela Prefeitura, bairros longínquos, de difícil acesso, onde ocorrem muitos assaltos e por isso representam prejuízo para os donos das empresas legalizadas. Se o entrevistado fosse atropelado por um ônibus de uma empresa legalizada, ele teria muitas chances de processar a empresa e o motorista pelos danos sofridos. Mas como ônibus clandestino está fora das regras estabelecidas para empresas legalizadas, não há controle sobre os prejuízos que eles podem vir causar à população. As empresas clandestinas não participam das regras formais e impessoais do mundo público. Portanto, o entrevistado foi obrigado a encontrar soluções na esfera privada, entre os familiares.

As dificuldades em se estabelecer relações com o contexto mais amplo da estrutura social e os azares da vida destas pessoas refere-se não apenas ao mundo do trabalho, mas também ao contexto de violência que esta população experimenta. Em alguns casos, responsabilidade da própria pessoa que escolheu o caminho errado, em outros, um azar de quem tinha tudo para não cair nesta vida. Uma das principais explicações dos pais para tragédia de os filhos caírem no mundo da criminalidade são as más companhias e outros azares que podem ocorrer. Um pai declarou sobre o seu filho internado na Febem: “Assim que o menor for liberado, o declarante pretende levá-lo a um médico especialista para saber os problemas mentais, pois quando o menor era mais criança, sofreu meningite e o declarante acredita que talvez a doença tenha afetado a sua mente.” Entretanto, é difícil acreditar que um contexto repleto de cenas violentas tenha como uma de suas principais causas as opções individuais.

“(...) madrugada ouviu tiros/ não se levantou porque o local é perigoso/ dia seguinte de manhã viu um homem caído de bruços/ não ouviu comentários.”

“(...) fechou a porta e ficou quieta até acabar os tiros/ ninguém socorreu a vítima, com medo (...)”

“Na região onde reside é comum encontrar pessoas mortas a toda hora (...)”

“(...) descendo a rua/ favela Colombo e ao se aproximar do bar do Haroldo viu três pessoas efetuando disparos (...)”

“(...) surpreendeu batendo em sua irmã no meio da rua (...)”

“(…) dias antes houve a ocorrência de um homicídio no escadão seguinte àquele em que Wilson foi morto, dizendo que as pessoas têm medo de passar no escadão (…)”

“(…) armado porque ia na casa do primo, passava por caminho perigoso, dentro do mato (…)”

“(…) encontrava-se no interior de um ônibus ao passar nas imediações/ quando ouviu o motorista deste coletivo dizer ‘olha lá um tiroteio’(…)”

Relatório Caex: “Nas investigações realizadas visando notificar as testemunhas Elza e Eliana e Maria da Graça informo que, as primeiras duas foram notificadas através de Mário/ Trata-se de lugar infestado de marginais, alguns solidários aos réus, tanto que eu próprio fui vigiado todo o tempo que estive fazendo investigações para localizar Maria das Graças, devido a perguntas que tive de fazer visando sua localização, sem êxito, embora soubesse que a mesma residia numa das casas (barracos) onde a procurava. O medo em me fornecer as informações me impediram de notificá-la, mesmo porque a partir de determinado momento passei a ser ostensivamente acompanhado por dois elementos/ Alertado de que a família corre sério perigo, já que Mário, filho de uma das testemunhas, foi perseguido por um dos réus/ foram ameaçados por carta enviada da casa de Detenção/ Sr.promotor, é séria a situação da família, já que pude sentir o quanto eles são petulantes em me seguir de maneira ostensiva como seguiram, tanto que, se necessidade houver de retornar ao local farei, desde que acompanhado de outros policiais que também prestam serviço junto ao Centro de Acompanhamento e Execução (Caex), pois como já disse, o local é infestado de maus elementos.”

Relatório delegado: “Na av. João Dias, próximo a ponte do mesmo nome, existe um campo de futebol, onde, nos finais de semana, colegas se reúnem para uma partida./ No último dia cinco, o mesmo fato ocorreu, só que no início do jogo ocorreu uma falta e após um tumulto controlado o jogo foi reiniciado, para momentos depois ser novamente interrompido pelos jogadores que passaram a se agredir mutuamente./ Os torcedores, também colegas dos jogadores, entraram no campo, a fim de intervirem na briga e acalmar os ânimos, ocasião em que três pessoas passaram a atirar em direção aos jogadores. Após atirar, Joaquim fugiu e foi perseguido por populares que tentaram linchá-lo, o que provocou o seu internamento no hospital Alvorada.”

“No dia 16 de agosto, pela manhã, resolveu ir pescar na represa de Guarapiranga, lá chegando deparou com o corpo de um indivíduo do sexo masculino, que estava nu e apresentava algo na cabeça, procurou acionar a polícia (…)”

“(…)encontrava-se de serviço como cobrador/ por volta da 0:40min, passavam pela avenida das Belezas/ ouviu disparos de arma de fogo que vinham da parte de trás do coletivo, havia aproximadamente 10 passageiros. Ao ouvir o primeiro tiro, o depoente abaixou-se rapidamente/

não houve discussão entre os passageiros, quando iniciou os disparos, ouviu-se gritaria generalizada e choros, que ouviu gritaria de 'abra a porta'. O motorista abriu a porta traseira do ônibus e por ela desceram todos os passageiros, com exceção do que ficou estirado no banco traseiro, com ferimentos/ não viu quem atirou em quem (...)"

" quando se dirigia para sua casa, foi interceptado por quatro indivíduos que o mandara parar e, suspeitando que havia algo de anormal na postura daqueles elementos, imprimiu maior velocidade a seu veículo/ disparar suas armas/ havia acabado de receber dinheiro de um carroto e teria sido roubado, caso não se evadisse./ Soube posteriormente que aqueles elementos eram ladrões e 'pés de pato', com inúmeros casos de morte, razão porque, temeroso, deixou de vir registrar a ocorrência/ havia assistido o assassinato de Jorge/ em razão disso, passou a ser perseguido e ameaçado pelos marginais que o obrigou a mudar-se e ameaçado para salvaguardar a sua e a integridade de seus familiares/ Ciente de que um bando de matadores havia sido preso, veio até esta delegacia, registrar esta ocorrência e para evitar que sejam colocados em liberdade (...)"

"proprietário da panificadora onde ocorreu os fatos/ encontrava-se nos fundos da panificadora/ escutou estampidos, mas pensou que fossem bombinhas de festa junina. Um dos funcionários da panificadora foi avisá-lo sobre o ocorrido/ dois elementos em uma moto, utilizando capacetes, adentraram na panificadora e foram logo atirando na vítima e evadiram em seguida (...)"

Esta violência amealha as personagens em torno dos conflitos, pessoas que não escolheram estar no lugar errado, na hora errada mas que acabaram por enfrentar a fatalidade de se tornar vítima em processos de homicídio ou tentativa de homicídio:

"(...) Porque a vítima possuía inúmeros antecedentes criminais e havia saído recentemente da prisão, o incriminado, ao encontrá-lo, voltando das compras da feira livre, colhendo-a de surpresa, desferiu-lhe tiros de revólver, eliminando-a, sem ensejar possibilidade de defesa./ Consta que os disparos efetuados pelo increpado vieram também atingir a menor Simone e o idoso Ascendino, transeuntes que passavam pelo local, onde o movimento era intenso, em razão da feira livre"

"Disparou mais ou menos 3 tiros, porque afetou meu marido e por pouco não pega em mim ou numa criança de 9 meses que estava sentada no sofá, que eu moro num barraco de madeira e transpassou a madeira e se alojou no sofá que eu estava sentada."

"(...) a vítima encontrava-se de costas e não tinha nada a ver com os fatos, não discutiu com o acusado e foi acertada inocentemente."

“O réu, do lado de fora, efetuou disparo. Eu percebi que ele ia atirar, procurei me abaixar para defender minha cabeça, mas o projétil varou a laticaria do ônibus e atingiu-me do lado da cintura, lado direito, alojando-se dentro da coluna. Depois de 24 dias, a bala foi extraída, eu fiquei 50 dias sem poder me locomover na cama. Eu fiquei muito atingido, afetando as funções do meu organismo, estou com dificuldade para andar.”

“(...) atingindo as costas de Renivaldo que deverá ficar paralítico/ está paralítico não tem condições de vir (prestar depoimento), não tem carro/ Era carpinteiro/ hoje não faz nada/ nem dinheiro pra pegar o táxi. (...)”

A violência desestabiliza a vida e o destino das pessoas. O pai de uma vítima de um justiceiro fechou o bar, que garantia o sustento da casa, por medo de retaliações pelo matador. Vítimas e testemunhas foram forçadas a mudar de endereço, muitas vezes abandonando o emprego, geralmente difícil de se conseguir. As duas últimas vítimas citadas nos depoimentos acima sofreram graves lesões que prejudicaram para sempre o desempenho no trabalho. As estratégias para se lidar com as vicissitudes causadas pela violência geralmente tem como esteio o mundo privado. Fugir para a casa de parentes, buscar auxílio no sustento pela família ou vingar algum delito grave através de práticas privadas, não através dos serviços oferecidos pelo sistema de justiça.

Difícilmente a fatalidade poderia ser a explicação de reiteradas histórias com finais trágicos. A frequência com que as tragédias se sucedem resultam na banalização dos fatos. Se os pais encontram nas más companhias a causa para o envolvimento de seus filhos com a vida criminosa, como é possível um lugar abrigar tantas más companhias? O que faz que tantos habitantes de uma região da cidade se tornem más companhias?

Parte 1 - A importância dos arranjos comunitários num cenário de exclusão

Família Providência

“(…) 3 filho. Esse daqui, ó, tenho 2 neto, agora, ele fez negócio com o cavalo pra comprar 500 bloco, 4 saco de cimento, conclusão, tá parado aí, material chegou antes de ontem, pra construir um cômodo aqui pra ele morar. O outro filho meu, que é casado legalmente, entendeu, esse, que eu tenho uma netinha, que vai fazer 2 ano, é o que tá preso. O outro filho meu, esse garoto que cês viram pra lá, pra cá, é filho dele. Desde os 2 mês de idade, que se amigou com uma mocinha, aí, menina bonita, limpa, tudo. Teve esse filho, fizeram uma briga lá, ela abandonou o filho, abandonou tudo, caiu na vida. Nunca nem veio ver o filho. Agora, se amigou com uma véia de 40 ano, moleque tem 25 ano. Mora lá, não consegue pagar água, não consegue pagar luz. Morava aqui, morava aqui num cômodo aí. Começou a bater na mãe dele, aí. Eu falei pra ele, pedia pra ele ir embora, ele não ia, mulher chegava de noite, trabaiava. Ah, minha muie trabaiava no Real Parque, no Morumbi, heh, ia e voltava todo dia. Aí, eu me enfezei, cheguei um dia domingo aí, joguei álcool, toquei fogo em tudo.”

O entrevistado narrou a história trágica da sua família. História não necessariamente exclusiva. Assim como este entrevistado, outras famílias também vivem tragédias. Mas apesar das inúmeras dificuldades no relacionamento entre os seus membros, a família se revelou, nesta pesquisa, o principal grupo na vida dos moradores da periferia. Certamente o papel central da família está longe de ser exclusividade da classe trabalhadora. Mas a intensidade com que são acionados os laços familiares entre os populares diferencia-se do modo experimentado pelas classes média e alta.

Nas histórias de morte, a centralidade da família se revelou. Era comum os parentes relatarem que eram vizinhos daquele que morreu, que num quintal moravam, em diversos cômodos e às vezes num mesmo cômodo, os pais, os tios, os irmãos, as cunhadas etc. Ou então os parentes moravam próximos, no mesmo bairro, na vizinhança. O fato é que a família sempre apareceu como uma forte referência para estas pessoas. Foi difícil deparar com um processo, com a montagem, a criação, da história de uma morte sem a versão dos parentes. Geralmente eles estavam presentes e eram personagens-chave na investigação da autoria do crime.

A análise dos dados da pesquisa não permitiu observar a persistência do modelo de família nuclear. As histórias sempre relataram a presença de diversas personagens, além do marido, da mulher e dos filhos. Os conflitos envolveram tios, genros, cunhados, primos, avós etc. A permanência de fortes laços de parentesco está associada ao papel assistencial da família, que exige a participação do maior número de pessoas. Durham explica:

“(…)as condições gerais do mercado de trabalho tornam o desemprego ou o subemprego uma situação freqüente que constitui uma ameaça constante à sobrevivência da família. É nesse sentido que a existência de um grupo amplo de parentes próximos, pais e irmãos, representa uma condição importante de segurança econômica, pois constitui um apoio seguro nas situações de crise, oferecendo hospedagem, emprestando dinheiro e, principalmente, mobilizando-se para conseguir um emprego.”(1973;191)

Estar fora do mercado formal significa não ter direito à previdência social, ao seguro-desemprego, às garantias, de modo geral, oferecidas pela legislação trabalhista e pelas instituições públicas. A família desponta como o grupo capaz de oferecer uma segurança mínima a estas pessoas.

O papel assistencial contribui para que as relações entre os parentes sejam profundas e intensas, a fim de que os laços sejam acionados em momentos de necessidade. A família é muito importante também no campo afetivo, pois é no grupo que a pessoa experimenta relações de amizade e de solidariedade. Segundo Durham, a unidade familiar “(…) é a única na qual a participação continua a envolver, necessariamente, a totalidade da pessoa.”(idem;189)

Martins aponta a importância do grupo familiar na sociedade brasileira, ao analisar o episódio do envolvimento do presidente da República, Fernando Collor de Melo, em acusações de corrupção.

“(…) Mesmo o favorecimento da própria família do presidente aparecia aos olhos de muitas pessoas como sagrado cumprimento do dever do parente poderoso em relação ao parente sem poder. Certamente foi decisivo para o desencadeamento do processo o fato de que a denúncia tenha sido formulada pelo próprio irmão do presidente. Foi muito decisivo para a aceitação do impedimento e para o não atendimento do apelo presidencial para um maciço apoio popular o fato de que um irmão tenha denunciado outro irmão. Portanto, a credibilidade

da denúncia, para uma parte da população, não decorria simplesmente da conduta precisa e cuidadosa da comissão de inquérito, mas se apoiava na crença de que o vínculo de sangue entre acusador e acusado revestia a denúncia de uma gravidade certamente superior ao que os fatos indicavam, pois decorria da ruptura de um vínculo sagrado.”(1994;45)

O papel central da família na vida das classes populares é percebido também no modo como algumas igrejas trabalham o grupo familiar. O depoimento de uma entrevistada informou que o discurso da igreja evangélica enfatiza o papel da família. Utiliza valores já disseminados entre os populares, buscando uma linguagem comum a fim de conquistar adeptos. Para os fiéis, o discurso evangélico, fortalece os vínculos com o grupo familiar:

P - (...)pode se recuperar, o criminoso?

R - Pode, pedindo ajuda às pessoas, pessoa assim que vai nas igrejas, eles conseguem sim, se pedir, se a família pedir ajuda, que vai pra igreja, às vezes consegue. Que um irmão, hoje ele é pastor, ele contava que ele fez, cê olha assim, nem acredita, entendeu. Mas a mãe dele que sempre tava pedindo a Deus/ hoje ele é liberto, só Deus mesmo, tem que ir na igreja e pedir, ajuda a Deus, à família, sabe, se a família conhece, alguma família tem que pedir ajuda mesmo./ pedir a Deus com fé direto, sem parar, toda hora, cê tá andando, cê tá pedindo a Deus, as mães hoje em dia faz isso, a mãe que tem Deus, ela faz isso/ Foi morto, mas tava morto assim, sabe, mas a mãe dele era evangélica e Deus falou que ia ressuscitar ele, né, ressuscitou mesmo/ sobreviveu com a mãe pedindo a Deus, hoje ele, hoje é liberto/ meu primo, ele foi curado da Aids por causa do quê? Por causa de Deus, né, foi Deus que curou ele./ Pediu ajuda, une a família, faz uma reunião com Deus, Deus cura.

P - Cê acha que a família então é fundamental?

R - Fundamental, se for, se unirem, né, se tiverem porque muitas vezes as pessoas morrem, acontecem as coisas com a pessoa porque não tem uma família, não tem alguém, não tem uma pessoa que ajude, né, aí, ele não tem ninguém, morre mesmo, se acaba, né (...)

A permanência de fortes laços de parentesco, demandando a participação dos vários membros da família, caracteriza estas relações como uma rede. O estudo de Stack com famílias negras pobres americanas revela uma faceta próxima àquilo que se pode encontrar entre as famílias de periferia em São Paulo. Ela argumenta que pesquisas efetuadas sobre este grupo, como o recenseamento, são orientadas por

valores predominantes nas famílias brancas de classe média, cujo modelo é o da família nuclear⁶. Entretanto, o modelo destas famílias negras se aproxima da rede de relações entre os membros e não da família nuclear. Portanto, as pesquisas tendem a mostrar que as famílias negras estão desestruturadas, porque não correspondem à imagem da família nuclear, branca. Não dispõem de uma figura masculina e são lideradas por mulheres, porque os casais se separam freqüentemente⁷. As mulheres assumem a responsabilidade pelos filhos. Segundo Stack, alguns estudos apontam que famílias negras desestruturadas, carentes da figura do pai e chefiadas pelas mulheres são uma das causas da delinqüência juvenil e outros males. Mas Stack critica o fato destes estudos não associarem o modelo de família desestruturada às dificuldades econômicas impostas por uma sociedade racista.

O argumento da autora destaca a estreita relação entre a freqüente separação dos casais e o modo de inserção do homem negro no mercado de trabalho na América, cuja posição difere do homem branco. O tipo de trabalho geralmente destinado ao negro se caracteriza por: baixa qualificação, instabilidade e baixa remuneração. Aspectos que dificultam o homem negro sustentar e manter a sua família.

Stack mostra que as famílias negras constroem arranjos para lidar com as dificuldades resultantes da sociedade racista. O funcionamento da família como uma rede é um desses arranjos. A rede possibilita uma certa reestruturação das famílias carentes da figura do chefe masculino. Na pesquisa de Stack, o grupo estudado reconhece as dificuldades do homem em manter sua mulher e filhos. Portanto as mulheres sabem que têm que expandir o máximo possível a sua rede de parentesco,

⁶ Um processo estudado na pesquisa mostra que a distribuição das pessoas nas casas não segue necessariamente o modelo nuclear, nem sempre filhos moram com os pais: “(...)com a idade de 7 anos, Gilberto passou a morar em companhia da avó, mãe da declarante, tendo em vista ser uma senhora sozinha, residiam no mesmo bairro/ acompanhou a vida de Gilberto até seus 15, 16 anos (...)”

⁷ “(...) Residents in The Flats characterize household composition according to where people sleep, eat, and spend their time. Those who eat together may be considered part of domestic unit. But an individual may eat in one household, sleep in another, contribute resources and services to yet another, and consider himself or herself a member of all three households. Children may fall asleep and remain through the night wherever the late-evening visiting patterns of the adult females take them, and they may remain in these households and share meals perhaps a week at a time. (...) it is sometimes difficult ‘to determine just which household a given

para poder contar com maior possibilidade de ajuda. As mulheres vivem com seus pais e irmãos, que auxiliam no sustento. As dificuldades do homem em manter a sua família se devem também às obrigações que ele tem com os seus pais, as suas irmãs e os sobrinhos. Os pais e os irmãos desempenham o papel atribuído ao marido⁸.

Sarti observa, na periferia de São Paulo, uma realidade próxima da estudada por Stack:

“(...)As famílias pobres dificilmente passam pelos ciclos de desenvolvimento do grupo doméstico, sobretudo pela fase de criação dos filhos, sem rupturas, o que implica em alterações muito freqüentes nas unidades domésticas. As dificuldades enfrentadas para realização dos papéis familiares no núcleo conjugal, diante de uniões instáveis e empregos incertos, levam a desencadearem-se arranjos que envolvem a rede de parentesco como um todo, para viabilizar a existência da família, tal como a concebem.”(idem;81)

O funcionamento da rede familiar foi um dos mais salientes aspectos observados na análise dos dados da pesquisa com os processos. Nas histórias de morte era comum a presença de inúmeros parentes. Muitas vezes, a causa do conflito era uma discussão iniciada entre o marido e a mulher. Esta discussão acabava envolvendo vários parentes e, não raro, o foco das desavenças era transferido para outra pessoa, além do casal. Por isso, houve casos em que o marido brigou com a mulher, mas acabou por matar o irmão da esposa. Numa outra situação, o marido tinha ciúmes da esposa com o genro. Houve briga envolvendo vários parentes. No final, o genro matou o marido da irmã da sua sogra (concuphado do marido ciumento). Também houve outro conflito entre dois irmãos e o resultado da briga foi que um dos irmãos matou a sua própria esposa. Um marido, preocupado com a possível traição

individual belongs to at any particular moment’. These facts of ghetto life are, of course, often disguised in the statistical reports of census takers, who record simply sleeping arrangements.”(1976;116)

⁸ “(...)the jobless man, or the man working at a part-time or seasonal job, after remains living at home with his mother - or, if she is dead, with his sisters and brothers. This pattern continues long after such a man becomes a father and establishes a series of sexual partnerships with women, who are in turn living with their own kin or friends or are alone with their children. A result of this pattern is the striking fact that households almost have men around: male relatives, affines, and boyfriends. These men are often intermittent members of the households, boarders, or friends who come and go - men who usually eat, and sometimes sleep, in the

de sua ex-esposa, ateou fogo na casa em que ela vivia com os pais, irmãos, filhos e sobrinhos e quem morreu foi o pai da ex-esposa. O funcionamento da rede familiar pode ser observado no desempenho do papel assistencial, assim como nas brigas. Um exemplo desta situação foi o caso de um processo em que o pai seqüestrou o filho pequeno, que apareceu morto numa lagoa, dias depois. A relação entre o pai e a mãe da criança sempre fora turbulenta e o depoimento da avó da criança que morreu revelou o envolvimento de outras personagens, além do casal, no conflito:

“(...)quando morava junto com sua filha, era muito violento, tendo agredido várias vezes Cássia, sendo que uma das vezes Cássia quase veio a falecer, em virtude dos ferimentos em seu pescoço, produzidos por cacos de garrafa, nessa época sua filha, seu neto e Pedro moravam na residência da declarante/ a declarante foi ameaçada e seu filho Sérgio também foi vítima de Pedro/ a declarante, quando notou que estava insustentável a convivência com Pedro, convenceu sua filha a mandá-lo embora (...)”

Um pensamento popular diz que “vizinho é o parente mais próximo”, pelo menos nos processos penais foi possível perceber que na periferia a frase parece verdadeira. O processo citado acima também sinalizou a proximidade entre vizinhos. Era comum pessoas serem solicitadas para tarefas desempenhadas por parentes. A vizinha de Cássia foi quem informou sobre o corpo de uma criança, cujas descrições pareciam ser o filho de Cássia e a acompanhou no reconhecimento do corpo:

“mora no local há um ano e 7 meses como inquilina da genitora de Cássia/ Cássia deixou um pacote de leite na casa da depoente, pois não há geladeira na casa dela, dizendo que pegaria no dia seguinte/ algumas vizinhas informaram que haviam encontrado um bebê morto na lagoa Bom Conselho/ e disseram que levaram o corpo para o IML/ no dia seguinte ouviu pelo programa Gil Gomes sobre a criança encontrada morta e com a descrição da camiseta soube que era o Moisés.”

Numa outra história, o marido matou a esposa porque ela queria a separação e dinheiro para construir uma casa e viver com os filhos. A vizinha auxiliou na elucidação do crime. Ela testemunhou: “Nós vamos procurar ela, viva ou morta. Eu

households. Children have constant and close contact with these men, and especially in the case of male relatives, these relationships last over the years. (...)”(idem;119)

disse que ia na rádio Capital ver se achava ela/ eu e o irmão dele falamos com o Gil Gomes e ele disse: por que vocês não foram ao IML localizá-la?/ O Reginaldo era pessoa valente, não deixava nem o menino comer(...)"

Nos processos dificilmente as brigas se restringiam à família nuclear, geralmente convocava-se a presença dos parentes ou dos vizinhos. Este fato impossibilitou a análise das brigas entre os casais pela ótica da violência contra a mulher, porque a violência se apresentou de modo mais amplo. Sem dúvida as mulheres eram vítimas de violência cometida por seus companheiros, mas junto com as mulheres, no mesmo conflito, os irmãos, os pais, os vizinhos, os cunhados, as suas mães e irmãs também foram vítimas da mesma violência. E não raro quem morreu foi um homem, às vezes o marido ou aquele que se envolveu no conflito do casal. A esposa apareceu no processo como testemunha.

A rede familiar é explicada por Sarti: "A família pobre não se constitui como um núcleo, mas como uma rede, com ramificações que envolvem a rede de parentesco como um todo, configurando uma trama de obrigações morais que enreda, num duplo sentido, ao dificultar a individualização e, ao mesmo tempo, viabilizar a existência dos indivíduos enquanto apoio e sustentação básicos."(idem;89)

Esta trama de obrigações morais, citada por Sarti, revelou-se nas histórias relatadas nos processos, desnudando as redes de relações, a sociabilidade, os valores e as representações na família, presentes nos conflitos.

Os valores e as representações nas famílias trabalhadoras, sem dúvida, são influenciados pelos valores da sociedade mais ampla, pelo modo como ela está estruturada. Mas os valores da sociedade mais ampla são elaborados pelos populares, que infundem peculiaridades na maneira de experimentá-los.

Um exemplo é o valor do trabalho. A sociedade, o mercado, imprime destaque especial ao trabalho. A importância da figura do trabalhador, o bom desempenho profissional, a necessidade da pessoa se incluir no mercado de trabalho são expectativas atribuídas a todas as classes sociais. Observou-se a positividade do trabalho nos processos. Durante os interrogatórios era comum o juiz

ou o promotor perguntar se o réu ou a vítima eram trabalhadores. Quando estes operadores questionaram sobre a vida profissional dos atores nos autos, eles reproduziram as expectativas da sociedade sobre o trabalho. Para juízes e promotores, o não desempenho do papel de trabalhador era um elemento a ser empregado na estigmatização do réu ou da vítima. O advogado, bom conhecedor das regras do jogo da justiça, utilizou a vida profissional de seus clientes como elemento para lhes obter prestígio. Nos processos em que o réu contratou um advogado⁹ era comum o defensor recolher vários depoimentos de vizinhos, amigos, familiares etc. afirmando ser o réu pessoa trabalhadora. O depoimento do empregador exemplifica o argumento: “O réu é funcionário do depoente há cinco anos e é um dos melhores funcionários, nunca tendo faltado. O réu, dentro da empresa, tem uma conduta impecável, inclusive tendo progredido de cargo./ O depoente arrumou um advogado para que o réu se apresentasse à polícia”. Este testemunho qualificou o réu não apenas como cumpridor do papel de trabalhador, mas dedicado para ascender na empresa e merecedor da confiança do patrão. O bom desempenho profissional por si só não absolveu nenhum réu. Mas pode ser somado a outros elementos positivos para seu prestígio. Nos casos em que a figura da vítima pode ser estigmatizada, a construção da figura prestigiosa do réu contribuiu para uma absolvição.

Se o discurso de juízes, promotores e advogados reproduziu o valor do trabalho, o depoimento dos vizinhos, amigos e familiares, testemunhando o réu ou a vítima como trabalhador, não foi vazio de sentido. Para as classes populares o trabalho tem um significado especial. Para elas o trabalho é o fundamento que as separa do mundo do crime. Se o crime é o estigma, o trabalho é o prestígio. O valor do trabalho, para as classes populares, aproxima-se do discurso da sociedade mais ampla, apresentado pelos operadores do direito. Mas o modo como os populares se apropriam do valor trabalho apresenta algumas características próprias, diferentes dos estratos médios.

⁹ A defesa do réu, quando ele contrata um advogado, costuma ser diferente dos casos em que ele é defendido por um procurador ou um profissional indicado pelo juiz. O contratado geralmente se preocupa em apresentar

Um dos principais aspectos das classes populares sobre o valor do trabalho, que diverge dos estratos médios, é a estreita relação que os populares estabelecem entre trabalho e família. Entre as camadas médias enfatiza-se o individualismo. O trabalho faz sentido em si mesmo, a ascensão profissional e os rendimentos têm significado positivo para o próprio profissional como reconhecimento ao esforço empreendido. Entre os populares a positividade do trabalho é experimentada junto ao grupo familiar. A importância da figura do trabalhador e da remuneração ganha sentido quando é compartilhada com os membros do grupo familiar. Sarti explica o significado do trabalho aqui: “O trabalho é o instrumento que viabiliza a vida familiar. Trabalhar para si aparece, tanto para o homem como para a mulher, como uma atividade sem razão de ser. O trabalho, para ambos, é concebido como parte complementar das atribuições familiares, dentro da lógica de obrigações que caracteriza as relações na família. (...)”(idem;132). A autora ainda prossegue: “Sem a família, os rendimentos do trabalho masculino desperdiçam-se naquilo que não leva a nada. Sem os papéis familiares que conferem sentido ao desempenho masculino no mundo do trabalho, a própria atividade de trabalhar não faz sentido”.(idem;111)

As estreitas relações entre o trabalho e o grupo familiar podem ser percebidas nos planos de ascensão econômica, que, como revela Sarti, não são concebidos por critérios individualistas: “(...) os projetos, onde a idéia de melhorar de vida está sempre presente, são formulados como projetos familiares. Melhorar de vida é ver a família progredir. O trabalho é concebido dentro desta lógica familiar, constituindo o instrumento que viabiliza o projeto familiar e não individual, embora esta atividade seja realizada individualmente.”(idem;113) Durham apresenta as expectativas com a ascensão:

“A possibilidade de ascensão de um membro da família representa uma melhoria no nível de vida de todos, na medida em que se conserva a unidade do grupo doméstico. Mas, mesmo com a fragmentação decorrente do casamento dos filhos, a família espera beneficiar-se da ascensão ocupacional de um dos seus membros através da tendência de concentrar nos

mais elementos positivos para a absolvição do seu cliente.

empregos mais produtivos a maior parte da mão-de-obra familiar. Um parente bem colocado é sempre considerado uma agência de empregos. Representa uma cabeça-de-pontes através da qual os parentes se informam da existência de melhores oportunidades de colocação, da natureza dessas oportunidades do modo de disputá-los.”(idem;210)

Durham explica a importância dos parentes na colocação no mercado e as consequências negativas para aqueles que não contam com o apoio do grupo familiar. A autora se refere principalmente ao homem com baixa remuneração e dificuldade em estabelecer família:

“(…) Reciprocamente, o isolamento do migrante em relação à família imediata (de origem ou de procriação), privando-o do estímulo, do controle e do apoio inerente às responsabilidades criadas pela participação no grupo doméstico, parece ser um fator que contribui para a perpetuação de uma marginalização social. A remuneração insuficiente para prover a subsistência de família, pode ser suficiente para a aquisição de objetos de consumo conspícuo, permitindo ao mesmo tempo lazeres prolongados que são dedicados à busca de divertimentos e às conquistas amorosas. A importância que assume o lazer dificulta a passagem para as ocupações regulares e mais produtivas e impede a aquisição de qualquer qualificação, excluindo o migrante dos sistemas econômicos mais produtivos e condenando-o a uma marginalização permanente. (...)”(idem;190)

Trabalho e família se completam, assim como os papéis atribuídos aos diversos membros do grupo. No caso das famílias populares, homens e mulheres têm papéis complementares, o desempenho de cada um contribuiu para a permanência do grupo como uma rede. As mulheres são responsáveis pela casa, pela organização e funcionamento do lar, e os homens administram a família e os contatos dos membros do grupo com o mundo externo.

À mulher cabe o desempenho da função de dona-de-casa. O espaço da casa é da mulher e é no exercício desta função que ela constrói a sua identidade e conquista o **status** de uma mulher de respeito. O não cumprimento do papel de dona-de-casa torna a mulher alvo de críticas e responsável por conflitos que possam ocorrer na vida do casal. Ao homem cabe o papel de provedor, ele se coloca no mercado e é responsável pelo sustento e respeitabilidade da família.

A importância atribuída ao desempenho do papel de complementaridade entre os sexos pode ser observada em uma das histórias de morte. Um jovem casal morava com os pais da esposa, o jovem esposo bebera demais e iniciou conflito com a jovem esposa. O pai dela, preocupado com o acirramento da discussão resolveu intervir, mas não conseguiu finalizar o conflito. Apelou então para a intervenção de um inquilino seu, que morava no mesmo quintal, houve briga e o jovem esposo foi morto a pauladas. A mãe do jovem esposo acusou quais seriam as causas da discussão inicial entre o casal: “Ele comentava que a sogra entrava sempre no casamento dos dois. O motivo da briga deles era sempre porque quando chegava do trabalho, não tinha comida pronta para ele, quando ele queria roupa lavada, não tinha. Ela judiava muito do meu menino.” A nora foi responsabilizada pelas brigas do casal, que levaram o filho à morte. Segundo a mãe, enquanto o filho cumpriu o papel de provedor, trabalhando, a nora não correspondeu às expectativas atribuídas à mulher: cuidar dos serviços da casa (lavar, passar, cozinhar). Entretanto, a mãe não acrescentou no seu testemunho que o seu filho não conseguiu oferecer à esposa uma casa, em que ela pudesse desenvolver as atividades de dona-de-casa. Evitando entrar em conflito com a sua própria mãe, a verdadeira dona-de-casa onde o jovem casal morava. E este pequeno “detalhe” talvez tenha sido decisivo para que o filho terminasse personagem vítima de homicídio.

Quem casa quer casa. Mas na periferia nem sempre é fácil um jovem casal conseguir montar a sua própria casa logo no início da união. A casa dos pais do casal geralmente surge como a principal opção para os primeiros anos. Certamente não é a opção desejada, mas a possível. Os problemas podem surgir, principalmente quando um dos pares do jovem casal não se empenha na atuação do papel social atribuído. Provavelmente a sogra será crítica com o desempenho de dona de casa da nora e o sogro com o desempenho de provedor do genro. Algumas das histórias dos processos apontaram o problema. Em um deles o casal nem mesmo vivia junto, o rapaz reclamou da situação: “(...) o relacionamento do declarante com Lurdes não tem estado bom em virtude de dificuldades financeiras enfrentadas pelo casal. Atualmente o declarante reside na casa dos avós, ao passo

que Lurdes e a filha de três meses se encontram na casa de Nilce” (mãe de Lurdes). Em outra história, o jovem casal vivia com os pais da jovem esposa. O pai dela não gostava do genro e sempre discutia, até que em uma dessas discussões, o concunhado do pai da jovem entrevistou e foi morto pelo jovem genro. O sogro testemunhou sobre o jovem genro:

“Eu não gosto dele porque ele pegou e colocou minha filha na casa dos outros, depois chegou e colocou minha filha de volta na minha casa. Jogou nas minhas costas./ Ele tinha que alugar uma casa, porque a pessoa que casa quer casa. Não é que tinha raiva, acho que tinha que ser certo. A gente trabalhando para manter todos lá./ Ele fala que é policial, depois fala que é segurança, daqui a pouco trabalha de marceneiro, só que a gente fica em dúvida, porque não tem aquela coisa certa”.

O genro não ofereceu à sua filha uma casa, como ele ofereceu para sua esposa. O pai da jovem esposa ainda ficava muito incomodado com a incerteza da vida profissional do genro. Em outra história, a mulher de uma vítima de homicídio, conhecido como bandido da favela, reclamou do fato dela trabalhar e o marido não: “(...) não gostava de trabalho, estava sempre no bar bebendo, jogando/ há 11 anos que eu vivia com ele, eu sei que trabalhava, ele ficava em casa sem trabalhar/ quando morreu, estava há mais seis meses desempregado.”

As dificuldades dos homens na periferia em corresponder ao papel de provedor são imensas, devido o modo de inserção das classes populares no mercado. Este fato, apesar de corriqueiro, termina por desencadear vários problemas no grupo familiar. A entrada da mulher casada no mercado tem significado diferente dos estratos médios. Dificilmente elas buscam a realização profissional. Em situações de crises econômicas, elas auxiliam a manutenção do grupo, mas provavelmente haverá problemas no desempenho do papel de dona-de-casa. Diminui o tempo disponível para a administração da casa e o cuidado com os filhos e possivelmente afeta a qualidade dos serviços domésticos realizados. A questão é que a avaliação do comportamento feminino não considera a atuação no mercado de trabalho, mas o desempenho como dona-de-casa, o cuidado com o marido e a educação dos filhos. Uma história de um marido ciumento que matou a

mulher porque estava com raiva dela, por decidir se separar dele, teve o depoimento da vizinha. Ela era amiga da esposa assassinada e ficou indignada com o crime. Um dos argumentos que ela utilizou para defender a amiga contra o crime praticado pelo marido foi exatamente o cumprimento da função de dona-de-casa: "(...) O Reginaldo era pessoa valente / Joana era caseira e honesta, não trabalhava fora, só em casa/ não era mulher de ficar em portão."

Sobre as conseqüências do não cumprimento do papel de provedor, pelo homem, e a inevitável inserção da mulher no mercado, Sarti observa:

"As expectativas frustradas instauram um mecanismo, do qual os homens e as mulheres são cúmplices sem o saber necessariamente, que reitera as atribuições masculinas e femininas, ainda que dificilmente sejam cumpridas nos arranjos cotidianos. Ambos, homens e mulheres, acabam enredados neste emaranhado de expectativas que não conseguem responder. Ele, fracassado, tem no alcoolismo o desafogo a seu alcance e ela se frustra por não poder ter o homem e a situação familiar esperados. Diante do homem que representa a autoridade e que não cumpre o papel esperado - infiel, que bebe, que não traz dinheiro para casa -, a mulher acaba tendo um acentuado papel ativo nas decisões familiares, sem que, no sentido inverso, o homem tenha modificado seus papéis familiares. Diante dele, que socialmente tem sobre ela uma autoridade que não se justifica a seus dhos, ela exhibe sua disposição de se virar, de não precisar mais dele, como uma vingança, reiterando o fracasso dele e a frustração de ambos."(idem;91)

O fracasso do homem como provedor atinge toda a família, pois o respeito do grupo familiar está relacionado ao desempenho de chefe provedor do homem. Por outro lado, juntamente com o bom desempenho de dona-de-casa, a moral é um atributo fundamental para a construção da imagem de uma boa mulher. O comportamento moral da mulher é variável considerada no julgamento do caráter feminino. Porque o comportamento moral da mulher constrói não apenas a imagem feminina, mas também a do seu parceiro, a identidade de homem dentro do grupo social. A dúvida sobre a moral da mulher pode ser um estigma para o seu parceiro, colocando sua honra em questão. Eram comuns os casos de homicídio cujas causas era o comportamento moral da mulher. Uma história em que o companheiro matou a

amásia, o réu explicou que o comportamento duvidoso da amásia foi a causa da briga que desencadeou o crime:

“O interrogando solicitou a Lúcia que fosse ficar na residência de sua amiga Marlene/ o interrogando se dirigiu até a casa de Marlene no intuito de encontrar Lúcia, quando soube que a mesma ali não esteve, momento em que, do local em que se encontrava, pode ver Lúcia saindo da casa de Edson, amigo do casal. Indignado com tal atitude, teve uma discussão ali mesmo, na rua, onde o interrogando dizia que Lúcia não deveria ter mentido/ passaram então a discutir em um dos cômodos.”

A mãe do réu legitimou a atitude do filho: “(...) estava brigando com a amásia porque ela tinha saído, dizendo que iria à casa de uma amiga e, quando foi procurá-la, lá não a encontrara/ mentindo para ele.” Ainda uma outra história, em que o marido teve problemas de saúde, que lhe causaram a invalidez. A esposa passou então a trabalhar e a se envolver com outro homem, o que feriu profundamente os sentimentos do marido doente. No depoimento, ele relatou como matou sua esposa e por quê:

“Aconteceu que há dias que vivia assim e ela aproveitou que eu estava doente e quando cheguei do hospital, de uns tempos para cá, ela regenerou e arrumou serviço de escolher plásticos e lá trabalhava tudo junto, homem e mulher e ela trabalhou um mês. Nós mudamos para lá, ela pegou amizade com o pessoal e ela começou a sair com um deles/ eu fiquei quieto, que eu estava de cama e não podia levantar, não saía para lugar nenhum/ escutei bater na porta de saída da cozinha e ela foi lá e abriu a porta, que estava fechada, eu deitado lá, escutei lá conversando. Escutei uma voz diferente falando com ela e eu saí me arrastando da cama e puxei a porta um pouco/ marcando encontro pro domingo às 4 ou 5hs, marcaram o lugar e se beijaram/ ele foi embora, eu olhei e fiquei quieto. No domingo, deu a hora do almoço, ela deu comida pras crianças e escutei ela dizer para as crianças: vocês ficam com o pai. Era uma hora da tarde, ela disse: vou trocar de roupa e vou na casa da Santa (que é cunhada dela), vou chegar lá pelas 7hs./ Eu digo: você não vai. Ela disse, vou. Então ela saiu, entrou no quarto e trocou de roupa, quando veio trocada, estava com uma blusa toda bordada na frente/ você não vai sair/ só porque você deu esta blusa/ rasgou toda a blusa e foi pôr outra/ você não vai sair, eu vou levantar, você vai ver/ então venha, seu como, viado, você sendo corneado/a faca estava em cima da mesa, eu peguei a faca, pegou nela/ se eu tiver que pagar, eu pago aqui mesmo e eu tenho consciência limpa, que ela merece e mereceu/”

O comportamento moral da mulher diz respeito não apenas ao seu homem, mas à família, de modo geral. Nesse sentido, Pitt Rivers explica:

“(…) En consecuencia, en su aspecto de equivalente a vergüenza, el núcleo familiar comparte un honor común. No es sólo que los hijos hereden la vergüenza, sino que su propia conducta recae sobre la de sus padres. La pureza de la hija refleja la de la madre, y, por igualmente alcanzados por el deshonor de cualquier miembro de la familia. Ello, el honor del padre. Sus hermanos, partícipes de la herencia común, quedan igualmente alcanzados por el deshonor de cualquier miembro de la familia.”(1968;52)

Na medida em que a família está constituída como uma rede, parece compreensível que o comportamento moral de seus membros repercuta na imagem dos parentes em geral. Um processo, já citado acima, em que um jovem casal morava na casa dos pais da jovem esposa, ilustrou a honra feminina como um patrimônio a ser preservado pelo grupo familiar, como um todo. O pai da moça não gostava do genro, cuja vida profissional era bastante instável. O pai da moça também tinha ciúmes de sua esposa e se incomodava com a proximidade do genro e sua esposa. Um final de semana, os pais da moça receberam a visita da irmã da mãe da moça e seu marido. O pai da moça conversou muito com o seu concunhado e contou que o genro estava se envolvendo sexualmente com a esposa dele (com a sogra, mãe da jovem esposa). O concunhado do pai da moça ficou enfurecido com a história e se sentiu na obrigação de defender a honra de sua cunhada. Ele discutiu e acabou sendo morto pelo jovem. A jovem esposa testemunhou: “Foi mais problema de família/ acho que ele se doeu pela família e foi tirar satisfação com meu marido”. A esposa da vítima também depôs: “(...)não sei o que o meu cunhado falou para o Edson, que ele falou ‘não gosto de confusão, vim aqui passar o dia com vocês, não vim atrás de confusão, vocês não vão aproveitar de minha cunhada’”. Os depoimentos mostram que Edson se sentiu atingido com o ataque à honra da irmã de sua esposa, mesmo ela sendo casada e com marido para lhe defender.

Nos crimes de honra, em que o marido matou a esposa por alguma traição, o fato de a traição haver se tornado pública agravou o sentimento de vergonha do marido traído. Isso pode ser observado no depoimento do marido que ateou fogo na

casa em que a ex-esposa estava vivendo com os pais dela. Em depoimento, ele contou: “Eu falei, Sr. José (sogro dele), é o seguinte, não vai dar porque eu fiquei sabendo através de comentários numa festa de amigos que a Célia há um tempo atrás, quando eu estava construindo minha casa em Cipó, ela ficou sozinha e aí fiquei sabendo que meu terceiro filho, o Naldo, não era meu filho.” O depoimento do dono do bar revelou que, no bairro, a moral de Célia era tema de conversa e, conseqüentemente, a identidade de seu marido estava ameaçada perante seus pares: “(...)realmente no bar, as pessoas comentavam que o réu foi traído pela mulher.”

As dificuldades econômicas enfrentadas pelos populares é um dos fatores que influencia a instabilidade dos casais. E a presença dos filhos das uniões anteriores pode ser uma ameaça para a afirmação da identidade do esposo recente. Pois as crianças são a lembrança da existência de uma outra presença masculina, que pode ressurgir a qualquer momento e disputar o lugar com o atual esposo. Colocando a honra da mulher e a de seu atual companheiro em perigo. Este tipo de conflito pode ser ilustrado pelo depoimento de um processo em que o atual companheiro da mulher matou o anterior por ciúmes de uma filha. Como a criança do relacionamento anterior da mulher era muito pequena, o atual companheiro queria registrar a menina em seu nome, daí tiveram início as discussões:

Francisco: “(...)Há 3 meses atrás o interrogando ficou conhecendo Luzia, com quem passou a manter relacionamento amoroso. Antes de conhecer o interrogando, Luzia fora amante de um indivíduo de nome Jorge, com quem tivera uma filha. Luzia, antes de ser amante de Jorge, fora casada regularmente, sendo atualmente desquitada. No primeiro casamento, Luzia tivera uma filha e, com Jorge, outra. O interrogando pretendia registrar a filha de Jorge como sua/ Encontrara em sua casa, ou seja, na de Luzia, quando ali entrou Jorge, invadindo a residência, indo encontrar o interrogando na área do banheiro, ameaçando o interrogando com palavras ‘você é quem sabe, sua cabeça é seu mestre’/ efetuou disparo.

Luzia: A depoente é desquitada de seu primeiro marido há quase 4 anos. Após a separação do casal, passados 3 anos, conheceu um indivíduo apenas pelo nome de Jorge, com quem manteve relações por cerca de quase 1 ano. Há 5 meses atrás, Jorge disse à depoente que não poderia mais manter com ela qualquer tipo de relação. Por volta de 20 de junho do corrente ano, a depoente conheceu o indivíduo Francisco, com quem passou a ter

relações amorosas. Após a separação de Jorge, este ainda uma vez por semana freqüentava a casa da depoente, apenas com a finalidade de ver a filha, sem qualquer outra relação que o ligasse à depoente. Este fato despertou ciúmes de Francisco, que já conhecia Jorge, antes de conhecer a depoente./ a depoente foi até a sub-prefeitura de Santo Amaro, a fim de retirar os tickets de fornecimento de leite, quando estava na fila foi procurada por Jorge que lhe perguntou se a mesma concordara com que Francisco registrasse a filha da depoente e dele, Jorge, em nome de Francisco. Respondendo a depoente que não tinha conhecimento de nada. Nesse momento, Francisco disse a Jorge que fosse até a casa da depoente para acertar o problema do registro da menina/ opinando a depoente pelo não registro da menina em nome de Francisco, até que a situação entre ambos se definisse. (...)"

O trágico desenlace desta história se deve ao fato de que a identidade moral dos dois homens envolvidos estava ameaçada. Se Jorge permitisse que o atual companheiro registrasse a filha, sua moral masculina poderia ser contestada. Porque o poder de outro homem foi maior que o dele, a ponto de assumir publicamente a paternidade da filha que era dele. Por outro lado, a masculinidade de Francisco poderia ser contestada porque um outro homem freqüentava a sua casa e se aproximava de sua mulher. Num contexto em que a preocupação com a honra é de grande valor, este era um conflito de difícil negociação. A este respeito, Pitt-Rivers esclarece a importância da imagem de bom desempenho sexual do homem na construção da identidade masculina: "(...)el adulterio de ella representa no sólo una infracción de los derechos de él, sino la demostración de que ha faltado a su deber. (...) La responsabilidad del él, no del adúltero, porque éste no hizo sino comportarse de acuerdo con su naturaleza de macho (...)"(idem;45)

Os papéis atribuídos a homens e mulheres reforçam a dependência entre os sexos, tornando-os complementares, de maneira que a mulher precisa do homem para desempenhar o papel que lhe é atribuído da mesma forma que o homem necessita da presença feminina para o seu desempenho.

Sarti explica que o principal papel do homem não é o de provedor, mas o de intermediário entre a família e o mundo externo, é nisso que se apoia a sua respeitabilidade. O mundo da casa é da mulher. As relações experimentadas fora do espaço da casa exigem a presença de um representante do sexo masculino. O

homem é que negocia com o mundo externo. De modo geral, na periferia, a interlocução no mundo externo dificilmente pode ser realizada pela mulher. Afinal, os papéis atribuídos a homens e mulheres se caracterizam pela complementaridade e não pela equivalência. Neste caso, mesmo quando o marido fracassa como provedor, a sua presença permanece importante para a família. Pois ele mantém a função de efetuar a mediação com o mundo externo.

A autora aponta que esta mediação exige uma presença masculina, mas não necessariamente precisa ser o marido. Esta função pode ser desempenhada por qualquer homem disponível: pai, irmão, namorado, primo, vizinho, cunhado etc. Por isso, mulheres que tenham perdido seus maridos e respondem pelo sustento da casa e da família, mesmo assim continuam necessitando de uma figura masculina que faça a mediação. Daí, a autoridade não provém apenas do dinheiro, mas de uma série de atributos para além da questão econômica. Fonseca exemplifica a importância da figura masculina para a garantia do grupo familiar:

“Na Vila, cada casa deve prover sua própria segurança. O roubo e o arrombamento não são incomuns. Se bem que as mulheres possam às vezes recorrer à polícia para arbitrar uma disputa conjugal, meus interlocutores foram unânimes em declarar que só um suicida ousaria dar queixa contra os ‘maconheiros’, do lugar. Em tais circunstâncias, um homem em casa, especialmente se ele é parrudo, pode ser extremamente útil para prevenir agressões. (...)”(1987;98)

A possibilidade de acionar outras figuras masculinas, não apenas a conjugal, reforça a característica de rede do grupo familiar. Entre as figuras masculinas de principal destaque estão os filhos mais velhos, que costumam herdar o lugar ocupado pelo pai, no cuidado com a mãe e as irmãs. Nos processos foi possível observar a intervenção de figuras masculinas da rede familiar em casos em que a segurança da mulher era ameaçada pelo companheiro. Em situações perigosas, elas demandaram a presença de pais e irmãos.

Um caso em que a esposa sofria maltratos do companheiro, ela contou com o auxílio dos pais e irmãos e voltou a viver com eles, abandonando o esposo. O marido não gostou da mulher voltar para casa dos pais e por isso sempre provocava

situações de conflito. Em uma das ocasiões, ele ateou fogo na casa, o que causou graves queimaduras no pai da ex-esposa, que morreu. A irmã contou sobre a briga:

“Eu vi meu cunhado batendo no meu irmão/ porque ele começou batendo no meu pai, aí o meu irmão lógico que não ia deixar, aí ele falou: pára com isso/ aí ele puxou o meu pai para dentro de casa, para ele ficar quietinho no lugar dele. Meu cunhado veio com uma garrafa de cerveja para atacar na minha irmã./ pegar no pescoço, aí todo mundo da rua mandava ele para fora do quintal, aí tudo bem/ Pra mim, eu acho que ele fez isso porque meu pai deixou minha irmã morar lá e os filhos dele, acho que ele não achou isso justo/ (Ele queria que a sua irmã voltasse a morar com ele?) Ele queria, mas ela não quis, porque ele batia nela. Ela trabalhava e ele falava para ela que ia atrás de homem.”

Num outro caso, o irmão tentou ajudar sua irmã a recuperar a guarda do filho, que estava com o ex-companheiro. Os cunhados discutiram e o ex-companheiro foi morto pelo cunhado:

“(…)há questão de dois anos atrás, Delei flagrou-a com Edmílson em um ponto de ônibus, tendo também conhecimento que a declarante tinha encontros amorosos com Edmílson em sua residência, diante destes fatos, Delei não quis mais saber da declarante e disse para mesma ir para casa de parentes dela e que a criança iria ficar em sua guarda/ procurou entrar em juízo para obter a guarda da criança, mas o juiz deu a guarda a Delei. Desde a separação, a declarante alega que não ter visto seu filho, inclusive disse que iria reaver a guarda de seu filho, nem que tivesse que mandar matar Delei/ Seu irmão, José, disse-lhe que iria no Grajaú cortar cabelo/ encontrou Delei, o qual lhe convidou para ir à casa de Luzinete/ foram a um bar/ começaram a discutir por causa da guarda de Tim, ocasião em que Delei lhe agrediu com um pedaço de pau/”

Em um processo, o marido tinha o hábito de agredir sua esposa. Ela apelava para a defesa do irmão. Em uma dessas discussões, o marido esfaqueou o cunhado e foi processado por tentativa de homicídio. Em seu depoimento, o réu reclamou da presença constante do cunhado, defendendo a irmã:

“(…) encontrou além de sua esposa, seu cunhado João e Flora, sua cunhada, não gostou de encontrá-los na residência, só porque havia tido uma discussão com a esposa na noite anterior, ela não devia tê-los chamado.”

“(…) costumava brigar muito com sua esposa/ sendo que todas as vezes, ela ligava para o irmão e ele vinha tomar satisfações com o interrogando (...)”

Em seu estudo sobre migração, Durham aponta a importância da relação entre irmãos:

“As relações de parentesco mais importantes, isto é, aquelas que levam à formação de unidades relativamente estáveis de cooperação e auxílio mútuo, mais amplas que o grupo doméstico, são as relações entre irmãos. Nesse sentido, o grupo de parentesco é bastante restrito e representa a conservação dos laços criados na família de origem, após a constituição de uma família de procriação. Na verdade, todo o processo de migração sucessiva de parentes se apresenta, fundamentalmente, como a tentativa de reconstituição de um grupo de irmãos. (...)”(idem;198)

A intervenção dos irmãos se dá, muitas vezes, em defesa da honra da irmã, ameaçada por causa de um homem. Isto pode ser observado nos depoimentos de um processo em que Ivan foi morto por um bandido da favela. Os depoimentos da mãe de Ivan e de seu cunhado, Paulo, apresentados aqui, não relataram a morte da vítima, mas o conflito entre Ivan e o cunhado por causa da irmã de Ivan:

“Seu filho Ivan, desde que tomou conhecimento que sua irmã, Lourdes, vinha sofrendo maus-tratos por parte de seu companheiro Paulo, não conversou mais com ele/ surpreendeu batendo em sua irmã no meio da rua/ separou-se/ ontem Paulo esteve em frente a sua residência, chamando sua ex-companheira Lourdes, armado de revólver/ disse que jogaria Lourdes e a criança na represa, pois desejava que ela voltasse a viver em sua companhia/ Toma conhecimento neste momento da existência do B.O., em que seu filho compareceu dia 7.out.90 para comunicar dano e ameaça de morte sofrida por parte de Paulo.”

Paulo: Ivan não gostava muito do declarante pelo fato de ter engravidado sua irmã, muito embora tenha conversado muitas vezes com o mesmo”

Um outro caso mostrou o envolvimento do pai, que se sentiu atingido com a gravidez da filha ainda jovem e os constantes maltratos do genro contra sua filha. O pai acolheu a filha de volta em sua casa. O que incomodou muito o genro. A mãe da garota contou:

“Acontece o seguinte, a minha filha engravidou com 13 para 15 anos. Ele engravidou ela e meu esposo sempre ficou revoltado. Casaram, mas brigaram muito. Ela trabalhava e quando ela chegava, ele falava que ela estava fazendo coisa errada/ Quando ela tinha 16, se

separaram/ depois tornou a separar./ Ela ia trabalhar e ele não deixava ela dormir na cama, além de trabalhar o dia todo, ela tinha que dormir na cadeira. Aí ela falou que cansou, além de dormir na cadeira, ela ainda apanhava.”

Em complementação ao papel dos homens, de mediação com o mundo externo, as mulheres são as responsáveis pela administração das relações no mundo privado, com os parentes, vizinhos e amigos. A tarefa feminina não é, de forma alguma, menos importante que àquela destinada aos homens. Pois, em situações dilemáticas, em que é necessário acionar a rede de parentesco e afins, o empenho feminino em cultivar estes laços certamente influencia o tipo de resposta oferecida.

Fonseca aponta também outros serviços que a mulher pode oferecer aos homens da família: o cuidado com pai e irmãos, fornecendo abrigo, dinheiro e tarefas femininas em geral. Mas a autora enfatiza que uma das principais funções da mulher para os homens de sua família é o apoio moral.:

“O apoio moral é de suma importância, e tipifica o discurso de mulheres sobre seus consangüíneos. A mãe de um adolescente morto numa briga local, glorificava a memória de seu filho. (...) A mãe do assassino, por sua vez, descrevia o crime como ‘aquele acidente que meu filho teve’. Pagava uma fortuna em despesas legais para inocentar seu filho, e espalhava a fofoca de que o crime não era culpa dele, mas sim do caráter ‘briguento’ da vítima e da sua família (...)”(idem;99)

A colocação de Fonseca é bastante apropriada, principalmente neste trabalho. Porque, afinal, a maior parte dos discursos apresentada nas histórias dos processos se encaixou dentro deste apoio moral. Foi a maneira como muitas mulheres renderam homenagem aos seus homens.

Um tema que não pode deixar de ser abordado na discussão sobre a família é a agressão dos homens contra as suas mulheres. Foi muito comum nos processos o relato de que as mulheres eram vítimas de companheiros.

Geralda: Daniel sempre foi muito agressivo com sua irmã/ já morou com o casal, vendo sempre as agressões sofridas.

Maria José: relacionamento entre Norival e sua irmã era péssimo. Norival constantemente agredia sua irmã/ Estes procedimentos eram do conhecimento de todas as testemunhas/ esta

intenção já vinha se manifestando há vários anos, inclusive na casa da própria depoente, há dois natais anteriores (...)

Rute: Nesse dia, meu marido estava sentado numa cadeira, tomando cerveja e o réu, que era meu genro, jogou cerveja na cara dele, aí ele se revoltou e foi ligar para a polícia. Sempre eles discutiam, ele judiava muito da minha filha.

José Reginaldo: seus pais nunca viveram harmonicamente, eram constantes as brigas entre eles, sua mãe queria se separar por ele ser muito ciumento e que eram constantes os espancamentos/

Mas um fato interessante a ser observado na agressão às mulheres é que nem sempre ela é percebida como violência. As pessoas, nos processos, atribuíram valores diferentes à violência experimentada entre os membros de uma família e a violência da rua, relacionada a bandidos. Até mesmo em alguns casos em que a morte foi o desfecho. O fato de um homem agredir com freqüência a sua esposa pode transformá-lo em um personagem violento aos olhos da justiça. Mas, na comunidade onde o casal residia, este homem não necessariamente era percebido como violento pelo mesmo fato. Era comum encontrar processos que envolviam homens com histórico de passagem pela polícia por agressão física. Mas o valor de um B.O. sobre agressão física não era o mesmo para as agências estatais e para as pessoas que experimentaram a agressão.

Uma entrevistada explicou que às vezes a pessoa mata sem querer ou por safadeza. Safadeza, para ela, eram os casos em que se mata pai de família. Já o homicídio sem querer, ela explicou:

“(...)às vezes eles matam uma pessoa não é porque quer não, às vezes só provoca e mata, por besteira, mas é a hora que a pessoa tá com uma raiva, é, onde eu morei, um homem matou um por causa de uma pipoca, tava comendo a pipoca, sabe, o outro chegou e colocou um coisa de cigarro desse, colocou, fumou e jogou dentro, aí ele teve nervoso, matou o homem na hora, matou, é o que, a pessoa fala, ah, é por causa de uma pipoca, não, é por causa do nervoso, né (...)”

Na explicação desta entrevistada, a morte sem querer não necessariamente é uma violência. Este raciocínio parece se aproximar do modo como é percebida a

agressão às mulheres. Talvez a pista para se compreender diferentes valores sobre a violência, a de bandidos e as agressões não relacionadas ao mundo do crime, que não raro também causam a morte, seja a reflexão de Costa. Para o autor, a agressão não está associada ao desejo de destruir o outro: “(...)Quando a ação agressiva é pura expressão do instinto ou quando não exprime um desejo de destruição, não é traduzida nem pelo sujeito, nem pelo agente, nem pelo observador como uma ação violenta.(...)”(1986;32) O autor prossegue:

“(...) Bettlheim, em seu ensaio sobre as ‘Feridas Simbólicas’, mostra com extrema acuidade a diferença entre agressividade e violência (...) só há violência quando o sujeito que sofre a ação agressiva sente no agente da ação um desejo de destruição. Analisando a prática de rituais extremamente truculentos aos nossos olhos (...) Durkheim (...) Definindo estas cerimônias como ‘cruéis’, em vez de dolorosas, abandona o quadro de referência das pessoas que a praticam. Poderosas são, sem dúvida, e provavelmente também dolorosas, mas nada do que as pessoas dizem ou fazem nos permite concluir que experimentam estes rituais como cruéis.(...)”(idem)

A diferença entre agressão e violência permite compreender porque parece haver maior tolerância com as agressões que ocorrem dentro de casa do que nos crimes de bandidos. Afinal, esta agressão em casa fere as pessoas e levam à morte do mesmo modo que àquela patrocinada por bandidos. Mas, mesmo quando machuca, nem sempre se percebe a intenção de destruição por parte do agressor. O caso da pipoca, citado pela entrevistada, exemplificou. A pessoa não tinha intenção de matar, mas o nervoso levou a isso. Não houve intenção de destruir o oponente. Nos casos de agressão pelo marido, as mulheres relataram a agressão, mas nem por isso testemunharam contra os companheiros, mas em sua defesa. Em um processo, cuja história já foi citada, o casal brigou e o pai da moça pediu ajuda ao vizinho para tentar intervir e finalizar a discussão. No final da briga entre os vizinhos, o marido morreu com golpes de pauladas. A esposa agredida e seu pai, por exemplo, tentaram inocentar o vizinho. Eles atribuíram a morte a motivos de bebedeira, porque o marido estava muito bêbado. Para eles, o vizinho apenas se defendeu para não

morrer. A esposa viúva não percebeu na ação do vizinho, que matou seu esposo, intenção de destruição.

Muitos estudos consideram incompreensível uma mulher manter um casamento em que sofre agressão. Mas para quem é ator da história pode ser muito compreensível. No caso do marido cumprir com o papel de provedor, ele dispõe de muito prestígio no grupo social. Em caso de denúncia, a esposa agredida por um marido-provedor tem que trabalhar muito bem as variáveis da história do casal. Porque ela corre o risco de ver ameaçada a imagem de boa mulher diante de seu grupo, na medida em que pode surgir dúvidas a respeito de sua honra. Podem questionar por que um homem de família agride uma mulher, será que ela não merece apanhar? Contra um homem com imagem positiva no grupo, o jogo pode se inverter e a vítima virar ré. Assim como são raras as possibilidades da mulher encontrar um outro homem que provenha o lar e que seja muito romântico e carinhoso.

Sem dúvida, há expectativas românticas em torno do parceiro. Um rapaz, apontado na região como bandido, foi morto por outro bandido. O motivo da morte foi vingança e disputa de poder na área. O testemunho da namorada da vítima revelou o lado romântico da história:

“(...)jogando voleibol no colégio, conheceu na quadra o jovem Cláudio, vulgo Garrincha/ era amasiado e tinha 2 filhos, mas a união entre Garrincha e sua amásia estava indo à bancarrota e ele estava a fim de arrumar uma noiva/ foi para casa toda apaixonada/ naquele dia construiu um castelo cor de rosa e pensou que no futuro estaria segura/ não chegou a ter contato mais íntimo com Garrincha, pois pretendia ter um lar decente e construir uma família honesta.”

Mas parece que grande parte das uniões conjugais não tem como base o amor romântico, como apontou o depoimento de Paulo, cujo irmão matou a esposa, sua cunhada:

“Reside há 5 anos em companhia de seu irmão Reginaldo e da vítima. Há 3 anos Reginaldo se casou com a vítima em Águas Belas (PE) e nunca viveram harmonicamente. A vítima somente se casou para sair da companhia dos avós maternos, pensando que com isso

teria vida melhor. A vítima sempre confidenciou ao depoente que nunca chegou a amar o acusado. (...)”

Uma entrevistada contou a história de seu casamento:

“(...)E foi uma vida sofrida. Até que um dia, meu pai pegou nós, o tempo que eu vim pra São Paulo, eu vim em 59, nós viemos, nós viemos de pau-de-arara. Fomos direto pro Paraná, apanhar algodão. Nós chegamos no Paraná, fiquemo lá uns 2 meses apanhando algodão e voltemo para o Rio de Janeiro. Depois chegou no Rio de Janeiro, meu pai muito muito muito ruim, muito, batia na gente, ai, meu Deus. A gente não podia namorar, não podia faze nada, nada, nada, aquilo era tudo escondido. Então esse meu marido, quando eu casei com ele, agora, dia 12 de junho, fez 37 anos que eu sou casada com ele. Ele era, ele tava com 31 anos, 31 anos, ele tá com 68 anos, fez dia 12. O dia que nós fugiu, ele fez ano. Eu peguei, fugi com ele do Rio de Janeiro. Que meu pai era ruim, eu nem gostava dele, ele andava por lá, vendendo doce. Eu peguei, fugi com ele, nunca me arrependi. Mas olha, nunca tive arrependimento.”

Fonseca explica os valores associados às uniões conjugais entre os populares e possibilita compreender porque grande parte das mulheres convive com a agressão dos companheiros:

“(...)a maioria esmagadora dessas mulheres tem um homem, tutor de seus favores sexuais e de seu potencial reprodutor; caso contrário, estão ativamente engajadas no mercado matrimonial à procura de um tal protetor. (...)”(idem;98)

“O estado conjugal, embora seja o único permitido à jovem mulher, não é tido como invejável. A norma chega a se impor de maneira coercitiva.(...) Que seja claro: a mulher não é exatamente coagida a aceitar um marido ou amante. Durante os anos reprodutivos da mulher, ela é cúmplice de um pacto conjugal no qual espera conseguir o status prestigioso de ‘mulher casada’ uma certa segurança material e física, e alguma afeição - a experiência, porém deturpa aos poucos essas aspirações.(...)”(pp.101)

Mas o casamento tem um papel fundamental na construção de uma imagem de respeito, tanto para homens e mulheres. Ele pode ser indicado até mesmo como um modo para a pessoa se regenerar e se reconciliar com as regras comunitárias e seus pares. Isto ficou evidenciado com o depoimento do irmão de Garrincha

(complementando o depoimento da namorada do irmão que foi morto, citado anteriormente):

“Ultimamente Garrincha estava morando sozinho, na favela do Jardim Ângela/ Garrincha era amasiado com Valéria e com ela teve os filhos e foi morar na favela do Jardim Ângela. Que ultimamente Garrincha estava namorando com Malvina/ Garrincha tinha várias passagens pela polícia/ quando estava embriagado era muito violento e além disso gostava de maconha/ já cumpriu pena na Casa de Detenção/ tentando regenerar e que estava namorando com Malvina e estava a fim de casar com ela”

Segundo o depoimento acima, a intenção do irmão em se casar com Malvina era parte dos planos para a regeneração.

O respeito aos diversos papéis sociais atribuídos aos membros do grupo colaboram para que a família possa oferecer uma identidade para seus participantes e se coloque de modo respeitável na sociedade. Os papéis familiares são utilizados para resgatar alguém que caiu nas malhas da justiça (mundo dos bandidos) “por uma casualidade”. A seguir, depoimentos de testemunhas de um réu acusado de matar um cobrador de ônibus:

“Conheço o acusado há uns 15 anos. É casado, bom marido e pai de família.”

“Conheço o acusado há mais de 18 anos. Bom marido e pai de família.”

“Ele é casado, bom marido e pai de família.”

“Conheço há uns 15 anos, boa pessoa, casado, bom marido, pai de família.”

Na época do massacre do Carandiru, o pai de um dos presos do pavilhão 9, morto pela polícia, comentou que ele não condenava a polícia por matar bandido. Entretanto, acreditava que a morte de seu filho fora injusta, porque, apesar de ter sido preso por “suspeita” de roubo, o filho dele não era um bandido. Pois tinha família e a família era a garantia da regeneração de quem era “suspeito” de roubo.

O mundo da família é a proteção contra o estigma do mundo do crime. Utiliza-se o ambiente familiar para se defender da acusação de se compartilhar da desordem do mundo criminoso: (juiz) “Consta dos autos que o ocorrido foi num boteco?” (testemunha) “Não é boteco, é casa de família, não tem nada de boteco (...)”.

Como argumenta Telles a respeito da “eficácia simbólica da família”.

“(...) ao garantir condições de uma sobrevivência empreendida coletivamente, exorcizam simbolicamente a ameaça da sobrevivência e da ruptura de uma ordem de vida estruturada em torno da família organizada e do trabalho regular. A valorização da família unida e hierarquizada em sua vida interna, tão reiterada nas falas de homens e mulheres, parece aqui ganhar todo o seu sentido, enquanto medida de uma dignidade sempre ameaçada e de toda forma, como expectativa de uma possibilidade de futuro.”(1992;182)

Motivos Fúteis:

A pesquisa com os processos revelou um tipo bastante comum de história de morte: em que o motivo desencadeador do conflito era denominado de “motivo fútil”. Em inúmeros casos o réu matou a vítima por alguma discussão que, à primeira vista, pareceu não ser de extrema importância. Na verdade, a sensação, no primeiro contato com estas histórias, era que a morte foi uma solução extremada para motivos que não pareceram ser assim tão fundamentais para as personagens envolvidas no conflito.

As histórias com motivos fúteis podiam envolver bandidos. Mas a sua principal característica era de que os motivos que levaram à morte não estavam ligados a interesses do mundo do crime (disputa por poder local, divisão de produto ou dinheiro roubado). Eles se relacionaram a discussões cotidianas. Homens comuns (sem envolvimento com o crime) mataram homens comuns, homens comuns mataram bandidos, bandidos mataram homens comuns, bandidos mataram bandidos por discussões cotidianas.

O principal aspecto que pode ser apontado a partir da leitura destes processos é o forte sentimento de comunidade entre os moradores da periferia. As diversas histórias revelaram uma estreita ligação dos moradores com a sua área, com os seus pares, o cuidado com as regras e as normas compartilhadas em comum e, principalmente, a imagem, a identidade da pessoa diante de seus iguais. Uma entrevistada contou:

“Não troco minha casinha nem por nada. Não sei se é porque eu sofri muito nos barracos/ No fundo eu gosto do bairro, porque foi um bairro onde a gente construiu/ Onde eu moro hoje, foi um trabalho dos próprios moradores, uma conquista muito grande de transformar uma chácara em residência, de urbanizar tudo, né, então, essa luta é nossa. As casas construídas pelos próprios moradores. Então, assim, eu acho que isso marca muito. Como eu falei, eu não troco a minha casinha por nada porque foi com muita luta, com muito suor que a gente conseguiu, né.”

E também como diz a canção:

“(...) quantas vezes eu pensei em me jogar daqui
 mas aí, minha área é tudo que eu tenho
 a minha vida é aqui
 eu não consigo sair
 é muito fácil fugir
 mas eu não vou
 não vou trair quem eu fui
 quem eu sou
 eu gosto de onde eu tô
 e de onde eu vim (...)” (Racionais MC’s **Fórmula Mágica da Paz**)

Na maior parte das vezes, as histórias registradas nos processos revelaram que o crime aconteceu porque houve um conflito em que, pelo menos uma das partes, sentiu que a sua identidade dentro da comunidade foi ameaçada. A morte foi uma tentativa de restaurar a imagem dentro do grupo. Costa discute o trabalho de Dodds a respeito da sociedade grega e a cultura da vergonha e da culpa. As colocações sobre a cultura da vergonha parecem indicadoras de um fenômeno que, de certo modo, pode ser observado na periferia: o poder da opinião pública.

“(...)o maior bem do herói homérico não era o prazer de uma consciência tranqüila, mas (...) a consideração pública (...) e sua maior força moral não era o receio de Deus, mas o respeito pela opinião pública ...’. Outra coisa é a ‘cultura da culpa’. Nela, a moral é uma questão individual, derivada da interiorização da consciência e do enfraquecimento dos laços de solidariedade que ligam o indivíduo à pólis.(...)”(1989;20)

Benedict também aborda a questão de grupos que privilegiam os aspectos comunitários aos individuais. Ao estudar a sociedade japonesa, a autora argumenta que, para os japoneses, a opinião dos pares é fundamental para orientar o comportamento da pessoa. A vergonha pela condenação pública do desvio é o pior castigo para o desviante e não o sentimento de culpa por ter agido errado.

“(...)vigilância de todos os indivíduos observáveis nos atos dos outros e uma viva impressão de que os demais estão dispostos para julgar. ‘A dignidade se cultiva’, dizem eles, ‘por causa da sociedade’.(...) não levam em conta as sanções internas para uma conduta apropriada (...)mortificação poderá ser muito intensa, não podendo ser aliviada, como a culpa,

através da confissão e expiação.(...) As culturas de vergonha, portanto, não prescrevem confissões ainda que aos deuses. Dispõem mais de cerimônias para boa sorte do que para expiação.(1972;188)

Em alguns processos foi possível perceber como a comunidade se fez presente na ação de seus membros. Através da ação, eles reafirmaram o prestígio e a influência das regras de conduta sobre todo o grupo. Um exemplo desta situação foi a indignação da comunidade nos casos de morte quando não parecia haver nenhum motivo aparente para que o réu matasse a vítima.

Um desses casos aconteceu na Cohab Adventista (Capão Redondo), a dona da casa onde se deram os fatos testemunhou: “Entrou repentinamente, ninguém conhecia, queria pinga/ ninguém bebia/ sacou o revólver/ sem mais nem menos deu um tiro. Atingiu as costas de Reginaldo, que deverá ficar paralítico. Tentou fugir, foi detido por transeuntes/” O réu estava bêbado e exigiu pinga, mas ninguém bebia na casa. Após atirar e quase matar Reginaldo, o réu tentou fugir. Entretanto ele foi pego por moradores que tentaram linchá-lo. Ele só conseguiu se salvar porque o policial militar dispersou a multidão e o prendeu em flagrante. A revolta dos moradores foi porque o réu não era conhecido naquela área e, sem ter motivo, atirou num morador conhecido. O próprio réu afirmou que não sabia porque tinha feito aquilo. Para a comunidade, este atentado foi de extrema futilidade. A tentativa de linchamento expressou o fato de que alguma regra do grupo fora quebrada: agir com violência sem motivo, sem a vítima haver provocado o réu. A vítima não poderia ser acusada de absolutamente nada nesta história.

Outro caso aconteceu em um bar no Largo Treze de Maio, Santo Amaro. Um dos funcionários contou sobre os fatos: “Índio apareceu, pedindo um rabo de galo/ pediu mais uma dose, informando que não tinha dinheiro e queria tomar o aperitivo sem pagar/ não quis vender sem receber/ tendo o acusado resmungado um pouco/ deixou o interior do bar e ao chegar na porta virou e desferiu três tiros/” O motivo que deixou indignado o grupo presente no bar foi apresentado pela mesma testemunha: “(...) é desconhecido do depoente e a vítima é conhecida, não houve discussão entre

vítima e acusado, que aparentava embriagado e desferiu tiros para o lado”. Um freqüentador do bar também relatou aquilo que incomodou o grupo nesta situação: “(...)a vítima encontrava-se de costas e não tinha nada a ver com os fatos, não discuti com o acusado e foi acertada inocentemente/ acusado meteu fogo por todo o lado, tão somente porque não foi atendido pela proprietária do bar.” A exemplo da história anterior, a violência neste caso foi gratuita. O agressor não tinha motivos para atirar na vítima, que aqui, morreu. Este réu também foi bastante agredido pela população, que tentou linchá-lo, causando-lhe graves ferimentos. Sua sorte foi que um policial militar, que passava no local, dispersou a multidão e prendeu-o em flagrante.

Uma história teve início com o almoço de batizado. Enquanto o almoço era preparado, o pai da criança batizada, o padrinho e um amigo dos dois saíram para uma partida de futebol, próximo a ponte João Dias. O pai da criança jogava e os dois amigos assistiam. Um dos jogadores contou o que aconteceu durante a partida:

“(...)participava junto com seus colegas de um jogo, em dado momento houve uma falta, quando o árbitro apitou a falta, começou um tumulto entre os jogadores, empurra-empurra, em dado momento, dois torcedores invadiram o campo e começaram a empurrar os jogadores/ o depoente, durante a briga, veio a cair no solo, ferindo-se num pedaço de vidro que havia sido atirado.

Os dois torcedores que invadiram e atiraram no campo eram aqueles do almoço do batizado. O motivo que os fez entrar em campo e atirar nunca foi explicado, um deles disse que tentou apartar a briga. A população ficou revoltada com os tiros, sendo que um dos jogadores morreu nesta história. Um dos que atirou tentou fugir, correu para uma favela próxima, ele contou o que lhe aconteceu: “Aí partiram para cima de mim, me pegaram ali, acho que 20, 30 pessoas, no mínimo./ muita pancada. Só atravessei a avenida e me pegaram novamente. Aí eu escutei os tiros, aí me pegaram, me massacraram, quebraram a minha cara, aí a polícia me pegou e me socorreu.” Ele realmente foi muito agredido pelos populares, porque foi internado no hospital Alvorada, por causa dos ferimentos. O grupo que estava no campo provavelmente não compreendeu os motivos para os tiros e a morte de um dos

jogadores. Parece que não houve provocação da vítima. A tentativa de linchamento novamente expressou o repúdio do grupo por uma atitude extremada.

A morte de Manoel deixou sua esposa e a pessoa que contratou os serviços dele revoltadas com o assassino. Dona Rosa contratou o serviço de Manoel para fazer reparos em seu quintal. Num cômodo no quintal de dona Rosa, morava Caninha. Ele morava de favor, não pagava aluguel, apenas efetuava alguns serviços para a proprietária, em troca do auxílio dela. Enquanto Manoel fazia o serviço para o qual fora contratado, Caninha, que sempre estava bêbado, discutiu com Manoel e o esfaqueou, causando sua morte. Não houve motivos para a discussão, o que deixou as duas mulheres muito revoltadas. A esposa declarou: “Desconheço o motivo do crime. Inclusive, o meu marido costumava dar comida para o réu.” Além de o réu não ter tido motivos para matar a vítima, ele ainda traiu a amizade de uma pessoa que sempre lhe tratou bem. Mas o que mais chocou as mulheres na verdade foi o comportamento do réu após o crime. Depois de matar, Caninha ainda agiu de modo desrespeitoso aos sentimentos do grupo, foi o que relatou dona Rosa: “Não tenho qualquer idéia dos motivos do crime. O réu desceu a escada lentamente, como se nada tivesse acontecido e nós fomos socorrer a vítima (...)” Parece que o pior nesta história foi a falta de atenção com as regras, Caninha não se importou com a censura contra sua ação. Aliás, ele agiu como se a sua atitude não fosse um desvio condenado pela comunidade.

Em Parelheiros, um vizinho atirou no dono de um bar, próximo a sua casa. Os dois tinham problemas anteriores por causa da venda de uma chácara, a vítima relatou: “não conversavam, porque uma pessoa fez oferta de uma chácara e o acusado pensou que o depoente tinha arranjado comprador.” O réu pareceu disposto a acertar sua vítima. Numa primeira ocasião, ele entrou no bar, armado, alegando que iria pegar quem havia atirado pedra em seu telhado, que, segundo ele, fora o proprietário do bar. Os amigos presentes convenceram que tudo era bobagem. Na segunda vez, o réu entrou no bar, pediu pinga e exigiu nota fiscal referente àquela compra. A partir daí houve discussão, que resultou no tiro. Neste caso, apesar de haver motivo anterior para a inimizade entre as partes, o réu se

preocupou em criar uma situação de provocação, que resultou em discussão. Ele não entrou simplesmente no bar, atirando, sem motivo imediato, aparente. A provocação organizou o cenário do conflito, pois todo o grupo conseguiu identificar um por que no tiro disparado contra a vítima.

De modo geral, foi possível perceber nas histórias uma grande preocupação com a opinião pública, com o tipo de imagem que a pessoa consegue comunicar aos seus pares. A positividade da imagem se relaciona com o cumprimento dos papéis atribuídos e com as regras compartilhadas pelo grupo. Mais do que a consciência de agir dentro das regras, a imagem pública de uma pessoa que age de acordo com as regras é o fundamental. Alguém com comportamento desviante, mas cujo desvio não se torna domínio público, pode usufruir de imagem positiva junto aos seus pares. Esta situação foi observada numa história entre dois amigos. Um deles tinha uma filha, seu amigo era padrinho da garota. O pai da garota havia abusado sexualmente da filha. Ela espalhou o fato pelo bairro. Os personagens relataram o caso:

“soube que o autor do homicídio foi um indivíduo conhecido no bairro como Zezé / segundo tornou conhecido, Zezé mantinha relações sexuais com a própria filha, menor de idade, que Ednei sabia disso e Zezé soube que Ednei tinha conhecimento do que estava ocorrendo, que, com medo de ser denunciado, Zezé prometeu matar Ednei/ Luciene já tinha comentado com familiares do depoente que tinha sido estuprada pelo próprio pai, não se conformava com o fato.”

“a menina contou para os vizinhos o que o seu pai lhe havia feito, então o Zezé pensou que tivesse sido o Ednei que havia escapado a história para o bairro.”

Nívea: “algum tempo mais tarde, quase todo o bairro já estava sabendo da estória acreditando a depoente que a garota a contou para diversas pessoas que, cerca de mês e meio mais tarde, o Zezé assassinou seu irmão.”

O grande problema para Zezé era a desconfiança de que o seu amigo tornara público o seu desvio. Zezé não se mostrou incomodado ou culpado pelo abuso contra a filha. O que realmente lhe incomodou foi que o desvio se tornou público e manchou sua imagem junto ao grupo.

Muitas vezes, os desvios se tornam públicos devido à presença da fofoqueira, figura normalmente desagradável na opinião de quase todos. Um entrevistado contou sobre sua vizinha:

“Não gosto que tem uma vizinha lá que ela também é muito fuxiqueira./ Minha mãe gosta de cortar papo com ela, mas só que ela, é uma coisa que tá falando assim, ela chega conversando com a vida dos outros, aí minha mãe vai e fala, é, deixa eu entrar, que não sei que, aí continua conversando, ela fala assim, ó, fulano, vamo parar de conversar da vida dos outros, vamos cuidar mais da nossa vida, nossos problemas, nossas felicidades, que não sei que, é, aí começa a conversar, conversar, conversar, daqui a pouco ela muda os papo e começa a falar da vida dos outro de novo. Aí minha mãe fica nervosa, aí descarta./Leva e traz, se ela falar mal, se ela fala mal de mim pra aquele, daqui a pouco ela tá falando mal daquele comigo, e assim ela fica, minha mãe não gosta disso.”

Em seu romance, Lins descreve uma cena provável de ser reproduzida em qualquer dos processos estudados:

“(…) Quando dobrou a esquina, viu um grupo de pessoas assistindo a duas mulheres trocando palavões. Uma mulher tinha dito à vizinha ter muita pena da dona Margarida, outra vizinha, porque ela só comia carne uma vez por mês e porque o marido a espancava sempre que chegava bêbado em casa. Ao receber o pedido de não falar para ninguém, a sua interlocutora afirmou que sua boca era um túmulo, mas contou para uma outra vizinha, que contou para a cunhada, que falou para a sogra, que falou para a tia da namorada do primo. Todos os túmulos se abriram. A notícia foi pulando de ouvido em ouvido até chegar aos de dona Margarida, que foi à casa de dona Maitê tomar satisfações.”(1997;97)

Em um dos processos, uma garota de nove anos, Daiane, foi morta. O tio dela contou sobre o ocorrido: “Gil trabalhava com o irmão do depoente como ajudante de pedreiro e tinha liberdade, livre acesso na casa, onde comia, por vezes até dormia. Aproveitando-se da confiança veio abusar sexualmente da sobrinha do declarante para depois matá-la com 32 facadas/ que o caso teve repercussão, levando o irmão do depoente ao desespero, fazendo com que o mesmo se mudasse para o Nordeste.” Em seus dois depoimentos, a ex-namorada do réu, que era vizinha, inquilina e amiga dos pais de Daiane esclareceu o motivo do crime:

“(…)namorou o indiciado 4 meses antes de matar Daiane/ dois meses antes do crime, Gil chegou a se indispor com a vítima. A declarante houvera comentado com a mãe da vítima que estava desfazendo o namoro, visto que o mesmo bebia muito, Daiane ouviu essa história e tempos depois repreendeu Gil, falando para o mesmo que ele havia levado um fora da depoente pelo fato de beber muito. Gil ficou com raiva de Daiane, por esse motivo é que deve ter praticado o crime./

“(…)terminou o namoro com Gil em razão de que este bebia, não possuía documentos e era ciumento./ A depoente chegou a comentar com a mãe da vítima a respeito da ameaça proferida por Gil, tendo a genitora dito que isto não passava de ameaça, que Gil não tinha coragem para tanto. Gil comentou que não gostava de Daiane porque ela era muito fofoqueira, tudo que ouvia em sua residência, contava para a depoente e sua genitora.”

A bronca de Gil com Daiane era que ela se envolveu no namoro dele e influenciou no rompimento do casal. Daiane reiterou o fracasso de Gil, enfatizando os defeitos dele e ainda saiu comentando o seu malogro.

As observações de Malinowski (1982) sobre o adultério são pertinentes para refletir as questões apontadas acima: “(...) Nem o rapaz nem a moça podem flagrante e abertamente ter aventuras amorosas com outros parceiros. Independentemente de sua coabitação noturna, os dois devem ser vistos na companhia um do outro e exibir a sua relação em público. Qualquer desvio da ligação exclusiva tem de ser decoroso, isto é, clandestino. (...)”(1982;97). A questão que se coloca não é o desvio em si, mas o fato de o desvio se tornar público. Há aquela fase em que o desvio é comentado pelos mais próximos, através da fofoca ou de comentários maldosos. O problema é quando uma das partes interessadas no assunto denuncia o caso de modo sério, obrigando o grupo a tomar uma posição. Ou quando o desviante assume abertamente o seu ato. Nestes casos, o desvio se transforma em afronta às regras do grupo social. Fato que costuma demandar uma ação punitiva, para a retratação diante do próprio grupo.

Ao abordar os freqüentes suicídios, entre os trobriandeses, Malinowski explica que a atitude extremada geralmente é precedida de alguma denúncia sobre desvio, que se torna então público. As injúrias efetuadas pelo grupo contra o desviante são experimentadas como insulto. Afinal, a imagem da pessoa entre os

seus pares é ameaçada. A vergonha e o ressentimento são umas das causas do suicídio.¹⁰

A preocupação da pessoa com a sua imagem diante de seus pares está relacionada com os fortes laços entre os membros do grupo. Pertencer e ser aceito positivamente pelos pares é de extrema importância para os moradores da periferia. Esta situação foi observada em várias histórias de morte.

Um exemplo foi o caso em que o vigilante de uma rua na Cidade Ademar matou um adolescente. Um grupo de jovens caminhava pela rua, num domingo à noite, eles iam ao **shopping** Morumbi. Eles brincavam, falavam alto. O vigilante ficou incomodado com a passagem dos garotos. Os colegas do jovem morto depuseram:

“O depoente e seus amigos estavam indo passear no shopping center e todos brincavam entre si, sem prejudicar ninguém. Um vigilante disse: vocês estão zoando aí. O depoente e seus amigos nada falaram e continuaram o passeio/ começaram a brincar entre si novamente/ ouviu disparo, ao olhar para trás, Paulo estava caído no chão/”

“(...)quando passaram pela viela, foram interpelados pelo vigilante noturno, que acabava de sair de uma casa onde se realizava uma festa. Ele falou: vamos acabar com essa zueira, vocês vão aprender a respeitar o guarda/”

O vigilante narrou a sua versão: “(...)trabalha como vigilante noturno, a trabalho dos moradores da rua, quando apareceu um grupo fazendo algazarra. O grupo foi admoestado pelo interrogando, um deles o xingou, chamou de pirrii, dizendo que ia dar-lhe um tiro. Em seguida, outro rapaz chamou o interrogando de bundão/”

Pela leitura de todo o processo, parece que não houve provocação por parte dos garotos contra o vigilante. Entretanto, o vigilante se sentiu ameaçado com a presença do grupo. Como vigilante, ele era responsável pelo sossego do lugar. Os

¹⁰ “Two motives must be registered in the psychology of suicide: first, there is always some sin, crime or passionate outburst to expiate, whether a breach of exogamous rules, or adultery, or an unjust injury done, or an attempt to escape one’s obligations; secondly, there is a protest against those who have brought this trespass to light insult the culprit in public, forced him into an unbearable situation. (...) The person publicly accused admits his or her guilty, takes all the consequences, carries out the punishment upon his own person, but at the same time declares that he has been badly treated, appeals to the sentiment of those who have driven him to the extreme if they are his friends or relations, or if they are his enemies appeals to the solidarity of his kinsmen, asking them to carry on a vendetta.”(1951;97)

jovens passaram por ali brincando, falando alto. Comportamento comum da juventude, que, principalmente quando em grupo, age de modo a desafiar regras estabelecidas. Mas o vigilante interpretou o fato como uma tentativa de provocar a sua autoridade no local. Como reflete Pitt-Rivers: “(...)en asuntos de honor, as acciones hablan más inequívocamente que las palabras. No obstante, las palabras tienen también su valor como acciones y, en ese aspecto, el modo en que las cosas se dicen es más importante que el contenido de lo que se dice.”(1968;26)

O comportamento rebelde dos garotos despertou insegurança no vigilante. Para reinstaurar a ordem e, principalmente, a sua autoridade, utilizou-se do poder do revólver, causando a morte de um dos adolescentes. Provavelmente, matar não era parte dos planos do vigilante. O que ele buscou foi recuperar a sua imagem entre os moradores que, segundo ele, foi abalada pelos meninos.

Em outro caso, uma discussão de trânsito terminou em tentativa de homicídio, as testemunhas relataram:

“(...)O interrogando trafegava com seu carro por uma via preferencial e foi fechado pelo caminhão/ que seguia por uma via secundária/ Iniciou-se uma discussão e a vítima disse que passaria com o caminhão em cima de seu carro, xingando-o. Subitamente começaram a descer pessoas do caminhão e o depoente assustou-se, razão pela qual acabou atirando (...)”

“Eu estava no local, dentro do cabeleireiro, eu escutei a brechada de um carro, eu saí, eles estavam discutindo com o rapaz do caminhão. O caminhão veio, a rua é muito perigosa, o caminhão passou na frente, eles começaram a discutir./ (o juiz perguntou se houve ameaça) O que estava em cima do caminhão, na hora eles queriam agredir, aí não deixaram.”

“Essa rua é muito perigosa, a maioria dos caminhões não respeita os carros pequenos. Eu estava no local em frente, no dia desse acontecimento/ o caminhão vinha subindo, quase ele entrou debaixo do caminhão (o carro). Ele saiu para ver se amassou e saiu uma forte discussão entre eles. Eles ficaram batendo boca, dois rapazes que estavam em cima, um tentou jogar ferro na Brasília dele, aí ficou a discussão, eu entrei, aí escutamos o tiro, não vi quem atirou.”

Neste conflito de trânsito houve uma disputa de poder. O caminhão, veículo grande não costuma respeitar carros pequenos, como afirmou uma testemunha. O motorista da Brasília se sentiu provocado porque não foi respeitado e, com a discussão,

tentou reafirmar sua posição. O motorista do caminhão, por sua vez, acreditava na desigualdade, naturalizada pelo tamanho do seu veículo. Durante a discussão, a balança pendeu para o motorista do caminhão, dono de um volume maior. Além de dispor da companhia de mais dois homens. Diante de sua inferioridade, o motorista da Brasília fez uso do revólver para restaurar a igualdade a seu favor. O que quase levou à morte o motorista do caminhão.

Outro caso envolveu amigos num bar no bairro da Pedreira, as testemunhas informaram:

“(…)tudo começou no barzinho situado na favela próxima a sua residência, o homicida, conhecido no local como Zico, estava jogando sinuca com alguns amigos da vítima, esta também estava presente no estabelecimento, porém não participava do jogo. O homicida começou a perder e não satisfeito com esse fato passou a discutir e causar tumulto, os adversários do homicida e a vítima, para não ‘arrumar encrenca’, foram embora/ a vítima, na companhia de um amigo, deixou o estabelecimento, no que foi seguido pelo homicida/ passou a destratar a vítima e, sem qualquer aviso prévio, disparou/ entre a vítima e o homicida não havia inimizade, ao contrário, eram vistos sempre conversando igualmente/”

“(…)começou a zoar com uns amigos do depoente que estava no bar juntamente com Dado. Diante dos fatos, Dado e o depoente foram levar seus amigos para sua casa para evitar maior confusão/ Zico se encontrava na rua/ com uma arma na mão/

“(…)momento em que perdeu a partida/ Dado brincando comentou com o mesmo que ele ‘ainda iria tomar no cu’./ eram amigos, Zico até teria prometido arrumar emprego para Dado/”

“(…)como eram amigos, Dado, em tom de brincadeira falou para Zico: ‘que nada, você é bunda mole’/”

Mesmo que Dado tenha discutido e xingado Zico com adjetivos nada elegantes, o ponto principal desta história foi quando Dado abandonou o conflito e deixou Zico discutindo sozinho. Como narrou a primeira testemunha, “eles eram amigos e eram sempre vistos conversando igualmente”. Quando Dado abandonou Zico discutindo sozinho, ele quebrou essa igualdade. Zico convidou Dado a discutir e este recusou o convite, criando uma situação em que a pessoa de Zico foi menosprezada publicamente, sem direito à resposta numa provocação. Esta história revelou que a ameaça à imagem pública pode ser causada por uma pessoa com quem se divide

laços de amizade. Os laços de amizade e carinho com a pessoa que ameaçou a imagem não implica em grau menor de vergonha para aquele que foi ameaçado. O sentimento de revanche, na tentativa de restaurar a imagem, com o provocador é o mesmo, seja amigo ou não. O que importa é a situação de vergonha pública experimentada pelo provocado. Isto porque o compromisso com o grupo e a opinião do grupo sobre a imagem da pessoa é fundamental.

A atitude de Dado com Zico foi gravíssima, ele recusou Zico como interlocutor, o amigo se sentiu desprezado, inferior. A este respeito Bourdieu comenta:

“(…) Lo peor que hay es pasar sin llamar la atención, como una sombra. Así, no saludar a alguien es tratarle como una cosa, como un animal o como una mujer. El desafío es, por el contrario, una culminación de la vida para quien lo recibe. Es, en efecto, la ocasión de sentirse existir plenamente como un hombre, la ocasión de probar a los demás y a mismo su cualidad de hombre.”(1968;180)

A fim de resgatar sua imagem, contra o gesto humilhante de Dado, Zico mostrou sua força com o revólver, que, provavelmente sem querer, acabou por tirar a vida do amigo.

Um bar na avenida Cupecê, Jardim Míriam, foi palco de outro crime, em que o réu provavelmente não teve intenção de matar seu contendor, apenas restaurar sua imagem, que fora arranhada. A irmã do réu depôs:

“No mesmo dia, a depoente encontrou seu irmão Genivaldo, que comentou que havia dado um tiro num desconhecido que se achava dentro de um bar e havia jogado pinga em sua perna. Genivaldo soube que a vítima morreu, após os fatos/ voltando do trabalho, quando entrou num bar para tomar cerveja/ apontou a arma para assustá-lo e ela disparou/ não queria matar a vítima, apenas assustá-la/”

Um conhecido da vítima, que estava com ela no momento do crime, relatou:

“Conhece a vítima dos autos/ no dia do fato, o depoente, ao entrar no bar, foi convidado a tomar cerveja em companhia de Ivanildo e a vítima Roni. O depoente presenciou quando a vítima, ao terminar de tomar cerveja, pegou, deu uma golada no resto da cerveja e cuspiu para fora, quando passava pelo local um desconhecido do declarante que foi atingido por aquela

cuspada de cerveja. O depoente ainda presenciou quando o desconhecido empurrou a vítima para dentro do bar, sacando uma arma e disparando contra o rosto da vítima/”

Provavelmente a vítima não tinha interesse em atingir o réu, talvez ela nem tenha percebido a proximidade do réu. Mas o fato é que o réu levou uma cusparada na perna. Com ou sem intenção, a imagem do réu foi ameaçada. Como ignorar o ocorrido diante do público? A fim de reconquistar sua imagem, ele sacou da arma e atirou. E com ou sem intenção, a vítima morreu.

Nos conflitos era comum o envolvimento dos amigos, apontando que as disputas não eram casos individuais, mas diziam respeito a todo o grupo. Os argumentos e as atitudes observadas no envolvimento de terceiros também fizeram parte do jogo de defender e reafirmar os valores da comunidade. Uma briga num bar, em Parelheiros, envolveu todo um grupo de amigos. O réu informou:

“(...)regressava do dentista quando, ao descer no ponto do ônibus perto de sua casa, encontrou-se com seu amigo Nicão e seu primo Niquinho e com seu outro amigo, conhecido apenas por Luizinho. Chegou ao bar do Antônio, na rua Constelação de Eridano/ pediu um refrigerante, momento em que começou uma discussão, a vítima declarava em bom som que era matador. Quando então começou a discutir com Nicão, quando o interrogando pediu para que parassem, tendo assim ambos se procedido. O Niquinho se encontrava ao lado da vítima, ocasião em que a vítima passou a agredi-lo verbalmente, com a mão dentro da camisa, na cintura/ no momento em que desceu o degrau, o interrogando estava sem alternativa para fugir/ disparou/ estava emocionalmente abalado/ conhece o Niquinho desde criança e o Nicão há aproximadamente dez anos.”

Niquinho e Nicão foram provocados pela vítima numa discussão. Uma provocação tem como objetivo diminuir a imagem do outro, que se vê obrigado a revidar, a fim de reconquistar a posição anterior. O réu, amigo dos dois provocados, participou ativamente no processo de reconquista da imagem de Niquinho e Nicão. Afinal os amigos compartilham o tipo de imagem que se oferece publicamente. Acompanhar-se de amigos com imagem negativa pode ser um estigma para a pessoa; no caso de amigos com imagem positiva, a pessoa pode usufruir de prestígio diante do grupo.

Alguns casos que envolveram desilusões amorosas também exemplificaram situações de fratura de imagem entre os pares, para aqueles que perderam a disputa pela conquista da mulher desejada. Um destes casos se passou em Paraisópolis. A vítima era um moço com emprego fixo; segundo a mãe, um filho dedicado e preocupado com o bem-estar dos pais. Seus envolvimento amorosos eram fixos, intencionando casamento. Depois de encerrar um namoro de cinco anos, por causa de ciúmes, começou a namorar um vizinha, que contou sobre o namoro: “(...)a depoente conheceu a vítima há cerca de sete meses sendo que logo passaram a namorar, tal conhecimento se deu em virtude de serem praticamente vizinhos. O relacionamento do casal era harmônico, Alê era pessoa sem qualquer tipo de vício/ este chegou a falar com os pais dela, uma vez que tinham intenções de ficarem noivos de ‘aliança’”. Entretanto, um outro personagem masculino veio se juntar nesta história, relatou a irmã da namorada:

“(...)a irmã comentou com esta que no domingo anterior à sua morte, Alê havia ido à sua casa, uma vez que iria pedir aos genitores de Nilda para que ficassem noivos/ no mês de abril, tendo a depoente passado a trabalhar como balconista numa loja de confecções femininas e masculinas, referido elemento ali compareceu, a fim de comprar uma camisa/ não manter relações de amizade com Lauro”

A namorada também informou sobre a entrada de Lauro na história: “(...)a depoente conheceu Lauro na loja na qual sua irmã trabalha, viu a referida pessoa várias vezes conversando com sua irmã/ estando a depoente sozinha ou com sua irmã, Lauro passava e ficava conversando”. Lauro também se interessou por Nilda, só que a moça estava envolvida com a vítima e gostava da idéia de compromisso sério e da proposta de casamento. Oferta que parece nunca ter sido feita por Lauro. Nesta disputa, a vitória da vítima já era dada como certa, o que enfureceu Lauro, segundo comentou a irmã da vítima:

“Lauro é apontado porque mora perto da declarante e teria ameaçado seu irmão antes dos fatos, porque a vítima tinha amizade com uma moça chamada Nilda, Lauro também gostava da moça, por isso não queria que a vítima freqüentasse a casa de Nilda, nem conversasse mais

com ela/ a vítima disse-lhe que não iria parar de conversar com Nilda. Sendo que Nilda comentava que iria ficar noiva da vítima/”

Lauro se sentiu rejeitado com a escolha de Nilda. Ao agredir o concorrente, fato que causou a morte da vítima, Lauro buscou reafirmar sua imagem que fora arranhada pela perda numa disputa amorosa. E pelo jeito ele conseguiu êxito em seu objetivo, senão conquistou Nilda, pelo menos obteve notoriedade entre seus pares. Pois o processo de reconquista da imagem foi notícia na mídia:“(…)rapaz da padaria em frente a sua casa veio lhe informar que ele estava sendo procurado pelos policiais/ no dia seguinte, ouviu comentários que um determinado jornal noticiava ser o declarante autor do homicídio, foi até a banca de jornal, adquirindo exemplar do NP que trazia uma reportagem em que o declarante era o autor do referido homicídio/”

Uma criança foi ferida com um tiro, durante a passagem de ano, num bar no Jardim Primavera. O tiro foi efetuado pelo ex-companheiro da tia do garoto, insatisfeito em vê-la acompanhada por outro homem. O atual companheiro da tia do garoto testemunhou:

“É amasiado com Laura há quatro anos. Antes, manteve relacionamento amoroso com a irmã de Laura (Lindinalva). Mané é apaixonado por Lindinalva, mas esta não o deseja. Atualmente, o declarante costuma sair com ambas, vão a bares, tomar cerveja. Na passagem do ano, os três resolveram sair e foram ao bar do Beto. O declarante e Laura tomaram cerveja. Sentaram-se às mesas externas do bar, dali surgiu Mané, armado, apontou em direção ao declarante, efetuou três disparos. O primeiro atingiu o menor Wanderlei, filho de Laura, que estava sentado no chão/ acredita que Mané tentou alvejá-lo porque, sendo apaixonado por Lindinalva, sente ciúmes e não sendo correspondido, porque Lindinalva já manteve caso amoroso com o declarante. Mané já havia ameaçado anteriormente o declarante de morte por ciúmes de Lindinalva.”

Assim como na história anterior, a parte derrotada nesta disputa amorosa também tentou, através do uso da força, reinstaurar a imagem fraturada pela vitória de outro homem.

Numa discussão por motivo fútil, na favela Paraisópolis, a vítima foi morta com tiro disparado pelo contendor. As casualidades desta história revelaram a

tragédia da regularidade da vida destas pessoas. O policial informou o modo como foi efetuada a prisão do réu: “Chegando no hospital, encontramos a mãe, a irmã e a sobrinha da vítima e quando eu ia passando com o réu na maca, elas o apontaram como o autor do disparo contra a vítima.” A sobrinha da vítima também relatou: “A depoente se encontrava no hospital Morumbi, pois que seu tio estava sendo medicado/ quando viu Ademir ser conduzido ao hospital por policiais militares, pois havia sido baleado/ havia visto na festa e o reconheceu no hospital”. O réu informou o motivo dele ter sido encaminhado ao hospital pelos policiais: “o indiciado se dirigiu até sua casa (logo após o crime), onde pegou cr\$10mil, pois com tal quantia iria pegar um ônibus para Minas Gerais. Quanto aos ferimentos de suas pernas, o acusado os recebeu quando tentava pegar sua condução para Minas Gerais/ desconhecendo tais indivíduos.” Nesta passagem, as histórias de réu e vítima se confundiram, mostrando pontos comuns entre os dois e as fluidas fronteiras que os separavam. Num pequeno espaço de tempo o réu se transformou em vítima. Uma vez vítima, foi encaminhado por policiais, preocupados em ajudá-lo, para receber os cuidados médicos. Ao chegar no hospital, reassumiu a posição de réu, porque sua vítima também estava recebendo cuidados médicos por ferimentos causados pelo réu-vítima.

O evento do crime foi descrito pela sobrinha e pela mãe da vítima:

“(...)a vítima, minha avó e eu estávamos voltando de uma festa e, ao entrarmos em casa, através do bar do meu tio, logo que fechou a porta do bar, o réu, juntamente com quatro rapazes, bateram na porta do bar, pediram para minha avó que lhes servissem cerveja. Minha avó não queria servir, pois já era tarde, mas meu tio disse que não teria problema/ eu estava no quarto de minha avó/ o réu mexeu com a gata da minha avó e meu tio pediu para que ele não mexesse com o animal. Em seguida o réu chamou meu tio de cuzão e a minha avó reclamou, dizendo que não era para ele xingar a vítima. Além do mais, ela falou que a vítima estava lhes servindo cerveja e eles ainda a xingavam. O réu ainda disse que a vítima era cuzão mesmo (...)”

“(...)eu não quis servir porque já estava tarde. Meu filho disse que não havia problema nenhum em servi-los, pois eram fregueses. Quando meu filho já tinha servido a cerveja, o réu mexeu com o gatinho que estava sobre o balcão. Meu filho pediu que não mexesse com o gato por ser ele um animal inocente. Mas o réu o xingou de cuzão e bundão, por duas vezes/ disse

que não deveria fazer aquilo com meu filho, mas o réu insistiu dizendo que meu filho era aquilo mesmo. Em seguida, os dois saíram discutindo, junto com os demais”

A briga aconteceu porque o réu mexeu com o gato da vítima e ela não gostou. O fato de a vítima ter sido gentil em atendê-los tarde da noite acentuou a gravidade da provocação. O réu deveria ter tido mais consideração pela atenção oferecida pela vítima. Uma vez ofendida, a vítima partiu para a briga, a fim de reconquistar sua imagem, arranhada pelas afrontas lançadas pelo réu. A vítima estava armada, mas a arma foi tomada pelo réu, que disparou. O enredo não foi muito diferente das histórias anteriores. Mas houve outra casualidade um pouco irônica. A vítima deveria estar cumprindo pena na detenção, a mãe declarou a história da vítima: “Meu filho estava condenado a dezessete anos de reclusão e sempre passava o natal em casa. Meu filho foi acusado de estupro e homicídio, mais nada/ Numa das saídas para passar o natal conosco, a vítima nunca mais voltou para o presídio e ficou trabalhando/” A sobrinha acrescentou: “Meu tio já tinha sido presidiário, mas ele estava tentando se regenerar, trabalhando como feirante e ajudando minha avó.(...)”. Uma pessoa que já esteve envolvida com o mundo do crime, próxima de tantos outros criminosos, terminou vítima fatal numa discussão cotidiana, por desrespeito de um cliente. Ao fugir do presídio, havia dado um rumo diferente em seu destino, não ligado ao crime. Ele terminou vítima de uma pessoa que já se envolvera com a justiça, mas por um motivo não ligado a assuntos do mundo do crime: “Respondi um processo em virtude de uma briga que tive com minha mulher, pelo qual fui condenado com uma pena de seis meses.”

Em outro caso os gatos também foram motivo para discussão, envolvendo dois amigos, no Jardim Apurá. O réu revelou:

“(...) vizinho e amigo da vítima/ surgiu a vítima querendo comprar leite no referido bar, seu proprietário informou que não tinha, quando então o interrogando se propôs em arrumar o leite que tinha em sua residência, porém a vítima disse que não seria necessário, quando então o interrogando disse que num bar ao lado poderia ter aquela mercadoria, mas ele disse que não entrava naquele bar/ acreditando que o leite seria para os filhos da vítima se prontificou em ir até aquele bar comprar o leite/ foi até aquele bar com seu filho de quatro anos, que o

acompanhou inclusive embaixo de chuva, tendo o interrogando retornado e devolvido o dinheiro, momento em que a vítima disse que seus gatos e cachorros iriam ficar sem tomar leite/ discutir com o interrogando, perguntando se ele estava arrependido por ter saído na chuva para buscar leite aos cachorros e gatos/ tapa no rosto do interrogando, isto tudo na frente de seu filho/ a vítima passou a ameaçar o interrogando/ dizendo que iria matá-lo com toda a família/ humilhando-o na frente das pessoas, esfregando as mãos no seu rosto/ empurrando-o para fora do bar/ com seu filho de quatro anos/ começou a agarrar o interrogando e a chorar/ humilhado e expulso do bar (...)"

"(...) propôs fazer a compra mesmo acompanhado de seu filho pequeno e estava chovendo para que os filhos da vítima não ficassem sem leite/ por volta das 19hs o bar estava cheio e o interrogando demorou para ser atendido. Não tinha leite naquele bar/ vítima permaneceu ingerindo bebida alcóolica/ disse 'não tem problema porque o leite era para os meus gatos e meus cachorros'/ ficou chateado e disse que a vítima não deveria agir daquela maneira. A vítima retrucou dizendo que era problema do interrogando e desferiu um murro no interrogando e fez com que seu filho, chorando, se agarrasse nele/ sempre que o interrogando voltava do trabalho, era ameaçado pelo réu/ chamando-o de trouxa que mataria a ele e seus familiares. Todas as vezes que passava pela vítima, era motivo de chacota porque a vítima dizia aos amigos 'esse é o trouxa que vai buscar leite para os meus gatos'/ mulher do trouxa (...)"

Esposa do réu: "(...) fez aquela gentileza achando que o leite era para as crianças/ o réu ficou nervoso por ser tratado daquela maneira, ainda mais na frente do filho/ como é um bairro pequeno e casas próximas, diversas vezes passava pela vítima que dizia 'essa é mulher daquele cara. Eu vou acertar com ele sem chance' (...)"

A vítima humilhou o réu ao debochar da amizade que ele lhe ofereceu, rompeu publicamente com o laços e as etiquetas exigidas entre amigos. A vítima dispendeu esforços com uma pessoa que não dava valor à sua atenção, ou seja, fez papel de bobo. A vítima humilhou o réu diante de todos quando fez o réu comprar leite para os bichos. A vítima humilhou o réu diante do filho de quatro anos. Ameaça gravíssima. Porque o papel de pedagogo do pai era ensinar ao filho a importância do valor da honra diante do grupo. Ou seja, fez papel de bobo diante daquele a quem devia ensinar nunca fazer papel de bobo. Sobre a vergonha de ser humilhado numa disputa, Pitt-Rivers argumenta:

"(...) Lo ofensivo no es la acción en sí misma, sino el acto de obligar al ofendido a ser testigo de ella. (...) En consecuencia, el acto de resentimiento es la piedra de toque del honor,

porque una afrenta física es un deshonor independientemente de los temas morales implicados, y crea una situación en la que el honor de 'satisfacción' para dejar de estar en entredicho y volver a su situación anterior.”(idem;26)

Duas brigas aconteceram dentro de ônibus. A primeira foi descrita pelas testemunhas:

“(...)conhece o réu aproximadamente há dois anos e meio, devido laços de vizinhança. Estava no coletivo quando dos fatos/ réu tocou a campainha para descer. A vítima não atendeu e seguiu marcha. Tocou de novo e a vítima agiu da mesma forma. Posteriormente o ônibus no meio da rua e sem motivo algum o réu saiu do lugar dele e se dirigiu até a altura da catraca e passou a agredir a vítima/ os fatos ocorreram próximo ao Largo 13.”

“Estava no ônibus/ réu deu sinal para o ônibus parar e o motorista não atendeu. O fato se repetiu/ bate-boca/ Entre a entrada do depoente no ônibus e a descida passaram uns três pontos ou uns 20min, por causa do trânsito.”

“Eu (o cobrador) e o motorista pegamos o ônibus no final para trabalhar/ parou no primeiro ponto, não era ponto de parar, mas quem quis descer ali, desceu/ parou no farol de porta aberta, quem quis descer também desceu, depois parou no ponto certo de novo. /Só que o réu não desceu e o motorista continuou, eu só vi a hora que ele falou: ‘esse motorista é folgado’. Falou para os dois caras na frente. Aí, eu perguntei: ‘por que folgado, o que ele fez?’ Ele não respondeu mais nada e falou: ‘não tem problema, eu desço na frente’/ perto da Lacta, ele veio lá de trás com uma sacola de supermercado, pulou a catraca e foi lá na frente, quando vi, estava puxando o revólver/ quando ele entrou no ônibus, ele passou e não deu nenhuma satisfação/ atirou/ Quando entrou, ele não deu satisfação de quem ia pagar a passagem. Eu fiquei olhando para ver a atitude dele, passou, ele não falou nada, passou o segundo e falou: ‘o de trás paga’, eu falei: ‘tudo bem’, aí o de trás pagou em passes e parece que estavam com duas crianças/ só que ele passou e não deu satisfação, pelo jeito queria arrumar confusão.”

As duas partes nesta história se sentiram provocadas. O passageiro porque o motorista não parou no ponto em que ele havia feito sinal para descer. O motorista, porque ele já havia parado diversas vezes, inclusive em local que não era ponto. Provavelmente ele achou que o passageiro deveria ter desembarcado numa destas paradas. A insistência do passageiro em descer no ponto correto, para onde fizera sinal, foi tomada como provocação. O motorista se sentiu no direito de parar onde lhe parecia possível, uma vez que o trânsito estava pesado. O passageiro se sentiu

no direito de desembarcar no ponto para o qual sinalizara. Os dois se sentiram agredidos em seus direitos, o que acabou dando confusão e morte. O cobrador, por sua vez, tomou para si as dores do motorista, porque o passageiro, quando embarcou, não lhe dirigiu nenhuma palavra. O passageiro não pagou a condução, deixou para o amigo que vinha atrás fazer isso, o cobrador se sentiu no direito de receber alguma explicação do passageiro, que passara sem pagar. Por isso, sentiu-se ofendido.

Outra história também foi explicada por seus personagens:

“Eu passei pela catraca e dei uma nota de 500 cruzeiros para o cobrador. Ele quis me devolver o troco de 380 tudo em moedas. Eu não quis, dizendo que não tinha onde guardar as moedas e dizendo que pagaria a passagem com passe. Ele nem chegou e a me entregar as moedas. Ele insistiu em não ficar com as moedas. E disse que não estava ali para agüentar desaforo de vagabundo/”

“(...)o réu passou pela catraca e eu quis dar o troco em passe, pois eu não tinha numerário e ele não quis receber, depois eu quis dar uma parte em moeda, ele também não quis. Ele deixou o troco lá e saiu/ Quando o ônibus parou no ponto, o réu desceu, mas logo voltou, sacando a arma e eu consegui sacar a faca.

passageiro: “Não percebi o início do desentendimento. Eu estava no banco da frente/ muito cansado e tinha acordado muito cedo para trabalhar e até estava cochilando. Só percebi quando o cobrador e o réu caíram nos degraus daquele ônibus, atacadados. O cobrador tentava atingir o réu com aqueles canivetes gaúchos/ houve barulho de tiro enquanto eles estavam atacadados. O cobrador foi para trás do ônibus e o réu caiu para fora. O réu, do lado de fora, efetuou disparo. Eu percebi que ele ia atirar, procurei me abaixar para defender minha cabeça, mas o projétil varou a lataria do ônibus e atingiu-me do lado da cintura, lado direito, alojando-se dentro da coluna. Depois de 24 dias, a bala foi extraída, eu fiquei 50 dias sem poder me locomover na cama. Eu fui muito atingido, afetando as funções do meu organismo, estou com dificuldades para andar.

Aqui o cobrador se sentiu ofendido com a atitude do passageiro por dar uma nota de alto valor para pagar a condução. Ele se sentiu provocado e retribuiu provocando, devolveu o troco em moedas. Passageiro e cobrador ofendidos. A briga foi o meio escolhido para que as duas partes tentassem restabelecer a imagem diante de todos os passageiros, que assistiam o conflito.

O ponto comum entre todas estas histórias foi a luta das personagens em construir suas imagens públicas de modo positivo. Sobre esta tema, Pitt-Rivers reflete a respeito da preocupação com a honra:

Honor es el valor de una persona a sus propios ojos, pero también a ojos de su sociedad. (...) son del mayor interés los medios por los que las personas obtienen de los demás la validación de la imagen que de sí mismas gustan firmarse y los dos términos. El honor, por lo tanto, proporciona un nexo entre los ideales de una sociedad y la reproducción de esos mismos ideales en el individuo, por la aspiración de éste a personificarlos. En tal sentido, implica no sólo una preferencia habitual por determinado modo de conducta, sino la adquisición del derecho a cierto tratamiento. (...)”(idem;22)

Como bem coloca o autor, a disputa pela imagem não diz respeito apenas à imposição de uma preferência pessoal, mas à busca pela aceitação do grupo. Quando os atores dos processos discutiram, brigaram, morreram ou mataram, eles procuraram o reconhecimento e a aceitação de seus pares, a fim de poder exercer direitos que o pertencimento ao grupo oferece. Neste sentido, o autor prossegue:

(...) Pero el honor sólo queda irrevocablemente comprometido por actitudes expresadas en presencia de testigos, representantes de la opinión pública. El problema del conocimiento público como ingrediente esencial de una afrenta ha sido considerado autores, e incluso se ha dudado si el honor puede quedar comprometido por palabras proferidas en ausencia de testigos. (...) Pero todos están de acuerdo en que la medida del daño a la reputación está en relación en el alcance de la difusión de la injuria entre la opinión pública. Esta es la base del dilema con que se enfrentan los héroes de Calderón (...) La opinión pública constituye, pues, un tribunal ante el que se aducen las pretensiones al honor, ‘el tribunal de la reputación’, y los juicios de ese tribunal son inapelables. Por esta razón se ha dicho que el ridículo público mata.”(pp.27)

Neste ponto, pode-se retornar para o início da discussão em que foi argumentado que a imagem pública construída pela pessoa como respeitadora das regras do grupo é mais importante que a consciência dela estar realmente agindo de acordo com as regras. Em sociedades que enfatizam a importância da comunidade, o respeito pela imagem positiva, por uma pessoa com comportamento dentro daquilo

que é previsto, reafirma o valor do grupo. O desvio público é uma afronta não só à pessoa afrontada mas ao grupo como um todo.

O alto valor da comunidade entre os moradores da periferia pode ser analisado em dois processos que envolveram dois policiais, um militar e o outro civil. O interessante em observar estas duas personagens nas histórias de morte é que, como policiais, elas teoricamente estavam ligadas a uma esfera da sociedade um pouco diferente daquela relatada até agora. Ao contrário dos valores comunitários, a polícia é a instituição símbolo do monopólio da força do Estado. Pensar a polícia é pensar a sociedade mais ampla, o estado de direito, o mercado, o espaço público, enfim tudo que se relaciona com a construção do estado liberal. Estado que enfatiza os valores do mercado, do capital, da igualdade, da liberdade, do individualismo etc. A constituição da polícia, a instituição empregadora das duas personagens presentes nos processos, foi orientada não pelos valores comunitários, mas por valores da sociedade mais ampla. O desempenho do papel de policiais se relaciona aos valores desta sociedade mais ampla. Entretanto, as histórias revelaram um cenário um pouco diferente daquele do estatuto que orienta o funcionamento das polícias.

A polícia identificou o suspeito da morte de Baianinho, na viela da Paz, Capão Redondo, através de denúncia anônima. Mas o que realmente levou à prisão e ao reconhecimento do autor foi uma história paralela entre um policial militar que residia no local dos fatos e o réu. Baianinho foi morto por Daniel na tal viela, em um escadão, em frente a casa de um policial militar chamado Jamil. O policial e o réu estavam ligados por laços familiares, porque a esposa do réu era prima do policial. Os problemas começavam aí, havia alguns conflitos e disputas entre os membros da família. Principalmente porque a mulher é que era da família, o réu, na verdade, era agregado. O policial já sabia que o réu estava sendo procurado pela polícia, pois havia sido expedido mandado de prisão.

Com a denúncia anônima, policiais da divisão de homicídios partiram à procura do réu. O réu pensou que fora uma denúncia de Jamil. Ao se sentir traído pelo militar, o réu partiu para o ataque. Quando o militar e seus irmãos e amigos

jogavam dominó na rua, em frente a casa do militar, o réu apareceu. O réu gritou que iria matar um policial e ainda atirou pedra no ônibus que passava. Diante de tal provocação, o militar prendeu o réu e o entregou ao Deic. Foi a partir daí que as investigações sobre a morte de Baianinho caminharam. O processo da morte de Baianinho permitiu observar as relações do policial com o local em que mora. O policial sabia que o réu era uma pessoa temida na região e procurado pela polícia, mas não agiu segundo o estatuto da polícia militar. Entretanto, a partir do momento em que foi rompido um pacto nas relações policial e moradores, o policial chamou para si o papel de homem da lei. Foi um pacto rompido pelas duas partes. No caso do réu, imaginou-se que Jamil rompera com o pacto de um policial que era, ao mesmo tempo, vizinho e membro da família. Portanto, para além de seu papel de policial, estava o cumprimento de uma regra da comunidade: a assistência ao companheiro da prima. No caso de Jamil, o réu rompeu com o pacto de respeitar a autoridade dele diante do público. O réu anunciou publicamente que mataria um policial. Atirou pedra no ônibus, desafiando o poder de Jamil e matou Baianinho diante da casa do policial. A morte de Baianinho em frente a casa, por si só, não causaria danos consideráveis à autoridade de Jamil, mas, somada com as afrontas posteriores, teve seu valor potencializado. A autoridade de Jamil desafiada pelo réu afetou, em parte, a sua força como homem. Mas a autoridade de Jamil também advinha de seu papel de policial, de agente público da lei, de uma pessoa que a população respeitava porque cabia a ele o zelo pela ordem. Jamil utilizou a autoridade, concedida pela esfera pública, a favor de regras da comunidade. A partir do momento em que o réu desafiou o policial, ele selou o seu destino.

A história deste policial permitiu refletir sobre a delicada situação de ser policial nos bairros da periferia. Certamente, des desfrutam de uma situação positiva, que é a autoridade conferida publicamente aos policiais, investidos de poder, responsáveis pela ordem. Entretanto, a noção de ordem segundo os padrões da sociedade mais ampla pode, eventualmente, chocar-se com àquela da comunidade. O caso do policial acima foi um exemplo. Já foi exposto aqui a importância fundamental do grupo familiar na vida destas pessoas. Diante de

situações de crise, a família geralmente é a unidade que pode fornecer assistência no período de dificuldade. O policial tinha laços de parentesco com o réu. Perigoso, criminoso ou não, ele era parente seu. Romper com os laços de família, a favor dos deveres do mundo público é uma atitude delicada. Porque o policial morava naquele bairro, convivia com aquelas pessoas. Para que a sua vida não se transformasse num inferno, ele tinha que desenvolver bom relacionamento com os seus pares. E, de certo modo, isto lhe parecia interessante, porque, ao mesmo tempo, a autoridade pública de policial lhe garantia um certo poder entre os seus iguais. Isto era um aspecto positivo na imagem que ele construiu junto a seus pares.

O caso do policial civil foi explicado no depoimento:

“(...)era investigador do 99º DP. Conhece o réu e seus familiares. O réu lhe disse que vinha sendo molestado e agredido pela vítima/ por causa de uma discussão envolvendo um litro de leite, a vítima deu um soco no réu. Como policial, atuava regularmente na área, a pedido da irmã do acusado foi até um barzinho à procura da vítima para tentar apaziguar a situação/ terminar o conflito entre ambos. Não encontrou a vítima/ conhece o réu há três anos e a irmã dele há sete. Depois dos fatos, o depoente foi procurado pela esposa do réu, e com uma viatura, foi até a casa dele para que pudesse retirar seus pertences e ir embora.(...)”.

Este investigador era companheiro da vizinha da irmã do réu. Ele foi tentar solucionar o conflito por causa do pedido de sua companheira. Ele se utilizou da autoridade de policial para negociar o conflito, obviamente interessado em defender a parte que era sua conhecida. Porque a vítima não era conhecida do investigador. Mas ele não conseguiu localizar a vítima. Depois que o réu atirou na vítima, o policial, com a viatura da polícia civil, ajudou a esposa do réu a fazer a mudança para outra casa. À primeira vista a atitude do investigador pareceu estranha ao papel público de policial. Mas ele era morador naquela comunidade. Tinha laços afetivos com a parte do réu. Como não cumprir com aquilo que a comunidade esperava deste homem? O rompimento das regras comunitárias, a favor dos padrões universais que orientam o funcionamento das instituições públicas, seria bastante difícil neste caso. Ele mantinha relação amorosa com uma mulher que era vizinha da irmã do réu há sete anos. As duas eram amigas e ele, de certo modo, participava desta amizade.

Bourdieu reflete sobre as regras de honra da comunidade:

“La moral del honor se opone, por sus mismos fundamentos, a una moral universal y formal que afirme la igualdad en dignidad de todos los seres humanos, y, en consecuencia, la identidad en derechos e deberes. No sólo las reglas impuestas a los hombres difieren de las impuestas a las mujeres (y semejantemente los deberes), sino que las exigencias del honor, aplicadas directamente al particular y variable según las situaciones, no son en modo alguno universalizables. (...)”(idem;207)

Sem dúvida, o papel dos policiais é orientado pelas regras universais e formais da sociedade mais ampla. Mas o desempenho de suas ações dentro da comunidade em que vivem sofre uma influência poderosa dos laços comunitários, que, como apontou o autor, orientam-se por regras particulares. Portanto, a apropriação do poder público, do qual estão investidos, geralmente é orientada por valores comunitários.

E o que está por trás da importância fundamental atribuída aos laços comunitários, com suas regras e valores particulares? Por que, no mundo da periferia, as regras particulares se sobrepõem às universais e formais? Por que, na periferia, os homens se matam por causa de leite para gato, derrota no jogo de cartas ou por que um olhou torto para o outro? Por que, na periferia, amigos são mortos por que fizeram alguma brincadeira, colocando em dúvida a masculinidade do outro? Certamente uma das respostas é a sociedade mais ampla com suas regras universais e formais.

O mundo da periferia não é um mundo dissociado da sociedade mais ampla. A periferia é parte desta sociedade. Provavelmente, no mundo da classe média é possível observar a permanência de valores comunitários, a importância do grupo, o destaque da honra masculina etc. Mas a dimensão do grupo para a classe média é, sem dúvida, menor do que para as classes populares. A inserção da classe média no mercado ocorre de maneira que permite, em momentos de crise, acionar agências em seu auxílio não disponíveis pelos populares. Estes geralmente dispõem só da família e do grupo.

A persistência de arraigados valores comunitários está relacionada com a não extensão dos valores universais e formais da sociedade liberal às classes populares, o que impede a prática do individualismo. A leitura das histórias dos processos, apresentadas acima, pode lembrar muito uma passagem de Evans-Pritchard sobre os Nuer:

“Como os Nuer têm muita inclinação para lutar, as pessoas são mortas com frequência. De fato, é raro ver um homem de certa idade que não tenha cicatrizes de clava ou lança. Um Nuer deu-me as seguintes causas para lutar: desentendimentos em relação a uma vaca; uma vaca ou cabra comer sorgo de uma pessoa e esta bater naquela; um homem bater no filho pequeno de outro; adultério; direito sobre a água na estação da seca; direito sobre o pasto; um homem tomar emprestado algum objeto - especialmente um ornamento de dança - sem pedir licença ao dono. O Nuer briga imediatamente se acha ter sido insultado, e os Nuer são muito sensíveis e ofendem-se com facilidade. Quando um homem pensa ter sofrido um dano não há qualquer autoridade a quem se possa queixar e da qual possa obter um ressarcimento, de modo que ele, imediatamente, desafia para um duelo o homem que causou o dano, e o desafio deve ser aceito. Não há outra maneira de resolver uma questão, e a coragem de um homem é sua única proteção imediata contra a agressão.(...)”(1993;162)

A questão é que as histórias dos processos estudados na pesquisa ocorreram na periferia de Santo Amaro e não na África. Depois de tantos casos, pode-se perceber que, assim como os Nuer, muitos moradores de periferia também parecem ter “inclinação para lutar”. Mas não se pode esquecer que a periferia é parte de uma sociedade liberal mais ampla, que tem um código de leis que orienta os conflitos e que, por suposto, deveriam ser solucionados, em última instância, no espaço público do sistema de justiça. Entretanto, a distância entre os valores da sociedade liberal e das periferias, onde prevalecem as regras comunitárias, parece tão profunda, que é possível pensar nas monografias sobre a África, quando se estuda os conflitos entre os populares. A este respeito Telles argumenta:

“(...) Uma sociedade na qual distâncias sociais são tão grandes que parece implausível uma medida comum que permita que a questão da justiça coloque-se como problema e critério de julgamento nas relações sociais - o fosso social é tão imenso que parece obstruir a possibilidade mesma de uma linguagem comum e, portanto, do convívio social, interlocução e

debate comum em torno de questões pertinentes. Isto é propriamente o apartheid social.”(1994;228)

Os populares parecem conviver numa sociedade de mercado, sempre à espera de que sua inserção se dê de modo semelhante àquele experimentado pelos estratos médios. Enquanto a promessa não se realiza, a comunidade e a família ocupam posição de destaque, porque auxiliam os populares a enfrentar as crises típicas de uma situação de exclusão social.

Os problemas se agravam quando os valores da sociedade de mercado penetram no mundo das periferias sem a contrapartida da inclusão social. Porque a disseminação de valores de mercado acaba por gerar instabilidade no modo de funcionamento das regras comunitárias. Estas confusões foram percebidas nas histórias de algumas mortes por motivo fútil.

Em primeiro lugar, uma questão que salta das histórias dos processos é a difusão da utilização da arma de fogo. A imensa maioria dos processos denunciou casos de morte por arma de fogo. Pareceu banal um homem possuir e portar arma de fogo nos ônibus, nos bares, no caminho do trabalho, na festa de casamento, na noite de natal, nas festas juninas, no pagode, em todas as situações.

Certamente a discussão sobre o porte indiscriminado de armas de fogo é abordada por pessoas entendidas na área. O que interessa aqui são os aspectos apontados nos processos. Um fato observado nos testemunhos foi que boa parte dos atores (vítimas, réus e testemunhas masculinas), em algum momento de suas vidas, trabalhou como vigia ou segurança.

O desemprego e a instabilidade no mercado de trabalho para as classes populares sempre se apresentou como um grave problema, que parece se acirrar nos últimos anos, com as propostas neoliberais. Uma classe em que a maior parte de seus membros dispõe de baixa qualificação e pouca escolaridade encontra sérias dificuldades num mercado que exige, cada vez mais, mão-de-obra qualificada. Juntamente com a crise de desemprego que vem afetando de modo cruel os populares, o país enfrenta uma séria crise de Estado, cujos efeitos podem

ser percebidos em todo o conjunto da sociedade, inclusive na questão da segurança. O desempenho do Estado na gestão das instituições de segurança tem sido criticado pela incapacidade de oferecer tranquilidade aos cidadãos. A propalada ineficiência estatal na administração da segurança contribui para o incremento do negócio da segurança privada. As classes média e alta crescentemente têm comprado este tipo de serviço. Uma reportagem do jornal Folha de S.Paulo (3.8/20.dez.97) informou:

“A paranóia provocada pela crise de insegurança dos últimos meses e a proximidade do Natal provocaram um aumento na procura pela segurança privada nas áreas comerciais da cidade de São Paulo./ Apenas em um quarteirão da rua Oscar Freire, rua comercial nos Jardins (zona sudoeste), no trecho entre as ruas Haddock Lobo e Augusta, a Folha encontrou 15 seguranças, todos armados./ Num trecho de três quarteirões, entre a rua da Consolação e a Augusta, das 19h às 22h, quando os restaurantes e o comércio estão abertos, a concentração chega a 26 homens./ Segundo o Sesvesp (sindicato das empresas de segurança), o mercado da vigilância privada movimentava cerca de R\$ 1 bilhão ao ano no Estado de São Paulo/ há cerca de 300 empresas clandestinas, que empregam cerca de 100 mil homens apenas no Estado.(...)”

O crescimento vertiginoso do negócio da segurança apresenta-se como oportunidade de trabalho para as classes populares, como a mesma reportagem apresentou: “Apesar de saber que a rotatividade é grande no ramo da segurança privada, a primeira coisa que Marcos W., ex-metalúrgico, fez, ao ser demitido de uma fábrica, foi curso de vigilância./” Mathias discute a questão da segurança privada:

“Com o crescimento da violência, passou-se a cultivar uma espécie de ‘estatística da segurança’, cujo resultado foi o privilegiamento de uma visão de que a contenção da violência só seria possível a partir de uma ação individual de cada cidadão, pois o Estado não parecia responder às expectativas deste mesmo cidadão. O próprio Estado passou a ser co-responsável por isto ao ‘convidar’ as pessoas a se armarem para sua defesa pessoal, o que, aliás, só reforçava o papel que o governo assumiu diante de um tema tão delicado. A resposta foi a proliferação de escolas de defesa pessoal, o aumento da venda de armas e da demanda por serviços de segurança privada.(...)”(1990;98)

O efeito cruel do crescimento deste mercado é que ele tem armado homens que vivem nas periferias, que antes de exercer a profissão de vigia/segurança não portavam arma. O armamento destes profissionais tem disseminado o porte da arma de fogo entre os populares. A arma de fogo contribui para que um conflito que, eventualmente pudesse se encerrar em pancadaria e alguns ferimentos, transforme-se em processo criminal. Conflitos cotidianos, como discussões pela honra não precisavam resultar em morte, como provavelmente não ocorria antes, já que parece que luta pela honra é tema antigo nesta sociedade.

Um dos processos apresentou a história de um vigia que respondeu por homicídio. O patrão testemunhou:

“(juiz: A arma então era do Sr?) Era minha. Nesse dia, meus irmãos chegaram, foram me visitar às 11hs. Eu tinha que dar atenção a eles e não tinha como fazer a segurança preventiva do mercado. Aí eu tive que dar a arma para ele, eu já tive cinco assaltos/ na confusão ele ficou com a arma. Ele demonstrava ser uma pessoa calma. Ele antes era pedreiro/ (Juiz - Ele fazia segurança no mercado?) Quando eu precisava sair do caixa, eu dava arma para ele ir trabalhar. Eu me sentia confiável com esse esquema preventivo.”

O patrão entregou a arma para um vigia que parecia calmo, um garoto invadiu o quintal do vigia, para apanhar uma pipa, e ele atirou. Um final trágico que talvez pudesse ter sido diferente se o vigia não portasse arma de fogo. Uma entrevistada ofereceu uma proposta para a diminuição da violência na periferia que é um verdadeiro contra-senso às reflexões sobre o tema. Mas informou sobre o aspecto cotidiano do porte de arma de fogo entre as pessoas próximas a ela:

“R - Meu marido que fala que todo mundo respeita todo mundo, porque tá armado, ele sabe onde é, ele fala sempre. E, acho que a pessoa tá armada, não tem nada a ver, só porque tá armada, tem que andar, se todo mundo andasse armado mesmo, tivesse uma arma, não tinha tanta morte.

P - Cê acha que tinha mais respeito?

R - Mais respeito, porque um fala, se eu for matar, ele tá armado, ele me mata também, aí teria mais respeito, mas um com uma arma já se acha que, sabe, já, acha que tem mais poder do que outro, daí qualquer coisa, mesmo uma brincadeira, matam, né, às vezes não precisa,

às vezes é um nervoso, às vezes não precisa mesmo, aí pronto, às vezes alguém pra matar, ele mata, só porque tá com uma arma, se acha que é mais homem, mais poderoso.(...)"

A situação observada acima se distancia daquilo que, em algum momento, pareceu próximo: a sociabilidade entre os Nuer: "Os meninos brigam com braceletes pontiagudos. Homens da mesma aldeia ou acampamento brigam com clavas, pois é convencional que as lanças não sejam empregadas entre vizinhos próximos, ou um deles poderia ser morto e a comunidade ficar dividida por uma vendeta.(...)"(idem;162) A "inclinação para lutar" entre os Nuer é administrada de modo a não criar divisões na comunidade. Já, na periferia, parece não haver preocupação com o efeito da disseminação da arma de fogo, como a instabilidade no grupo.

Vários são os problemas observados com a penetração dos valores do mercado entre a população da periferia, destacando-se o envolvimento com o mundo do crime. Várias histórias relataram discussão entre pessoas sem envolvimento criminoso com bandidos da área, às vezes grandes bandidos, integrantes de quadrilhas ligadas a roubo e a receptação de veículos, de mercadorias várias etc. Estes casos permitiram refletir sobre as possíveis conseqüências da supervalorização das mercadorias e do dinheiro, sobre os meios empregados pelos membros de uma classe social excluída do mercado para obter tais mercadorias e as mudanças no relacionamento dentro do grupo. A morte de Aílton, na Vila Guacuri, retratou desta situação. Informaram os cunhados da vítima:

"Ouviu disparos/ notou que seu cunhado Aílton havia sido agredido a tiros pelos seus vizinhos (Zeca e Mané)/ momentos antes, tinha visto seu cunhado discutir com ambos, pois os mesmos haviam mexido com a esposa de seu cunhado e seu cunhado não gostou e foi tirar satisfação com os dois, na discussão os dois disseram a seu cunhado que iriam matá-lo e realmente cumpriram a promessa.

Aílton, seu cunhado, quando viu, Zeca passava de carro e mexeu com a esposa de Aílton, e quase derrubou a menina que estava no colo dela. Aílton ficou exaltado e foi na casa de Zeca, que era vizinho, para tirar satisfações com ele. Isso ficou só no bate-boca. Alguns amigos de Zeca presenciaram a discussão, diziam para Zeca que ele estava certo, que mulher é para mexer mesmo. Zeca e seus amigos ainda disseram que iriam matar Aílton. Em

seguida, Aílton foi para dentro de casa, mas como ele estava nervoso, disse que iria tomar ar lá fora e subiu para o portão. Cerca de 20 min depois, ouviram cerca de 7 tiros/ Zeca continuou freqüentando a vila normalmente mas residindo em Diadema, onde ele tinha uma oficina/”

“Estava no carro, dirigido pelo irmão dele e colocou a mão para fora, para mexer com a irmã do depoente. Quando passaram por ela, a mão de Zeca bateu forte no estômago de sua irmã/ Aílton foi tirar satisfação com Zeca. Houve discussão de boca/ Subiram o morro para buscar a arma e Aílton aconselhou sua sogra a fechar o bar, dizendo que teria que resolver aquele fato naquele dia/ Zeca foi namorado da esposa de Aílton durante dois anos.”

“Aílton resolveu tirar satisfação porque acreditou que eles poderiam posteriormente fazer coisas piores/ A depoente pensou que eles não fossem realmente fazer nada, pois eram todos amigos e criados ali juntos, desde a infância/ Esses cinco meliantes são perigosíssimos, pois usam tóxicos e são ‘cabriteiros’ (roubam carros e depenam) / Todos temem Zeca no bairro e inclusive quando ele atira em alguém, a pessoa fica sem socorro, porque ninguém tem coragem de socorrer/”

Uma outra história envolvendo ciúmes de mulher matou Hélio, na Guarapiranga. Segundo as palavras de sua mãe: “(...)a vítima era bom rapaz, trabalhador e filho exemplar(...)”. O réu, condenado a dez anos e oito meses por dois roubos qualificados, contou porque matou a vítima:

O interrogando não conhecia a vítima destes autos até cinco dias antes da morte do mesmo. Hélio foi convidado por sua conhecida Luciana para ir em sua residência, o que aceitou. Em dia que não se lembra, à noite/ foi à casa dela, quando lá encontrou o outro indivíduo. Hélio estava sentado na cama/ No dia dos fatos, estava o interrogando passando casualmente defronte da casa de Luciana, em seu veículo Opala verde/ quando viu Hélio defronte da casa de Luciana, mais precisamente, conversando com ela no portão./ parou próximo a eles, após sacar a sua arma, obrigou-o a entrar no porta-malas e saiu com o veículo. Na altura da av. Cupecê, a pedido de seus amigos, deixou-os ali e dirigiu para a Vila Joaniza, onde percebeu que a vítima se debatia no interior do porta-malas. Abrindo este, obrigou Hélio a despir-se, impedindo-o de fugir/ Desferiu dois tiros na vítima/ Perguntado sobre o motivo do crime: respondeu que tinha ciúmes de Luciana(...)”

As duas histórias relataram casos de ciúmes entre homens por causa de mulher. Dois homens sem envolvimento com o crime foram mortos por outros com envolvimento. A raiz do conflito foi a mesma já observada nos processos em que réu

e vítima não tinham relações com o crime. A derrota na conquista amorosa levou o derrotado a reconquistar sua posição através da força. Entretanto, nos últimos crimes ocorreram fatos novos. As vítimas se envolveram com pessoas habituadas com a idéia de matar; pessoas para quem o manejo de armas, possivelmente armamento pesado, era parte do cotidiano; pessoas que conviviam com a possibilidade de serem mortas devido às atividades que exerciam. Os dois réus não estavam sozinhos quando mataram suas vítimas, mas junto de parceiros de atividade. Roubo à banco, roubo de carro: geralmente estas são atividades relacionadas ao crime organizado. Provavelmente, encarar um conflito cotidiano com um desafeto ligado ao crime organizado pode ser bem mais perigoso. Uma testemunha, vizinha dos réus, conhecidos bandidos do Jardim São Bernardo, contou sobre a morte de um rapaz que estava namorando com a ex-namorada de um dos conhecidos bandidos:

“(...)tem conhecimento também de outras mortes pelas quais tais indivíduos seriam os responsáveis, um deles chamado Reinaldo, que teria sido morto por estar namorando com Lene, namorada de Paulinho. A depoente saliente que, no dia da morte de Reinaldo, pode ouvir Paulinho e Nando, que são irmãos, quando adentraram em sua residência (os mesmos residem diante da casa da depoente) disseram: Agora o Reinaldo não namora mais ninguém, demos um jeito nele(...)”

Um caso no Parque Figueira, em que réu e vítima estavam envolvidos com o crime, mostrou como podem ocorrer os ajustes de contas por causa de uma discussão de trânsito. O réu, condenado a uma pena de 25 anos e quatro meses e dez dias por latrocínio, contou:

“(...)apresentado a esta equipe J por policiais da 5ª delegacia da divisão de investigação sobre crime contra o patrimônio (roubo a banco), pois se encontra com sua prisão temporária decretada/ conhecia a vítima dos presentes autos há aproximadamente dois meses/ desentendimento no trânsito, o interrogando é motorista de táxi, conduzia o veículo da frota a qual trabalhava, no bairro de Santo Amaro, quando involuntariamente deu uma fechada em outro carro. O motorista do outro veículo emparelhou com o interrogando e passou a xingá-lo, inclusive ameaçando-o de morte, acusando-o de fominha. O interrogando não deu a menor atenção ao episódio, assim como também procurou não revidar às provocações. Passado

aproximadamente 15 dias, tornou a se encontrar novamente com aquele mesmo motorista, já no bairro de Piraporinha, proximidade da residência do interrogando. Ocasão em que aquele motorista propositadamente jogou seu veículo contra o veículo do interrogando, quase provocando um acidente. Tendo ainda dito ao interrogando que era fominha, folgado e que todos os motoristas que trabalham com táxi de frota são fominhas e têm que morrer. Que tal pessoa chegou inclusive a mostrar uma arma para o interrogando, intimando-o. O interrogando chegou a se encontrar com o tal indivíduo uma terceira vez, quando saiu de casa com toda família, de carro, e cruzou com aquele, que mais uma vez o destratou e xingou, tudo na frente da esposa e dois filhos do interrogando. Tal fato se deu nas proximidades da residência do interrogando, o que o levou a imaginar que aquele outro motorista morasse naquela vizinhança. Passado três dias, aproximadamente, o interrogando encontrou com seu amigo Zito, tendo lhe contado sobre os três encontros e discussões que houvera tido com aquele taxista. Zito disse ao interrogando que conhecia tal pessoa e sabia onde poderiam localizá-la/ descarregando o revólver no peito da vítima/ a ação foi muito rápida e nem uma palavra foi trocada entre o interrogando e a vítima. Isso aconteceu num sábado, entre 13 e 14hs/ Zito está atualmente preso por ter sido autuado em flagrante por roubo a banco (...)"

A morte ocorreu numa padaria, havia várias pessoas no lugar. Os dois desceram da moto, com os capacetes, mandaram que todos saíssem e só permanecesse a vítima. Dispararam e voltaram para a moto, mas, para terem certeza que a vítima havia morrido, retornaram ao lado do corpo e dispararam mais tiros. A esposa da vítima depôs:

"(...)era separada consensualmente de Naldo, desde 87. Separou-se pelo fato dele ser violento, tendo-a espancado em diversas ocasiões. Após a separação, Naldo continuou a ir até a sua casa para visitar o filho de ambos, Danilo. Atualmente não convive com nenhuma pessoa, apenas mora com seus pais. Ficou sabendo da morte de Naldo por intermédio de sua irmã, a qual ficou ciente por informações populares. Já esperava pelo acontecido, pois seu ex-marido andava em más companhias, além de ser o tipo de homem metido a valentão/ não sabe dizer quem seriam os autores./a vítima havia sido presa em 87 em consequência de haver comprado peças furtadas de um veículo (receptação)/ a vítima ficou detida aproximadamente 30 dias devido ter comprado um veículo furtado/"

Os motivos do crime foram semelhantes aos primeiros casos apresentados, o réu se sentiu humilhado ao ser denominado de "fominha" por um taxista com veículo

particular, não de frota. O conflito no caso já era anterior à discussão, pois há rixa entre taxistas com veículo próprio e os de frota, porque quem dirige veículo próprio tem dinheiro para comprá-lo, diferente do motorista de frota. A diferença econômica conferiu **status** diferente aos dois. A vítima ofendeu o réu no ponto exato que o fez sentir diminuído. A vingança talvez tenha sido facilitada por se tratar de pessoa envolvida em roubo e latrocínio. O réu tinha parceiro disposto a acompanhá-lo no crime. Por outro lado, provavelmente devido o envolvimento da vítima com pessoas ligadas a roubo de veículo, ela era conhecida na área, fácil de ser localizada.

Houve ainda o caso de dois amigos que foram a um salão de bailes com três mulheres. No final da noite, uma delas resolveu ir embora com alguns colegas que encontrou no salão. Um dos homens que levou as moças se ofendeu, achava que se as mulheres tinham ido, também voltariam com ele. Um dos seguranças do salão, testemunhando a discussão, atirou no homem ofendido. O amigo da vítima e a moça que causou a discussão contaram:

“(...)houve um pequeno contratempo entre a vítima e Lucimara, pois Lucimara havia decidido ir embora na companhia de outros conhecidos/ vítima a agarrou pela cintura e retrucou que a mesma havia vindo com eles e iria em companhia deles, a seguir, beijou-a/ depoente ouviu disparos(…)”

Lucimara: “(...)por não gostar de brincadeira, passou a discutir com a vítima, contudo a vítima continuou brincando/ apareceu um indivíduo de arma em punho que falou: mão na cabeça/ alvejada por vários tiros.”

O segurança que atirou e matou a vítima respondia a diversos processos de homicídio no fórum de Santo Amaro, um tipo de matador. Uma funcionária do salão contou:

“(...)informa ter ouvido comentários que o segurança de nome Mike Tyson/ estava de posse de uma arma de fogo que pertencia a um indivíduo de nome Nardel, no momento em que houve a discussão entre a vítima e uma de suas acompanhantes, Mike Tyson devolveu a arma para Nardel. Esclarece a depoente que em uma outra oportunidade, Nardel ali se envolveu em um tiroteio, tendo na oportunidade ferido um seu desafeto e após evadiu-se. A depoente informa ainda que Nardel é elemento de má fama e perigoso e que teme por sua segurança, pois, disfarçadamente, outras pessoas já a intimidaram a não colaborar/ já havia advertido Mike

Tyson sobre a má influência da companhia de Nardel, principalmente no tocante à Mike Tyson desobedecer ordens regulamentares do estabelecimento comercial no tocante à guarda das armas/ guardava consigo na cinta”

A possibilidade de discussões e brigas em salão de bailes não era remota, por este motivo o proprietário se preocupava em contratar seguranças para evitar conflitos. Estas discussões não causariam necessariamente mortes. Mas, se a segurança era realizada por uma pessoa que respondia a vários processos de homicídio, conhecido na região como matador, não era difícil imaginar o possível fim das discussões por motivos fúteis. Neste processo percebeu-se a proximidade entre matadores e empresas de segurança. Um dos seguranças do salão era amigo do réu e declarou trabalhar para uma agência, responsável pela segurança de um **shopping center** em Santo Amaro.

Um dos aspectos que despertou atenção, desde o início da pesquisa, foi a transitividade entre os atores nos processos. É sabido que os membros das classes populares, que trabalham e não se envolvem com o mundo crime, costumam construir a identidade de homem trabalhador e honrado contra a do bandido, um estigma. Esta clivagem de valor e significado não corresponde necessariamente ao isolamento entre as duas partes: o trabalhador e o bandido. Estas duas personagens moram no mesmo bairro, freqüentam os mesmos bares, lugares, meios de transporte e podem ser parentes ou colegas próximos. A clivagem de valores fornece o sentido dos papéis sociais, mas não condiciona as partes ao isolamento. Até porque o bandido pode ser bandido fora da área e, junto com a comunidade, ser uma pessoa honrada, respeitar as regras daquela comunidade. E o respeito às regras comunitárias é o fundamental. A clivagem de valor e, ao mesmo tempo, a proximidade das partes valorizadas diferentemente foi tema constante nos processos.

“Luizinho e Carlinhos ameaçaram matar seu filho/ ficou sabendo através de comentários generalizados de bairro/ são pessoas de alta periculosidade e

apavoram todo mundo do bairro”. Os dois acusados mataram o filho do depoente, só que o filho dele era companheiro de bar destas pessoas de alta periculosidade.

Em outro caso, o relatório policial informou sobre a vítima: “O indiciado confessou que com a arma em questão havia praticado o homicídio doloso que vitimou Florisvaldo/ a vítima era pessoa trabalhadora/ bem quista no bairro onde residia e sem qualquer problema com a polícia ou a justiça, deixando a população revoltada com a brutalidade do crime.” A esposa da vítima contou sobre o crime:

“Comparece espontaneamente e passa a expor o comentário generalizado que corre em seu bairro/ seu marido conhecia um indivíduo (Luiz-Lula) como é conhecido no bairro, além de ter fama de ladrão, tratando-se de pessoa de alta periculosidade/ no dia dos fatos, Lula teria um desentendimento com Florisvaldo, não sendo bem certo o motivo, talvez relacionado a jogo, tendo aquele indivíduo perdido dinheiro para a vítima/ Lula saiu para conseguir uma arma, retornando e encontrando a vítima/”

O marido dela foi morto por alguém conhecido como ladrão de alta periculosidade. Mas o marido dela era companheiro de jogo desta pessoa perigosa.

Uma testemunha depôs sobre o crime cometido por seu irmão:

“(…)soube por terceiros que Valdemir e Cidinho estavam anteriormente no bar do Sabino, bebendo. Posteriormente teriam saído juntos, após caminharem juntos numa distância de 50mts é que aconteceram os fatos, ocasião em que o irmão do declarante feriu o Cidinho fatalmente. No bairro existe comentários que o elemento Cidinho é vagabundo, pois não trabalha e fica sempre andando de um lado para o outro.”

Talvez Cidinho fosse realmente vagabundo e ficasse andando de um lado para o outro, mas o irmão da testemunha era colega Cidinho e o acompanhava.

O depoimento de uma mulher que foi roubada e estuprada pelo irmão de sua vizinha, no Parque Dionísio, mostrou a proximidade entre pessoas sem envolvimento com o crime e pessoas com envolvimento com o crime:

“(…)a depoente foi estuprada na madrugada/ Vanderlei, que, segundo a depoente, é irmão de uma colega de sua amiga Flor. Cerca de dois meses atrás, Sueli juntamente com Flor esteve em sua residência pedindo emprestado o aparelho de som da depoente para fazer uma festa de aniversário de sua filha. A depoente emprestou o referido aparelho, ficando de ir buscar

à noite, sendo que a mesma esteve em sua residência à noite para pegar o aparelho de som, acompanhada de sua amiga Flora e de seu irmão Vanderlei. Na ocasião do estupro, houve também roubo de um aparelho de TV e o aparelho de som acima mencionado. Na ocasião dos fatos, Vanderlei estava acompanhado de outro elemento desconhecido, que levou consigo o aparelho de TV e deixando o Vanderlei com a depoente exigindo que lhe entregasse o dinheiro.”

Ao ser gentil e corresponder às expectativas de uma boa vizinha, emprestando seu aparelho de som, ela se aproximou do mundo do crime. Porque sua vizinha tinha laços com o mundo do crime bem mais próximos do que poderia supor.

Estas histórias se sucederam. O grande problema foi quando a transitividade entre as partes ocorreu num cenário ocupado pelo crime organizado e, principalmente, comandado pelos valores do mercado. Faz-se necessário explicar que o problema não são os valores de mercado em si, mas o fato deles penetrarem numa classe que a sociedade mais ampla insiste em manter excluída do mercado. Portanto, a penetração dos valores de mercado (dinheiro, mercadoria, poder etc.), principalmente através do crime organizado, ocorre num cenário que permanece sendo o de exclusão social. Acarrentando uma série de conflitos dentro do grupo.

Se o bandido se orientar pelos valores comunitários, a estabilidade do grupo não necessariamente está ameaçada. Mas quando um bandido se orienta pelos valores do mercado, dinheiro e poder passam a ser mais importantes que as regras de convivência local, a estabilidade fica então ameaçada. Nas histórias em que bandidos do local, ligados a roubo de veículos, por exemplo, mataram por ciúmes de uma mulher, percebeu-se a elevada importância atribuída à honra masculina entre bandidos e não-bandidos. Entretanto resta a questão: a elevada representação à honra masculina entre bandidos e não-bandidos é da mesma ordem? A complementaridade entre os papéis masculino e feminino entre aqueles que não apresentam ligações com o mundo do crime, já observada no estudo sobre a família, repete-se entre os bandidos?

Ao privilegiar dinheiro e poder, valores do mercado, em detrimento das relações comunitárias, os bandidos rompem com laços, fato que parece contribuir para um cenário mais perigoso e mortal na periferia.

Uma briga entre carroceiros por dinheiro resultou em homicídio, o testemunho descreveu o início do conflito:

“Conhece Imídio, vulgo Dido, há cinco meses/ no dia dos fatos, pegou emprestado com Dido um carrinho para pegar papelão na rua e vender no depósito. Dido emprestou o carrinho e disse que no final do dia era para ele lhe trazer a quantia de cr\$ 500,00. O declarante trabalhou o dia todo e no final do dia não conseguiu vender o papelão. Foi até um terreno em frente a empresa Copagás, onde vive Dido, sua esposa Sara e outros catadores de papel. Lá disse a Dido que não havia conseguido vender o papel, sendo que este primeiramente lhe disse que não iria fazer nada com ele/ passados alguns instantes, apareceu Zico, colega de Dido/ desferiu um soco em sua boca/”

Mas o dinheiro e o poder não são os únicos valores do mercado que geram instabilidade no grupo. A história de dois amigos que se agrediram, até que um deles morreu, exemplificou os transtornos dos valores da sociedade mais ampla nestas comunidades.

“(...)a vítima chegou e pediu para tomar uma cerveja em companhia dele. O réu se recusou dizendo que aquele era dia só dos negros, pois se comemorava o centenário da abolição da escravatura e a vítima foi beber do outro lado, quando houve a discussão e a briga.”

“(...)o réu e a vítima eram amigos. Tudo começou com uma brincadeira, que se transformou em discussão e depois em briga/ não dá para eu dizer quem começou a brigar. O castigo recaiu na vítima, mas poderia ter recaído no réu/ não dá para dizer quem bateu mais em quem. Os dois bateram e os dois apanharam.”

“(...)A vítima era meu concunhado. Quando eu cheguei estava uma brincadeira a respeito de raça. Era o dia do centenário da abolição da escravatura. O réu disse para aquela vítima que branco naquele dia não ia beber mesmo com ele, porque aquele dia era dia dos negros. Tudo em tom de brincadeira. A vítima ainda foi tomar cerveja no mesmo copo do outro. Em seguida, a vítima ainda tentou pegar o copo do réu e o réu não deixou, repetiu a mesma coisa. Eu pensei que eles estavam brincando, porém quando a vítima ia saindo, o réu falou para a vítima ‘você é bunda mole, filho da puta e outras coisas’ e então a vítima voltou-se e o réu atirou a cerveja no rosto dela. Imediatamente a vítima deu um soco no réu e começou a briga/ vítima e

o réu eram amigos e jogavam juntos/ a vítima era branca, bem branca/ Eu conheço o réu há 10 anos e ele tem bom comportamento e nunca o vi envolvido em outras brigas e confusões.”

“(…)Eu já conhecia o réu e a vítima, que freqüentavam meu bar. Eles eram amigos e nunca presenciei nenhuma briga entre eles (…)”

“Eu ouvi dizer que o Irineu brincou com o réu, convidando para tomar cerveja juntos e o réu respondeu que naquele dia (centenário da abolição da escravidão) branco não ia tomar cerveja, que preto estava pagando/ “

“Tanto a vítima como o réu eram meus grandes amigos. O réu e a vítima eram amigos, até demais. No dia dos fatos, por causa de uma discussão boba, a respeito de raça, pois até o dia da abolição da escravidão, surgiu uma discussão entre a vítima e o réu, até que um empurrou o outro./ só vi o réu dizer: ‘você não bebe no meu copo porque você é branco e eu sou preto’.

“(…)o que aconteceu foi um desastre.”

Os dois eram grandes amigos há muito tempo, independente do fato de que um era branco e o outro negro. Os motivos da briga entre réu e vítima diziam respeito a algo que estava muito além do réu e da vítima. O motivo fútil desta história foi o racismo, que de fútil não tem nada. Preconceito e discriminação certamente são valores da sociedade mais ampla, cuja prova maior é a exclusão social experimentada pelos atores da pesquisa. A introdução dos valores da sociedade mais ampla se deu através da lembrança, ocasionada pela celebração do centenário da abolição. O réu sentia o racismo da sociedade brasileira na pele. Como disse uma testemunha: “foi um desastre”. Foi um desastre mesmo porque a briga não era entre os dois amigos. A briga foi inspirada pelos valores de uma sociedade excludente.

As histórias de morte ocorridas por motivo fútil revelaram que esses motivos não foram assim tão fúteis. Porque eles estavam relacionados com a reafirmação do poder dos valores comunitários. E a comunidade se revelou fundamental para a existências destas pessoas excluídas pela sociedade mais ampla.

Parte 2 - A disseminação dos valores do mercado.

Quando se rompe com os arranjos comunitários

Justiceiros e matadores:

A região da periferia de Santo Amaro é bastante conhecida pelos inúmeros casos de justiceiros. Mais especificamente, homens que matam, eliminam, outros homens. Muitos dos que morrem são malvistas pelos moradores da localidade; por ameaçar, roubar, furtar, estuprar etc. No fórum de Santo Amaro, o julgamento de justiceiros é uma prática cotidiana. O fenômeno justiceiros não é uma característica particular da periferia da zona Sul da cidade, há justiceiros em todas as regiões. Entretanto, a zona Sul se destacou por abrigar justiceiros famosos.

A idéia que os meios de comunicação costumam transmitir é a de que os justiceiros matam bandidos, ladrões, assaltantes. Matam pessoas que prejudicam principalmente homens sem envolvimento com o mundo do crime, pais de família, comerciantes estabelecidos em regiões da periferia. A população apoia porque eles distribuem justiça, penalizam os malfeitores e protegem os moradores de ladrões e bandidos em geral. A leitura dos processos revelou que a experiência da população de periferia sobre o fenômeno justiceiros é mais complexa do que as histórias que a imprensa apresenta.

Muitas vezes a situação pode ocorrer do seguinte modo: alguém começa a “arrepisar” os moradores de um bairro (rouba, estupra, cobra pedágio dos moradores). A situação se repete e se torna insustentável para os moradores. A atuação da polícia é rara, dificilmente as agências estatais solucionam os problemas destas pessoas. Daí pode surgir um homem ou um grupo de homens que decide fazer justiça com as próprias mãos, justicar, dar um fim, matar aqueles que ameaçam a paz local. Estes são os justiceiros.

Houve um caso em Parelheiros em que um grupo de garotos passou a incomodar os moradores locais. Um dos incomodados, que inclusive trabalhava como vigilante noturno na área, juntou um grupo de homens para liquidar os garotos. O réu relatou:

“(…)reside no endereço há cerca de três anos/ há anos os moradores do Jardim Silvéria vêm sendo molestados por alguns marginais que agem naquela área, todos de alta periculosidade, o que vinha provocando muita irritação entre os mesmos moradores. A vítima Rinaldo, Dedo e Lagartixa davam cobertura para tais marginais, sendo que Rinaldo trazia marginais para praticarem crimes naquela região. Em junho passado, tais marginais (sem participação dos três) mataram uma mulher, estupraram outra e mataram um rapazinho na chácara. Os autores desses crimes foram um tal de Pezão, Mu, Dadinho, dois irmãos deste Lagartixa e outros/ em consequência, naquela época, Dadinho foi linchado, sendo que Pezão e Mu fugiram. No dia 19 passado/ Mu, os dois irmãos de Dadinho, a vítima Lagartixa e outros dois marginais lá do Colônia, pegaram um amigo do interrogando, muito querido lá no bairro e o atiraram dentro de um poço com cerca de 25mts de profundidade. Por pouco, esse amigo, de nome Vicente, não morreu/ também roubaram o dinheiro de Vicente. Diante disso, o pessoal ficou revoltado e o interrogando resolveu espantar aqueles marginais da área. Além do que, quando aconteceu o fato com Vicente, os marginais disseram que iriam apanhar um por um dos amigos dele para vingarem a morte de Dadinho/”

“(…)as divergências entre o interrogando e a família da vítima decorre do fato do sítio do interrogando estar encrustrado entre um terreno onde existe uma fábrica de propriedade de Silva e a casa da mãe da vítima. Os familiares daquela querem a todo custo, há anos, tirar o interrogando daquele local. Soube, por um comerciante, que a vítima havia sido o autor do furto de 14 patos criados pelo interrogando, que foram vendidos àquele pela vítima.”

Um outro acusado depôs sobre a história: “Aquilo ali na viela já é uma coisa que ficamos até preocupados. Os caras andavam fazendo mil e uma coisa. Estupraram a professora, mataram a sobrinha do rapaz que está aí como testemunha e mataram a mulher do Raimundo. Tentaram queimar tóxico no meu bar, eu não deixei.”

Na história de Parelheiros, o réu agiu como justiceiro no interesse da comunidade, apavorada com os garotos. Ele agiu em seu próprio interesse também, porque enfrentava problemas com a família da vítima, relacionados à propriedade. Houve situações em que alguém atuou como justiceiro para ajudar uma família. Um exemplo foi um caso no Parque Dionísio, em que uma mulher foi violentada e roubada pelo irmão de uma vizinha. O marido da vítima encontrou alguém para matar o criminoso. O marido contou:

“(…)o interrogando se encontrava no interior de um bar, no Capão Redondo, tomando umas cervejas e informando para alguns populares o que havia acontecido com ele e

Aparecida, quando surgiu um elemento que se interessou pelo assunto, pois se tratava de estupro, e ofereceu-se para ajudar o interrogando. O interrogando já tinha certeza de que quem havia roubado sua residência e estuprado Aparecida era Lilico, foi até a residência do mesmo, em companhia dos elementos que havia encontrado no bar, após ter apontado a residência de Lilico para os elementos, o interrogando saiu do local. Uns dias após, o interrogando ficou sabendo que Lilico havia sido assassinado pelos elementos que ele havia encontrado no bar (...)"

Nas duas histórias citadas acima houve estupro e este parece que foi um dos principais motivos de revolta do grupo contra a ação do agressor. Certamente o estupro é um dos tipos de violência que mais incomoda a comunidade e desperta a ação de justiceiros. O fato de os justiceiros agirem contra autores de estupro sinaliza a proximidade entre a figura dos justiceiros e os valores do grupo social.

Muitas vezes o justiceiro atribuiu as primeiras mortes ao fato de ter sido vítima de alguma violência. O depoimento de um matador, por exemplo, revelou porque matou as duas vítimas dos autos:

"(...)o interrogando, há questão de meio ano atrás, aproximadamente, estava morando no bairro da Pedreira, foi abordado por vários indivíduos, cerca de oito, que tentaram roubar o seu pagamento. O interrogando reagiu, entrou em luta corporal com os desconhecidos, isso foi numa sexta-feira/ é bem visto por todos/ recebeu um bilhete dos desconhecidos, dizendo que iriam matá-lo/ acabou o serviço dando coronhadas/ matou outro indivíduo conhecido por Cido, que também tentou assaltar/ nos dois casos agiu em legítima defesa, pois eram perigosos e assaltantes, não está arrependido pelos seus atos"

Os depoimentos também revelaram a presença freqüente de comerciantes entre os justiceiros. Um matador confessou a morte das vítimas nos autos e comentou sobre sua associação com outros companheiros:

"Conhecia o elemento Roni, mais conhecido por Boy. Este elemento tinha um irmão chamado Carlos e ambos praticavam roubos juntos. Por diversas vezes o interrogando foi abordado pelos mesmos e que, todas as vezes, sob ameaça de armas, levaram seu dinheiro. O interrogando, além de trabalhar como funileiro, tinha também uma barraca de doces na Vila Préu. No dia dos fatos, o interrogando foi até a padaria no largo do Parque Arariba, por volta das 21hs, notou seu algoz Roni parado nas proximidades da padaria. O interrogando se

aproximou de Roni e perguntou: 'cadê o seu irmão para vocês me roubarem novamente?' Resposta: 'não tem nada, tretas já passaram' e ameaçou sair correndo. O interrogando sacou seu revólver e fez vários disparos contra Roni/no dia seguinte, através do noticiário do rádio, ficou sabendo que Roni faleceu/ fez isto por estar cansado de ser humilhado, muitas vezes foi molestado por Roni, roubando-o"/

"Na época dos fatos, o irmão da vítima tinha assaltado meu bar. Ele e sua turma costumavam me assaltar 2, 3 vezes/ semana. Não só a mim, mas também os fregueses. Por causa dos assaltos, fui à polícia, mas eles só fizeram o B.O. Carlinhos, irmão do falecido, cobrava pedágio, nós tínhamos que pagar a ele e a seu bando para não sermos assaltados. Ele ia na loja, no bar, levava dinheiro dos fregueses, roupa, mercadorias./ eu me associei a outras pessoas a fim de fazer justiça com as próprias mãos/ As pessoas que estão na foto são todas pais de família, trabalhadores que tiveram a esposa estuprada, o pai morto, que é o meu caso."

O depoente acima fazia parte de um grupo de matadores que ficou famoso como "matadores do Parque Arariba". A presença de comerciantes entre os justiceiros apontou o poder destes homens nas comunidades, principalmente os donos de bar. Devido o ponto comercial e a freqüência do público, os comerciantes se tornam conhecidos na região, ficam sabendo das conversas sobre os moradores, os acontecimentos etc. A posição de dono de bar, principalmente, oferece um **status** diferenciado em relação aos consumidores. O dono dispõe de poder sobre os freqüentadores sobre o que se permite ou não fazer no seu ponto comercial. Nos processos, era comum o comerciante obrigar os indivíduos em conflito terminarem a briga fora do bar e também proibir o réu de atirar na vítima em frente ao seu bar.

Os justiceiros costumam ter o apoio da população porque restauram a ordem ao caos disseminado pelos bandidos. O tipo de justiça realizado pelos justiceiros não é percebido como prejudicial aos moradores. Ao contrário, é o único auxílio que eles dispõem. O justiceiro dificilmente é apanhado pelas malhas da justiça, porque ainda não tem passagem pela polícia. Ele está iniciando sua carreira no crime e, de modo geral, conta com o apoio e a admiração da população. Deste modo, raramente alguém denuncia ou depõe contra ele, pois é uma das únicas garantias de ordem do local.

Com o passar do tempo e das mortes somadas, o justiceiro cria fama no bairro e passa a ser contratado por comerciantes e pessoas em geral que precisam do seu serviço de matador contra ladrões, bandidos, ou qualquer um que afronte quem pode pagar o serviço de um justiceiro. A partir de então, ele passa a ser um matador.

Os matadores são, na realidade, os justiceiros que aparecem na imprensa. A mídia dificilmente destina espaço para os justiceiros no começo de carreira, porque são tantos e a maioria deles não consegue alcançar o sucesso de um famoso matador.

Geralmente os matadores são réus preferenciais do tribunal do júri, ao invés dos justiceiros. Pois, depois de tantas mortes, crescem as oportunidades de serem apanhados pelo sistema de justiça. Outro motivo que os torna réus preferenciais é a relação destes homens com a comunidade, muito diferente daquela estabelecida com os justiceiros.

O apoio de muitos moradores aos justiceiros se deve, como citado acima, ao fato deles representarem uma das únicas oportunidades de justiça para estas pessoas. Ao dar fim à vida de homens que ameaçam uma localidade, eles devolvem um pouco de segurança para o local. Quando o justiceiro mata geralmente a sua ação está orientada contra um inimigo comum do bairro. Alguém que, de certo modo, inclui a morte violenta no seu destino ao escolher o caminho do mal, ao disseminar a insegurança e o medo entre os moradores. De modo diferente, a ação do matador não está orientada contra um inimigo comum, ele mata por dinheiro e o que norteia a decisão de matar é o interesse de quem contratou. Atualmente alguns matadores são contratados por traficantes de droga para liquidar garotos que não saldaram suas dívidas com o tráfico. Fazer justiça deixa de ser uma ação vinculada a valores do grupo local¹¹ para se tornar decisão puramente pessoal de quem deve

¹¹ Ao me referir a uma justiça vinculada a valores locais não estou querendo afirmar que a ação dos justiceiros pode eventualmente se relacionar com um tipo de ação de justiça compartilhada entre os moradores locais. A justiça dos justiceiros é realizada somente pelo justiceiro, não se tratando de um tipo de ação participativa, pelo contrário, trata-se de um modo individual, cujo poder cabe apenas àquele que toma para si a tarefa de matar. Heloísa Fernandes define muito bem esta situação. “Homens sozinhos, decididos, lutam em nome das classes trabalhadoras e não com elas. Um último custo desse imaginário heroicizado pela ‘boa causa’ é o da

viver ou morrer. A partir deste momento, o apoio da comunidade àquele que foi justiceiro e atualmente é um matador transforma-se. É mais provável o apoio à morte de uma pessoa que o grupo social entende como digna de morte violenta porque transgrediu gravemente as regras do que em casos em que a decisão de matar depende do interesse puramente individual. Caso em que a vingança não é coletiva, mas pessoal. Um dos principais problemas nas mortes efetuadas pelos matadores é que a comunidade pode não concordar com a escolha da vítima. Eventualmente a vítima pode ser alguém de apreço para o grupo. Quando a ação de um matador começa a se chocar com os interesses do grupo, é possível que as denúncias e os depoimentos na justiça contra o matador o encaminhe ao tribunal e à prisão. O depoimento abaixo exemplificou este tipo de situação:

“(...)na época em que compareceu já era de seu conhecimento, através de comentários, que os autores da morte de Almir seriam os dois irmãos conhecidos por Jurandir e Pistolinha, que no bairro são tidos como justiceiros, inclusive o corpo da vítima foi encontrado em um terreno ao lado da casa de Jurandir. Após comparecer nesta equipe para prestar depoimento, recebeu uma visita de Jurandir e Pistolinha que disseram à depoente que ela havia vindo na Divisão para entregar eles aos homens, ameaçando-na/ Os elementos disseram ainda que não tinham ficha na polícia e, se isso acontecesse, ela seria responsável. Ela foi intimada por eles a mudar de casa. Omitiu tais fatos por temer que os justiceiros fizessem algo contra ela e seus filhos”

Geralmente o poder do justiceiro e do matador se impõe através da violência e do medo. O grupo social, além de legitimar os valores que norteiam o modo de agir do justiceiro, também se sente amedrontado por qualquer tipo de retaliação violenta que pode advir de alguma crítica contra aquele que mata. Entretanto, há casos em que o justiceiro e o matador conquistam poder na comunidade não apenas através da violência. Mas pela distribuição de serviços essenciais (além da segurança) para a manutenção da vida das pessoas. Este é o caso de um grande matador do Jardim Miriam. No processo está incluído um abaixo-assinado da população da favela do Jardim Selma a favor do réu. Este matador, além de matar bandidos que

luta coletiva mas exemplar que não visa à organização e resistência das classes trabalhadoras mas que, ao

incomodavam os moradores da favela, ainda era o responsável pelo fornecimento de água e luz, serviço que é monopólio de empresas públicas ou concessionárias:

“Sou muito conhecido na minha favela e se alguém estava sem eletricidade, eu mesmo subia no poste, ligava a luz da pessoa e pegava o RG dele, o documento, e levava na Eletropaulo para regularizar tudo, depois de três meses, vinha a conta dele. Também, quando tinha problemas com a Sabesp, porque a Sabesp fornecia material para mim, eu tinha 150 peças e quando quebrava alguma coisa no barraco de alguém, quando quebrava o esgoto, eu ia lá, dava um jeito. Eu vinha aqui na Sabesp e falava: o barraco de fulano de tal está ligado a água, e tudo bem, dava o nome da pessoa e eles falavam: pode ficar tranquilo que no mês que vem, vai a conta. Por isso, eu sou conhecido.”

O caso deste justiceiro suscitou a reflexão sobre o exercício de direitos dos populares. Os serviços de água e esgoto e fornecimento de energia são parte dos direitos do cidadão. Difícilmente alguma facção contestaria, nos dias de hoje, o direito de todos os cidadãos a este tipo de serviço. Entretanto, o processo revelou a não concretização de um direito, e principalmente o modo como a população da favela obteve acesso aos serviços da Eletropaulo e da Sabesp. A prestação dos serviços foi efetuada pela mediação de uma personagem da vida privada. O matador não era uma figura pública, ele se apropriou de serviços públicos de uma maneira privada e ofereceu estes serviços a seus simpatizantes na favela. A concretização do direito do serviço de luz e água na favela tratou-se, na realidade, de uma doação do matador para aqueles que reconheceram a autoridade do justiceiro. Através da não concretização de direitos reconhecidos como universais, o matador conseguiu impor o seu poder. O fornecimento de água e luz para estes favelados chamou a atenção para o fato de que o problema não se traduz na ausência de direitos. Porque estes favelados dispõem de direitos como todos os cidadãos da sociedade. O aspecto principal são os efeitos advindos da não concretização de um direito já reconhecido. Sobre o tema, Telles argumenta:

“(…)São os pobres, figura clássica da destituição. Para eles é reservado o espaço da assistência social, cujo objetivo não é elevar condições de vida mas minorar a desgraça e ajudar a sobreviver na miséria. Esse é o lugar dos não-direitos e da não-cidadania. É o lugar no

qual a pobreza vira 'carência', a justiça se transforma em caridade e os direitos em ajuda que o indivíduo tem acesso não por sua condição de cidadania, mas pela prova de que dela está excluído (...)" (1992;36)

A autora prossegue em sua reflexão sobre os efeitos perversos da não realização de direitos universais aos populares:“(...)Todo o problema parece estar precisamente na vigência de um mundo legal que não chega a plasmar as regras da civilidade e os termos de uma identidade cidadã, de tal modo que hierarquias são respostas onde deveriam prevalecer os valores modernos da igualdade e da justiça.(...)” (idem;167) Telles chama a atenção também para a ausência de “responsabilidade pública” (1994) em relação a não concretização de direitos “sacramentados em lei ou corporificados em instituições”. Neste sentido, a “noção de bem público” confunde-se com a “vontade” do governante.

Na história deste grande matador do Jardim Míriam observou-se os elementos evocados acima. O fornecimento de serviços essenciais de infra-estrutura não foi orientado por “valores modernos da igualdade e da justiça”. Pelo contrário, o acesso aos serviços caracterizou-se como uma doação de um ator privado, revelando uma conjuntura favorável à hierarquia, que subordinou os receptores do serviço doado ao doador.

O emaranhado entre bem público e poder privado no Brasil é tema de extensa literatura. Segundo Martins: “(...)a distinção entre o público e o privado nunca chegou a se constituir, na consciência popular, como distinção de direitos relativos à pessoa, ao cidadão. Ao contrário, foi distinção que permaneceu circunscrita ao patrimônio público e ao patrimônio privado. (...)”(1994;21)

Os autores apontam para o fato de que o bem público e o exercício de direitos na sociedade brasileira caracteriza-se pela marca personalista da autoridade. O desempenho do justiceiro do Jardim Míriam reproduziu o estilo privado da autoridade na administração do bem público. Neste sentido, Martins prossegue:

“(...)Muito do que aparece aos olhos da classe média letrada como arbítrio e roubo, não aparece com a mesma conotação aos olhos da grande massa pobre, rural e urbana. Até

porque essa massa, de um modo ou de outro, está inteiramente integrada na política do favor: praticamente tudo passa pela proteção e pelo favorecimento dos desvalidos. (...)”(idem;38)

Entretanto, mesmo entre aqueles já bastante acostumados ao personalismo no gerenciamento do bem público, observa-se a imposição de limites para aceitação deste personalismo. A este respeito, Sarti relata o caso de um presidente de associação, que exercia função análoga aos justiceiros dos processos pesquisados:

“(...)Quando a região foi invadida, a demarcação dos lotes foi controlada pelos primeiros invasores, sob as ordens inequívocas de quem viria a ser depois o presidente da Associação dos Moradores do local. Eleito pela população, ele tornou-se uma espécie de ‘dono’ da favela, ou seja, o ‘protetor’ da população local contra ameaças, sobretudo de despejos, proteção exercida com a ambivalência de quem exerce a autoridade, legitimada pela sua coragem, mas também pela força, garantida pelo uso de armas. (...)”(1994;170)

Apesar de o líder dispor de uma vantajosa situação de poder junto a uma população habituada ao personalismo, Sarti aponta os limites deste hábito:

“Quando prevalece o interesse individual em detrimento dos deveres da ‘boa autoridade’, rompe-se drasticamente com as obrigações morais em relação a seu grupo e o que conta é ‘levar vantagem’. É nesta lógica que se inscreve o comportamento do presidente da associação dos moradores da favela que cobrava uma taxa para redistribuir os tickets de leite distribuídos gratuitamente à população pelo governo. Foi denunciado por um dos moradores da favela e preso.”(idem)

Parece que neste caso o “protetor” exagerou em seus privilégios, tornando insuportavelmente privado aquilo que fora percebido como um direito da comunidade.

Há um outro tipo de justiceiro e matador que são policiais ou ex-policiais que residem no local e zelam pela segurança dos moradores, certamente em troca de interesses, que podem ser até mesmo a manutenção do poder de sua pessoa como um policial. Muitas vezes, as diversas mortes que ocorrem em um local são compreendidas pelo policial que reside por ali como um desafio à sua autoridade. Alguns moradores relataram que os justiceiros podem desempenhar papel importante na negociação dos conflitos cotidianos dos habitantes da região. Um

deles deu exemplo sobre a separação de um casal, a partilha dos bens teve como árbitro um justiceiro, que decidiu pela divisão da casa através de uma parede no meio da residência. A divisão dos cômodos foi efetuada pelo justiceiro, cabendo a cozinha, por exemplo, para a mulher. Porque quem cozinha é mulher, homem não cozinha, logo o ex-marido não precisava da cozinha.

Muitas vezes a figura do justiceiro se relaciona com a distribuição de ordem em uma localidade. Entretanto, o justiceiro pode zelar pela ordem na sua área e ser responsável pela desordem em outro local. Isto é comum quando um grupo de bandidos procura se impor como líderes nos negócios do crime em uma determinada região. Uma entrevistada contou sobre a situação na favela em que mora. Havia um grupo que comandava o crime na favela, este grupo era o responsável pelo tráfico de drogas, roubo de carga e caminhões e de banco. As atividades ilegais eram realizadas apenas fora da favela, ali dentro o grupo comandava a ordem. Nos casos em que garotos da favela furtavam objetos das casas dos moradores, a vítima reclamava para o chefe do grupo, que obrigava o garoto a devolver a mercadoria. Um policial testemunhou sobre um homicídio: “A vítima era tida como marginal e pretendia organizar um grupo de malfeitores, fato que eles, justiceiros, não permitiam/ (Juiz: ”esses autores seriam justiceiros da região?”) Não bem justiceiros, é metido a xerife, que ninguém trabalhava ali, só o Zezinho trabalhava/” No grupo de “xerifes,” apontado pelo policial, um deles tinha passagem na polícia por furto, fato que o aproximava de sua vítima. Geralmente um grupo de bandidos costuma atuar como justiceiro em sua área a fim de evitar situações que provoquem a presença de policiais, que pode afetar a administração dos “negócios”.

O importante para este tipo de justiceiro é que ele compartilhe dos valores do grupo e contribua para manter a ordem em seu próprio pedaço. Obviamente, trata-se de uma situação inconstante, devido o próprio tipo de atividade desenvolvida.

Um dos mais importantes matadores da região respondeu um processo pela morte de três irmãos em Piraporinha. Em seu depoimento, o réu afirmou: “o interrogando se considera justiceiro, diz que eliminou da face da terra alguns

vagabundos, alega o interrogando que praticou 15 homicídios/”. Este justiceiro foi ferido em um cerco policial e hospitalizado no hospital Piratinga. Mas foi resgatado por um grupo de cem pessoas, liderado pela mulher do justiceiro, que conseguiu tirá-lo do hospital. O justiceiro se preocupava em matar “vagabundos” e os três irmãos mortos apresentavam envolvimento em atividades ilegais. Inclusive a mãe das vítimas relatou que eles foram flagrados furtando a carteira de uma senhora na feira. Mas o que realmente causou a morte dos três parece que não foi apenas o envolvimento com ilegalidades. O quarto irmão (dos três que morreram) testemunhou:

“(…)no mês de fevereiro, sexta-feira de carnaval, numa sedinha da escola de samba de Piraporinha, na rua onde se realiza a feira-livre às terças, Joselito, acompanhado de um amigo, conhecido por Carlinhos, desentenderam-se com um policial militar fardado que estava no local. Carlinhos estava armado, quando fez menção de entregá-la conforme solicitado, foi mal entendido e sofreu disparos de arma de fogo por parte do policial militar/ teria sido ameaçado para prestar depoimento afirmando que o policial militar atirou em legítima defesa/ Uma semana antes dos fatos, o declarante estava em companhia de Joselito, quando foram abordados por um tal Bigode, o qual disse para Joselito ‘não falar nada para ninguém e dizer para a família de Carlinhos para deixar tudo para lá, senão vai ficar pior para vocês’.”

A história dos três irmãos revelou que os justiceiros não se ocupavam em fazer justiça apenas para os moradores e comerciantes da comunidade, vítimas de malfeitores. Em algumas situações a própria polícia, através de alguns policiais, pode-se beneficiar da ação de justiceiros. Num processo, em que os réus se diziam perseguidos pelos “matadores do Parque Arariba”, o advogado de defesa apontou as possíveis estreitas relações entre justiceiros e policiais:

“(…)testemunhas estas que, embora sejam de acusação, depuseram ‘anestesiadas’ pelo ‘medo’ e pela cobrança dos famosos ‘matadores do Parque Arariba’, cujos delitos são numerosos e, tendo eles ‘infiltração’ na Polícia Militar e Civil no bairro do Campo Limpo, ditavam ‘ordens’ no referido bairro e adjacências, sendo certo que, segundo informações colhidas em outro processo, tais matadores tinham até mesmo ‘convênio’ com policiais que realizavam ‘eliminação’ de pessoas que tinham sido detidas por policiais do 37° DP, quando tais pessoas lhes eram entregues pelos policiais do Distrito Policial referido.”

Um fato interessante no processo do grande matador, do caso em Piraporinha, foi o cuidado que ele e seu grupo tiveram no respeito a determinados valores da comunidade, como informou o quarto irmão:

“(...)viu os elementos dispararem contra as três vítimas/ O declarante não sofreu agressão em virtude de estar com a criança de oito meses no colo/ chegou ao local um conhecido da família de nome Néelson, residente ali próximo. Néelson foi revistado pelos elementos, sendo que depois de apresentar carteira de trabalho registrada, foi colocado juntamente com o declarante e sua mãe num dos cômodos/”

O vizinho, ao se aproximar da cena do crime, foi poupado da morte porque era um trabalhador, como atestava a carteira de trabalho. O outro irmão não foi morto porque estava com uma criança no colo. Em sua atuação, o justiceiro reafirmou a importância de duas variáveis valorizadas pelos populares. A inocência das crianças; que as caracteriza como um grupo frágil e portanto devem ser defendidas de situações perigosas. A carteira de trabalho, símbolo do caráter de uma pessoa que se esforça, dentro de parâmetros morais, a fim de manter a sua sobrevivência.

Seja justiceiro, matador, policial, enfim, qualquer denominação, o fato é que a grande importância destes homens é distribuir um pouco de ordem para uma população que está cansada de desordem. Entretanto, firmar-se como justiceiro num pedaço não é tarefa para qualquer um. Muitos tentam se impor na área e não conseguem, ser um justiceiro não significa apenas matar bandidos que incomodam um local. A história de Carlinhos demonstrou este fato. O depoimento de um comerciante da região foi importante para incriminar Carlinhos:

“(...)a vítima/ usualmente ficava no bar do Alemão. Pouco conhecia da vítima, a não ser que a mesma não possuía boa fama, pois, pelo que corria no bairro, Marconi era dado a pequenos furtos/ O próprio Carlinhos confessou o crime ao depoente, após um mês depois do acontecido. Soube inclusive que, no dia do crime, Alemão, cujo bar se encontrava aberto na hora do fato, recebeu ordens de Carlinhos para que cerrasse as portas, senão mataria Marconi ali dentro. Ficou sabendo desse fato através de pessoas que se encontravam no bar do Alemão, na hora dos fatos/ os motivos que levaram Carlinhos a matar Marconi, o depoente acredita que o mesmo quer se impor no bairro onde mora como justiceiro, inclusive anda constantemente armado (...)”

O amigo da vítima também depôs contra o réu:

“(...)conhecia a vítima/ freqüentava a sua casa/ tais comentários indicavam para o indivíduo Carlinhos a autoria do crime/ é do conhecimento do depoente que Carlinhos andava armado/ ‘dava uma de justiceiro’ pelo bairro./ (Juiz: O Sr conhecia o Paulinho antes? Ele tem fama de justiceiro?) Sim, não foi nem o primeiro nem o segundo, matou o Cláudião./ a única testemunha que teve coragem fui eu, por causa dessa fama de justiceiro/ (Juiz: Os comerciantes da região patrocinam o serviço dele? Age por conta ou pagam pra ele?) Não sabe fazer nada na vida, faz por conta, não tinha nada contra ele, tenho agora, porque ele matou meu amigo que era como irmão.”

Carlinhos queria ser reconhecido como justiceiro e para isso perseguia ladrões, pessoas que incomodavam os moradores. Mas a “limpeza” promovida por Carlinhos não foi suficiente para garantir o seu sucesso.

Os problemas começam quando a ação dos justiceiros, ao invés de trazer ordem, transforma-se em ameaça e acaba por desnortear a vida dos moradores. Fato que ocorre comumente, devido ao grande poder que eles adquirem através do medo disseminado pela violência de quem, em algum momento, surgiu para combatê-la. A entrevista com uma moradora do Jardim Comercial, Capão Redondo, revelou a oposição das pessoas quando as mortes ultrapassam limites e passa a amedrontar a todos:

“A justiça que eles estão fazendo com as próprias mãos, mata pessoa enganada, achando que é outro. São coisas que marcam a gente, né./ A gente pensa assim, a gente também corre perigo, se encontrar no bar, encontrar na padaria, pode ser morto, se enganar, por ser enganado por outro. É um negócio muito marcante./ pode ser por uma roupa, um boné. Por exemplo, mataram um 10 horas lá na escola onde eu moro, 10 horas da manhã. Um boné, confundiu porque ele tava com um boné parecido, né. Rapazinho de 16 anos. Foram três mortes na minha rua, um no domingo, um na segunda, outro terça./ Tudo adolescente de 16 anos, 15, 16 anos. Não foram por engano. O primeiro foi por engano, que era pra matar outro, que esse tava envolvido, só que não era o dia dele./ Era o outro, só que como ele estava com um boné parecido, acharam que era o outro. Aí o outro a gente deu um jeito de espirrar ele/ por enquanto tá escondido, porque era pra ele ter ido no mesmo dia, só que foi confundido.”

Este depoimento mostrou como a morte indeterminada assusta os moradores, qualquer um pode ser a vítima dos matadores. Neste caso, aquele que mata não desfruta da legitimidade dos moradores.

Há um processo muito interessante para se estudar o caso daqueles que matam em uma localidade. Os limites tolerados pelos moradores, o momento em que o matador rompe com as regras do grupo, quem apoia sua ação e qual o motivo, quem desafia o poder de morte, de onde vem a coragem daqueles que contestam o poder de quem está acostumado a matar. Trata-se do processo de um policial militar que residia no Jardim Macedônia, região de divisa entre os municípios de São Paulo, Taboão da Serra, Itapeverica da Serra e Embu. Conhecido por PM Nilson, ele respondeu, neste processo, pela morte de dois jovens.

Foram dois os principais motivos que levaram à contestação, pelos moradores, das mortes provocadas pelo PM Nilson. Primeiro, a matança de jovens, quase todo dia eram encontrados corpos pelas ruas, autoria atribuída ao PM Nilson. Em segundo, o critério de escolha para as vítimas do PM, algumas apresentavam passagem pela polícia, mas outras possuíam ficha de antecedentes criminais limpa. O fato é que com ou sem antecedentes, os moradores eram simpáticos a algumas das vítimas e se opuseram à morte delas. O grande problema com o critério de escolha das vítimas é que ele era puramente pessoal, a morte das vítimas se deveu apenas a interesses de vingança do PM e de sua esposa. A atitude do PM terminou por espalhar o terror aos moradores do bairro.

Alguns depoimentos dão conta do medo que o PM disseminou pelo bairro por causa da matança de tantos jovens:

“(…) dias antes houve a ocorrência de um homicídio no escadão seguinte àquele em que Nilson¹² foi morto, dizendo que as pessoas têm medo de passar no escadão e que as vítimas de homicídio costuma ser homens, inclusive, no dia de hoje, para prestar estas declarações, pode observar, no lado de Embu, na Vila Fabiano, que faz divisa com São Paulo, que lá havia um outro homicídio.”(irmã de uma das vítimas do PM)

¹² As duas vítimas deste processo são Nilson e Maurício, sendo que Maurício sofreu ferimentos graves mas conseguiu sobreviver.

“(…) todos estão revoltados com as atitudes tomadas por este PM e por aqueles que o acompanham, pois instauram um clima de terror entre os moradores daquela região/ existem diversos crimes registrados nas ruas/ todos ocorrendo da mesma forma, ou seja, execuções sumárias nos escadões que unem as ruas já citadas ou próximas as mesmas, não havendo roubo dos pertences das vítimas (…)” (mãe de uma das vítimas do PM)

“(…) é do conhecimento da declarante a existência de diversos homicídios no Macedônia/ muitas vezes o único comentário que circula é que o corpo de determinada pessoa havia sido encontrado sem vida pelas ruas do bairro/ sobre Nilson e Maurício, ouviu dizer que um dos autores seria o PM Nilson. (…)” (inimiga da esposa do PM)

O elevado número de corpos que surgiram na região assustou os moradores, de repente já não mais se sabia dos critérios para a escolha de quem seria o próximo a morrer. Muitos se sentiram ameaçados. Um dos principais problemas do PM Nilson foi a sua esposa, as confusões criadas por ela revoltaram os habitantes do bairro.

O PM passou a viver com uma mulher da região do Macedônia, Simone. Durante anos, Simone foi amiga de uma turma, cujos integrantes provavelmente apresentavam comportamento que poderia ligá-los ao mundo do crime e das contravenções, pela ótica do sistema de justiça. A desconfiança do comportamento desta turma como “desviante” da ordem foi levantada pelas falas dos moradores. O irmão da namorada de uma das vítimas do PM (que era membro da turma) informou que a vítima tinha passagem pela Febem, embora desconhecesse o motivo da apreensão do menor. O companheiro da inimiga da esposa do PM, por exemplo, estava detido no distrito policial por roubo. Mas a comprovação dos atos delituosos dos membros da turma, de modo geral, não foi apresentada no processo. Restando apenas as falas dos atores, que, em alguns momentos, os definiram como não sendo “flor que se cheire”.

Quando Simone passou a viver com o PM, ela foi obrigada a abandonar a turma e a se comportar como mulher de um policial. Ao abandonar a turma, teve início ressentimento mútuo, por parte dos amigos, que se sentiram traídos por Simone ter mudado de lado. Por parte de Simone, com as críticas dos amigos. Simone convenceu o PM a utilizar sua autoridade e força como policial para agredir

e matar os membros de sua ex-turma. O PM aderiu à idéia da mulher. Este foi o seu pecado. Porque os moradores não rejeitavam os membros da turma e o critério de escolha das vítimas não se norteou por interesses comuns ao grupo social. Mas apenas pelo desejo de vingança de uma pessoa particular. Uma moradora depôs: “(...) a esposa do PM Nilson, Simone, costuma provocar desentendimentos entre os moradores da região, o que faz com que seu marido intervenha nestes fatos, gerando clima de animosidade na vizinhança. (...)”.

O maior conflito de Simone era com sua ex-amiga Celina, tida como uma das próximas vítimas do PM. O depoimento da mãe de Celina condenou a atitude do PM e da ex-amiga de sua filha:

“Celina e Simone eram amigas, antes de Simone ter conhecido o PM Nilson. Simone se afastou de todo mundo/ Nilson se envolveu na briga das duas/ lançou contra Celina, mais especificamente em seu rosto, uma espécie de líquido em um spray que veio ferir o rosto de Celina/ indagada se era de seu conhecimento o boato de que o PM Nilson havia dito que para o Macedônia ficar do jeito que ele queria, havia a necessidade de se eliminar 23 pessoas/ sim e se encontrava temerosa pela vida de sua filha/ boato corrente entre a população local que o PM Nilson prometeu dar em Celina a mesma quantidade de tiros equivalentes aos arranhões sofridos por sua esposa.”

O desagravo entre Celina e Simone possivelmente ia além da amiga que se sentia traída pela antiga companheira. Ao se casar com o PM, Simone obteve a notoriedade da mulher de um policial. Uma pessoa que dispunha de poder, armas e um certo respeito entre os moradores. O caso de Celina era oposto. O seu companheiro apresentava comportamento criminoso, inclusive estava detido por roubo no distrito policial e fora vítima de tortura pelo PM Nilson. A rixa entre as duas revelou o ressentimento com a traição de um amigo e também a ascensão de uma mulher dentro do grupo social, através de seu companheiro, do poder do amásio. Abaixo, o depoimento de Celina.

“(...) Simone passou a informar o marido sobre as pessoas que tinham comportamento repreensível perante a sociedade, esquecendo-se que ela mesma convivia e saía com os mesmos. A partir desta situação/ o PM Nilson passou a abordar as pessoas da rua, chegando posteriormente a agredi-las/ ex-amásio/ ao ser abordado, teve sua camisa rasgada e na

segunda vez foi levado para o bairro de Pirajussara, onde foi seviciado e extorquido/ houve ocasião em que o acusado prendeu o marido da depoente, que não é flor que se cheire e está atualmente no 11º DP/ ela se casou com o PM Nilson e deve ter se sentido melhor que as outras e com isso a amizade terminou.”

A partir de determinado momento, o PM passou a incluir entre suas vítimas pessoas queridas pela comunidade, o que despertou críticas à sua ação: “(...) PM Nilson não era pessoa querida pela vizinhança devido atitudes abusivas que tomava contra os moradores locais, realizando abordagens nos moradores, revistando-os, em vários casos, agredindo-os, tendo feito isso inclusive em crianças e adolescentes.”(depoimento de Celina). Ao abordar crianças e adolescentes, o PM desafiou um grupo que os moradores compreendiam como acima de suspeitas. Um grupo frágil que não tinha porque ser suspeito de atos condenados pela comunidade. Depoimento da mãe da vítima Jorge: “(...) filho da dona Rosa, o qual foi enrolado em um cobertor, levado para o mato e espancado/ Tal fato ocorreu quando vinha chegando de seu serviço/ desde criança é trabalhador (...)”. Segundo este relato, o PM passou a incomodar pessoas trabalhadoras, que não precisariam ser humilhadas e maltratadas.

Com o passar do tempo, o PM Nilson começou a se atribuir muito poder, além daquele que a população local estava disposta a lhe conferir. O abuso de poder irritou os moradores e os desrespeitou. A cena do homicídio de Jorge revoltou a mãe do rapaz e àqueles que estavam presentes. O PM exibiu um poder abusivo, exagero na demonstração de força e violência. “De repente, surgiram dois homens encapuzados. Os homicidas falaram para a vítima parar, ao se virar para ver quem era, foi abatido a tiros. Em seguida, foram atingidos Quilo e Foguinha./ Tanto Dênis quanto Solange assistiram ao crime, bem como a criança Michel, além de outra criança (Paulinho), vizinho da declarante/ a criança vinha correndo e estava emocionada com o que havia visto.”

O cenário da morte provocou quem estava lá, em plena rua, durante o dia. Até crianças foram testemunhas da violência. Outra demonstração de poder que revoltou

os moradores foi os assassinos escreverem no corpo do morto Quilo o seguinte recado: “feliz aniversário, Quilo.”

A demonstração de poder pelo PM extrapolou o limite do permitido pelas pessoas, principalmente quando invadiu o velório de sua vítima Jorge. O PM desafiou a dor de quem estava em luto e por isso merecia descanso e respeito. Além de provocar um morto, que não podia mais se defender.

“(…) deseja consignar que o PM Nilson foi no velório de seu filho, no cemitério São Luís, acompanhado de mais dois amigos, todos da PM, pois estavam fardados/ tendo chegado, olhado o corpo, balançado a cabeça e saído dando risada/ o comportamento do PM Nilson durante o velório da vítima foi visto por diversos moradores do Jardim Macedônia que estavam naquela cerimônia, bem como parentes da vítima. (...)”

A oposição ao comportamento do PM não era unanimidade. Havia aqueles que defendiam as suas atitudes e o seu poder. Um exemplo da defesa do PM foi a própria Dona Rosa, que teve um filho torturado por ele. Para ela, antes de o PM chegar no local, já havia muitas mortes na região, talvez mais, e ele não era o responsável por elas. Dona Rosa preocupava-se com a desordem no bairro e não defendeu os membros da ex-turma da mulher do PM Nilson. A possibilidade de o PM reinstaurar a ordem no local foi um dos motivos que a levou apoiá-lo. Mas apoiar o PM Nilson não significou se sujeitar simplesmente ao poder dele. Ao se sentir ofendida, soube enfrentá-lo. Dona Rosa apoiou a ação do PM, mas também resistiu e exigiu dele um tratamento personalizado, que reconhecesse o seu valor diante dos moradores de modo geral.

“(…) seu filho José foi espancado pelo PM Nilson por discussão que envolveu a esposa do PM/ verdadeiro pivô foi seu outro filho, Antônio/ discutira com a esposa do PM/ foi acionado pela esposa, comparecendo com uma viatura com mais PMs, todos armados/ sem mandado de busca e sozinho adentrou na residência da depoente/ A agressão contra seu filho se deu uns 15 dias desse incidente, tal fato foi levado ao conhecimento da Corregedoria da PM/ há uns três meses recebeu um recado por Baeca que o PM Nilson disse que ia fazer uma limpeza no Jardim Macedônia/ iria matar o filho da depoente por tê-lo levado à Corregedoria/ ao saber destas ameaças, a depoente se dirigiu para casa do PM Nilson, onde manteve diálogo com a mulher do mesmo/ alegado que o fato ocorrido com o seu filho estava encerrado e que

não havia motivos para esse tipo de ameaça. À noite, o PM Nilson esteve em contato com a depoente e negou ser o autor das mortes do Jardim Macedônia, dizendo inclusive que se quisesse ter matado seu filho, teria feito quando havia apanhado e levado para as quebradas. (...)"

O PM dispensou um tratamento especial para D.Rosa, apesar do desafio, ao registrar reclamação na Corregedoria. Ele não apenas prometeu garantia de vida ao filho dela, como jurou tal garantia na casa da própria D.Rosa. Este tratamento personalizado pesou na consideração que D.Rosa demonstrou pelo PM. Até porque o apreço do PM deve ter sido comentado publicamente, elevando o prestígio de D.Rosa no seu grupo social.

O fato de o PM ter agredido o filho, invadido a casa sem mandado judicial, além de ter utilizado viatura e homens da polícia para fins particulares contra D.Rosa parece não haver despertado a indignação da depoente. Talvez um dos motivos para ela não haver se indignado seja a normalidade deste tipo de acontecimento na periferia. A depoente chegou a apoiar o ocorrido com o seu filho"(...) apesar de seu filho ter sido agredido pelo policial Nilson, as pessoas em geral costumam atribuir culpa ao ofensor, não avaliando os motivos que ensejam a agressão. (...)” Talvez as atitudes de D.Rosa sejam contraditórias. Mas o detalhe dela ter recorrido à Corregedoria e acusado o PM não merece ser abandonado. Ela enfrentou de peito aberto um homem que matou muitos no bairro com espingarda calibre 12. A atitude de D.Rosa foi uma resistência. Talvez um dos poucos modos de resistência para pessoas que vivem um cotidiano tão violento.

O poder destes matadores cresce em uma proporção que ultrapassa o cenário das ações cotidianas para ocupar o imaginário das pessoas. Criam-se lendas que em certos momentos podem reafirmar o poder. Como o caso do grande matador do Jardim Miriam, em que a população comentava que na favela do Abacateiro, havia um homem que se vestia de chapéu e capa pretas e caminhava pela avenida Cupecê em um fusca branco. A imagem do cavaleiro da periferia. Mas a lenda também pode intensificar o descontentamento dos moradores, como

aconteceu com o PM Nilson: “(...) fazendo-se notar que o mesmo, quando adentrava a sua casa, não dava as costas para a rua e tirava a arma da cintura para entrar na residência, numa posição de intimidação ostensiva aos moradores da rua.(...)”. Se o PM só entrava em sua casa de costas para a porta, de frente para a rua, com a arma pronta para qualquer reação, nunca foi provado. O próprio PM desmentiu tal versão. Mas, para aqueles que acreditaram, esta atitude reforçou a idéia de abuso de poder do PM.

Por trás das lendas e das inúmeras mortes causadas pelos matadores, há muito medo. Os moradores, com razão, temem pela sua segurança ao depor contra eles. Afinal, as mortes não são uma fantasia daquele grupo social. Talvez por isso muitos preferam não se envolver e não depor contra. No caso do PM Nilson, até mesmo a vítima que sobreviveu ao atentado evitou acusá-lo de ser o autor, em seus primeiros depoimentos, fazendo-o apenas no final. Embora outras testemunhas tenham afirmado que, em conversas informais, Maurício reconheceu o PM como o autor do atentado contra a sua vida. Entretanto o depoimento de Maurício para a polícia foi o seguinte: “(...) não tem condição de reconhecer os autores, pois além de estarem encapuzados, os capuzes estavam na altura do pescoço.(...)”

O pai de Maurício disse: “(...) desconhece o envolvimento de seu filho com marginais/ não sabe quantas pessoas atiraram em seu filho/ alegando não ter procurado sabê-lo/ não tendo ouvido maiores comentários, quem seriam os criminosos ou os motivos do crime.(...)” O medo provavelmente foi a causa do não envolvimento destes homens, pois a irmã de Jorge disse: “(...) presenciou o PM Nilson citar em alto e bom tom na via pública que ‘quem o denunciasse, seria morto.’”

No caso do PM Nilson, os homens não o acusaram de ser o autor das mortes. Quem testemunhou contra o PM foram as mulheres, elas forneceram provas que auxiliaram a Justiça na condenação. O predomínio de testemunhas femininas talvez possa parecer uma casualidade, mas, na realidade, ele aponta um aspecto do modo de vida na região. Nestes lugares, a mulher não dispõe de poder no espaço público semelhante àquele atribuído ao homem, a voz da mulher não é equivalente. O que,

de certo modo, desqualifica a fala e o poder da mulher. Por outro lado, permite maior liberdade para elas exercerem o direito à crítica, principalmente contra os homens. Os homens são vítimas preferenciais da violência por outros homens, fora do espaço doméstico. O que eles falam é registrado e tem peso, desafia o outro. As críticas das mulheres nem sempre são tomadas como tais e a agressão contra a mulher na rua pode reverter contra o agressor. Em várias situações as mulheres são grupo frágil e o agressor tem que trabalhar muito bem as variáveis do contexto para não ser criticado por agredir quem ele não pode agredir. O agressor tem que apresentar sua vítima como merecedora da agressão, investir principalmente na suspeita da moralidade da mulher. Mas o sucesso nem sempre é garantido. Talvez, por esse motivo, as mulheres tiveram maior liberdade para acusar o PM Nílson do que os homens.

Um jovem do Parque Fernanda descreveu a relação entre homens e mulheres nos conflitos.

R - "(...) lá em casa/ tem um vizinho lá, dessa mulher que gosta de fuxicar/ o quintalzinho lá de casa, a gente tava construindo, aí ele foi quebrar uma paredinha do vizinho da gente, ele tava trabalhando na casa do vizinho/ vão aterrar mesmo, começou a jogar os blocos na frente da casa, tudo velho. A minha mãe chegou e falou assim: o que que cê tá fazendo, não faz isso não. Não, vocês vão aterrar mesmo. Não, a gente vai aterrar com terra, com terra limpa, não com esse bloco assim, o Sr podia fazer o favor de parar. Não aceitou. Minha mãe conversou normal. Não, por favor, o Sr não vai fazer nada disso. Aí, o filho dele, tá certo pai, vamos pegar. Ele falou, fica quieto você, que você não sabe o que tá falando. Eu, quieto no canto, que se eu fosse conversar com ele, eu ia ficar nervoso também, que eu sou um cara esquentado, não gosto de sair na mão mas é bate-boca, que eu acho que gera violência./ o cara não botou fé/ minha mãe teve que esperar de noite, foi o meu padrasto que tomou providência/ falou um monte pra ele, aí ele foi lá e tirou.

P - Então, mulher não dá conta de resolver isso, tem que ser homem?

R - Tem que ser homem, porque os caras lá pensa, é crente, é mulher, então, ela não vai vir aqui pra cima pra querer brigar/ lá quando tem alguma coisa pra resolver assim, eles não botam muita fé em mulher, porque diz que mulher é frágil, eu não confio não.

A fragilidade atribuída à mulher talvez faça com que ela não seja considerada uma pessoa equivalente, atributo imprescindível na negociação de um conflito de

interesses. Entretanto, esta mesma fragilidade atribuída permite à mulher prejudicar e pôr fim no poder de homens que não podem ser prejudicados por outros homens. Se bem que, no caso do PM Nílson, o fim deste poder, já fora decidido pelo próprio derrotado, ao desafiar os limites daquilo que os moradores estabeleceram como aceitável.

Pode-se dizer que o lugar social atribuído às mulheres na periferia privilegia o espaço doméstico. E, principalmente, torna-as dependentes de um homem para fazer a intermediação com o mundo externo. Entretanto, acreditar na inflexibilidade deste modelo é ingenuidade. Como já foi exposto anteriormente, esta região Sul foi palco de lutas políticas e de forte atuação da Igreja Católica, através das Comunidades Eclesiais de Base (Cebbs). Apesar de o cenário político atual ser diferente de décadas atrás e a influência das Cebbs na Igreja ser bem menor, há muitos movimentos sociais na região e inúmeros líderes, principalmente femininos. No período da pesquisa, foram contatadas diversas lideranças do movimento de moradia, ligadas à Pastoral da Moradia e ao Partido dos Trabalhadores. As mulheres do movimento cuidavam de suas casas, de seus filhos, de seus maridos (quando casadas), exerciam o papel feminino atribuído. Ao mesmo tempo, dedicavam-se à luta por melhores condições de vida e, para tanto, retiravam-se de suas casas e encaminhavam suas reivindicações ao espaço público. Machado e Mariz observam muito o envolvimento das mulheres nas Cebbs:

“Embora as Cebbs estimulem seus integrantes, indistintamente do gênero, para a política e para a esfera pública, vale salientar que a motivação para o engajamento nas atividades da comunidade como para a criação da identidade comunitária e para a própria luta política, sempre se encontra no mundo privado. Como observou Macedo (1992), são as dificuldades cotidianas para a sobrevivência e a busca de uma melhor qualidade de vida para suas famílias que levam à participação, tanto de homens quanto de mulheres nas Cebbs. (...)”(1997:75)

Aquilo que estimula as mulheres no envolvimento com a luta política parece se relacionar com a mesma situação que elege o espaço doméstico como o lugar feminino. A luta por melhores condições de habitação para a sua família, a creche para as crianças; a saúde para a família. Aquilo que desperta o envolvimento político

destas mulheres provavelmente relaciona-se com as dificuldades enfrentadas no desempenho do papel feminino atribuído. As dificuldades da dona-de-casa, mais do que o desrespeito à sua cidadania, estimulam o engajamento político. E os resultados deste caminho não podem ser renegados, apontam as autoras novamente: “As Cebs inovaram ao motivar as mulheres para a política. O espaço público visto tradicionalmente como masculino abre-se para as mulheres das Cebs. Algumas não apenas participam nos movimentos sociais como se tornam liderança e até candidatas a partidos políticos. (...)”(idem) A dimensão do significado do envolvimento destas mulheres nos movimentos sociais pode ser percebido a partir da reflexão de Silva, sobre a década de 80:

“Se justamente apareceram como uma novidade política foi porque pautaram sua ação coletiva, naqueles anos, com mobilizações populares de grande visibilidade. Constituindo-se em sujeitos sociais e políticos ativos, esses movimentos orientaram sua ação pela defesa da autonomia, pela auto-organização de base e pela prática da democracia direta. A partir destas práticas puderam, entre outros, transformar carências em reivindicações urbanas que demandavam direitos fundamentais de sobrevivência; lutaram contra a violência, o arbítrio e as práticas de despolitização, e defrontaram-se com o Estado e seus aparatos de encaminhamentos políticos.(...)”(1994;205)

A reflexão sobre o lugar social da mulher na periferia já foi apresentada na discussão sobre a família. As diferenças entre os papéis atribuídos aos homens e às mulheres relacionam-se a um universo de valores que privilegia a complementaridade entre ambos. A mulher necessita do homem para desempenhar o papel que lhe é atribuído e vice-versa. Mais do que o domínio de um gênero sobre o outro, é necessário salientar a complementaridade entre os gêneros. Certamente a posição da mulher diante do homem invoca a noção de subordinação e de dominação, mas não se pode negar que a complementaridade aqui é fundamental. O homem até pode dominar a mulher, mas ele necessita dela; não apenas para desempenhar o papel de dominador, mas para cumprir as tarefas atribuídas ao homem. Nesta relação de complementaridade o que predomina não é a noção de igualdade, presente no liberalismo. Todorov discute a desigualdade:

“(...) Nosso apego à igualdade como ideal político faz com que projetemos seu modelo sobre a própria realidade social. Como conseqüência, quando admitimos ser impossível evitar as relações sociais, nós as reduzimos às relações que pressupõem a igualdade: a rivalidade, a imitação; inconscientemente, vemos a sociedade à imagem da democracia, tal qual surgia nos escritos de seus primeiros críticos: uma luta incessante entre rivais não hierarquizados.(...) Mas qualquer sociedade, inclusive uma sociedade democrática, comporta tanto relações não igualitárias (hierárquicas) quanto igualitárias, ou até mais.(...)”(1996;57)

Os papéis atribuídos ao homem e à mulher na periferia questionam a igualdade entre os sexos. A mulher depende do homem para intermediar sua relação com a esfera pública. Este quadro revela uma situação de hierarquia que privilegia o sexo masculino. Mas esta relação hierárquica deve ser refletida cuidadosamente, como lembra Dumont :

“(...)Mesmo entre os sociólogos e os filósofos, se a palavra ‘hierarquia’ é pronunciada, parece que isso se faz contra a vontade e aos sussurros, como se ela correspondesse às desigualdades inevitáveis ou residuais das aptidões e das funções ou à cadeia de comando que toda organização artificial de atividades múltiplas supõe: ‘hierarquia de poder’, por conseguinte. Entretanto, isso não é a hierarquia propriamente dita, nem a raiz mais profunda do que é assim chamado.(...)”(1992;66)

O fundamental na questão da diferença entre os papéis sexuais é marcar de modo incisivo a distinção entre desigualdade e iniquidade. A posição da mulher diante do homem na periferia certamente é desigual. Mas a posição da mulher e do homem da periferia no mercado de trabalho é mais que desigual, trata-se de iniquidade. Como já foi abordado anteriormente, o mercado de trabalho se apropria da diferença de gênero e elabora esta diferença segundo interesses de poder e econômico. O salário menor pago às mulheres, o tipo de atividade ocupacional que se oferta às mulheres e a posição de subordinação feminina diante da autoridade certamente difere da desigualdade experimentada nas relações privadas na periferia. A complementaridade entre os sexos que se observa no mundo da periferia não ocorre no mercado de trabalho. O mercado oferece ocupações e salários de menor valor para as mulheres em relação aos homens, sem qualquer contrapartida ou

complementaridade entre os gêneros. No mercado de trabalho a mulher é inferior ao homem para fins de dominação e exploração.

Agora, retornando ao tema justiceiros, uma questão interessante é investigar quem são estes homens, qual as suas histórias? As irmãs de dois grandes justiceiros depuseram e relataram um pouco sobre a vida deles:

“É irmã de João/ de 26 anos, a depoente não sabe dizer a data exata de nascimento de João, apenas que nasceu numa quinta-feira santa/ é pedreiro de profissão, autônomo/ não tem residência fixa, porém vive no Parque Santo Antônio/ Seu irmão, em razão das bagunças que apronta, já esteve preso no 47 DP ano passado/ confessou 16 homicídios. Quanto à morte dos irmãos Pinheiro, através do programa radiofônico tomou conhecimento que seu irmão teria sido um dos autores/ depois da morte dos irmãos Pinheiro, Antônio mudou-se para o bairro de Rio Bonito/ conhece seus familiares, inclusive nascidos na mesma cidade/ Seu irmão, bem como Antônio são conhecidos como justiceiros do Guarapiranga. Este ano, a depoente teve um irmão de nome Dinho morto na Guarapiranga por bandidos, a depoente acredita que a morte de seu irmão Dinho deu-se por vingança, em razão das bagunças de seu outro irmão/ a depoente tem mais dez irmãos, porém são todas pessoas trabalhadoras e decentes, sendo que só João tem vida torta.”

“É irmã de Antônio. Seu irmão Antônio é o mais velho, porém não sabe dizer a sua idade, não vê seu irmão há mais de um ano/ seu irmão reside nesta capital cerca de oito anos/ esteve preso um mês num Distrito Policial/ dado um tiro num garoto/ está envolvido com elementos conhecidos como justiceiros e ultimamente se envolveu com a turma do João/ não sabe informar quantas mortes seu irmão e seus comparsas estão envolvidos, porém em muitos crimes da área, eles estão indiciados como matadores/ desconhece se seu irmão foi vítima de qualquer ato delituoso, desconhecendo a razão dele ter se juntado aos justiceiros/ segundo comentários do bairro/ seu irmão é casado com uma mulher de prenome Maria e tem uma concubina de prenome Geralda, vivendo com ambas no mesmo teto.”

Os depoimentos das irmãs mostraram que estes homens eram semelhantes a qualquer outro da periferia. Naturais de zonas rurais, migraram para São Paulo, o modo de inserção no mercado de trabalho não se diferenciou dos outros homens e a família pareceu ser extensa. A irmã do primeiro matador contou que os seus outros irmãos eram pessoas comuns, trabalhavam, como qualquer outra família. As duas irmãs pareceram insatisfeitas com o caminho escolhido pelos matadores e as

conseqüências desta escolha para o resto dos familiares. Uma perdeu o irmão por vingança e a outra tinha a vergonha do irmão, que morava com duas esposas.

No processo de um grande matador do Parque Arariba foram arroladas algumas testemunhas, que prestaram depoimento em Sobrália, cidade natal do matador. Estas pessoas conheceram o matador desde a infância e contaram:

“Conhece Ivanildo, por muitos anos morou em Sobrália, mudou para São Paulo há 10 anos atrás e anualmente visitava Sobrália nos finais de ano, no Natal. Ivanildo costumava ficar um mês em Sobrália/ dizia que trabalhava fichado numa firma em São Paulo, não chegando a mencionar qual firma. O depoente nunca visitou Ivanildo em São Paulo, desconhecendo seu envolvimento em crimes no Estado. Enquanto morou em Sobrália, Ivanildo demonstrou ser pessoa trabalhadora e correta, trabalhava com o pai, puxando lenha no burrinho. A família do réu sobrevive até hoje com dificuldades, executando trabalhos na área rural. Ivanildo nunca se envolveu em crime nesta região, era pessoa calma e pacata. Quando de suas visitas, aparentava ser assalariado.”

Conhece Ivanildo, seu comportamento em Sobrália sempre foi exemplar, pessoa trabalhadora e pacata, trabalhava puxando madeira com o pai. Sempre visitou o pai depois que mudou para São Paulo. Todas as vezes que vinha por aqui, visitava o depoente, porque foi aluno de sua esposa e mantinha consideração por ela/ sempre demonstrou sobreviver com dificuldades, vestindo-se de modo simples. Seus familiares sobrevivem do trabalho rural, lutando com muita dificuldade financeira/

Os depoimentos, possivelmente orientados para a defesa do réu, procuraram apontar o não envolvimento do réu com atividades criminosas na região. Para negar indícios de envolvimento com atividades criminosas, que proporciona posse de dinheiro, eles enfatizaram a aparência simples (reveladora de poucas posses). Os depoentes revelaram uma história comum, que poderia ser de qualquer outro migrante que habita as periferias de São Paulo. A dificuldade na infância, o trabalho árduo, auxiliando os pais desde pequeno. As visitas anuais à terra de origem. A preocupação em se apresentar como um empregado “fichado”, correspondendo às expectativas do bom trabalhador. A atenção à família, aos amigos, até mesmo à professora da infância. Enfim, o matador apresentou o mesmo perfil que os outros atores dos diversos processos.

O que faz a diferença de um matador em relação aos demais moradores da periferia? Provavelmente a capacidade de liderança, a perspicácia, a inteligência, uma personalidade forte, capaz de comandar e seduzir muitos. A exemplo do que diz a canção:

“...Bina, eu tinha maior admiração

Considerava mais do que o meu próprio irmão

Ele tinha um certo dom para comandar

Tipo: linha de frente em qualquer lugar

Tipo: condição de ocupar um cargo bom e tal

Talvez em uma multinacional

É foda!

Pensando bem, que desperdício

Aqui na área acontece muito disso

Inteligência e personalidade

Mofando atrás da porra de uma grade ...(Racionais Mc's **Tô ouvindo alguém me chamar**)

Esta canção consegue expressar claramente o fenômeno de pessoas muito inteligentes, que se destacam do resto da população. Pessoas inteligentes mergulhadas num cenário de falta de oportunidades, principalmente para aqueles com muito talento. A posição de grande matador pode oferecer vantagens que o diferencia do resto da população: dinheiro, poder, honra, respeito, admiração, mulheres etc. A história de um processo citado anteriormente apresentou o caso de Paulinho, que tentou se impor como justiceiro na área, mas não conseguiu e terminou denunciado na Justiça. Portanto, tornar-se justiceiro, um grande matador, não é para qualquer um. Precisa ter talento, inteligência e liderança para ser uma estrela do Notícias Populares.

Bandidos versus bandidos

A discussão sobre homicídios por motivo fútil revelou que as pessoas, na periferia, que apresentavam ligação com atividades criminosas e aquelas que não apresentavam tal ligação geralmente estavam muito próximas. Elas eram parentes, vizinhas, colegas, freqüentavam o mesmo bar, eram parceiras de jogo etc. Entretanto, apesar da proximidade física, a população costuma criar uma distância simbólica entre aqueles com envolvimento com o crime (os bandidos) e aqueles sem envolvimento. Foi o que se observou no depoimento sobre a morte de um bandido na favela do Jardim Colombo:

“(...)quando retornou para sua casa para o almoço percebeu que havia uma pessoa morta na porta da viela onde o depoente mora/ tal pessoa era o primo de sua esposa/ o sepultamento foi realizado pela esposa da vítima/ não foi ao enterro/ não ouviu comentários/ vítima sempre foi metido a valentão no bairro/ já havia presenciado a vítima fazendo uso de diversos tipos de entorpecentes/ a vítima jamais trabalhou/ veio para São Paulo após matar um policial militar na Bahia, em virtude de estar com medo de morrer veio para São Paulo/ diversas passagens pela polícia/.”

Um dos motivos que explica a necessidade de os populares criarem a dicotomia entre o universo dos bandidos e daqueles que não o são certamente relaciona-se à imagem das classes média e alta sobre a criminalidade. Geralmente associa-se a figura dos criminosos ao mundo da pobreza, da favela. O imaginário que aproxima criminosos ao mundo dos pobres permanece, mesmo quando determinadas associações entre criminalidade e pobreza consideram os problemas sociais como causa da violência. A este respeito, observa Telles:

“(...)a pobreza é transfigurada em questão de segurança pública nas imagens ameaçadoras da convulsão social e da criminalidade urbana, que reclamam a ação punitiva e repressiva do Estado. Nesse registro, a pobreza aparece como lugar da desrazão, lugar daqueles que rompem as regras da vida civilizada por atos e demandas desmedidas dos que obedecem apenas a voz da paixão e agem pela violência bruta enquanto forma extremada de ruptura do pacto social. É sobretudo em torno da violência que se constitui uma opinião pública que abarca amplo espectro de posições à direita e à esquerda e oscila entre a cobrança de

maior controle e repressão e a exigência de políticas sociais que quebrem o que é percebido como ciclo inevitável da pobreza e criminalidade.(...)"(1992;45)

A dicotomia entre bandidos e não-bandidos é uma maneira de afirmar para a sociedade mais geral que nem todo pobre é bandido. Exigindo assim tratamento diferenciado, por parte das classes média e alta, para os pobres que não se relacionam com atividades criminosas¹³. Costa reflete sobre a questão, em seu trabalho sobre os ouvintes de Gil Gomes: "Se, por um lado, os ouvintes colocam a pobreza como uma causa principal da violência - o que, em tese, aproxima os trabalhadores e 'bandidos' enquanto 'pobres urbanos' - por outro, na construção das representações acerca de si próprios e dos outros, os trabalhadores fazem o possível para evitar esta associação, indesejável, entre criminalidade e pobreza."(1989;119)

Certamente o imaginário que associa criminalidade e pobreza não é o único responsável pela construção de tal dicotomia. Deve-se ressaltar também a necessidade dos populares se diferenciarem daqueles que aderem a um código moral diferente. Um código moral que admite fazer dinheiro sem trabalhar. O depoimento de um morador da favela Paraisópolis ilustrou a distância nas representações entre o homem trabalhador e aquele com envolvimento criminal:

"(...)o depoente reside na favela desde 1972/ no interior da favela e circuvizinhaça ocorre grande número de crimes, em sua maioria, contra a vida. Que face a ser um trabalhador tem seu tempo ocupado para o emprego e a sua família, mulher e quatro filhos. Que dificilmente sai à noite de sua residência com receio do alto índice de criminalidade que impera no local e também por ter que acordar cedo para o trabalho, não tem tempo de perambular pelas vias da favela. Que face a ocorrer vários crimes, não recorda do 28.04/ é pai de família e gostaria de ver criminosos da região na cadeia. (...)"

Sarti relata sobre a proximidade física entre populares não envolvidos com o crime e os envolvidos:

¹³ A preocupação dos populares em tentar construir uma situação de respeitabilidade, que os diferencie dos bandidos, de modo geral, não é sem razão. Em um debate sobre violência e exclusão social, na biblioteca

“O fato é que os trabalhadores e os bandidos são parte integrante da sociabilidade local. Criam-se necessariamente regras de convivência entre os moradores do bairro e os bandidos, envolvendo sempre relações tensas, com base no medo de quem se sabe ameaçado, no limite, por armas de fogo. Porque, se os bandidos podem ser os filhos mal encaminhados de alguma vizinha que a redondeza viu crescer, o que envolve algum respeito pelas obrigações que norteiam as relações locais, bandido é também gente ruim, atributo que pode ser visto como consequência de uma revolta contra suas condições de vida, posto que julgam que a percepção da injustiça e da desigualdade social não implica necessariamente em escolher o caminho do crime como meio de vida, uma vez que nem todos o fazem.”(1994;178)

Segundo a leitura dos processos, o distanciamento pareceu ser uma das principais estratégias na convivência entre bandidos e não-bandidos. Observação que se aproximou daquilo que Zaluar já havia apresentado: “Daí a relação primordial entre bandidos e trabalhadores ser a de evitação: ‘eles vivem lá, eu vivo cá’, ou ‘eles têm a vida deles, nós temos a nossa’, ou ainda ‘um não interfere na vida do outro’. Os bandidos não são líderes nem heróis para os trabalhadores, são os outros. (...)”(1992;51)

Uma entrevistada informou o tipo de relação estabelecida com os bandidos do local:

“Moravam, só que escondido, não tem um lugar certo, né, porque muda pra cá, muda pra lá, né, então, não tinha um lugar certo, mas eles viviam sempre aqui. Meu tio tinha um bar, lá no meio da rua, do lado de cá e eles viviam indo lá. Mas eles eram, são pessoas/ entre eles mesmos./ As confusão deles, entre eles mesmo. As pessoas, eles são muito legais com as pessoas, sabe. Porque, eu nunca tive intimidade, é passar, oi, se der oi, tudo bem, se não der também, né. Mas, nunca mexeram com a gente, nunca mexeram com a gente. As confusão deles era entre eles mesmo.”

Vários processos revelaram que muitos daqueles com envolvimento em atividades criminais costumavam respeitar o acordo de distanciamento com aqueles que não se envolviam com o crime. Principalmente em situações relacionadas a acerto de “negócios”, os moradores geralmente eram mantidos à distância. Num processo na

municipal da Lapa, um dos presentes comentou comigo que se eu estudava violência na zona sul, eu estava certa. Porque naquela região do Capão Redondo só tem mesmo é bandido.

favela Missionária, Jardim Míriam, um rapaz, tido como bandido, foi morto por outros bandidos do lugar. Ao que tudo indica o motivo do conflito foi disputa pelo poder no local, envolvendo tráfico de drogas. A vítima sobreviveu aos primeiros tiros e foi socorrida por dois moradores. Os fatos narrados na tentativa de socorro apontaram um tratamento diferenciado para os moradores:

“(...)pegaram a vítima, colocaram no banco de trás do Opala, sendo que Sérgio também entrou na traseira do veículo e ficou a segurar a vítima, enquanto o depoente tomava assento/ surgiu um elemento/ com um revólver em punho/ enfiou o braço pela porta do motorista, no interior do veículo e desferiu três tiros contra a vítima, atingindo-a na cabeça. Momento em que o depoente colocou o veículo em movimento (...)”

O depoimento de um daqueles que ofereceu socorro mostrou que o autor da morte se preocupou em acertar apenas a sua vítima. Uma vez que a vítima estava dentro do carro, com mais duas pessoas, o réu teve que ser cuidadoso em mirar a arma sobre aquela que era a sua vítima. As duas pessoas que socorreram a vítima eram moradores sem envolvimento com o crime. Portanto, o réu se preocupou em não acertar com seus tiros. Num outro homicídio, ocorrido no Parque Regina, o depoente conhecia a vítima e estava ao lado da vítima e da filha da vítima dela, dentro de um bar. Como no caso acima, o autor do homicídio teve o cuidado em acertar apenas a sua vítima. Ele não envolveu as outras pessoas que estavam por perto: “(...)se o executor quisesse, teria matado também o depoente, a garota e o Valdir.”

Outro fato que apontou a distância entre envolvidos com crime e os não envolvidos foi a ausência de testemunhos neste tipo de processo. Dificilmente houve testemunhas para depor contra ou a favor de réus ou vítimas. Em processos de bandidos que mataram bandidos, era comum a polícia descobrir a autoria da morte através de denúncia anônima. Nos depoimentos, muitas vezes o agente policial era uma das únicas testemunhas a acusar o réu e relatar os motivos do crime: “(...)ao que parece, Ivanildo, a vítima, vivia apavorando os moradores da região, inclusive dizendo que iria estuprar mulheres, entre as quais, as mulheres dos réus, e por isso teriam praticado o homicídio. Ivanildo ameaçava as pessoas, inclusive o réu.” Em um outro processo, o investigador depôs:

“(…)recebeu um telefonema anônimo/ comunicou que tinha conhecimento da autoria da morte da vítima José/ Amir, Delfim, Neguinho e Iram/ alegaram como motivo pela prática dos delitos que José pretendia montar uma quadrilha de tráfico na área da favela da lagoa do Sapo, então, Amir e Delfim, agindo como justiceiros, tomaram para si junto com Neguinho e Iram a responsabilidade pela não formação de tal ponto de tráfico de drogas junto a favela/ quanto à morte de Pinheiro/ tomou as dores de José e ao tirar satisfações, acabou sendo morto.”

Um dos motivos da ausência de depoimentos de moradores foi o desejo de se manter distantes das histórias dos bandidos, a morte do bandido não despertou interesse no envolvimento. O medo foi outra explicação, uma vez que estas histórias envolveram bandidos, que possuíam armas, acostumados à violência em suas atividades. Testemunhar a favor de uma parte podia despertar a ira e a vingança da outra parte. O depoimento de um dos dois rapazes que socorreu a vítima da Vila Missionária informou sobre o medo: “(…)não ficou sabendo a razão do crime, nada ouviu/ tem receio de prestar depoimento na presença dos réus porque mora na mesma região que ele, sendo que os acusados já estavam começando a ter fama de justiceiros/ depoente mora nesse bairro há 20 anos/ não saberia dizer o que as pessoas que moram na região acham do acusado”.

Um assunto muito comentado pelos entrevistados foi a cagüetagem, citada como um grande perigo. Atrás da cagüetagem geralmente estava a vingança contra a vida do cagüete e de sua família. Manter-se distante das disputas entre bandidos era um meio de garantir a vida.

O bandido que respeita o distanciamento e procura não envolver os moradores em suas histórias é mais respeitado. Entretanto deve-se considerar que os arranjos que orientam a sociabilidade de bandidos e comunidade é sempre fluido por se tratar de uma situação delicada. A atitude do bandido em não envolver a comunidade em suas cenas de violência tem um limite: os negócios. Situações em que a administração dos “negócios” do crime está ameaçada podem resultar em perigo para os moradores. Daí as balas perdidas, o toque de recolher, as mortes por engano, o envolvimento de parentes em negociatas e vinganças etc. A comunidade

sabe que a qualquer momento, por um incidente qualquer, a “evitação” pode ser suspensão e todos passam a correr risco.

O trabalho parece ser uma das principais categorias utilizada na construção da divisão entre o mundo daqueles sem envolvimento e daqueles com envolvimento com o crime. A construção da imagem oposta ao do bandido privilegia a atividade do trabalho. A prática dos justiceiros em exigir carteira de trabalho de suas possíveis vítimas e matar preferencialmente pessoas consideradas vagabundas, não trabalhadoras, converge para a positividade do trabalho entre os populares. O trabalho oferece a dignidade para o trabalhador, diferente daqueles que ganham a vida roubando o dinheiro de trabalhadores. Zaluar salienta a responsabilidade de quem opta pela via oposta ao do trabalho: “(...) liberdade de escolha individual, o que diferencia os pobres entre os que gostam de trabalhar e os que não gostam, entre os trabalhadores e os vagabundos. A liberdade individual aparece como uma opção entre seguir ou não uma ética de trabalho que consiste em não negar trabalho que pode gerar renda para a família da qual se faz parte.”(1994;230) Costa completa o raciocínio: “Os ouvintes também distinguem os ‘pobres que trabalham’ dos pobres que roubam’ e, sem dúvida, avaliam que é moralmente superior ser um ‘pobre honesto’, que trabalha, do que ser um ‘pobre que assalta’, ou que comete qualquer outro delito em nome da pobreza.”(idem;120) Neste sentido, Sarti também conclui: “(...) Vencer aqui não significa necessariamente ascender socialmente, mas se afirmar pelo valor positivo do trabalho. Ao lado da negatividade contida na noção de ser pobre, a noção de ser trabalhador dá ao pobre uma dimensão positiva, inscrita no significado moral atribuído ao trabalho.(...)”(1994;120)

Num cenário que privilegia o trabalho, a questão do desemprego, sem dúvida, é um complicador para os populares, aproximando-os da imagem daqueles que não trabalham, podendo, eventualmente, confundirlos com bandidos. Apesar de a categoria trabalho ser utilizada no confronto com a imagem do bandido, os processos revelaram, de modo geral, que muitos bandidos tinham alguma ocupação. Denunciados como réus, apontados pela população como bandidos perigosos, podiam estar trabalhando como pedreiros, ambulantes, seguranças,

vigias, taxistas, motoristas etc. Um investigador, em depoimento, contou sobre o réu: “(...) Neginho trabalha como motorista particular de uma família no bairro dos Jardins (...)”. Isto revela que o grande divisor não é apenas o trabalho. Há uma série de questões vinculadas ao trabalho que são combinadas na construção de um imaginário positivo para aqueles que não se envolvem em atividades criminosas. Ao refletir sobre a importância do trabalho infantil, Telles aponta alguns dos valores envolvidos na categoria trabalho:

“(...)o que pesa é menos a ‘lógica da sobrevivência’ do que um conjunto de valores e representações pelos quais a importância do trabalho infantil é elaborada. A valorização do trabalho infantil é feita num peculiar contraponto aos riscos associados ao tempo livre e à ‘ociosidade’ dos filhos, mesmo quando essa ‘ociosidade’ é função do desemprego daqueles que, sem sucesso, estão em busca de alternativas no mercado de trabalho. Em outras palavras, entra em jogo uma ética do trabalho pela qual o tempo livre dos filhos é posto sob suspeita, justificando, por essa via, um estrito controle sobre o seu tempo cotidiano, controle que esperam ser complementado pelas virtudes disciplinadoras do trabalho” (idem;178)

Em seu estudo, Costa (1989) observa que muitos presidiários também manipulam o discurso positivo do trabalho. Segundo a autora, muitos declaram que ao sair do presídio pretendem trabalhar e sustentar suas famílias. Para ela, este discurso tem como objetivo conquistar o respeito da sociedade mais ampla para um ex-presidiário. Tentando se diferenciar dos colegas de prisão, qualificados pela sociedade como bandidos e vagabundos, ligados ao mundo do crime. Costa observa ainda o descompasso entre a positividade do discurso da categoria trabalho e a experiência propriamente do exercício do trabalho pelos populares. Trabalhar, para os populares pode se tornar um grande sofrimento. Seja pelas relações de trabalho de modo geral, pelo relacionamento com o empregador, com a hierarquia; seja pelos baixos salários; seja pelo modo de inserção no mercado; seja pelo tipo de tarefa executada. Enfim, seja por um sem número de razões, a positividade do discurso da categoria trabalho dificilmente pode ser explicada pela própria positividade na experiência do exercício do trabalho. Talvez esta positividade possa ser melhor compreendida pelo esforço brutal realizado pelas

classes populares no exercício do trabalho. A recompensa pelo esforço. Apesar dos inúmeros obstáculos experimentados no exercício do trabalho, elas resistem e prosseguem desempenhando o papel de trabalhadoras. Zaluar analisa a visão de trabalho popular:

“(…)O trabalho não é algo que se escolha nem está associado à criação, mas ao produzir e à sobrevivência, que se torna a garantia do direito: ‘direitos humanos só pra quem produz’. No plano humano, é o trabalho que dá dignidade, valor moral à pessoa; ele é o próprio pacto que instaura o humano, assim como o tabu do homicídio. Juntos, fazem do criminoso um ser monstruoso que deve morrer: ‘quem mata tem que morrer’, ‘quem não trabalha, morre’. Mero esforço físico, mero gasto de energia corporal, o trabalho, nessa imagem, é labor (Arendt. 1987), mas ao contrário da concepção grega que fazia dele condição do não-cidadão, ele é a própria base da cidadania, nessa idéia igualitária da distribuição equitativa do esforço por todos. É como se, quando todos trabalham, desaparecesse a possibilidade de se fazer, de alguns, escravos, para que outros dispusessem do tempo necessário à atividade pública, à liberdade, à criação. (...)Uma nação de trabalhadores em que têm os direitos de cidadão, não os que nascem no território nacional, mas os que trabalham e contribuem para a renda nacional (...)”(1990;35-36)

A combinação de valores junto à categoria trabalho e as extensões efetuadas para as demais esferas da vida podem ser observadas em Fernandes:

Significante vazio, o trabalho vai adquirindo inúmeros significados que vão dando sentido à vida (...) do lado dos que se sacrificam e trabalham, alinham-se não só os trabalhadores, mas os bons pais, bons maridos, bons filhos, bons parentes, bons vizinhos e, especialmente, as boas mulheres. Daí o confronto com aqueles que estariam do outro lado (...) justificando a canalização de uma agressividade maciça a um outro digno de uma suspeita que já não se restringe ao papel de trabalhador pois desloca-se em cadeia ao de pai, de marido, de filho, de parente, de vizinho, de mulher de família, como também, ao de cristão e de cidadão.” (1992;48)

Uma irmã entrevistada, responsável por uma creche no Parque Santo Antônio, contou a história de alguém da comunidade que escolheu trair a imagem positiva do trabalho:

R - Posso até contar um caso aqui de uma família nossa aqui, o pai é pai de uma criança nossa, ele é deficiente físico, né, já ficou assim porque ele era assaltante, um rapaz novo. Ficou preso, aquela coisa toda. Mas quando ficou paralítico, foi livre e veio pra casa. Mas

acontece que eles dizem que eles conseguiram, ele dirigia muito bem, era o que dirigia, o que roubava as coisas, os carros, tudo, era essa pessoa. O que que aconteceu agora com esse homem parálítico? Eles adaptaram o carro dele. Adaptaram o carro e o que que acontece? Ele dirige carro manual, né, com as mãos. Porque ele não funciona as pernas e começou de novo, assaltar. Ficava no carro enquanto as pessoas estavam roubando. E o pessoal antes, a comunidade, as famílias juntas, os vizinhos, tudo tinha um certo cuidado porque era parálítico, andavam com ele, aquela coisa toda. Mas agora, depois que aconteceu isso, quer dizer, as pessoas dizem assim, esse aqui tem que ser morto. Esse aqui tem que ser abandonado lá e matar. Disse que ele tá prestes a sair, isso tem uns 6, 7 meses e disse que vai sair agora. O pessoal já está revoltado, não é, com a situação, e o medo é que ele chegando aqui, os outros matem porque esse não dá.

P - Bom, mas aí, como parálítico, ele podia, eles fizeram essa adaptação, ele conseguiria trabalhar em algum lugar sendo parálítico?

R - Ele tinha um emprego, ele trabalhava, era isso mesmo, mas tinha um emprego. Porque segundo os pais dele, eles mesmo contam, né, que muitas vezes o emprego é pra salvar, é pra dizer, fulano é trabalhador, fulano é assim, tudo mais, né, ele, o emprego, quer dizer, ele continua recebendo pela caixa, tá aposentou, aquela coisa toda, quer dizer, emprego ele tinha, continua mantendo, no sentido de receber.

Observa-se, pelo depoimento, a positividade do trabalho para esta população e também como se define a imagem daquele que merece ser protegido. Um vizinho que, num primeiro momento, optou pelo envolvimento com o crime, acidentou-se. Os moradores perdoaram o envolvimento passado. Ele passou a ser merecedor de proteção, por ser deficiente. Mas ele reiterou sua escolha pelo envolvimento com atividades do crime e continuou participando de roubos. Aí então os moradores se sentiram traídos duplamente. Primeiro porque ele desafiou a situação de fragilidade, ofertada pelos moradores. Segundo, porque ele reiterou sua opção no envolvimento com o crime, contrapondo-se à imagem do trabalhador. O próprio assaltante se utilizou da imagem de trabalhador, através do recebimento da aposentadoria por invalidez, na tentativa de otimizar sua imagem diante dos moradores.

Os testemunhos dos diversos processos sobre acerto entre bandidos permitiu levantar outras questões que, associadas à categoria trabalho, distanciaram os não envolvidos com o crime daqueles com envolvimento. Sobre o tema, Zaluar

afirma: “No imaginário local, e nas práticas efetivamente realizadas no cotidiano, bandidos e trabalhadores também se opõem em termos de orientação para o trabalho e a renda obtida para sobreviver, de padrões de consumo, de práticas de socialização (...)”(1992;49)

No processo de um homicídio ocorrido no Jardim Herculano, o réu tinha um irmão. Em algum momento da história, a polícia confundiu um irmão com o outro. Aquele que não tinha nenhum envolvimento com a história da morte depôs: “Tem um irmão de 20 anos (Marco)/ vizinho de Beto/ o declarante trabalha regularmente e estuda à noite/ seu irmão tem o hábito de sair à noite, pois não estuda à noite/ sexta-feira, como de costume, chegou em casa, do trabalho, e em seguida foi para a escola, retornando por volta das 23hs e não saiu mais/ ao chegar, viu seu irmão em um bar vizinho/” Através de seu depoimento, o irmão inocente apresentou sua imagem como oposta ao do irmão-réu. Ele se utilizou do trabalho para estabelecer a diferença entre os dois e ainda afirmou se tratar de trabalho regular. O irmão ainda ressaltou o fato de estudar, à noite, depois do trabalho, como um aspecto positivo para sua imagem. Juntamente com o fato de não sair e freqüentar bares, como costumava fazer o réu. Portanto, além de trabalho, estudar e não freqüentar bares também foram valores privilegiados para a construção da imagem de um homem inverso ao bandido.

A esposa de um bandido morto na favela do Jardim Colombo, por outros bandidos, depôs:

(Juiz - como era seu marido?) “Olha, não posso dizer que era bom, só sei que ele não era da turma dos caras, mas também não era de bem, não gostava de trabalho, estava sempre no bar bebendo, jogando. Mas eu nunca fiquei sabendo que ele tivesse matado alguém./ O que sei é todos, a maioria, usa droga, roubo eu não sei, eu fico muito pouco lá, trabalho o dia inteiro, eu sei muito pouco das pessoas que moram lá”

Assim como o irmão acima, a esposa também enfatizou a categoria trabalho. Mas ela ainda levantou a questão do bar, do jogo, das bebidas alcóolicas, a droga e o roubo. Se bem que ela ofereceu o benefício da dúvida sobre homicídios, revelando o

alto valor atribuído ao homicídio. Matar contribui para piorar a imagem de um bandido. O vizinho desta família também depôs:

“(…)possui um bar próximo ao local onde se deram os fatos/ conhece a vítima de vista, não vendendo nada de bebida alcóolica, apenas pão e leite, talvez por isso a vítima não freqüentava/ na hora do crime estava nos fundos, construindo um cômodo/ corpo caído no chão, não indo ver de perto, pois da porta do bar tinha visão completa/ não escutou nada em relação à morte de José, apenas ouviu comentários de que ‘o pai deles perdeu mais um filho’/ nem ouviu falar os nomes dos ‘matadores da região’, apenas escuta os tiros no período noturno. Com relação à vítima, não pode dizer nada, pois mora há quatro meses naquela rua e apenas cuida de seus assuntos, deixando a vida alheia para lá.”

Este vizinho apresentou o seu distanciamento com a vítima, pois nem mesmo quis ver o corpo. Neste depoimento, o trabalho não figurou como categoria na divisão entre bandidos e não-bandidos. O depoente se utilizou do consumo de bebida alcóolica para estigmatizar a vítima.

A irmã de um rapaz morto em acerto de bandidos contou sobre a vítima: “(…)a respeito da vida de Reginaldo, a declarante desconhece maiores detalhes, pois o mesmo chegava na casa num dia e depois saía, sem dizer onde ia, ficando vários dias fora de casa, não sabendo o paradeiro de seu irmão. A declarante não falava muito com seu irmão, não perguntando a ele onde ia ou o que fazia, sendo certo que ficava vários dias fora de casa.” Neste caso, o que a depoente apresentou como aspecto negativo sobre a vítima foi o comportamento que ela mantinha com os familiares. O irmão não era ligado aos parentes, fazia o que bem entendia, sem informar ninguém sobre suas saídas. Este caso se aproximou da observação de Sarti: “(…) O problema está não somente em conseguir dinheiro sem se submeter à disciplina do trabalho, mas também em não se importar com o destino do dinheiro, o que significa não levá-lo para casa como ‘bom provedor’, desconsiderar o projeto familiar, pensar apenas no momento (...)”(idem;176) O que este irmão fazia era exatamente “desconsiderar o projeto familiar”, assim como outras personagens envolvidas com o crime nos diversos processos. Este projeto familiar (ou os valores

populares, de modo geral, que orientam tal projeto) parece que realmente é um dos pontos centrais na dicotomia entre bandidos e não-bandidos.

Uma pessoa pode apresentar envolvimento com o mundo do crime, mas, ao mesmo tempo, estabelecer boa relação com a comunidade, principalmente o respeito pelas normas do grupo. Neste caso, a tolerância com o “bandido” será maior. O depoimento da irmã de uma vítima, que era ladrão, contou sobre as atividades da vítima: “O meu irmão foi na minha casa e nesse dia teve um assalto lá na rua, aí arrombaram outras casas lá na rua, aí ele veio para minha casa de manhã, eu falei: ‘Renato, foi você que fez isso aqui? Ele falou que não fazia isso lá’/ ele disse que não ia fazer isso lá na rua.” A história da irmã ilustrou um acordo que bandidos eventualmente fazem com os moradores da área, ou seja, não assaltar sua própria comunidade. Este acordo costuma ser importante para os moradores, até porque a presença de pessoas que efetuem muitos furtos no local pode despertar a ação de algum justiceiro na defesa da área.

Um fato que pode servir como atenuante para o bandido é quando ele rouba ou furta em função de necessidades financeiras. No caso de a família estar muito necessitada, passando fome. Alguns entrevistados ficavam indignados quando contavam a história de um vizinho que se envolveu com a criminalidade, sem necessidade. Ou seja, pessoas que não precisavam tirar dinheiro dos outros porque a família conseguia manter um padrão de vida razoável, não passava fome. Daí, o crime não se justificava. Sarti aponta:

“(...)um homem que consegue dinheiro por meio suspeitos, mas usa este dinheiro para sustentar a casa e a família, é visto com alguma tolerância, considerado mal encaminhado, mas não alguém que tenha uma natureza ruim. Este homem é reprovado em seu comportamento avesso ao trabalho na mesma medida em que se reprova o trabalhador que não traz seu salário para dentro de casa, avesso, portanto, à família.”(idem;177)

Alvito (1996) também apresenta duas situações em que o envolvimento com a criminalidade é atenuada pela comunidade. No primeiro caso, um rapaz se transformou em líder do tráfico, mas desenvolvia prática assistencialista na favela. Além disso, a entrada do rapaz no crime ocorreu porque houve desavença entre a

mãe dele com a liderança do tráfico, por isso tentaram estuprá-la. Ele matou o rapaz que ameaçou a mãe dele e se tornou o novo líder. Na segunda história, um rapaz, preparava-se para ser enfermeiro, tomou um tapa na cara de um policial e, para lutar contra a humilhação que passou, entrou para o tráfico. Como observa o autor, estas duas histórias informam o respeito pelas regras da comunidade, apesar de se tratar de pessoas envolvidas com o crime. O primeiro, defendeu a mãe; o segundo, defendeu sua honra masculina. A mãe (por consequência a obrigação familiar) e a honra masculina são dois importantes valores do universo popular.

Estas considerações explicam que não basta o fato de a pessoa estar envolvida com o crime para sua imagem ser desprestigiada na comunidade. Vários fatores são manipulados no exercício da construção da imagem social. Portanto a figura do bandido é uma negociação, que, em determinados momentos, predominam alguns aspectos em detrimento de outros. O rompimento com as regras do universo popular é, sem dúvida, um dos principais fatores que estigmatiza o bandido. Principalmente quando ele adota uma conduta extremamente individualista, em prejuízo da comunidade. Houve um caso, no Parque Regina, em que a comunidade tinha muito medo do grupo de matadores, quase não havia testemunhas para acusar os réus. Entretanto, um comerciante resolveu enfrentar o medo:

“(...)eles agiam naquela região, matando comerciantes/ pelo que falavam, futuramente os réus passarariam a cobrar taxas dos comerciantes para não matá-los/ provavelmente a bronca deles é porque, ao que parece, antigamente comerciantes pagavam justiceiros para eles serem soltos. ‘Eu mesmo nunca paguei nada’./ os réus criaram péssima fama no bairro, obrigando os comerciantes a fechar seus estabelecimentos às 20hs, quando o normal seria às 22:30hs/ Eles queriam criar fama naquele bairro/”

Provavelmente a decisão de acusar os réus foi porque a própria sobrevivência do depoente, como comerciante na região, estava ameaçada. Estes matadores desrespeitaram o limite da comunidade, tornando muito difícil o exercício da ocupação dos comerciantes. O depoimento da mãe de uma vítima, morta em briga relacionada a acerto de atividades criminosas, relatou:

“Esse menino, o réu, chamou ele e escutei: ‘O que é isso?’ e já atirou. Nem chegou a conversar com meu filho, chamou ele, não tinha briga com meu filho, não tinha nada, os outros dois tinham. Foi ele, o réu. Ele era amigo do meu filho, matou meu filho na covardia. Eu não tenho medo de falar a verdade. Se ele tivesse briga, mas ele comprou briga dos outros. O motivo é que meu filho tinha briga com o Gino e com o Bira. Não era com ele a briga e ele foi junto para matar/ Acho que foi covardia o que ele fez.

(Juiz - O réu era boa pessoa?) Que eu conheci, era, até o dia que aconteceu o crime, não tinha nada contra ele. Jamais pensava que ele fizesse isso. Eu fiquei muito chocada dele ter feito. Eu esperava o Bira ou o outro. Jamais me passou pela cabeça que ele matava o meu filho. Eu tenho filhos ainda, morro de medo de alguém vingar nele, só tenho um.”

Esta mãe revelou que mesmo entre aqueles com envolvimento em atividades criminosas há regras que devem ser respeitadas. O amigo matou o outro, sem motivo e ainda não ofereceu oportunidade de defesa. A mãe ficou incomodada, porque quem morreu foi seu filho e quem matou foi alguém que ela não esperava fazer o que fez. O assassino traiu as regras de amizade. Porque, mesmo aqueles que se envolvem com o crime, não estão soltos por aí, no mundo de meu Deus. Eles são parte de uma comunidade e portanto espera-se que observem as regras comuns a todos. Como afirma Zaluar:

“Há um senso de justiça e de equilíbrio nas relações entre os que se consideram como iguais. A violência começa a criar o clima de terror e desespero quando este controle desaparece junto com as distinções entre inocente/culpado, justo/injusto, trabalhador/bandido. Por isso são tão diferentes a reação ao bandido formado, que segue as regras, e não ultrapassa os limites de seu poder, e a reação aos pivetes de um lado e à polícia do outro. É que no primeiro caso a violência ainda é controlada e pode se compreendida dentro da concepção popular de justiça, ao passo que no segundo caso ela não é. O pânico gerado por esta falta de controle da violência e as profundas feridas que causa no senso de justiça do povo gera os linchamentos cada vez mais freqüentes no país.”(1994;31)

O mundo dos jovens

“Wanderley é muito parecido com o irmão do depoente, Guga,. pardo, alto, magro, cabelos curtos, encaracolados, sem barba-bigode, aparentando 18/19 anos Seu irmão era viciado em drogas, andava com más companhias e há dois anos andava dando trabalho para seus pais/ não ouviu qualquer comentário sobre a autoria do crime.”

O depoimento do irmão da vítima, acima, é a descrição de boa parte da população que circula pelas ruas da periferia. Num passeio pela região, pode-se avistar um sem-número de jovens pelas ruas. Andam em grupos, nos bares, nas portas das escolas, à pé, em suas motos, nos ônibus etc. O depoente destacou semelhanças entre o seu irmão e o amigo. Mas estas semelhanças não se restringem aos dois personagens. Elas se estendem aos outros rapazes. *“P ardo, alto, magro, cabelos curtos, encaracolados, sem barba-bigode, aparentando 18/19 anos”* Estas características descrevem muitos garotos que ocupam as ruas na periferia. Com seus bonés, tênis, jeans, jaqueta de cetim, pouca escolaridade e vontade de conquistar seu lugar neste mundo.

A reflexão específica sobre os jovens não era um tema inicial na pesquisa. Entretanto, após diversos contatos com moradores, este tema terminou por se impor. Porque eram constantes os relatos sobre o horror da violência causado pelo tráfico de drogas e as inúmeras mortes dos jovens, como conseqüência. Estas conversas sugeriram que algo estava fora do lugar. As pessoas se sentiam muito incomodadas em seus relatos. Além do medo do cenário violento, havia também indignação com um quadro de violência que escapava à razão. *“Seu irmão era viciado em drogas, andava com más companhias e há dois anos andava dando trabalho para seus pais/ não ouviu qualquer comentário sobre a autoria do crime.”* Esta descrição deixou de ser particular e também se estendeu a um grupo maior.

Algumas características revelam a generalidade no modo de vida dos jovens da periferia. Numa canção dos Racionais é possível observar que a generalidade das características ultrapassa esta determinada geração, diz respeito a todas as gerações das famílias dos jovens.:

“(...) Dois de novembro, era Finados
 eu parei em frente ao São Luiz, do outro lado
 e durante uma meia hora olhei um por um
 e o que todas as senhoras tinham em comum?
 a roupa humilde
 a pele escura
 o rosto abatido pela vida dura
 colocando flores sobre a sepultura
 podia ser a minha mãe (...)”(**Fórmula mágica da paz**)

Estudar a questão dos jovens na periferia revela um quadro de mudança. Os problemas da juventude apontam para as transformações que vêm ocorrendo na sociedade urbana brasileira e até mesmo no mundo. Temas como a globalização, a flexibilização do mercado de trabalho, a especialização e a sofisticação da mão-de-obra, a tendência a maior concentração de renda. Tudo isso, adicionada uma pitada de tempero brasileiro, reflete de maneira brutal a condição da juventude de todas as classes sociais e, na periferia, de modo particular. Uma classe que experimenta a revisão dos conceitos do mercado capitalista, antes mesmo da ampla extensão destes mesmo conceitos. Um exemplo é a disseminação dos valores individuais do mercado sem a contrapartida da inclusão destas classes na sociedade mais geral.

Velho argumenta:

A modernização, particularmente o crescimento das grandes cidades, afetou seriamente este sistema de valores e relações sociais. A expansão da economia de mercado, as migrações, a industrialização, a introdução de novas tecnologias e o florescimento de uma cultura de massas contribuíram para o aceleração dessas transformações. Neste processo, as ideologias individualistas ganharam terreno (...) cresceram as alternativas e escolhas quanto a estilos de vida (...) difusão de valores individualistas, em geral, significou um enfraquecimento nas formas tradicionais de dominação associadas a uma visão de mundo hierarquizante.”(1996;16)

Esta juventude observa o questionamento de valores que orientaram os seus pais.

Um jovem do Parque Fernanda afirmou:

“(...)criação da minha mãe. A vida da minha mãe/ ela foi criada assim na roça, porque ela trabalhando, trabalhou desde pequena, foi, não tinha aquelas coisa de luxo, aquelas coisa de malandragem, essas coisa, aí, hoje em dia. A vida dela circula assim, uma senhora trabalhadora, não gosta muito de coisa de luxo, entendeu. A vida dela parou naquele tempo, naquela vida daquele tempo. Aí, nisso, se ela tentasse mudar assim: ah, eu vou viver mais assim, uma vida assim mais balanceada. Aí. Ela ia começar mudar, ia começar a gostar das coisas assim mais luxuosas, gostar mais das coisas mais de balanço, entendeu? Ela ia mudar a vida dela, mas só que ela gosta do jeito da vida dela(...)”

A sociedade se transforma, os valores tradicionais, que orientaram as relações entre as classes sociais até então, são revisados. Entretanto estes mesmos valores tradicionais permanecem como forte referência para as classes populares. O mesmo jovem que afirmou que a vida da mãe “parou naquele tempo”, discutiu os problemas da relação de trabalho de sua mãe:

“(...)minha mãe trabalhou/ ela trabalhou com duas patroa, ela trabalhou com dois serviço, tinha uma senhora que, ela tratava ela como filha, mas tinha outra que tratava ela só com uma simples empregada, tava lá trabalhando, que se dane, entendeu? Mas, a outra não, a outra levava ela pra passear, gostava dela pra caramba, dava coisa pra ela. Não. Tá, ela não colocou ali só pra ser empregada, ela colocou ali pra ajudar ela, ajudava ela a fazer o serviço. A outra não(...)”

O argumento deste jovem prestigiou valores tradicionais na orientação das relações de trabalho. Foi desprestigiada a patroa que comprou a força de trabalho da mãe e, em contrapartida, esperava pela prestação de serviço. Ao contrário, a patroa que, de certa forma, estabeleceu um padrão de intimidade na relação de empregadora foi julgada de modo positivo. Aliás, um aspecto positivo para o rapaz foi que a patroa colocou a mãe dele ali para “ajudar ela” e não para ser “só empregada”; a expressão “ajudar” pareceu mais positiva do que “trabalhar”. “(...)*tinha outra que tratava ela só como uma simples empregada(...)*”¹⁴. Esta afirmação esclarece a

¹⁴ Sobre este tema, Sarti esclarece: “A noção de dignidade se funda num princípio de obrigações nas relações de trabalho, onde a assimetria não é posta em questão. Não se trata do princípio igualitário que se expressa na lei, mas de um princípio relacional, de obrigações (como na família) onde cada um tem uma parte a cumprir. Os pobres e trabalhadores fazem sua exigência de respeito não como cidadãos, mas como seres humanos que são

questão em debate. A mãe dele era uma empregada, simples ou não. Segundo valores de uma sociedade de mercado, a empregada desenvolve a atividade para qual é contratada e recebe o dinheiro referente ao serviço prestado. Juntamente com o dinheiro, espera-se a observação dos direitos que orientam a relação entre empregado e empregador. Entretanto, a nossa sociedade de mercado é orientada também por valores tradicionais. O que significa que a empregada provavelmente é mal remunerada e os direitos que norteiam a relação empregado e empregador, dispostos na legislação trabalhista, raramente são observados. Até porque o mercado informal predomina na contratação deste tipo de atividade. Estabelece-se uma situação em que o empregado se encontra em condição desfavorável diante do empregador. Dependente do dinheiro e dos favores do patrão para sobreviver. Segundo os valores tradicionais, a prática em estabelecer determinado grau de intimidade do patrão com o empregado é uma estratégia, a fim de minimizar a condição desfavorável do empregado. A intimidade pode contribuir para amenizar a desigualdade de uma relação, que, despida destas trocas pessoais (inversas à impessoalidade do direito e da legislação), poderia se tornar insuportável. Talvez fosse o caso da patroa criticada pelo jovem. A este respeito, reflete Durhan:

“O trabalho doméstico, que absorve grande parte da mão-de-obra feminina, ilustra a natureza desse ajustamento à vida urbana, que se faz através de relações de trabalho pré-industriais. Nesse caso, o salário, em geral reduzido, é complementado pela assistência pessoal, criando freqüentemente laços de clientela entre patrão e empregado. A assistência pode incluir alojamento, alimentação e mesmo roupa. Inclui também, freqüentemente a orientação na movimentação no universo urbano, como utilização dos serviços burocráticos. Muitas vezes esse tipo de auxílio se estende a toda a família da empregada: a procura da escola, de serviços médicos, de documentos etc. (...)”(1978;150)

Os laços de clientela têm sido parte do tempero nacional aos valores do mercado capitalista. Apesar de manter orientações próximas da sociedade pré-industrial, o mercado determina as relações entre as classes sociais. Trata-se do tipo peculiar de capitalismo nacional. A violenta exclusão das classes trabalhadoras é um fato da

filhos de Deus, ancorando-se numa ordem da natureza, legitimada de uma perspectiva sobrenatural, e não na

sociedade brasileira. E as classes média e alta criam e recriam mecanismos para lidar com o tipo de exclusão social experimentado no país.

A permanência dos valores comunitários na periferia, já apontada anteriormente, relaciona-se com o exercício dos laços de clientela, com o tradicionalismo das classes média e alta. Ela expõe o padrão de relação entre as classes, patrocinado pelas classes dos patrões. Reflete o modelo de exclusão das classes populares ou a promessa sempre adiada da inclusão total dos populares à sociedade de mercado. Ao mesmo tempo, a permanência dos valores comunitários é uma estratégia das classes populares para lidar com o exercício do tradicionalismo.

O estudo dos problemas enfrentados pela juventude na periferia, e suas conseqüências para as gerações mais velhas, introduz questões que despertam para possíveis mudanças na relação entre as classes sociais. Provavelmente as classes dos patrões buscam atualizar a relação de classes, em virtude inclusive das transformações no cenário internacional. Estas atualizações parecem indefinidas, é possível já perceber determinados resultados. Mas este quadro ainda está sendo construído. Certamente, as classes populares experimentam o remédio mais amargo diante destas transformações. Até porque a autonomia de atuação dos atores populares é bem menor em relação às outras classes.

Um dos resultados mais visíveis das recentes mudanças é a elevação dos índices de desemprego. A questão do desemprego, em tempos de neoliberalismo nacional, fica transparente num passeio pelas ruas da periferia. Repletas de homens, de qualquer geração, predominando os jovens, todos buscando uma oportunidade no mercado de trabalho. Numa visita ao extremo da zona Leste, para umas entrevistas, a quantidade de homens na rua chamou a atenção. O motorista que conduzia o veículo foi espirituoso em seu comentário: “Quanta gente na rua! Devem estar todos em férias. Ou então trabalham por conta, só não se sabe por conta de quem.” Entre as diversas representações acerca da categoria trabalho,

Todorov chama atenção para o sentimento de utilidade e de pertencimento ao grupo social, ameaçado pelo desemprego.

“Hoje em dia ouvimos com freqüência os políticos formularem uma sociedade ideal onde se trabalharia menos para dispor de mais tempo livre e usufruir mais horas de lazer. Mas tal idéia pressupõe uma concepção hedonista do homem, animal ávido por prazer, o que está longe da verdade. Não temos inteira certeza de que o lazer e a ociosidade são favoráveis ao desenvolvimento do homem. As facilidades da vida são leves ao lado do impedimento de existir. Os seres humanos aspiram infinitamente mais a reconhecimentos simbólicos do que à satisfação dos sentidos, e estão prontos a sacrificar a própria vida, já observava Adam Smith, por algo tão irrisório como uma bandeira. No trabalho, o indivíduo obtém não só um salário para sua subsistência, mas também um sentimento de utilidade, de mérito, aos quais se acrescentam os prazeres da convivência; procura existir, mais ainda do que viver. Não se tem certeza de encontrar tudo isso no lazer: ninguém necessita dele, as relações que aí se estabelecem são desprovidas de qualquer necessidade. O descanso físico pode ser bem-vindo, mas a ausência de reconhecimento gera angústia. Dar um sentido e ter prazer no trabalho é, sem dúvida, mais útil do que multiplicar as horas de lazer.”(1996;99)

O mercado comprime as vagas e estabelece a necessidade crescente de especialização, excluindo cada vez mais as classes trabalhadoras do perfil selecionado. Segundo grau completo, conhecimentos de informática, conhecimentos da língua inglesa ou da espanhola, desembaraço na leitura e na escrita. A maior parte destes jovens não consegue nem mesmo terminar a oitava série. O segundo grau é um sonho. Os instrumentos válidos na época de seus pais, hoje, não são suficientes. Eles sabem que entrar neste mercado é uma luta, que as dificuldades dos populares são maiores. O mesmo jovem do Parque Fernanda refletiu sobre as dificuldades enfrentadas pelos garotos da periferia, que não correspondem ao perfil “da hora”:

P - “Como é que é ser um cara da hora, ser uma garota da hora e não ser um cara da hora, uma garota da hora?”

R - “Por exemplo, um cara bem vistoso, bem bonito, esse na opinião de muitos é um cara da hora, é um cara que tem uma beleza superior. Agora, tem aqueles, que nem eu, feinho, né, aí os cara fala assim, ah, você não presta pra ir lá na frente, tem que ser um cara de ôio verde, um cara de cabelo liso, um cara branquinho da hora, um moreninho da hora, uma menina com

um corpo bem, não pode uma gorda lá porque não pode fazer propaganda de maiô, uma gorda, tem que ser uma cinturinha de sereia, não sei que.”

Esta garotada provavelmente está distante do perfil “da hora”. E pelas poucas oportunidades disponíveis é difícil pensar na possibilidade de mudança desta situação a curto prazo. O mesmo jovem relatou as dificuldades que ele enfrenta na procura por uma vaga no mercado de trabalho:

“(…)eu tomo assim pelo desemprego, que eu tento, que nem, como eu, eu tô na fase de Exército, aí eu chego assim na ... aparece assim uma oportunidade, pra treinar, eu faço assim um treinamento, pelo menos, porque eu tô fase de Exército, mas eu tento fazer a minha capacidade, pra aprender rápido, né, aí eles não dá oportunidade nenhuma de você fazer o treinamento pra ver se você é bom./ não tá dando oportunidade, principalmente pro jovem, que nem a pessoa que tava acabando de falar nele, o jovem, eles pensa que os jovem não tem cabeça, é irresponsável. Não. Só pensa em zoeira, chega lá e só vai querer ficar brincando, não vai dar lucro nenhum/”

Concomitante às recentes dificuldades, conseqüentes das transformações atuais, observa-se a permanência dos velhos problemas, antigos e conhecidos das gerações anteriores. Problemas de moradia, assistência médica e um sem-número de carências, já apontadas na descrição do cenário da periferia. A falta de lazer atinge a juventude de modo especial. Por se tratar de um período da vida em que o lazer e a companhia dos amigos são importantes. A partir da carência, os jovens buscam alternativas. O rapaz entrevistado novamente informou como a turma da rua em que mora driblou a falta de divertimento:

Ah, os cara ligava, assim, que tinha, tem uma casa lá que era bem maior que a de todo mundo, aí, ele pegava e colocava o som assim perto do portão, aquele portãozão grandão, né, que era pra entrar o carro lá, pra eles pode arrumar/ Aí, colocava as duas caixa assim na porta e o som lá dentro de casa. Aí ele ligava e colocava tudo quanto é música que cê colocasse lá. Cê levava lá a fita, os cara colocava lá a fita, a sua fita. Aí você, às vezes, colocava desses que ninguém chegava ou senão, às vezes, começa a cantar feito louco lá dentro, lá. A gente ouvia no meio da rua. Só que aí começou a dar ... como se fala, né, treta, daqui começou parar, parou porque às vezes uma vez quase mataram o cara!

P - Pera aí, deixa eu entender, era uma casa ...

R - Uma casa que tem lá, aí colocava as caixa no portão ...

P - os donos da casa?

R - é, os cara tudo novo mesmo, tudo zueira/ colocava e lá dentro eles colocava o microfone ou senão eles ligavam a fita.

P - tá, e daí o pessoal dançava?

R - É, no meio da rua

P - É? E daí você colocava as músicas que ...

R - ...que quisesse/ às vezes eles colocava do rádio mesmo ou eles colocavam a fita que a gente levasse.

Os populares buscam incessantemente driblar os obstáculos. Diversos pais e jovens investem pesado, dispondo, às vezes, daquilo que não têm. Muitos jovens contatados freqüentavam curso de informática ou buscavam um supletivo, na tentativa de aprimorar seus conhecimentos e conquistar melhores oportunidades no mercado. Entretanto, em relação à educação, as classes populares enfrentam uma carência, dificilmente solucionada apenas através de esforços individuais. A educação básica, que contribui para o aperfeiçoamento de habilidades necessárias ao manejo de instrumentos, como o computador, é sofrível. Alguns depoimentos revelaram a péssima experiência destes jovens com a escola. Um jovem detido na Febem contou sobre a sua derradeira experiência escolar, que resultou em expulsão: "(...) que há um ano deixou os estudos, devido a desentendimentos com a professora, que esta última pegou seu apontador e lápis e colocou-os sobre a mesa. O declarante informou àquela que os objetos lhe pertenciam/ ela lhe deu um beliscão e o declarante devolveu a agressão com um tapa no rosto daquela. (...)". Um entrevistado do Jardim Míriam relatou sua experiência na escola:

"É, se você quiser estudar, você estuda. Se você quiser dormir, você dorme, se você quiser bagunçar, você bagunça./ O aluno na minha escola já aconteceu, né. Tinha um professor que ele, não sei que ia matar. Qualquer coisa que você fizesse: um desse aí, tem que matar mesmo/ É, porque queria matar o aluno, falava pra nós./ Aí, chega um certo dia, ele falou isso pra uma menina. Daí, a menina não gostou. Daí, ela pegou e tinha uma pochete assim, daí ele pegou e acertou no rosto dela./ (Ele fez isso com a menina?) Não, a menina fez isso com ele./ Por isso. Aí, ele ia pra cima, daí, os moleque da classe, pegaram ele, deitaram ele no chão e começaram a dar chute e pontapé. Então, se a pessoa é tratada, as pessoas

grossas, vai ser retribuída da mesma maneira./ (Tá, mas ele ia bater na aluna dele?) É, porque a menina quebrou os óculos dele, saiu sangue.”

O jovem do Parque Fernanda contou a sua história:

“(...)diretora da escola da gente/ ela é muito, é muito, sei lá, muito mandona. Aí sempre que acontece uma coisinha, ela já chega na sala esculachando todo mundo; ‘cês são isso, cês são aquilo, um monte de coisa’. Não quer nem saber quem é que fez errado, quem é que tava quieto. Já vai chegando: vocês são muito incompetentes. Vocês tão no 3º colegial já, parece tudo criança, que não sei que. Quer dizer, ela não chega, o relacionamento que ela tem com a gente é meio estranho, porque ela não vai chegando assim, o que aconteceu aqui com vocês? pra depois ela falar. Já vai chegando e esculachando. Porque se você falar embaixo assim. Se o cara aqui dá um tapa ali, vou chegar lá embaixo, vou falar assim, o outro, você mente. Aí o outro lá pegou a cadeira e bateu na cabeça do outro lá e o outro tá lá no chão, caído lá. Ela vai chegando, mesmo que ela não veja ninguém, ela vai chegando e xingando todo mundo, entendeu. (...)”

A qualidade da educação e da relação dos alunos com a escola parece comprometida pelos depoimentos acima. Educação sofrível. Inserção sofrível no mercado de trabalho. Qualidade de vida sofrível. Tudo isto num contexto em que a posse do dinheiro e, principalmente, das mercadorias que ele compra são estimadas cada vez mais. A ponto de se tornarem variáveis muito significativas na avaliação da qualidade da pessoa. Nas gerações anteriores, a intensidade da importância da posse do dinheiro e da mercadoria era diferente. Havia outras variáveis combinadas, além do dinheiro. Uma entrevistada da Aldeia de Carapicuíba contou sobre as mudanças da geração do filho em relação à dela:

R - Ó, antigamente a gente olhava assim, a gente olhava assim numa casa, tinha antena, era rico, né. Eu me lembro na minha época, quando eu era pequena, tinha antena, tinha televisão, era rico. Hoje não. Todo mundo tem televisão, todo mundo tem microondas, todo mundo tem videocassete, todo mundo tem, né. Todo mundo tem em casa. Antigamente não, era dividido, né.

P - E você acha que isso é bom?

R - É bom./ A gente olhava assim, pelo menos quando eu era pequena, eu andava, eu olhava, esse, ele é rico, tem televisão .../ hoje não, hoje é normal, você vai em qualquer lugar hoje tem antena parabólica. Aqui na Aldeia tem bastante antena parabólica .../ A criança hoje pode

ser pobre tudo anda nas marca, quer marca. O meu menino só anda de marca, quer marca, se não for marca, não quer ...

P - É? E o que que cê acha disso?

R - Ah, eu, antigamente não, p.ex, qualquer roupinha, qualquer paninho tava as criançada vestindo. Não tava nem aí, né, quer dizer, só os rico que era mais sofisticado, né. Hoje não, o que um rico põe, um pobre põe.

P - Cê acha que hoje em dia a gente olha assim, não dá mais pra saber se a pessoa é pobre ou rica?

R - Não! Dá pra ver sim, rico tá na cara, né, rico tá na cara, né.

P - que que é que faz a diferença?

R - Ah, ele tem um dom, não sei, tem um jeito, né, tem um jeito

Há um “dom”, um “jeito” que diferencia ricos e pobres. Por mais que o pobre adquira os mesmos bens que os ricos utilizam, como as roupas de “marca”, a diferença permanece. Um entrevistado de Parelheiros contou sobre a diferença entre pobres e ricos: “Sei lá, eu, eu falar a verdade pra você ... se diferencia já uma criança pobre com um filho de um pobre com um filho de um rico. Um rico, um rapaz rico com um rapaz pobre. Até na fisionomia, no jeito de conversar, já tem diferença./”

Na juventude da entrevistada de Carapicuíba, as relações entre pobres e ricos eram mediadas pelos “laços de clientela”, que parecem se esgarçar nestes últimos tempos. Estes laços amenizavam a diferença entre as classes. A crise dos “laços de clientela” é também a crise da reciprocidade entre as classes. Atualmente as diferenças estão se tornando mais violentas. A posse do dinheiro e da mercadoria não garante a conquista do “dom”, do “jeito”, da “fisionomia”, “do jeito de conversar”. Ao mesmo tempo, é apresentada como uma das únicas possibilidades para se conquistar a inserção na sociedade, o tratamento igualitário ou a minimização da iniquidade. Uma das únicas alternativas para quem está fora e quer entrar. No tempo em que a entrevistada era jovem, os pais dela não podiam comprar televisão. A televisão era mercadoria disponível para os ricos. Hoje, o filho dela pode comprar as mesmas mercadorias dos ricos da Granja Viana, que moram cerca de

um quilômetro da entrevistada. Basta ele conseguir dinheiro. Schwarz¹⁵ argumenta: “Segundo uma fórmula, a sociedade atual está criando mais e mais ‘sujeitos monetários sem dinheiro’. O seu mundo é o nosso, e longe de representarem o atraso, eles são o resultado do progresso, o qual naturalmente qualificam”.

O fato menos duvidoso nesta história toda é que as ilusões mudaram na última geração. Talvez, no tempo em que a entrevistada era jovem, a sedução pela posse de uma bicicleta não tivesse o mesmo significado atribuído pela geração do filho dela:

É. Eu tenho, o meu menino/ esse daí tem 16 anos, nunca trabalhou. Eu tenho vontade de arrumar um serviço no escritório, num lugar assim pra ele. Ele pede dinheiro pra mim, eu dou, que ele fala: minha mãe não dá, então eu vou roubar. Ele vê os outros, igual, né. O cara trouxe uma bicicleta aqui. Ele queria. Eu tinha operado, o dia que eu cheguei do hospital. Ele comprou uma bicicleta e levou lá em cima. Oh, mãe, comprei por 20 real. Aí, eu falei assim: pode devolver, pode devolver, porque daqui a pouco você vai pra Pirapora. Eu vou ficar preocupada, que o dono pode ver, te dar um tiro. Ou daqui a pouco vem a polícia aqui em casa. Eu não quero. Aí, eu saí com os ponto ainda. Fiz prestação, comprei a bicicleta pra ele, saí com os ponto. Eu fui lá na Arapuã, na Arapuã não, no Ponto Frio. Comprei pra ele. Por que eu comprei. Ele vai pra Pirapora, vai um monte de moço aí, a romaria/ aí eu falei. Ele vai pra lá, o cara pode, o dono da bicicleta dar um tiro e matar ele, por casa de uma bicicleta? E outra, se ele, ninguém pega, ele, como foi fácil, eu roubar, quer dizer, eu comprei roubada, não deu em nada, eu vou roubar também. Meu filho pode virar ladrão, né. Então, eu fui na loja, comprei. Ele vendeu pro cara do mercado, eu falei, vende aí ou dá/ o cara nem pagou, acho que o cara nem vai me pagar e eu vou fazer o que? vou cobrar? Não tem nota, não tem nada. Aí pro cara que trabalha no mercadinho. Eu comprei pro meu, senão ele podia virar ladrão, eu falei. Ele ia ver que não deu em nada. Ah, essa bicicleta, o Marquinho roubou e me vendeu, não deu em nada, vou roubar também, né, não é verdade?/ Então, é complicado, eu não quis, eu nem podia fazer prestação, eu fiz ...

Uma canção dos Racionais MC's informa a dureza do significado da falta de dinheiro:

“(...)nada de roupa, nada de carro
sem emprego, não tem ibope, não tem rolê

¹⁵ Artigo de Roberto Schwarz sobre o livro de Paulo Lins, *Cidade de Deus*, publicado no jornal Folha de

sem dinheiro, sendo assim
 sem chance, sem mulher
 encontre uma de caráter, se você puder
 é embaçado ou não é?"(**Fórmula mágica da paz**)

Sposito reflete sobre a sedução de objetos que o dinheiro pode comprar entre os jovens de periferia:

"(...)a exclusão não elimina a presença de processos de integração contraditórios, que caracterizam a vida desses setores jovens empobrecidos mas não miseráveis da sociedade. Esses processos se exprimem nas lógicas que decorrem da inserção juvenil no mundo do consumo, da produção de imagens, símbolos e da mídia. Essas situações podem funcionar como apelos para o consumo que se realiza apenas parcialmente, muitas vezes pelo trabalho precoce ou pelo exercício de atividades ilícitas no mundo da delinquência e da droga. (...)"(1993;164)

O motivo da primeira passagem de Moisés pela Febem relacionou-se com o forte apelo da construção de imagens, que se tornam ardentemente desejadas pelos adolescentes: "Entrevistado declara que sua apreensão ocorreu em virtude de, na companhia de outro menor, ter praticado furto de algumas colchas. Esclarece que havia uma senhora, com um veículo, vendendo este tipo de roupas na favela, onde ele mora./ Pretendia vender os objetos e com o dinheiro ia ao **Playcenter**, visto não conhecer aquele local de divertimento."

A sedução dos objetos anuncia a possibilidade da integração. A sedução parece mais importante num contexto em que a exclusão social se torna mais violenta. Seja pelo acirramento na concentração da renda ou pela crise nos "laços de clientela". A alteração nas mediações entre as classes sociais parece intensificar as distâncias, inclusive simbólicas, entre elas. Pois, as mediações pressupõem algum grau de reciprocidade entre as diferentes classes sociais. A sedução pela bicicleta, pela roupa de marca ou pela aparência de um rapaz da hora talvez possa ser compreendida no argumento de Todorov: "(...)as roupas exercem um papel particular, pois são literalmente o campo de encontro entre o olhar dos outros e

minha vontade, fazendo com que situe em relação aos mesmos; quero ser parecido com eles, ou com alguns dentre eles e não com todos, ou com ninguém (...)"(1996;90)

Numa sociedade em que o dinheiro parece cada vez mais escasso, a posse favorece a aceitação de quem o possui pelos outros membros do grupo. Já, para aqueles que não dispõem da posse, a situação talvez esteja próxima da colocação de Todorov:

"Tal é a situação do estrangeiro, do marginal, do excluído, que podemos constatar; os pobres, já observava Adam Smith, são aqueles que ninguém nota, que não chegam a existir para seus concidadãos. 'O pobre entra e sai sem que ninguém o note e, no meio da multidão, ele se encontra na obscuridade como se estivesse enclausurado em seu pardião'. 'O homem invisível'"(...)(idem;70)

O drama das pessoas contatadas durante a pesquisa é que o crime organizado se apresenta como uma alternativa para muitos jovens, que buscam escapar do destino de ser um "homem invisível". As pessoas não querem ser invisíveis, elas querem existir e ser consideradas pela sociedade mais ampla. E os jovens sabem quais os signos que sinalizam o pertencimento à sociedade mais ampla, para a sua geração. O crime organizado pode oferecer oportunidades para se obter tais signos. Uma médica da Unidade Básica de Saúde do Jardim Jacira, Itapeceira da Serra, relatou uma conversa com o dono da "boca" na região. Os traficantes invadiam a unidade, buscando inimigos jurados de morte. Os jurados de morte eram pacientes e estavam sendo cuidados pelos médicos do local. Obviamente a invasão da unidade causava terror a todos os frequentadores. Acertou-se que os traficantes não mais invadiriam a unidade. Segundo a médica, nesta conversa, ela informou o traficante que era sua intenção cuidar dos viciados. Porque, para ela, vício era problema médico, portanto, era área dela. O traficante não se opôs. Só respondeu que ela poderia tentar, mas o que ele tinha a oferecer para os garotos, ela não tinha. Anunciando a sua superioridade. E realmente competir com as ofertas dos traficantes parece uma tarefa difícil.

Muitos jovens acabam seduzidos pelas promessas do crime organizado, principalmente o tráfico de drogas. Apesar de ser difícil separar o tráfico de drogas das outras modalidades, como roubo de banco, cargas, veículos etc. O pior é que, talvez pelo fato de muitos jovens se envolverem com o crime organizado, é comum estender-se a imagem de jovem associado à delinqüência à população jovem da periferia, em geral. Com isso, aqueles que não apresentam nenhum tipo de ligação com o crime podem ser perseguidos pela polícia ou por justiceiros. Tornando-se vítimas, às vezes, de agressões bastante violentas. Numa conversa sobre polícia, com um jovem do Capão Redondo, a pesquisadora confessou não perceber o trabalho da polícia e que não costumava prestar atenção à presença de policiais na rua. O garoto ficou espantado e perguntou como era possível não perceber a presença da polícia na rua. Porque ele sentia muito medo da polícia. Contou que bastava andar na rua e passar uma viatura para ser interpelado, obrigado a levantar os braços e ser revistado. Como se a sua condição de jovem de periferia fosse sinônima de suspeito. Para este jovem, o tratamento da polícia é humilhante demais, porque ele vive para buscar uma oportunidade dentro da legalidade.

Zaluar (1992) contesta a versão de governo paralelo de bandidos em favelas, muitas vezes anunciado pela imprensa. Segundo a autora, o padrão de consumo dos bandidos não permite a acumulação, necessária para oferecer assistência a um número elevado de pessoas. Ela acrescenta que o máximo que os líderes do crime podem oferecer é proteção eventual contra alguns bandidos de outras áreas. Na verdade, mais que proteção à população, isto parece cuidado com seu próprio território. Como bem coloca Zaluar, os bandidos são “empresários do crime” e não assistentes sociais. O interesse é o lucro dos negócios e a violência é o recurso contra aqueles que, de algum modo, ameaçam a lucratividade.

Um fato que incomoda muito os moradores é a apropriação do bairro pelos líderes do crime. Eles transformam a área em seu pedaço, ditam regras. Buscam seduzir os filhos das famílias para seu tipo de comércio, viciam a garotada, patrocinam inúmeras mortes. Decidem o horário que os moradores podem circular pelas ruas. Fecham estabelecimentos comerciais, fecham escolas. Proíbem a

circulação da polícia no local. Enfim, o cotidiano dos moradores tem que se ajustar aos interesses dos negócios do tráfico.

Numa visita a uma escola técnica no Jardim Comercial, Capão Redondo, o responsável informou que, naquela semana, uma lista fora fixada na escola da prefeitura, com o nome de dez garotos jurados de morte. Fora decretado o toque de recolher no bairro. Depois das 22 horas, ninguém podia circular pelas ruas, porque os matadores estariam procurando suas vítimas. Aquele que permanecesse na rua, poderia ser morto, por engano, pois as mortes já haviam sido anunciadas. O responsável informou que as aulas noturnas estavam suspensas, enquanto perdurasse o toque de recolher. Problema maior era para aqueles que trabalhavam e retornam após as 22hs para casa. Uma outra entrevistada, da mesma região, contou que tiros na rua, à noite, é um aviso dos traficantes para os moradores permanecerem em suas casas. Porque eles estão comerciando suas mercadorias e não querem testemunhas pelas ruas. Na favela do Jardim Jacqueline, a vendedora da Avon, que não é da área, não pode entrar para entregar as encomendas das freguesas daquela favela. Apenas com a autorização do líder do tráfico. Em alguns morros a polícia está proibida de entrar. Os traficantes não permitem que a população chame a polícia para nada. Se alguém passar mal e precisa ir para o hospital, os traficantes chamam o táxi e pagam a corrida. Mas polícia ali não entra. Uma entrevistada contou sobre as pichações e a posse do território:

“É que tem seus espaços, né/ quando um vem e invade o espaço do outro, fica aquela marcação em cima/ escrever frases, essas coisas tudo. Quer dizer, tem os grupos que têm seus espaços./ Quando um invade aí vem a marcação em cima/ invade ou ele chega lá desfazendo o que o outro fez/ pichar significa dizer que esse lugar é meu/ Invasão de espaço/ é você não respeitar o meu espaço. Eu que fiz, por que você chegou lá e sujou? Escreveu outro nome por cima, apagou o meu? Muitos deles identificam, né. Escrevem frases, quer dizer, o que mataram, eles escreveram, já que picharam, eles escreveram assim: Neguinho, descansa em paz, que o resto nós cuidamos. Aí, vai outro lá e apaga aquilo, né, já arruma briga.”

Um grande problema para a população da periferia é que as promessas ofertadas pelo crime organizado (destacando-se o tráfico de drogas, modalidade mais citada pelos moradores) representam a inserção dos valores do mercado. O desejo pelo dinheiro, pelos objetos e o individualismo sobrepõe-se às obrigações comunitárias, aos compromissos de lealdade e auxílio à família, aos vizinhos e aos amigos. Aderir à lógica do tráfico significa romper com os valores comunitários. O grande nó desta história é que os valores comunitários, até então, têm sido a estratégia da população da periferia para organizar a sobrevivência no contexto de exclusão social. O rompimento com as regras comunitárias, pelo tráfico, parece não oferecer nenhum outro tipo de estratégia de sobrevivência. Uma música dos Racionais MC's apresenta de modo elucidativo o rompimento com os valores comunitários, promovido pela adesão ao tráfico, pelos jovens. Na primeira parte da música, apresenta-se uma pessoa querida em determinada vizinhança, que compartilha das regras comunitárias:

“Você viu aquele mano na porta do bar?
jogando um bilhar, descontraído e pá
cercado de uma pá de camarada da área
das pessoas mais consideradas
Ele não deixa brecha
não fode ninguém
Adianta vários lados, sem olhar a quem
Tem poucos bens, mais que nada
um Fusca 73 e uma mina apaixonada
Ele é feliz
e tem o que sempre quis
uma vida humilde, porém sossegada
um bom filho, um bom irmão
um cidadão comum, com um pouco de ambição
Tem seus defeitos, mas sabe relacionar
Você viu aquele mano na porta do bar?”

Até aqui, esse “mano” respeita os laços de família, vizinhança e amizade. Sabe oferecer e receber ajuda. Os valores da comunidade se sobrepõem aos interesses

individuais do mercado. Na segunda parte, os valores do mercado passam a influenciar esse “mano” mais do que a comunidade costuma aceitar:

“Você viu aquele mano na porta do bar?
Ultimamente eu tenho ouvido ele reclamar
que a sua falta de dinheiro era problema
que a sua vida pacata já não vale a pena
Queria ter um carro confortável
Queria ser um cara mais notado
Tudo bem, até aí nada posso dizer
Um cara de destaque eu também quero ser
Ele disse que amizade é pouco
Disse mais, que seu amigo é dinheiro no bolso
Particularmente, para mim não tem problema nenhum
Por mim cada um, cada um
A lei da selva, consumir é necessário
Compre mais, compre mais, supere o seu adversário
seu status depende da tragédia de alguém
É isso, capitalismo selvagem
Ele quer ter mais dinheiro, o quanto puder
Qual que é desse mano?
Sei lá qual que é
Sou Mano Brown, a testemunha ocular
Você viu aquele mano na porta do bar?”

Até aqui, os valores do mercado parecem contribuir para as transformações do “mano”. A sedução parece ser influente. Mas, a partir da terceira parte, a adesão do “mano” aos valores do mercado ultrapassa a fronteira da sedução para se tornar uma opção individual. O “mano” fracassa na resistência às seduções. Ele não sabe mais “relacionar”:

“Você viu aquele mano na porta do bar?
Ele mudou demais de uns tempos para cá
cercado de uma pá de tipo de estranho
que promete para ele o mundo dos sonhos
Ele está diferente, não é mais como antes

Agora, anda armado a todo instante
não precisa mais dos aliados
negociantes influentes estão do seu lado
Sua mina, apaixonadamente solitária.
Ela perdeu a posição, agora, ele tem várias
Várias mulheres, vários clientes, vários artigos, vários dólares e vários inimigos
No mercado da droga, o mais falado, o mais foda
Em menos de um ano, subiu de cotação
Ascensão meteórica, contagem numérica, farinha impura
o ponto que mais fatura, o traficante de estilo bem peculiar
Você viu aquele mano na porta do bar?"

A partir do momento em que vencem os valores do mercado, as conseqüências são
a desordem e a maximização do desrespeito às regras comunitárias:

"Você viu aquele mano na porta do bar?
Ele matou o Feinho a sangue frio
7 horas da noite
uma pá de gente viu e ouviu
à distância, dia de cobrança, a casa estava cheia
mãe, mulher e criança
quando pintaram o seu nome no portão
não tinha grana pra pagar
perdão é coisa rara
tomou dois tiros no meio da cara
A lei da selva é assim, predatória
plic, clec, bum
Preserve a sua glória
Transformação radical
Estilo de vida
ontem sossegado e tal
hoje um homicida
Ele diz que se garante
não tá nem aí
Usou e viciou a molecada daqui
Eles estão na dependência doentia

não dormem à noite
roubam à noite
para cheirar de dia
Muito domínio dos negócios
muita perícia
Ele dá baixa
ele ameaça
truta da polícia
Não tem pra ninguém
No momento é o que há
Pode crer!
Você viu aquele mano na porta do bar?"

Depois de romper definitivamente com o grupo local, ele alcança o ápice das ilusões ofertadas pelo mercado. Mas no final, o mercado cobra o preço por haver patrocinado a oportunidade de alcançar o ápice. A comunidade oferece afeto e reciprocidade. Já a regra do mercado é: ao chegar no ápice é necessário desocupar a vaga, porque há outros interessados neste lugar. Sua viagem acabou:

"Você tá vendo o movimento na porta do bar?
Tem muita gente indo pra lá
O que será?
Daqui, apenas posso ver uma fita amarela
luzes vermelhas e azuis piscando em volta dela
informações desencontradas
gente indo e vindo
não tô entendendo nada
Ouço um moleque dizer:
mais um cuzão na lista
dois fulanos numa moto
única pista
Eu vejo manchas no chão
Eu vejo o homem ali
é natural para mim, infelizmente
A lei da selva é assim
traíçoeira, surpresa

Hoje você é o predador
amanhã é a presa
Já posso imaginar
vou confirmar
me aproximei da multidão
obtive a resposta
Você viu aquele mano na porta do bar?
Ontem a casa caiu com uma rajada nas costas”(Racionais MC’s **Mano na porta do bar**)

Os depoimentos em alguns processos apontaram certas atitudes de traficantes que despertam indignação entre os moradores. “Os réus são conhecidos matadores do bairro/ eles não precisam de raiva para matar”. O fato de os matadores liquidarem suas vítimas por acerto de dívida era incompreensível para esta vizinha. Talvez ela pudesse entender a morte por uma discussão. Mas o valor mercantil da vida escapava à sua compreensão. Certamente na comunidade ocorrem discussões por um colega não acertar uma dívida com outro colega. Estas discussões podem terminar em morte. Mas é provável que, além da cobrança do dinheiro, os colegas cobrem também a falta de consideração. Aquele que empresta pode se sentir traído e prejudicado por estar passando necessidades. O que toma emprestado pode julgar falta de consideração, de quem emprestou, o fato de não compreender que ainda não é possível saldar a dívida. Mas matar por dívida simplesmente é uma realidade complicada para uma comunidade em que o valor monetário é importante, mas não primordial.

O fato é que o tráfico patrocina a morte de muitos jovens por causa de dívidas. Por outro lado, a comunidade perde não apenas os seus jovens, mas também é prejudicada monetariamente. Os jovens que trabalham e se tornam viciados em droga podem patrocinar o auto consumo. O problema é que a família espera a colaboração no orçamento doméstico de todos que trabalham. Esta obrigação parece plausível, pois quando um membro está desempregado, os outros auxiliam o seu sustento. O vício da droga pode exigir uma parcela cada vez maior do orçamento do viciado. Podendo até comprometer o auxílio à família.

Há casos piores, que são os viciados em **crack**, droga cada vez mais disseminada, devido o baixo custo. Esta droga vicia rapidamente e também destrói o viciado na mesma velocidade. Dificilmente uma pessoa consegue manter o mesmo ritmo de trabalho quando se torna viciado em **crack**. Os moradores da região geralmente contam casos de pessoas viciadas em **crack** que não trabalham. Os furtos pela redondeza são comuns, um meio de sustentar o vício. Como o custo é baixo, furta-se produtos fáceis de vender e obter um trocado. Isto é uma tragédia para esta população. Porque ela não dispõe de recursos financeiros para repor os objetos furtados. Apesar de o preço ser considerado baixo pelo mercado, no orçamento dos populares, o custo é elevado. As creches, os centros de juventude costumam ser assaltados. Levam os aparelhos de televisão, vídeo, enfim o que for possível vender. Geralmente eles vendem por um valor muito baixo. O caso da bicicleta da moradora de Carapicuíba, que o filho comprou por 20 reais, provavelmente foi para obter dinheiro para comprar droga. Os assaltos a ônibus também podem estar ligados ao consumo de droga. Inclusive, na gíria da região, cobrador de ônibus é denominado “banco 24 horas”. Como não bastassem os furtos pela redondeza, os jovens furtam os objetos da própria família, da sua casa. Eles trocam suas próprias roupas, tudo que têm. Num júri, um rapaz foi julgado pela morte da irmã. Ele matou a irmã com a lâmina do liquidificador, numa discussão. Ele exigiu dinheiro dela para comprar droga e ela se recusou a dar o dinheiro. São histórias muito trágicas para as famílias. A perda do dinheiro tem um peso significativo. Mas trata-se também de uma crise que envolve afeto. A mãe de uma vítima por dívida de **crack** testemunhou:“(...)vendia suas próprias roupas/ passava dias fora de casa e por várias vezes chegava machucado, dizendo que era por causa das drogas/ soube por comentários generalizados, não sabendo quem os iniciou, que seu filho foi morto porque devia 40 reais para traficante (...)” O pai deste garoto contou:

“(...)era viciado em drogas, principalmente crack. Seu filho não trabalhava há dois anos e passou a andar com más companhias, tornou viciado em drogas, seu filho tirava objetos da casa para vender, a fim de comprar drogas. Seu filho, quando estava drogado, tornava-se violento, chegando por várias vezes a agredir o depoente e seus familiares. Foi internado

diversas vezes para se tratar, chegando o depoente a levá-lo ao Maranhão a fim de tirá-lo do convívio com más companhias/ Seu filho passava dias fora de casa. não sabendo o depoente em que locais.”

No inquérito de uma chacina ocorrida no Jardim Caiçara, a vítima ateou fogo na casa de um “passador” de droga, que não entregou para a vítima a parte do dinheiro que lhe cabia. Além da casa, tudo que estava dentro foi queimado, mobília, roupas etc. A irmã e a esposa do “passador” ficaram revoltadas: “se ele quisesse cobrar a dívida do meu irmão, que fizesse com ele e não com tudo que tinha dentro”.

Em muitas histórias de vício em **crack**, a saúde do viciado se deteriora cada vez mais e o aspecto físico se torna horrível. É comum grupos de jovens, quando estão em situação desesperadora, isolarem-se em algum cômodo na região. Permanecendo apenas os viciados, distantes das famílias. Até porque, quando eles se aproximam deste estado, as famílias provavelmente não agüentam mais. E eles morrem junto ao grupo. Estes garotos, na fase em que furtam mercadorias para pagar o vício, podem ser mortos por policiais ou justiceiros, uma vez que incomodam a vizinhança. Outra questão é que o vício vai deteriorando física e mentalmente o viciado. Em alguma fase o viciado pode não mais conseguir furtar mercadorias e fazer dinheiro para pagar as dívidas com o traficante. Neste caso, ele provavelmente será morto a mando do traficante. As histórias são tristes. Os garotos prejudicam a própria vizinhança, por causa dos furtos. Os tiroteios atingem, às vezes, pessoas sem envolvimento com o tráfico. Mesmo assim os moradores podem se referir aos garotos viciados ou já mortos por dívidas de modo carinhoso. Porque eles são vizinhos ou parentes, cresceram juntos com os filhos, estudaram naquela escola. Sem dúvida, critica-se o tráfico e o vício. Costuma-se atribuir o envolvimento com as drogas como uma opção individual ou devido às más companhias. Mas resta afeto na relação com os jovens.

Uma entrevistada do Jardim Jacira teve um filho envolvido com drogas, morto pela polícia. Ela contou que sofreu demais com esse filho. Ela teve dez filhos, cinco homens e cinco mulheres. O marido dela sempre trabalhou, tinha um bom emprego e

conseguiu sustentar bem a família. O filho dela começou a dar problemas desde muito cedo. Ele se juntava com os amigos, na adolescência, e furtava nas redondezas. Segundo a mãe, este comportamento é normal entre os garotos. Com o passar dos anos, eles se casam, trabalham e se ajeitam na vida. Por isso ela falou que “há mal que vem pra vida e mal que vem pra morte”. No caso do filho dela, o mal veio para a morte. Ele chegou a trabalhar como tapeceiro por alguns anos, conquistando a simpatia do patrão, que pagou advogado para a defesa dele. Ele ainda chegou a viver com parentes no interior. Mas não houve jeito. A mãe rezava pela morte do filho, porque ela nunca sabia se ele iria voltar, quando saía. Ele foi preso. Ela conheceu o horror que ele viveu na prisão. Ela sabia que a única saída era a morte.

Para a mãe, apesar de todo o sofrimento, o filho não foi tão ruim, porque nunca trouxe as mercadorias de roubo para dentro de casa. Ele respeitou as obrigações com a família. Nunca agrediu os irmãos, os pais. Ao comparar a história do filho dela com a de uma vizinha, ela revelou um aspecto bastante negativo da droga para as famílias com viciados. Para ela, o seu filho não foi o pior caso. O filho da vizinha sim. Trata-se de um casal vizinho, em que o marido não pode trabalhar. Ele foi operário de uma indústria química multinacional por muitos anos. Entretanto, os produtos químicos afetaram os pulmões, a ponto dele não mais poder trabalhar. Só que o homem não conseguiu aposentadoria por invalidez. Atualmente trabalha levando alunos para a escola, atividade que quase não lhe oferece lucro. A mulher lava roupa de time de futebol da região. O casal tem três filhas que não trabalham. O único filho do casal está na Casa de Detenção, por haver se envolvido com tráfico de drogas. Para a minha entrevistada, este sim é um caso muito triste. Porque este filho tinha a obrigação de estar, hoje, sustentando os pais, que sustentaram o filho até onde foi possível. Agora, que os pais precisam dele, ele está preso. Segundo a entrevistada, um filho homem deve auxiliar os pais, principalmente quando filho único. No caso dela, o filho morreu, mas ainda restam quatro. Já, os vizinhos, não têm mais nenhum.

A entrevistada elucidou os problemas das famílias. O pai trabalhou anos numa multinacional, quando ficou doente, foi demitido e nem mesmo conseguiu se aposentar. Os clássicos problemas do mercado para uma população excluída, que já foram apresentados anteriormente. Até aí, a entrevistada não trouxe nenhuma novidade. Mas a família, como também já foi apresentado, é a única agência que os populares dispõem para garantir a sobrevivência dos seus membros, quando afastados do mercado. A família cumpre o papel da previdência. O que a entrevistada revelou de novidade é que o elevado número de jovens mortos por causa do tráfico compromete o papel de previdência da família. Porque quem está morrendo é a expectativa da previdência futura. São aqueles com idade de ingressar no mercado de trabalho atualmente. Contra tragédias, que vivem ocorrendo, como a do pai que perdeu o emprego por “acidente de trabalho”, o auxílio dos filhos é a possibilidade de sobrevivência. Mas os filhos estão morrendo. E estão morrendo muitos filhos.

Os valores do mercado, quando disseminados entre a população da periferia, como é o caso das promessas do tráfico, maximiza os dramas já enfrentados por esta população. Dramas antigos, conseqüentes de um modelo que patrocina a exclusão. Zaluar (1992) associa a violenta disseminação dos valores do mercado entre os populares ao movimento da sociedade mais ampla: “(...)sociedade brasileira, especialmente nas elites dirigentes, os valores culturais do individualismo e da moralidade rompem, de fato, com as lealdades pessoais e a dependência que constrangiam as ações individuais. (...)”(1992;53)

Costa reflete sobre as implicações éticas numa realidade como a apontada acima por Zaluar:

“(...)o que conta não é a virtude, é o sucesso. A distância ética entre os dois é enorme. O sucesso é indiferente à virtude. Seu parâmetro é a visibilidade. Donde a simbiose com a publicidade ou o ‘espaço publicitário’. O sucesso vive da publicidade e ambos dependem do mercado de objetos. O sucesso só é sucesso se é notícia, e a notícia só é notícia se é um artigo, um produto vendável. (...) Não se pede mais ao indivíduo que ‘excelencie’, pede-se que ‘apareça’, que ‘se mantenha em cartaz’. Não se pede mais que pense em qual é a melhor escolha moral para ele e para o outro, pede-se que calcule qual a melhor tática para ser ‘bem-

sucedido'. A dignidade do sujeito moral perdeu sua função de fundamento da ética. Só é notícia se, no momento e na circunstância, revelar-se um produto vendável.”(1994;43)

A reflexão de Costa contribui para o estudo do fenômeno da juventude nas periferias nos dias de hoje. Os jovens buscam o sucesso, querem se destacar, como forma de se integrar numa sociedade, cada vez mais excludente. Em que os vínculos de solidariedade parecem fragilizados. Se entre os incluídos, o movimento é no sentido de se destacar, de ser bem-sucedido. O que se dirá daqueles que ainda precisam lutar para conquistar a sua inclusão na sociedade mais ampla? O autor prossegue, relatando:

“(…) O rapaz, supostamente violentador, pensava em escrever um livro, em trazer a público uma experiência da vida privada que nada tem de exemplar, nem do ponto de vista da criação literária, nem da experimentação moral. O desejo de sair do anonimato e aparecer no espaço publicitário foi um móvel da ação intencional mais poderoso do que o sentimento de honra, de pudor ou de proteção à intimidade da vida privada.”(idem;46)

No contexto social atual a violência sexual pode se transformar em motivo de sucesso. E o sucesso é mais importante do que a avaliação ética da ação. Neste contexto, são vigorosos os apelos para os jovens não incluídos, da periferia, romperem com as regras comunitárias. Porque o julgamento ético nos dias de hoje tem significado diferente daquele experimentado pela geração dos pais destes jovens. E aqui é possível retornar à história da moradora da Aldeia, em Carapicuíba. Aquela, cujo filho, hoje, pode almejar possuir os mesmos bens que os jovens ricos da Granja Viana, seus vizinhos. Ele comprou uma bicicleta moderna por 20 reais. E o pânico da mãe é que o filho se transforme em ladrão. Ela se sacrifica para que isto não ocorra. Provavelmente há um argumento ético que orienta as ações da mãe. No tempo em que a mãe era jovem, o julgamento ético dos meios utilizados para se alcançar determinados fins possivelmente eram mais rígidos. Por isso, na juventude da entrevistada não bastava dinheiro para adquirir a posse dos bens dos garotos ricos de Ribeirão Preto, onde ela nasceu. Outras variáveis, além da posse das mercadorias, eram altamente valorizadas. Talvez, nos tempos da geração do filho

dela há uma maior elasticidade no julgamento das ações utilizadas para se atingir determinado fim.

Todorov também reflete sobre a questão do sucesso:

“É certo que a questão do reconhecimento social não se apresenta da mesma maneira em uma sociedade hierárquica (ou tradicional) e em uma sociedade igualitária, como as democracias modernas. (...) na primeira sociedade, o indivíduo aspira mais a ocupar o lugar que lhe foi designado com antecedência (...) se aí ele consegue se encontrar, tem o sentimento de pertencer a uma ordem e, portanto, de existir socialmente (...) não é mais a conformidade com a ordem, mas o sucesso, que se torna o signo do reconhecimento social, é uma situação muito mais angustiante. Essa corrida ao sucesso provém do reconhecimento de distinção (...) O sucesso, hoje, é um valor social que as pessoas se empenham em ostentar; mas o prestígio não suscita o mesmo sentimento de respeito que a glória (as pessoas de grande prestígio, tais como os astros de televisão, são mais invejados do que respeitados).”(1996;90)

Este argumento de Todorov chama a atenção para os diferentes tipos de reconhecimento social ofertados segundo os valores comunitários e os da sociedade atual, em que predominam os valores individualistas. É possível pensar na hipótese de que os lugares sociais designados pelos valores comunitários não satisfazem a juventude de hoje na mesma intensidade que satisfizeram gerações anteriores. Porque a sociedade mais geral parece questionar estes lugares sociais advindos da ordem comunitária. O sucesso, como apontado pelo autor, é o grande valor social atual. A juventude sabe disso e busca as melhores estratégias, na tentativa de incluir-se.

Todorov contrapõe a atitude dos heróis de guerra à resistência da sobrevivência cotidiana. A morte do herói é “flamejante”; enquanto a vida cotidiana, num cenário repleto de adversidades, não desperta nenhum brilho. Ao contrário do sucesso dos heróis, aqueles que sobrevivem no cotidiano permanecem no anonimato. Mas viver o cotidiano num cenário adverso demanda atitudes verdadeiramente heróicas: “(...) Quanto à vida, pode exigir uma coragem de todos os dias, de todos os instantes; pode ser, ela também, um sacrifício, mas que não tem nada de flamejante: se devo sacrificar meu tempo e minhas forças, estou, sim,

obrigado a continuar vivendo. Nesse sentido, viver torna-se mais difícil que morrer.”(1995;19)

A sociedade mais ampla enaltece o sucesso individual. O crime organizado, na periferia, busca seduzir os jovens com o brilho do sucesso, do dinheiro, das mulheres, da honra. Na estratégia da sedução, a sobrevivência, através do cotidiano da comunidade, é reduzida à possibilidade de vida sem brilho, sem graça. Viver como os otários ou os laranjas é sem graça. Se o crime organizado busca seduzir através da oferta de uma vida com graça, ele reproduz o movimento da sociedade mais ampla, em que ser “da hora” é sinônimo de sucesso. Sedução: substantivo próximo de ilusão. Como diz a canção: “malandragem de verdade é viver”¹⁶. Viver o cotidiano da realidade da periferia demanda atitudes heróicas. Mas para o padrão de sucesso individual, a vida cotidiana é coisa de otário.

Os apelos do crime organizado, do tráfico, reproduzem os valores do individualistas do mercado. Mas também é possível perceber a reprodução de alguns valores característicos da ordem comunitária. Por isso, a causa que explica os motivos de muitas mortes (apesar de influenciadas por questões de dívidas e pendências econômicas) geralmente está associada a dilemas característicos das regras comunitárias. Talvez a dívida com o tráfico tenha sido a causa da morte de um rapaz, mas é muito possível descobrir que por trás desta morte, havia disputa por mulher. Porque as pessoas envolvidas com o tráfico, apesar de privilegiarem valores individualistas, não são máquinas. Elas são pessoas nascidas e criadas naquela comunidade. Portanto, os valores comunitários permanecem orientando as suas ações, mesmo que de um modo diferente daquele que orientou os seus pais. É certo que o modo como os dilemas comunitários são elaborados em conflitos que envolvem o tráfico difere dos conflitos típicos da comunidade. Mas, algumas vezes, as causas dos conflitos entre traficantes e usuários podem recordar os casos de “motivo fútil”.

¹⁶ Racionais MC's **Fórmula mágica da paz**

Um exemplo desta questão é o apelo ao valor da honra masculina, aspecto privilegiado pela comunidade na periferia. As histórias que envolvem o tráfico expõem com frequência a elevada estima da honra masculina. Isto pode ser percebido no desafio àqueles que se recusam a aderir à onda da droga, que não são “malandros”. O malandro é o esperto, que alcança aquilo que os jovens sonham. Os garotos que resistem ao perfil do malandro são ridicularizados, denominados de “laranjas”, informou um entrevistado:

R - Vixe, minha mãe era uma, falava um monte, ela ficava dando conselho, ó, o dia que sair tiro ali você não é o culpado, mas você vai levar o tiro. Ela falava, né, aí, ela falou, ela começou, ela falou assim: é pro seu bem. Aí ela começou a me proibir de sair. Aí os cara, não demorou muito os cara parou por causa da da briga. E o pior de tudo, hoje os cara me chama de laranja, porque eu não fico mais na rua. Os cara fica chamando de laranjão, cê tem mais é cara de laranjão. Eu falei, fazer o que, eu não devo nada pra ninguém.

P - O que é laranja, o que é laranja?

R - Ah, um cara quieto, um cara bobo que não participa das malandragens deles. Que eu também não sou de muita malandragem. Eu ficava, certo, gostava tudo, conversava com as meninas, com os cara. A gente brincava, a gente arrumava zueira pros cara, deixava os cara nervoso, mas. Cara laranja é um cara que. p.ex., aí você tá zoando, o cara não quer zoar com você. Se você tá fumando, o cara não quer fumar com você. Eu não fumo nem bebo, né, nem uso droga. Graças a Deus, eu já fui, uma vez eu fui crente. Fui com a minha mãe mas depois, ó, sei lá. Não quis continuar, eu saí. Mas só que eu continuo com aquele ritmo, entendeu. Um cara quieto, um cara que não gosta de bagunça, essas coisa. Aí, os cara me chama de laranja por causa disso.

Para o jovem, resistir ao apelo do grupo parece ser uma missão difícil. O jovem geralmente é inseguro, está formando a sua personalidade. A insistência do grupo no fato de que ele é um bobo, um laranja, colocando em dúvida até mesmo a sua virilidade pode contribuir para que ele desista de resistir ao apelo da turma. O mesmo garoto contou:

“Vixe, eu não gosto mesmo, muita treta, é muita zoeira. Tem uma certa hora que eu começo a ficar tonto, eu não gosto. Uma vez eles fizeram baile na escola. Eu cheguei, aí os cara, vamo, vamo se divertir. Aí eu falei, não gosto, não gosto, não gosto e os cara insistiriam.

Até que eu fui, né. Esse que é o mal do jovem, os cara insiste, aí, ah, você é bobão então, fica na sua, você é trouxa, aí o cara pra não dar uma de trouxa, ele vai.”

O questionamento sobre a masculinidade tem forte apelo entre os rapazes. Em um processo, relacionado a disputa por ponto de venda de droga, no Jardim Santa Margarida, a esposa da vítima contou

“(…)Paraíba e Celinho, juntamente com Teco após os disparos foram os que empurraram o corpo da vítima para dentro da fossa negra, ‘para que não sujasse área dele’, posteriormente Teco comentava nas redondezas que um elemento conhecido por Luiz (traficante de maconha naquela área), foi quem deu as armas para Teco e Paraíba, a fim de que eles fizessem o serviço e ainda pagou os autores a quantia de 300 mil cruzados. No entendimento da depoente, o fato se deu por disputa de ponto de tráfico de entorpecentes, pois tanto a vítima como os demais elementos são traficantes de entorpecentes (maconha) naquela área.”

Provavelmente a disputa por ponto de venda foi realmente um motivo importante que causou a morte da vítima. Mas outros fatos influenciaram no final trágico. Um vizinho depôs: “(…)a vítima costumava ameaçar todo mundo de morte por ter mau instinto, já tendo ameaçado o depoente e seu filho, soube que também ameaçou o réu/ ouviu comentários que a vítima teria usado o réu como mulher quando era menor, que acha que não foi por causa disso que ocorreu o crime”. Um outro vizinho também depôs:

“Era voz corrente no bairro que o que morreu dizia que queria praticar coito anal com o réu e caso ele não quisesse, seria morto, no lugar em que ele estivesse não nasceria capim. Que lamentavelmente conhecia a vítima, porque ela era da pior espécie, que a vítima fazia tudo que podia imaginar, ‘era o inverso do direito’, a vítima mexia com entorpecentes, em certa ocasião ameaçou o depoente de morte porque achou que o depoente estava fiscalizando-o/ a vítima anteriormente matara três pessoas no bairro/ certa ocasião a vítima, após atirar num rapaz pelas costas e este rapaz cair, a vítima foi para cima dele, dando-lhe outro tiro na cabeça, na frente de várias pessoas, inclusive crianças e depois assoprar o cano do revólver, perguntou se alguém havia visto alguma coisa”

Réu e vítima desenvolviam um tipo de comércio em que a disputa e a necessidade de superar o concorrente parecia imperativas. Possivelmente o bairro inteiro sabia

que o réu tinha abusado sexualmente da vítima. Para um grupo social que privilegia o valor da honra masculina, a frase “a vítima teria usado o réu como mulher” era extremamente ofensiva. A imagem do réu diante do grupo estava fraturada. O forte temperamento da vítima, que provocava toda a vizinhança com suas atitudes agressivas, deve ter contribuído para alimentar a raiva do réu contra a vítima. O réu declarou:

“Informa ser o autor do homicídio/ diz ter efetuado o crime, pois alimentava muito ódio do vitimado, pelo fato deste último, nos idos de 1978 (11anos) aproximadamente, tê-lo conduzido a local ermo, nas proximidades onde o interrogando residia e ali o vitimado lhe ofereceu um cigarro de maconha, o interrogando diz não ter aceito, contudo a vítima sacou de uma arma e o obrigou a dar dois tragos. Seguidamente, a vítima, apontando para o interrogando o revólver, obrigou-o a tirar sua roupa e, sob ameaça de morte, manteve com ele coito anal. O tempo passou e o referido Bacalhau sempre menosprezava moralmente o intimado, principalmente quando ele passava, a vítima comentava em roda de amigos: Ai vai ele, eu já comi a bunda dele. É do conhecimento do interrogando que o referido Bacalhau já esteve cumprindo a pena durante alguns anos na Casa de Detenção/ envolvido em roubos/ mesmo à distância, o interrogando guardava muita mágoa do vitimado acrescenta que após a saída daquela cadeia, as ofensas morais continuaram. Desde agosto do ano passado, o interrogando está amasiado com a menor de 16 anos, de nome Maria da Flor de Maio, com a qual tem um filho/ Ao passar em grupos desconhecidos e, estando no meio deles, o referido Bacalhau, diz o interrogando, que novamente ouvia as ofensas morais, desta feita da seguinte forma: Lá vai ele, agora está casado com filho, mas eu já comi a bunda dele. O interrogando não suportando mais essas ofensas, na terça, por volta das 20:30hs, quando retornava para casa, avistou o vitimado com outros elementos fumando um baseado, ao passar por ele, o interrogando ouviu novamente que teria que dar um fim em Bacalhau/o interrogando diz ser realmente traficante de maconha”

Esta história envolveu questões relacionadas ao tráfico de drogas, mas também poderia estar na parte em que foram estudados os crimes por “motivo fútil”. Interesses econômicos explicaram a morte da vítima. Mas, sem dúvida alguma, o réu buscou reconquistar a sua imagem de homem diante do seu grupo social. A vítima, além de agredi-lo, ainda fazia questão de colocar em dúvida a masculinidade do réu diante do público.

A estima da honra masculina pode ser percebida nos casos que envolvem disputa por mulher. Mesmo entre aqueles que não participam do tráfico, mas adotam o comportamento de malandro, a conquista do sexo feminino tem um significado especial. O jovem do Parque Fernanda contou algumas histórias sobre rapazes conquistadores:

“Ah, os cara chegava lá, assim vinha carinha da rua de cima, que onde eu moro é assim ... tipo assim uma divisa, o córrego que divide, do outro lado já é o Madalena aqui é o Fernanda, aí os cara que vinha do Madalena já vinha querendo botar banca em cima, aí falava assim: nós chegamo pra arrasar, que não o quê, começaram a mexer com a muié, com as muié do pessoal de baixo/ é, pra provocar a gente ou só pra ficar mexendo com as menina mesmo, aí os cara daqui de baixo é muito valente, aí queria, já queria expulsar os de cima, os de cima já era também muito valentão, aí começava a brigar, aí, eles pararam.

“(...)é, um mora na casa do som, ele é grandão e é muito folgado. Ele gosta de ficar mexendo com as irmã dos outros e se você achar ruim, ele quer bater com pau. Ele é sempre assim, ele é o maior pilantrão, aí, que que tem mais? Tem o , o, alguns eles falam assim, vamos continuar, não sei que, não sei que, eu falo que não, aí eles nem acha ruim não. Mas esse aí que mora na casa, que dava o som, o irmão dele fala, não liga muito não, não fica ligando pra ele não que isso aí é uma certa parte é inveja. Porque ele vê que você fica quieto, certo, então ele não consegue ficar quieto. Então ele chama você de laranja mesmo.”

“Teve uma vez também que, ele brigou com um carinha do meu tamanho. Porque ele tava brincando. Aí o cara foi conversar com ele, ele começou a chamar a irmã dele de boa, de não sei que e começou a colocar a família no meio. Aí o, o nome dele é Adriano, né. Ele não gostou, aí falou pra ele, olha, Maurício, você tem as idéias muito errada, que não sei que. Aí ele catou o taco de mesa, quebrou o taco de mesa e queria bater nele com a parte mais grossa. Ele mexeu com a irmã dos outros e queria bater!”

Estes rapazes reproduzem a estima ao valor da honra masculina, comuns às regras comunitárias. Mas o modo como eles se relacionam com as mulheres parece diferente. Ciúmes e disputas por mulher provavelmente sempre alimentaram discussões e brigas entre os homens. Mas, nos casos em que réus ou vítimas apresentavam ligações com o crime organizado, a relação com a mulher se aproximou da posse. Como já foi exposto, a relação entre homens e mulheres na periferia não costuma ser orientada por ideais igualitários. Os papéis são diferentes

e o casal representa a complementaridade entre os gêneros. Nestas relações atuais não é bem a complementaridade que se destaca, mas a posse. Mulher que foi namorada de traficante parece que fica marcada. O próximo namorado pode se tornar vítima do traficante, por se envolver com a ex-namorada. Mesmo que o namoro tenha terminado há muito tempo. Assim como o traficante busca ser o dono da boca da área e dominar o comércio no pedaço, a mulher também se transforma numa mercadoria. O comportamento do traficante parece se estender aos garotos que se identificam com a personalidade do “malandro”.

O tipo de relacionamento estabelecido entre os sexos exemplifica a reprodução de valores comunitários, mas a partir de uma outra orientação. Apesar de próximo na valorização da honra masculina, a ênfase no aspecto do macho distancia estes jovens das regras comunitárias. Zaluar explica este tipo de honra masculina:

“(...)essa criminalidade demarca também os limites de uma cultura viril e exclusiva, sem matizes, sem dialética do feminino como contraponto. É um sistema simbólico criado sob o signo de masculinidade apenas. Nesse imaginário, o uso de armas, o dinheiro no bolso, as roupas são apenas sinais exteriores que atraem as mulheres, ‘muitas mulheres’, para o homem que consegue adquirir esses sinais, é de seres inferiores, inaptas para a guerra, dependentes, que precisam ser conquistadas e mantidas com dinheiro e consumo de muitas roupas e jóias. As mulheres são os outros, a relação com elas é de alteridade, radical, mas não de complementaridade, tal como entendida na lógica de cooperação do grupo doméstico.”(1992;51)

O novo tipo de relacionamento entre homens e mulheres exemplifica as distâncias em relação aos valores das gerações anteriores.

Além das incômodas orientações na relação entre os sexos reafirmadas pela malandragem do tráfico, a violência das mortes parece ser mesmo o pior.

A disseminação do **crack** e do tráfico de drogas na periferia tem significado uma tragédia na vida dos populares. Os depoimentos do inquérito de uma chacina, em que quatro rapazes foram mortos no Jardim Caiçara, ilustraram o fato. Este foi o único inquérito referente às recentes chacinas na periferia estudado na pesquisa. O

homicídio aconteceu em 1995 e, na época da pesquisa, ainda era um inquérito policial. Não havia provas suficientes para que a promotoria denunciasse o suspeito da autoria como réu. Este inquérito chamou a atenção pela diferença em relação aos processos estudados, mesmo aqueles envolvendo tráfico. A sensação experimentada pela pesquisadora, ao consultar este inquérito, foi totalmente diferente do caso dos outros processos. Os processos eram consultados numa sala da promotoria e havia relação de coleguismo entre a pesquisadora e os funcionários do Ministério Público. Eram discutidos os mais diversos temas. Entretanto, no dia em que a pesquisadora se deparou com este inquérito, não houve espaço para conversa. A leitura dos depoimentos ocupou toda a atenção e todos os sentidos da pesquisadora. O ritmo frenético dos depoimentos era alucinante. Os fatos se sucediam numa velocidade estonteante. Por mais trágicos que os outros processos fossem, sempre havia um fato bizarro, um comentário espirituoso que aliviava a tensão do tema. Mas neste inquérito houve uma sucessão de tragédias. Quando a pesquisadora se deparava com um fato que parecia suficientemente trágico, outro era narrado a seguir. A principal sensação do inquérito foi que estes jovens morrem muito cedo, mas a intensidade com que eles vivem é muito profunda. O cotidiano dos jovens parece ser marcado pela presença da possibilidade da morte (o vizinho, o primo, o irmão, o inimigo, as notícias de morte se sucedem). Esporte radical?! Escalar o Himalaia?! Nada pode ser mais adrenalina que o cotidiano destes jovens. Os momentos de vida e da possibilidade da morte se sucedem, um após o outro. A este respeito, Schwarz comenta, na crítica sobre “Cidade de Deus”:

“O foco da ação, que a todo momento, se precipita para soluções fatais, imprime ao livro o ritmo sem tréguas. Ligada a essa rotina da tensão máxima, a trivialização da morte empurra para um ponto de vista desabusado e abrangente, a um passo da estatística, quer dizer, superior às emoções do suspense, ou ainda, voltado para coordenadas supra-individuais, de classe, as quais no caso são decisivas. A intimidade com o horror, bem como a necessidade de encará-lo com distância, se possível, é uma situação moderna.”(1997)

A citação dos depoimentos da chacina no Jardim Caiçara pode ser longa e cansativa. Mas somente as falas dos próprios atores envolvidos oferecem a real dimensão da tragédia se dissemina nos bairros da periferia:

“(…)saiu de casa onde estava morando/ casa esta de propriedade de um alfaiate, eis que reside há aproximadamente há uns 6 meses na casa dele, pois saiu da casa de seus pais/ com sua amiga Marina, em torno das 22hs, pois pretendiam ir até um pagode no Jardim Ângela, no bar do Jairo/ chegou a ver seu primo Beto Capeta/Permaneceram no pagode madrugada afora, até por volta de 3:30hs, Marina se aproximou da depoente e disse que tinha algo a contar, mas não era para fazer escândalo, que então contou que Beto Capeta estava morto/ ele não tinha vida regrada, já que era usuário de crack e também estava traficando na boca pertencente a Vado/ não trabalhava nem estudava/ a outra vítima (um cabeludo) traficava junto com Capeta/ na rua de cima existe outro ponto de venda de drogas, do Chupeta/ para Chupeta, segundo soube, trabalha um tal de Mimi e um tal de Iran, este, vítima de homicídio dias atrás, sendo Capeta autor, isso pode afirmar com certeza porque ele mesmo contou à depoente que havia matado porque ele era pilantra/ também é certo que Capeta ateou fogo na casa de um rapaz/ porque o tal rapaz havia pego um a jaqueta de Capeta e não queria devolver e ainda ficou tirando um da cara dele, então ele aproveitou que o rapaz saiu para trabalhar e ateou fogo na casa dele/ Mimi tentou contra vida de Pretinho (namorado de Marina), restando este com tiro no pescoço/ Pretinho tem amizade com a turma de Chupeta, o qual tem treta com a turma da rua Oito e estes rapazes da rua Oito colocam suas namoradas para espiarem o movimento da boca de Chupeta e depois informam àqueles namorados/ a depoente é viciada em crack e quem lhe fornecia era seu primo Capeta, a exemplo de sua amiga Marina. A declarante esclarece que saiu da casa de seus pais porque brigava muito com seu pai Ênio, ‘ele vivia bêbado e me xingando’, por isso fui morar na casa de Martins, pessoa a quem alega não possuir esposa e que lhe deu guarida/ realizando para ele afazeres domésticos, mas quando não quer nada, vai para casa de seu namorado/ toca num conjunto de samba ‘Grupo Só Alegria’/ são vendidas pedras de crack na boca, onde seu primo Capeta trabalhava, disse que por 10, 15 reais, dependendo do tamanho da pedra, ‘sabe que quem não tem dinheiro paga menos’. Os olheiros de Chupeta avisam a aproximação de pessoas suspeitas ou mesmo da polícia, respondeu que eles ficam acendendo isqueiros insistentemente”

“(…)a depoente conhecia a vítima Cacá há um mês, cunhado de Beto Capeta. A respeito desta vítima tem a afirmar que era bastante violento, apavorava todos os moradores da localidade, inclusive estava ligado ao tráfico de entorpecentes, sendo também viciado. Na madrugada do dia 24, a depoente estava num pagode, próximo ao ponto final do ônibus Jardim Ângela, quando seu namorado Omar foi avisado pela pessoa que socorreu Beto Capeta que o

mesmo havia sido baleado nas proximidades/ avisar Dedé, prima de Capeta/ Capeta agonizava no chão e passou a gritar por socorro/ Capeta tinha muitos inimigos, dentre eles um tal de Mimi. É do conhecimento da depoente que cerca de duas semanas, Capeta teria matado um rapaz, conhecido como Iran. A vítima andava envolvida com entorpecentes, sabendo por comentários que tinha muita amizade com um tal de Chupeta, que, por sua vez, costuma andar com um indivíduo de extrema periculosidade, vulgo Anão, que atualmente está preso, não sabendo em qual delegacia, sabe que é pela região. Que esses indivíduos citados são traficantes e apavoram a região. Tais indivíduos têm rivalidade com outro traficante, Vado, dono de uma outra bocada de drogas. Costumeiramente trocam tiros com traficantes do bairro Caiçara, favela do Buraco do Sapo/ (sobre Chupeta) por problemas relacionados a uma jaqueta, ateou fogo na casa de umas pessoas nas proximidades/ é a segunda vez que comparece nesta divisão/ prestou depoimento a respeito da Gang do Bronx”

“(...)conhece Dito há cerca de 11 anos, desde o período que a depoente passou a viver maritalmente com o irmão dele. No dia dos fatos, a depoente deixou sua residência por volta das 5hs, dirigindo-se ao seu trabalho, sendo que por volta das 10:15hs foi chamada ao telefone pelo encarregado de serviço que disse à depoente que fosse rapidamente atender aquele chamado, já que sua filha encontrava-se nervosa e chorava ao telefone/ em sua residência havia ficado as 2 filhas de 3 e 4 anos e também Rosa de 15, já que o companheiro da depoente sai todo dia por volta das 6hs para abrir seu bar, inclusive aos domingos. Ao atender o telefonema, a depoente reconheceu que sua filha Rosa chorava muito, tendo logo dito: vem correndo aqui, mãe, entraram armado e aqui me estuprou/ você não vai acreditar, mãe, foi o Dito/ a depoente providenciou a comunicação do ocorrido para sua cunhada Leda, a quem pediu que levasse ao conhecimento do marido João/ Aninha, de 4 anos, veio correndo em sua direção: Ainda bem que minha mãe chegou, que tio Dito virou ladrão, ele chegou aqui com duas armas e apontou para nossa cabeça. Ele disse que iria matar todo mundo, até eu/ por volta das 8hs, Dito chegou ali, bateu na porta e chamou pelo marido da depoente/ Rosa abriu a porta e disse para Dito que João já havia ido trabalhar, perguntou pela depoente/ apontou para ela e fez que ela fosse até o quarto da depoente/ Tá bom, só vim aqui dar um tempo, eu matei uns caras lá pelo lado do Ângela e vim aqui para dar um tempo/ tinha sangue nas mãos/ arma apontada para sua cabeça/ eu vou matar todo mundo, sua mãe e João/ mas antes eu quero fazer uma coisa com você/ ‘não fique preocupada, isso é coisa da vida, acontece’/ sempre se apresentou como pessoa reservada, sendo que veio do norte do país há cerca de 10, 11 anos, sendo um pouco afastado de seus irmãos, pois foi criado por outra família/ a única coisa que sabe é que ele faria parte do bando do tal Armando, conhecido como justiceiro naquela área.”

“A declarante era mãe da vítima Nei, morto no dia 24/ era pessoa calma, calada, porém atualmente infelizmente passou a se envolver com entorpecentes, especificamente o uso do

crack/ ultimamente estava se relacionando com um indivíduo vulgo Beto Capeta, sendo que este era traficante, prestando serviço de vendas de entorpecentes a um indivíduo de nome Vado, mas também tem conhecimento de que Capeta era detentor de uma infinidade de inimigos/ pessoa de péssima índole, inclusive devido ao fato de um indivíduo de nome Zeca haver vendido entorpecentes pertencentes a Vado e não pagou, ou melhor, não ter passado a parte do dinheiro ao mesmo traficante, ou seja, se apoderou de todo o montante do dinheiro, Capeta, aproveitando-se que Zeca estava ausente, ateou fogo em sua residência/ A casa do Zeca aos sábados à tarde era bastante frequentada por vários homens, sendo que no sábado pela manhã, sua esposa saía com os dois filhos, deixando a residência à disposição de Zeca e daquelas pessoas que ali compareciam. Sendo certo que ali permanecia até altas horas da madrugada e as janelas e as portas ficavam abertas, não sabendo ao certo o horário que os indivíduos deixavam o local, mas que era certo que ao amanhecer/ é do conhecimento da declarante que o indivíduo de nome Vado, que era 'patrão' de Capeta, disputava a venda de drogas com outro indivíduo, vulgo Chupeta, de alcunha Anão. Correm comentários na região que as mortes se deram pela ação de traficantes em disputas de ponto ou pela ação de justiceiros que visavam como alvo Beto Capeta/ indagada se conhece ou já ouviu falar do grupo de justiceiros comandados por Armando, tendo como integrante o indivíduo Dito, residente no Jardim Imbé, responde que nunca ouviu falar/ Pretinho/ fora baleado na região do pescoço pelo indivíduo Chupeta, isso uma semana antes da morte de seu filho. Tal fato motivado pela situação que Pretinho tinha amizade com os dois grupos antagônicos e Chupeta, achando que ele era um 'leva e traz'/"

Carta anônima: "há mais de um mês nós estamos mandando carta na 47, eles não estão fazendo nada. Tem um bandido muito perigoso neste quintal, que fugiu da cadeia, depois disso ninguém mais tem sossego. Eles estão guardando as armas. Rua Oito do Capão Redondo, em um quarto só armas pesadas 380-12-44-7.65. Está tendo muitas mortes na rua de trás da nossa casa. Vocês estão lembrados dos quatro caras que morreram perto da bananeira do Jardim Caiçara, ele sabe tudo/ estamos vendo a hora de atingir criança."

Depois destes depoimentos é fácil compreender porque os moradores se referem tanto à violência do tráfico e sobre a morte dos jovens. Com a facilidade na distribuição da droga, o número de jovens que adere ao vício cresce rapidamente. O entrevistado do Parque Fernanda contou:

"Tá, porque é vice-versa, você, você tá andando no caminho. O cara te oferece droga. Você fala que não quer. Você vira a esquina, o cara, um outro cara te oferece droga. Parece que é até, até combinado: ah, eu fico aqui, se o cara não der certo, você combina com ele lá,

se não der certo, o outro cara tá lá no ponto lá e tá. É perigoso até daqui a pouco cê chegar na sua porta da sua casa, o cara tá te oferecendo droga na porta da sua casa. Tem horas que tá muito difícil. O que tá difícil não é conviver perto das droga, o que tá difícil é você suportar, empurrar a droga, que os cara, a droga chega perto de você até você empurrar. Vai ter hora que você vai perder força de você empurrar a droga. Muitos não têm essa força que eu, que eu acho que eu tenho essa força de poder tá rejeitando a droga. Mas só que se eu dá uma vacilada, eu também vou cair na droga. Então, eu acho que tá difícil de viver.”

“Tá difícil viver”, certamente que sim, principalmente em uma realidade em que a vida de um jovem corresponde apenas à metade da dívida que ele fez com o tráfico. Quando o aspecto mercantil se revela tão transparente, como no depoimento do jovem réu, acusado de matar outro garoto:

“Informa vender drogas na região do Jardim Vaz de Lima. Confessa ter matado porque este lhe devia a quantia de 300 reais/ vendo o local onde o interrogando havia guardado as ‘petecas’(drogas), foi lá e as subtraiu. Quem viu Gílson pegar a droga foi Bila, pessoa morta em maio ou junho/ Gílson não lhe pagou no dia marcado e quando o encontrou, o interrogando o ‘apagou’ com quatro tiros/ Bila foi morto sabe que foi disputa de ponto de venda de drogas/ Matou Gílson em razão da dívida e porque o mesmo o traiu, uma vez que o furtou, passando assim a não confiar mais nele. Caso não matasse a vítima, morreria, pois o ‘patrão’ (Giba) queria dinheiro/ Giba morreu há uns dois meses, foi morto por outro traficante que disputava o mesmo ponto/ arrependeu de matar Gílson, mas agora, ‘já era’.

Conheceu Régis, que também era consumidor de drogas e também devia dinheiro ao interrogando. Como não conseguia mais encontrar Gílson para cobrar a dívida e como Régis também devia dinheiro, armaram uma ‘crocodilagem’ para que o Régis levasse Gílson até o interrogando. No caso de Régis levar Gílson até o interrogando, sua dívida ficaria quitada./ No dia combinado, Régis levou Gílson até o local marcado/ como não adiantava cobrar, matou, pois se não matasse, seu patrão o mataria e conseguindo matá-lo a dívida era cobrada pela metade. Quando os consumidores devem e não pagam, quem paga é o passador, função que o interrogando exercia.”

Os depoimentos do casos envolvendo o tráfico mostraram que a avaliação moral do grupo, em relação ao desviante, vem perdendo o seu valor. E as conseqüências absolutamente trágicas de uma realidade em que, realmente, o peso do dinheiro é superior ao valor atribuído à vida.

A morte dos jovens revelou o alto preço que os populares estão pagando pelas transformações atuais da sociedade.

Conclusão

A tarefa de buscar uma conclusão sobre a violência das mortes na periferia parece bastante complicada. As histórias revelaram a complexidade de problemas, valores, sentimentos que cada morte apresentou. O justiceiro que tem poder, mas, ao mesmo tempo, enfrenta oposição na comunidade. A mãe que apoia o policial, mas o denuncia na corregedoria da polícia militar, por agressão contra o filho dela. As mulheres sem poder de fala no público, em contrapartida, derrotam um justiceiro, que homem nenhum tinha coragem de enfrentar. Os jovens furtam a vizinhança mas a morte deles desperta indignação entre aqueles que foram furtados. O policial privilegia o compromisso com a família, mas, a partir de determinado momento, rompe o trato familiar, e chama para si a autoridade de policial.

O principal aspecto revelado por estas histórias de morte é que a questão da violência é muito mais complicada do que o debate público costuma apontar. As histórias de morte permitem o acesso a um mundo repleto de contradições. Em que cada fato traz junto de si a sua própria contradição. A violência pode ser consequência dos arranjos de vida dos populares. Do mesmo modo que ela pode resultar do rompimento com estes arranjos.

Os atores vivem num cenário cuja violência maior parece ser a precária inserção no mercado, na sociedade mais ampla, e cuja melhor tradução é a baixa qualidade de vida. Dentro deste cenário, os atores constroem os arranjos de vida e lutam incessantemente para se integrar na sociedade mais ampla. As contradições das histórias de morte são consequência da realidade de uma sociedade contraditória. Uma sociedade orientada pelos valores individuais do mercado mas que impede a universalização da experiência destes valores a todas as classes sociais. A luta pela integração se faz dentro do campo dos valores do mercado. Justiceiro que impõe a cobrança de pedágio dos moradores e de pequenos comerciantes busca as promessas do mercado: dinheiro, poder, status. O modo como ele busca a sua integração reverte em violência para o resto do grupo. O pequeno comerciante que contrata o matador, ou mesmo se transforma em matador,

para liquidar o domínio do justiceiro, luta pela sua integração. Pois a presença do justiceiro ameaça sua tentativa de se integrar: o seu trabalho, o seu dinheiro, o seu poder. Além da ameaça aos planos de integração, a ação do justiceiro rompe com as regras do grupo, que são uma estratégia de sobrevivência neste cenário. Entre os arranjos que os moradores da periferia constroem para se integrar, a violência pode ser uma das consequências.

A pesquisa mostrou que a população da periferia apresenta modos diferentes de avaliar as histórias de morte. A indignação foi maior naqueles casos em que as causas da morte desafiaram as regras comunitárias. As mortes resultantes de discussão, principalmente pela reafirmação da imagem da pessoa diante do grupo, foram melhor compreendidas. Já, aquelas que envolveram o crime organizado, em que se matou por dívida, dinheiro ou posse de mercadoria, incomodaram mais a população. É possível discutir este fenômeno à luz do argumento de Costa, já apresentado nas reflexões sobre família e motivo fútil. A violência pode ser explicada pelo desejo de destruir o outro. Em mortes por discussão, é possível a interpretação da morte como acidental, sem intenção do réu. O que não ocorre quando um “passador” mata um garoto que deve 40 reais ao tráfico. Morte por ciúmes de mulher também pode ocorrer. Mas estas brigas são avaliadas de modo diferente quando o líder de uma quadrilha mata o atual namorado da garota. A idéia de posse da mulher, diferente da complementaridade entre os sexos, incomoda esta população.

O incômodo com as mortes, cujas causas se relacionam ao rompimento das regras da comunidade, pode ser perfeitamente compreensível. Afinal, considerando-se o modo de inserção das classes trabalhadoras na sociedade mais ampla, os arranjos, a partir das regras comunitárias, são a expectativa de sobrevivência desta população. Romper com os valores da comunidade, de certa maneira, aproxima-se do rompimento com a própria comunidade. O questionamento da comunidade e seus valores desperta insegurança entre aqueles cuja história de vida é a arte de driblar as inseguranças impostas por sua condição de classe.

O acirramento na disseminação dos valores individuais do mercado, na última década, e suas conseqüências entre os populares têm causado perplexidade na periferia. O desemprego, o agravamento nas condições de vida, o incremento da violência, o número absurdo de jovens assassinados. Todas estas tragédias se ligam ao movimento maior da sociedade mais ampla, agravado pela valorização do dinheiro e dos objetos que ele pode comprar.

No mundo dos objetos, a identidade da pessoa é construída a partir do objeto e de sua posse, não a partir do seu outro, dos seus pares no grupo social. Se a identidade não é construída a partir do par social, o julgamento do outro sobre as ações deixam de ter importância. Costa aponta as conseqüências de uma situação em que a moral perde importância:

“(...)sem a idealização da imagem do sujeito moral, não teríamos como saber o que é um sujeito como nós. E, sem esta habilidade, dificilmente teríamos condição de definir ‘crueldade como aquilo que de pior podemos fazer ao semelhante’. Quando pensamos em assassinatos compulsivos, extermínio sistemático de seres humanos (...)o autor da violência não vê na vítima um sujeito como ele. Que pode sofrer como ele; amar como ele; ser feliz ou infeliz como ele.”(1994;54)

Costa oferece um argumento importante para compreender a indignação dos populares contra as mortes do crime organizado: o fato daquele que mata não se ver, não se colocar no lugar daquele que morre. Todos os arranjos na sociabilidade da periferia reforçam o aspecto da “consideração” entre os pares. As dificuldades comuns orientam para a reciprocidade entre os pares. O tipo de violência protagonizado pelo crime organizado, pelo tráfico, informa uma fissura no sistema de reciprocidade.

Os efeitos da supervalorização do dinheiro e de seus objetos são experimentados por todas as classes sociais. Portanto, a crise no ideal de reciprocidade parece geral, predominando a figura do indivíduo. A este respeito, Freud discute a vida em grupo:

“(...) A vida humana em comum só se torna possível quando se reúne uma maioria mais forte do que qualquer indivíduo isolado e que permanece unida contra todos os indivíduos

isolados. O poder dessa comunidade é então estabelecido como 'direito', em oposição ao poder do indivíduo, condenado como 'força bruta'. A substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade constitui o passo decisivo da civilização. Sua essência reside no fato de que os membros da comunidade se restringem em suas possibilidades de satisfação, ao passo que o indivíduo desconhece tais restrições (...) O resultado final seria um estatuto legal para o qual todos - exceto os incapazes de ingressar numa comunidade - contribuíram com um sacrifício de seus instintos, e que não deixa ninguém - novamente com a mesma exceção - à mercê da força bruta."(1974;115)

O argumento de Freud converge para a indignação dos moradores da periferia. Os valores comunitários favorecem a prevalência dos interesses do grupo, principalmente da família, sobre o indivíduo. O que vem sendo patrocinado, através dos crescentes homicídios dos jovens, é a "força bruta" do poder de alguns indivíduos egoístas em detrimento de todo o grupo. As crises referentes à primazia de um individualismo egoísta atingem todas as classes, de modo diferente, claro. Talvez este egoísmo possa despertar algum tipo de conflito no homem, considerando-se a qualidade do relacionamento desenvolvido com seus pares:

"O que é universal e constitutivo na humanidade é que entramos, a partir de nosso nascimento, numa rede de relações inter-humanas, portanto, num mundo social; o que é universal é que todos aspiramos a um sentido de nossa existência. (...) enquanto as línguas são diversas, a sociabilidade é universal, mas não suas formas. O sentimento de existir pode ser o efeito do que chamo de realização, de contato não mediatizado com o universo, como a coexistência com os outros; esta pode tomar a forma de reconhecimento ou cooperação, de luta ou comunhão, enfim, o reconhecimento não tem o mesmo significado se a forma for direta ou indireta, de distinção ou conformidade, interior ou exterior. O desejo de reputação, honrarias e preferências, mesmo que seja onipresente, não governa a totalidade de nossa vida (...)"(Todorov,1996;90)

Costa acentua que aquilo que faz o homem consentir em obedecer regras é o fato de compartilhar interesses "universalizáveis". A idéia de reciprocidade está ancorada no sentimento de haver um comum. O autor comenta a citação de Arendt sobre o jogo social, de Passerin d'Entrevès:

"(...)a questão com estas regras não é que eu me submeto a elas voluntariamente ou reconheça teoricamente sua validade, mas que na prática eu não posso entrar no jogo se não

me submeter, meu motivo para aceitá-las é meu desejo de jogar: e uma vez que os homens só podem existir no plural, meu desejo de jogar é idêntico ao meu desejo de viver. Todo homem nasce numa comunidade com leis preexistentes às quais ele 'obedece', em primeiro lugar, porque não há outro meio de ele entrar no grande jogo do mundo. Posso querer mudar as regras do jogo, como fazem os revolucionários, ou abrir uma exceção para mim, como fazem os criminosos; mas negá-las, em princípio, não significa 'desobediência', mas a recusa a entrar para a comunidade humana."(1986;58)

Costa e Todorov atentam para o aspecto angustiante de um modelo de sociabilidade que parece contraditório àquilo que seria próprio do comportamento humano: a vida com seus pares. O tipo de relacionamento difundido neste cenário de violência extrema¹⁷ propõe a anulação do oponente, despe o outro de sua humanidade.

As causas da indignação da comunidade com a violência patrocinada pelo crime organizado estão relacionadas ao rompimento com os valores comunitários. Entretanto, as causas desta indignação informam sobre o modelo mais amplo da sociedade. A permanência das regras comunitárias¹⁸ dentro de uma sociedade capitalista, orientada pelos valores do mercado, anuncia um modelo de sociedade em que determinadas classes sociais não compartilham da efetivação dos valores individuais. Apesar da árdua luta das classes populares para conquistar a inserção dentro da sociedade de mercado e também usufruir dos valores individuais. A concretização desta inserção é sempre adiada. E a comunidade se mantém como a saída plausível na garantia da subsistência.

Os dilemas ocasionados pelo crime organizado, assim como nas mortes por motivos fúteis, relacionam-se à inserção precária. As causas das discussões

¹⁷ E de uma banalização chocante. A entrevistada de Carapicuíba comentando sobre um crime específico, disse que não recorda, porque naquele lugar morre gente quase todo dia. Um riacho, que passa atrás da casa dela, por exemplo, é o lugar onde se joga os corpos. Por isso, é comum encontrar corpos ali. Uma entrevista do extrema da zona Leste disse que morte, só lembra daqueles que eram bons, pais de família. Porque toda segunda-feira tem corpo na rua dela. De manhã pode-se encontrar vários corpos, cobertos com jornal. Por isso, lembrar? Só de quem ela conhecia bem.

¹⁸ Freud e os outros autores apontam o aspecto positivo da comunidade. Mas deve-se considerar que o modelo referido é o dos países industrializados. Portanto, junto à permanência dos laços comunitários, considera-se a universalização dos valores individuais, que orientam a sociedade capitalista.

cotidianas têm como raiz, grosso modo, problemas disseminados pela sociedade mais ampla: a supervalorização da comunidade, o desemprego, as bebidas alcólicas, a facilidade na distribuição da arma de fogo, as condições de vida etc. Os dilemas do crime organizado se fazem sentir nas mortes por motivo fútil, pois as pessoas com e sem envolvimento com o crime compartilham o mesmo espaço, são vizinhos, colegas etc. Logo, as conseqüências são gerais, não atingem apenas um determinado grupo. Se cresce a posse da arma de fogo devido o crime organizado, a arma de fogo também passa a ser o instrumento utilizado durante as discussões costumeiras, contribuindo para finais trágicos.

As histórias de violência na periferia atentam para o modelo de inserção executado, em que os direitos expostos nas leis não conseguem se tornar referência nas práticas cotidianas. Trata-se de uma inserção precária, a despeito de todas as garantias legais e constitucionais sinalizarem na direção de uma realidade menos abrupta. A persistência da não efetivação dos direitos propostos pelas leis favorece o mundo privado como arena de discussões e soluções de conflitos, muitos deles derivados da própria ordem pública (Telles,1994). Ao discutir os problemas das crianças na sociedade atual, Oliveira aponta caminhos que orientam a discussão sobre as relações na periferia:

“A questão da criança situa-se precisamente no desemprego e/ou no baixíssimo salário dos pais, na intensa desconstrução/construção das famílias, produto da elevada urbanização, do modelo econômico concentracionista e da péssima distribuição de renda que é seu corolário. Não há um problema em geral, mas da criança pobre. Isto não quer dizer que os mesmos fatores determinantes do problema da criança pobre não tenham repercutidos nas crianças das classes médias e ricas: os consultórios de pedagogos, psicólogos, orientadores, psicanalistas estão cheios de pais e de crianças cujas relações foram profundamente afetadas numa sociedade que acelera, como numa corrida da Fórmula Um, os elementos desestruturadores das relações familiares. Mas a repercussão das crises são bem diferenciadas do ponto de vista da classe social. Para os primeiros, a crise é criada no bojo das novas contradições desestruturadoras, mas potenciada pela crise econômica do Estado; de certa forma, a pobreza obrigou as relações familiares saltarem a barreira da esfera privada para se localizarem na esfera pública, ou quando menos, estatal. Não é à toa que a maior parte dos problemas familiares das famílias pobres, e pois, das relações pais e filhos,

terminam nas delegacias policiais. Para os segundos, os elementos desestruturadores podem, até certo ponto, serem semelhantes aos dos primeiros, mas a crise econômica tem menor letalidade, e a crise do Estado quase não lhes afeta, precisamente porque a relação familiar introjetou-se totalmente para o nível da intimidade no âmbito da esfera privada.”(1995;14)

A reflexão de Oliveira desperta, em primeiro lugar, para o fato de que os problemas são experimentados de modo diferente, segundo o lugar social da pessoa na sociedade. A questão da violência pode ser um bom exemplo desta afirmação. Antes da pesquisadora estudar os processos da periferia, ela pesquisou processos da classe média. Em primeiro lugar, o número de processos envolvendo a classe média era bem menor que o da periferia. O juiz e a sua funcionária tinham na memória os crimes da classe média, devido o baixo número. Em segundo lugar, os crimes da classe média geralmente eram crimes de família. Crimes em família ocorrem em todas as classes sociais. Entretanto os processos relativos a crimes em família são muito diferentes, segundo a classe social. Os da classe média contam a história da família e sua moralidade. Os crimes de família na periferia relatam histórias muito semelhantes às dos justiceiros, dos bandidos, dos detentos etc. São histórias de uma classe social específica, a dos excluídos. Portanto os crimes de família têm relação com a realidade da exclusão. Por isso, são crimes que envolvem um número elevado de atores, por se tratar de uma rede familiar. E não a experiência do individualismo do mercado. Cunhados que matam o marido da irmã é mais comum na periferia do que na classe média. Os casais de classe média vivem a experiência individual. Na periferia, a rede familiar possibilita a sobrevivência, portanto as relações entre cunhados são mais próximas.

Outro fato que exemplifica as diferentes conseqüências dos mesmos problemas, segundo a classe social, é a questão das drogas. O envolvimento dos filhos com as drogas é um grande dilema para pais de todas as classes sociais. Mas, na periferia, as drogas levantam outras questões, além dos problemas de saúde e sociais do dependente. O filho que se envolve com drogas põe em risco todo o investimento dos pais na geração posterior. Os filhos na periferia são a

esperança da continuidade da rede familiar, a possibilidade de previdência nos momentos de crise.

Oliveira atenta também para o fato de que as crises experimentadas pelos populares são apresentadas e discutidas na esfera pública, enquanto as classes média e alta resolvem seus problemas na esfera privada. Um dos aspectos interessantes é que em outras situações o acesso à esfera pública é possível para as classes média e alta, enquanto as populares têm que acionar o mundo privado, devido as dificuldades em construir a relação com o público. As conseqüências deste modelo é que para os populares o tipo de esfera pública acessível são as de assistência ou a justiça penal.

As representações sobre a esfera pública e privada por aqui estão distantes do que ocorre nos estados de bem-estar, como bem coloca o mesmo autor:

“(...)o jogo de damas, onde a hierarquia das peças é completamente horizontal - e a obtenção de ‘peças coroadas’ é o corolário dessa homogeneização - qualquer peça do mesmo valor pode varrer completamente toda a formação do jogo do adversário. A metáfora do xadrez serve para colocar em pé o que é característico da construção da esfera pública: a construção e o reconhecimento da alteridade, do outro, do terreno indevassável de seus direitos, a partir dos quais se estruturam as relações sociais. Enquanto em sociedades sem esfera pública o jogo de damas é a metáfora mais pertinente, nos Estados de mal-estar, com uma penada, o governo pode reduzir salários, aumentar impostos a seu bel-prazer.(...)”(1996;103)

Numa visita à Administração Regional do Campo Limpo, a pesquisadora teve acesso ao modelo de esfera pública em exercício nos limites da periferia. A responsável pela região do Capão Redondo afirmou que não poderia auxiliar muito em relação a dados e informações sobre a região. Porque o que ela conhecia do Capão Redondo não era muito diferente daquilo que a pesquisadora também já conhecia. Todo o seu conhecimento sobre o Capão Redondo, segundo ela, resumia-se às notícias veiculadas pela imprensa. Já a responsável pela região do Campo Limpo, muito simpática, ao saber da visita da pesquisadora, buscou dados relativos ao bairro (uma favela) pesquisado para apresentar. Ela teve que procurar pelos dados, porque, segundo ela, desde a administração que tomou posse em 1993, os

dados sobre alguns bairros (e favelas) do Campo Limpo estão guardados no arquivo morto. A pesquisadora adorou a clareza da expressão da funcionária, alguns bairros e favelas do Campo Limpo estão no arquivo morto. Uma região com altíssima densidade populacional, uma massa de eleitores considerável, sem-número de problemas de infra-estrutura, elevado número de homicídios. **Arquivo morto!**

A pesquisadora esteve numa grande favela do Campo Limpo (região pesquisada na Regional), tirando umas fotos. Um morador ficou preocupadíssimo e perguntou se era algum trabalho da Prefeitura para derrubar o barraco dele. Inclusive porque ele estava fazendo melhorias na casa. Mal sabe ele que o perigo dele sair de lá é algum deslizamento. Porque, para a Prefeitura, ele mora no arquivo morto e a administração parece não se preocupar com a casa dele. Isto se aproxima do argumento de Telles:

“(...)É isso, a rigor, que define o sentido mesmo da exclusão, para além do que indicadores sociais são capazes de medir. E é isso que, talvez, constitua o ponto cego de nossa recente democracia: uma sociedade civil restrita - truncada, poder-se-ia dizer - na qual as práticas de representação e negociação se generalizam com dificuldades para além dos grupos mais organizados.”

“Além do que indicadores sociais são capazes de medir” esta é a definição muita próxima da realidade destas pessoas. Uma entrevistada contou que, numa favela do Capão Redondo, pesquisadores do IBGE tentaram realizar o censo e desistiram, medo da violência. Portanto, as informações publicadas pelo IBGE não contemplam fielmente a situação desta população. Os moradores que vêm ocupando sistematicamente as regiões de mananciais em Embu e Parelheiros provavelmente também não foram entrevistados. Inclusive, o modelo do questionário do IBGE deixa escapar uma série de características das famílias da periferia. Um exemplo é a questão de quantos moram na casa, se o modelo corresponde à família nuclear (pais, filhos). O modelo da família nuclear da classe média é uma ficção na periferia. O neto vai morar com a avó, cujo marido morreu e precisa de um homem em casa. Os sobrinhos, as cunhadas moram na mesma casa. A garota, cansada de apanhar

do pai, muda-se para a casa do alfaiate, mas de vez em quando fica na casa do namorado. Os dados sobre emprego também são um complicador, devido as fluidas relações de trabalho, em que cada vez mais carteira assinada se transforma em sonho longínquo. A sensação é de que os indicadores sociais não conseguem registrar estas pessoas.

É importante ressaltar que refletir a violência na periferia, considerando-se a condição de exclusão social, não significa associar pobreza com violência e criminalidade. Uma pesquisa da London School of Hygiene & Tropical Medicine (1994) estudou problemas de saúde em países em desenvolvimento (especificamente Brasil e Ghana). Os resultados da pesquisa refutaram a associação imediata entre pobreza e violência. Constatou-se que em Accra (Ghana) 46% da população vivia em áreas com alta densidade de nativos de classe baixa, com pouca escolaridade, baixos rendimentos, pouca facilidade no consumo de água, saneamento de esgoto e água tratada. 67% da população morava em habitações inadequadas. O perfil da população das periferias de São Paulo certamente não difere muito da população africana estudada. Já, as principais causas de morte em Accra, para a faixa etária de 15-44 anos, eram as doenças respiratórias, circulatórias e infecciosas. No caso de São Paulo, a principal causa de morte, para a mesma faixa, eram as causas externas (acidentes e homicídios, com o amplo predomínio dos homicídios). O relatório apontou o fenômeno de violência epidêmica, no caso de São Paulo, com a taxa de 19.5 mortos por 10 mil habitantes. A taxa de homicídios em São Paulo só estava abaixo da taxa americana (21.9 por 10 mil), que era a mais elevada taxa de homicídios das nações industrializados do mundo.

O que esta pesquisa demonstrou foi que cidades com populações com baixas condições de vida podem ou não experimentar um quadro de violência. São Paulo se aproxima de Ghana em relação à qualidade de vida. Quanto à violência, São Paulo se aproxima dos EUA, que são uma das nações mais ricas do Ocidente. Estes dados mostraram que a violência se relaciona mais propriamente com o modo como os pobres se inserem na sociedade mais ampla do que com as suas

condições de vida. Estados Unidos e Brasil, muito provavelmente diferentes de Ghana, oferecem aos seus pobres, ao invés da integração, a exclusão. Talvez ser pobre em Ghana não signifique estar à parte da sociedade mais ampla de modo tão abrupto. Talvez um pobre em Ghana seja um cidadão ou uma pessoa do mesmo modo que os representantes de outras classes sociais. Mas ser pobre nas condições da periferia de São Paulo ou como os negros e os grupos de imigrantes nos EUA significa ter dificuldades em conquistar o mesmo respeito, como cidadão ou pessoa, daqueles das outras classes sociais. Portanto, mais do que pobreza, a violência se relaciona com se sentir excluído da sociedade mais ampla.

O mais perverso é que a repressão costuma ser a proposta recorrente de intervenção nas periferias contra a violência. Percebida como resultado da indisciplina das massas. Entretanto, Telles apresenta um olhar diferente sobre a questão: “(...)Se a violência pode ser vista no registro de uma desordem, esta não está propriamente no universo popular, mas em uma crise misturada com uma modernização selvagem que destrói o sentido de uma ordem possível de vida.(...)”(1994;239).Na mesma direção, Montes esclarece:

“Assim, sem esta violência primeira da exclusão social não se entenderiam as representações da violência encontradas na cultura das classes populares como algo episódico, incidental, decorrência do desentendimento passageiro na ordem das relações interpessoais, ou então como algo dos outros, ao qual pertencemos todos, os bem-nascidos, de cujo meio provêm inclusive os pesquisadores que perguntam sobre a cultura e a violência entre as classes populares. (...)” (1996;229)

Referências Bibliográficas

Benedict, Ruth.1972. *O crisântemo e a espada*. SP, Perspectiva

Bonduki, Nabil Gerages e Rolnik, Raquel.1979. *Periferias. ocupações do espaço e reprodução da força de trabalho*. SP, USP/FAU

Bourdieu, Pierre. 1968. "El sentimiento del honor en la sociedad de Cabília" In: Peristiany, J.G. (org) *El concepto del honor en la sociedad mediterránea*. Barcelona, Labor, 175-224

Costa, Jurandir Freire.1986. "À guisa de introdução; por que a violência? Por que a paz?" In: *Violência e Psicanálise*. RJ, Graal

_____.1989. "Por uma questão de vergonha" In: *Psicanálise e moral*. SP, Educ

_____.1994. *A ética e o espelho da cultura*. RJ, Rocco

Costa, Maria Tereza P.1989. *A justiça em ondas médias: o programa Gil Gomes*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais/IFCH/UNICAMP

Dumont, Louis.1992. *Homo hierarchicus. O sistema das castas e suas implicações*. SP, Edusp

Durhan, Eunice Ribeiro.1973. *A caminho da cidade. A vida rural e a migração para São Paulo*. SP, Perspectiva

Evans-Pritchard, E.E.1993. *Os Nuer. Uma descrição do modo de subsistência políticas de um povo nilota*. SP, Perspectiva

Fernandes, Heloísa R.1992. "Violência e modos de vida: os justiceiros" *Tempo Social, Revista de Sociologia*, USP 4(1-2), 43-52

Fonseca, Cláudia.1987. "Aliados e rivais na família: o conflito entre consangüíneos e afins em uma vila portoalegrense". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 4(2)

Freud, Sigmund.1974. "O mal-estar na civilização" In: Freud,S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol XXI. RJ, Imago

Lefèbvre, Henri.1972. *La vida cotidiana en el mundo moderno*. Madri, Alianza Editorial

Lins, Paulo.1997. *Cidade de Deus*. SP, Companhia das Letras

London School of Hygiene & Tropical Medicine.1994. *Collaborative studies in Accra, Ghana and São Paulo, Brazil and Analysis of urban data of four demographic and health surveys*. Relatório de pesquisa

Machado da Silva, Antônio.1978. "O significado do botequim" In: Hogan, D. J. (org) *Cidade, usos e abusos*. SP, Brasiliense, 77-113

Machado, Maria das Dores C. e Mariz, Cecília.1997. "Mulheres e prática religiosa nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as comunidades eclesiais de base e os grupos carismáticos" *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 12(34), 71-87

Malinowski, Bronislaw.1951. *Crime and custom in savage society*. London, Routledge and Kegan Paul

_____.1982. *A vida sexual dos selvagens*. RJ, Francisco Alves

Martins, José de Souza.1994. *Ensaio de sociologia da história lenta*. SP, Hucitec

_____.1996. "Linchamento: o lado sombrio da mente conservadora". *Tempo Social, Revista de Sociologia, USP*, 8(2), 11-26

Mathias, Suzeley Kalil.1990. "A segurança privada em São Paulo" *São Paulo em Perspectiva*, 4(1), 97-99

Montes, Maria Lúcia.1996. "Violência, cultura popular e organizações comunitárias" In: Velho,G. e Alvito,M.(orgs) *Cidadania e violência*. RJ, UFRJ/FGV

Oliveira, Francisco de.1995. "A questão do Estado: vulnerabilidade social e carência de direitos". *Cadernos da Abong. Série Especial*

_____.1996. "Globalização e antivalor: uma antiintrodução ao antivalor". In: Freitas,M. (org) *A reinvenção do futuro. Trabalho, educação, política na globalização*. SP, USF - IFAN/Cortez, 74-114

Pitt-Rivers, Julian.1968. "Honor y categoría social" In: Peristiany, J.G. (org) *El concepto del honor en la sociedad mediterránea*. Barcelona, Labor, 21-75

Sarti, Cynthia Andersen.1994. *A família como espelho. Um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo*. Tese de doutoramento. FFLCH/USP. Departamento de Antropologia

Scott, Joan W.1988. *Gender and the politics of history*. NY, Columbia University

Silva, Ana Amélia da.1994. "Dimensões da interlocução pública: cidade, movimentos sociais e direitos" In"Diniz, E. e outros *O Brasil no rastro da crise*. SP. Anpocs/Ipea/Hucitec, 204-243

Souza, Marcos Alvito Pereira de. 1996. "A honra de Acari" In: Velho,G e Alvito,M. (orgs) *Cidadania e violência*. RJ, UFRJ/FGV

Sposito, Marília P.1993. "A sociabilidade e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade" *Tempo Social. Revista de Sociologia*. USP, 5(1-2), 161-178

Stack, Carol B.1976. "Sex roles and survival strategies in an urban black community" In: Rosaldo, M. e Lamphere, L (orgs) *Women, culture and society*. Standford, Standford University

Telles, Vera.1992. *A cidadania inexistente: incivilidade e pobreza. Um estudo sobre trabalho e família na Grande São Paulo*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Sociologia da USP

_____.1994. "Pobreza, movimentos sociais e cultura política: notas sobre as (difíceis) relações entre pobreza, direitos e democracia" In: Diniz,E e outros *O Brasil no rastro da crise*. SP, Anpocs/Ipea/Hucitec, 225-243

Thompson, Edward P.1993. *Customs in Common*. NY, New Press

Todorov, Tzvetan. 1995. *Em face do extremo*. Campinas, Papirus

_____.1996. *A vida em comum. Ensaio de antropologia geral*.
Campinas, Papiro

Velho, Gilberto.1996. "Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica" In: Velho,G. e Alvito,M (orgs). *Cidadania e violência*. RJ, UFRJ/FGV

Zaluar, Alba.1990. "Teleguiados e chefes: juventude e crime". *Religião e Sociedade* 15(1).54-67

_____.1990. "Gênero e cidadania e violência" *Primeira Versão* n° 18,
Campinas IFCH/Unicamp

_____.1992. "Nem líderes, nem heróis: a verdade da história oral" In: *Polícia militar, estado e sociedade. Os desafios da modernidade*. Belo Horizonte.
Fundação João Pinheiro/Fapemig/PMMG

_____.1994. *Condomínio do diabo*. RJ, Revan/UFRJ